

O SOM DA CHUVA

ou

O Diálogo dos Mortos



Gil Cleber - Romance

O Som da Chuva,
ou
O Diálogo dos Mortos

Gil Cleber D. Carvalho



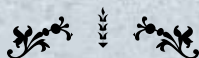
O Som da Chuva

ou,

O Diálogo dos Mortos



Romance



Arte final e capa: Gil Cleber

Ilustração da capa: fotografia de céu nublado feita pelo autor.

Nota importante:

Sendo o autor contra as mudanças introduzidas pelo atual acordo ortográfico, mantém o texto de suas obras segundo o Formulário Ortográfico de 12 de agosto de 1943 com as alterações aprovadas pela lei nº 5.765 de 18 de dezembro de 1971.

Contato e *site* do autor:

gilcarvalho959@gmail.com

www.gilcleber.com.br

D u a s p a l a v r a s

a o l e i t o r :

Não me sinto à vontade em entregar ao leitor estas páginas sem preveni-lo antes.

Não como justificativa: mas se assim não fizer corro o risco de não ser lido — risco, aliás, que corro de qualquer maneira. É bem provável que, mesmo após estas “duas palavras”, esse meu amigo desconhecido, apesar de sua condescendência, avance por uma meia dúzia de páginas e em seguida, com fastio, largue de lado o volume.

Pois o que ora trago a público não é uma obra de leitura fácil, talvez esteja mais para um *tour de force* do que para um mero divertimento. A arte tem dessas coisas.

O romance foi escrito entre 1987 e 1990 — três anos, portanto, de meticuloso trabalho, já que àquela época, não dispondo das facilidades de um computador, escrevi e reescrevi o texto tanto a mão quanto a máquina, e digo **reescrevi** devido a uma tendência natural ao perfeccionismo, que faz com que eu trabalhe e retrabalhe meus escritos várias vezes, até considerá-los satisfatórios. E o resultado foi satisfatório — pelo menos para mim, pois quando, anos mais tarde, vim a digitá-lo no Word não encontrei grandes alterações a fazer.

Em síntese, que história eu conto?

Numa noite de chuva algumas pessoas buscam abrigo numa casa vazia, próxima à estrada que corta uma região deserta de interior (o lugar, dentro dos am-

plos limites deste imenso Brasil, fica a critério do leitor decidir). Devem passar a noite juntas, e, ainda que estranhas entre si, o mais justo é que conversem. Vai então surgindo a história de cada uma delas, revelando-se suas fraquezas, suas baixeiras, suas pequeninas misérias.

A narrativa é construída conforme a técnica do monólogo interior, não sendo portanto linear — o que já torna a leitura não muito simples. Complica-se, no entanto, com a inserção de textos dentro de textos, os quais não mantêm nexos entre si (p. ex., dentro de uma narração sobre uma personagem “a” surge uma outra, sobre a personagem “b” e ainda outra sobre a personagem “c”, etc.), e para separá-los a fim de preservar a inteligibilidade utilizo-me de travessões, parênteses, colchetes e chaves, além de modelos diferentes de letras.

Não poderia ter sido escrito de forma mais simples?, há de questionar algum impertinente, mas é o mesmo que perguntar se num certo quadro não se poderia usar o vermelho em vez do amarelo. Será que o vermelho, em lugar do amarelo, produziria o mesmo efeito? Será que escrito de forma simples e linear seria o mesmo romance?

A obra está aí — entrego-a, já não é mais minha enquanto o leitor a lê e julga, mas se o fizer, há de ler e julgar aquilo que eu concebi, e não aquilo que poderia ter sido feito com o intuito puro e simples de agradar.

O autor.

Paty do Alferes, 16 fev 2004

1ª Parte

A NOITE

*E eu, somente eu hei de ficar trancado
Na noite aterradora de mim mesmo.*
(Trevas, Augusto dos Anjos)

Capítulo 1: Em que se fala dos rangidos de uma cadeira de balanço, de uns olhos vermelhos e de um passeio por um castelo da Idade Média.

— Como se fossem os olhos de um morto.

Raquel não respondeu. Não havia o que dizer (sempre lhe fora difícil falar, as palavras lhe escapavam como se não dispusesse, numa língua estranha, de muito mais que uma dúzia de frases mal arranjadas), como se só a chuva exigisse uma resposta (que não existia, pois nada há que explique essa chuva infernal que nos acuou aqui), a chuva e o rangido da cadeira de balanço (*esse rangido trazendo de volta a cena que se esforçava por esquecer; mas que sabia impossível pois bastava olhar a escuridão para uma vez mais vê-lo em convulsões, os braços esticados e os dedos retorcidos (quando fora isso? Há quantos e quantos anos acontecera?) não numa cadeira de balanço, mas numa poltrona velha que também rangia, até que num salto pôs-se de pé, inteiriçado e imóvel, uma escultura surrealista, imagem de filme de horror; aqueles mesmos olhos antes vermelhos agora arroxeados — arregalados a tal ponto que, pensara, explodiriam a qualquer momento (não explodiram, senão continuaram assim, arregalados) —, a boca meio aberta numa exclamação congelada, grito de espanto (ou dor) que não saiu, até descontrair-se, o rosto adquirindo o ar estúpido e indiferente que prenuncia a morte, e tombar como um armário velho no chão.*) onde, enrolado numa colcha gasta de retalhos coloridos Ed largara o corpo, falando às vezes entre um e outro intervalos com ela, Raquel, ou consigo mesmo pois imaginava que, sozinho, também falaria, sabendo contudo não estar sozinho nunca: se não houvesse ninguém consigo haveria os fragmentos, sempre eles... No colo uma lanterna de pilhas e uma pasta de couro onde guardava “os pedaços que ficaram, mas até mesmo eles diluindo-se aqui — tocou a testa com os dedos magros (sem se dar conta da contradição, porque dizia sempre que eles ficavam ali para escapar ao esquecimento, ainda que no fundo talvez não se contradissesse, pois era forçoso reconhecer que diante do tempo inexorável e asfíxiante tudo se desintegrava) — quem sabe aqui — espalmou a mão no peito e assim permaneceu algum tempo olhando, quieto, a noite —, quem sabe...”, na voz (e na chuva) como que uma angústia convertendo-se em descrença.

— Eles se prenderam no passado, e por isso — Raquel ouviu-o acrescentar e recair em silêncio. Outra vez o rangido da cadeira no escuro (*não fora há muito tempo, dizia-se, tudo acontecera naquela manhã, mas tão esgotada estava que o tempo* — um dia, dez dias, dez anos, todo o cansaço acumulado “desde que ele viera” desabando agora como se tivesse de suportá-lo de uma vez, este cansaço antes suplantado pelo medo e que nunca dera mostras de existir surpreendendo-a de repente — *perdera o sentido, e os próprios últimos acontecimentos se afiguravam dispersos e apagados, tanto que mal os reunia numa seqüência lógica, às vezes difícil até lembrar-se com exatidão de como fora parar ali: lembrava-se da fuga, da voz da outra perguntando por um abrigo na iminência do temporal, depois a chuva...*), a música áspera dos pingos na folhagem e na terra, a voz dos outros vinda de longe, do salão, “como está distante o salão”, ocorreu a Ed, não aquele, daquela casa, daquela noite, mas o outro (nem aquelas vozes vêm de tão longe, mas as outras, as que lhe custava esquecer, ora mais alto, ora mais baixo, só um murmúrio, mas vibrando ainda)... O outro, aquele em que menino brincara no meio de tanta gente feliz e que, como tudo mais (a felicidade e a gente, “onde estão todos?”) se dissolveu. E ele sentia, balançando-se na cadeira, o vulto de Raquel apoiado no parapeito trazendo outra lembrança (“Lá também tinha uma varanda parecida com esta, só que um pouco maior...”), aquela dissolução não mais da memória mas de si mesmo, porque “eu e aquelas coisas nos confundíamos”, e acabada a voragem (“O tempo sim, é um ácido, um corrosivo medonho.”) não sobraria muito. Se continuasse vivo, não seria mais que uma carcassa tão oca quanto uma armadura medieval das que se vêem em museus. A única diferença, pensava, era que nessa armadura havia uma coisa chamada consciência.

Raquel — ele a vê — agora pendia a cabeça ao peito, com um suspiro, quase um gemido, uma vontade repentina de chorar (“Você já teve vontade de chorar?”, ela pensou.) certa de não haver uma explicação (*não mais para a chuva que ora enfraquecia, ora aumentava, mas para esse cansaço que lhe dominava agora músculos, nervos e ossos*) mesmo porque para “uma questão estúpida não há explicação digna”. Para não chorar (“Por que não chorar?... Será que nem isso posso?” — *Raquel, às vezes, desde a manhã, tinha medo de enlouquecer. Na sala de sua casa estava um homem morto pelo qual não choraria. No entanto, por que fugira se não fora culpada de sua morte, e logo em companhia “de quem!”? (estremeceu lembrando a companhia de fuga) E por que em vez de dar saltos de contentamento sentia-se apertar por aquela angústia como alguém comprimido pouco a pouco ao se lhe pôr sobre o corpo, uma após outra, lajes pesadas de pedra? Se estava agora livre, por que continuar calada? Por*

que, mortos embora, aquele par de olhos sífilíticos continuavam tolhendo, limitando, impedindo sua liberdade? “Por que sou tão pequena?”) quase saiu para o tempo, atirando-se ao frio à lama ao vento... (“O vento que ruga nos montes” — onde ouvira aquela frase?). Apertou os maxilares ouvindo o próprio rangido de dentes, e respirou fundo.

Falar. Como ele, que havia falado com ela diversas vezes naquela noite. Deixando os outros no salão Raquel escondera-se ali, na varandinha (“*Quem construiu essa casa evitou estrategicamente a direção do vento, Ed comentou, previa talvez as noites que passaria aqui, agasalhado mas quase ao ar livre. Que noites foram essas?*”), fugindo à companhia dos estranhos. Quando o viu surgir a porta, aborreceu-se, imaginou-o insinuando-se para ela com gráçolas e ditos de mau gosto, e pensou voltar ao salão, sair daquela casa, fugir outra vez...

Ed, contudo, permaneceu parado alguns segundos na porta (“Os demônios estão aqui... anjos ou demônios, que sei eu? Mas aí estão eles!”) e em seguida encaminhou-se para um canto, os passos como o martelar lento num tambor (“O mesmo assoalho de madeira!”), sentou-se na cadeira de balanço (“Será que já esteve aqui, antes? Foi para ali como se já soubesse da existência da cadeira.”) e o rangido começou.

Falar. Ele, após cinco ou dez minutos em que parecia ausente — sem olhá-lo, Raquel sentia sua presença por causa do rangido que se fazia ouvir a momentos —, falara:

— Nove da noite agora.

Como de costume não soube o que dizer. Forçou a cabeça, mas foi em vão. “É cedo ainda”, pensou mas não disse. De resto, era um comentário tolo, tipo “temos uma longa noite pela frente” ou qualquer outro. Sentiu um formigamento nas pernas e pensou que fosse cair, os músculos pareciam bambos e de uma vertigem teve de agarrar-se ao parapeito até sentir-se melhor: agora que se isolara, a solidão parecia acentuar sua fragilidade. Continuou apoiada ao parapeito, quieta — naquele instante tudo em volta deixara de existir, Ed, a cadeira de balanço, a casa abandonada, a noite, a chuva, ficando consigo apenas aquela mureta de madeira à qual se agarrava como a um tronco numa correnteza. Agora tudo estava ali outra vez. Mais cinco minutos se passaram em silêncio. Falar. “Você não sente às vezes uma vontade danada de chorar?”, pensou dizer. Conteve-se. Não, não sabia o que nem como dizer (“Não importune os mais velhos com suas tolices, menina!” *explodia de repente aquela voz, vindo do meio das moitas e das árvores batidas pelo vento, em qualquer ponto da noite uns olhos brilhando, diabólicos.*). Sua vontade de chorar ao

mesmo tempo tinha e não tinha uma razão definida. Chorar porque estava livre, porque fugira sem motivo, porque...? Levantou a cabeça um momento, olhou para cima fechando os punhos com pancadinhas no parapeito, foi até a outra ponta da varanda para certificar-se de que podia caminhar depois da vertigem. Voltou.

— Você quer falar — ele disse e ajeitou melhor a colcha de retalhos em volta do corpo, notando-lhe o nervosismo não apenas pelo jeito como havia respirado (*quase soluçando*) mas pelo muxoxo, pela inquietação, pelos gestos repentinos, como ao agarrar-se ao parapeito minutos antes (“Terá tido uma vertigem?”).

Raquel sacudiu a cabeça com força, apoiou-se outra vez e continuou calada. “Você quer falar”, como um eco em seu crânio, uma voz mudando de tom, “Você tem que falar!” ela encolhendo-se sob os olhos vermelhos e remelentos que se agitavam no fundo das órbitas, os cabelos arrepiados recendendo a estercor, “Vamos, fale!”, e ela baixava a cabeça medrosa — de repente um corpo que se imobiliza, uma estátua de barro, e a queda na sala embolando o tapete (*não, não nesse mesmo dia, como se as coisas costumassem tecer uma rede complicada em sua cabeça, misturando-se, confundindo tudo — a queda desse homem-estátua fora naquela manhã, menos de vinte e quatro horas atrás, enquanto a outra imagem...*) — como a fugir dessa voz, “Fale!!”, virou-se para Ed num impulso. Ele, um vulto na sombra no canto da varanda, a voz doce acompanhada do rangido lento da cadeira, indo e vindo, indo e vindo...

— A noite, a chuva, essa casa que não conhecemos... tudo isso deixa a gente assim. Fale, Raquel, vai ser agradável ouvi-la. — Não era por certo a mesma voz.

Mas uma mulher apareceu a porta.

— Oh, menina, sozinha aqui, no escuro! E a conversa que tivemos? Há homens por aqui, ou você não percebeu?

Ed não precisou olhar para reconhecê-la, e ainda que no escuro enxergasse apenas uma Raquel fluida e misturada às sombras, não teve dúvida: ela estremeceu, enrijecendo o corpo até que a outra a tomasse pelo braço. Então relaxou, “resignou-se”. Haviam chegado juntas ali, perto de sete horas, no entanto estava certo de que não eram amigas, “basta ver a diferença entre ambas”. No salão percebera Raquel esquiva, como se fugisse de estar perto da outra, que falava alto e ria, chamando atenção sobre si.

— Venha, menina — Ed não queria ser notado, mas ela voltou o rosto em sua direção, descobria-o enfim: — Ah, agora entendo...

— Não...! — Raquel, a voz rouca.

— Progredindo, hein? — a outra cochichou alto, de propósito para que Ed ouvisse, com uma cotovelada. — Hein? — riu alto — É com essa carinha! — e sem dar tempo puxou-a pelo braço: — Mas venha só por um minuto, chegou mais um “convidado” pra completar! A coisa tá boa — e de novo em voz baixa, cotovelo em ação —, tem onde escolher, venha logo, vamos.

Por um segundo Raquel teve vontade de mandar aquela “puta pro inferno, piranha, galinha nojenta, cretina dos diabos!” (*resignar-se, sempre... impossível explicar isto*) mas sentiu-se fraca, a outra a levaria aonde quisesse já que não se opunha. Buscou em Ed um meio de escapar a mulher. Mal o via no canto, um movimento morno indo e vindo, indo e vindo...

— Volte depois — ele disse.

— Ela volta, rapaz, deixe estar que ela volta — disse a mulher com seu jeito brusco, e, baixando a voz: — Isto é, se ela não se agradar mais do que chegou agora — soltou uma gargalhada curta. — Nesse caso, paciência.

Ed não respondeu, “responder pra quê?”, mas ainda assim recriminou-se por não a ter impedido de carregar Raquel para o salão. Remexeu-se na cadeira ajeitando a colcha de retalhos nos ombros e, agora sozinho, acendeu a lanterninha de pilha, abriu a pasta, e viu uma fotografia por cima das outras no maço, um castelo “tão velho quanto o mundo” na Tchecoslováquia (*no verso, escrito numa letra feminina miúda e redonda: “Querido sr. Francisco: Mandamos muitas lembranças de um piquenique num castelo do século XIII. Lembramos com muita tristeza de sua boa família e da querida e inesquecível fazenda. Se pudesse voltaria logo. Mando muitas lembranças para todos. Karla, Irenka.”, dois selos colados: “Ceskoslovensko/5,00/1348/ Universitá Karlova.”*), o papel, ainda que de boa qualidade, indicando velhice.

A fotografia de um castelo do século XIII ante os olhos, um momento distante *[entrou nesse longínquo momento como fazia às vezes, por uma ruazinha estreita mal distinguida, à esquerda um muro alto de pedras e sobre o muro uma cerca depois da qual se via um terreno cheio de árvores, e à direita a pequena vila ao pé do monte. Seguiu por aquela rua que sumia após uma curva atravessando, talvez, essa vila — quem pode saber que rumo tomar num caminho que não vê, dentro de uma fotografia? — andando sem pressa a assoviar uma canção qualquer. Depois, em algum ponto, vinham os degraus (devia haver degraus) aproximando-o do castelo, “o palácio da ventura”, para buscar lá dentro aqueles anjos (ou demônios) que ora o perseguiam, ora fugi-*

am dele] fixado no papel. Apagou a lanterna (para que uma lanterna se ainda é de tarde e o sol ilumina essas imensas paredes de pedra?).

Ed agora estava muito longe, na varanda apenas o rangido da cadeira de balanço, indo e vindo... indo e vindo... indo, vindo... diálogo com a noite.

Capítulo 2: No qual o recém-chegado prepara sua cama e, ao mesmo tempo, analisa cada um dos rostos que estão no salão.

Mariel, ainda de pé na porta, olhando com curiosidade o grupo que estava no salão enquanto tirava a capa de oleado encharcada de chuva, da chuva que engrossara nos últimos trinta minutos obrigando-o a deixar o carro na estrada a um terço de quilometro dali e correr para o casarão abandonado (*pior que a dificuldade em andar com lama até as canelas, em cada passo as galochas quase ficando para trás, presas na lama, era a escuridão, “que nunca vi noite tão medonha!”, e ter de andar às apalpadelas esperando o brilho dos raios para orientar-se*), até parar indeciso sem saber se prosseguia ou não pois avistara luz adiante e supusera haver novos moradores, acanhado agora em chegar e pedir pouso (*então, de pé na porta, percebeu logo que aqueles não eram novos moradores, não apenas pela desordem em que se achava o ambiente, desordem essa pouco provável numa casa habitada — junto à parede dos fundos um profusão de móveis aos pedaços, mesas, bancos, cadeiras, armários sem porta, tábuas empilhadas, garrafas vazias —, mas pela variedade de tipos que se amontoavam ali “todos estranhos uns aos outros”, cada um acomodado de um jeito, variedade improvável numa família normal, embora nas famílias nem tanto improvável se torna essa variedade, pois difícil seria todos eles se encontrarem numa noite como aquela num lugar como aquele, mas que acabaram — família ou não — se encontrando, e como prova disso ele estar ali e fazer parte do grupo*) mas nova e violenta rajada de chuva e vento fazendo-o decidir-se e avançar, topando com os degraus de pedra que o levaram à varanda (*evitava ruídos a fim de espreitar primeiro pela porta entreaberta, sem ser visto, o que se passava no interior da casa*), e assim indo abrigar-se do temporal e encontrar (*avançou um ou dois passos, com sua voz grave: “Boa noite, senhores”. Uma velha encolhida numa poltrona murmurou, fazendo o pelo-sinal, o seu “vade retro, satanás! Quem será esse negro?”*) os tipos estranhos que, não só formariam com ele, já parte do grupo, “uma família de improviso para uma noite só” (*os demais olhando-o com indiferença, uns respondendo ao cumprimento, outros só com um aceno de cabeça. Uma mulher que o olhou com atenção, no rosto um riso insinuante e passando perto dele num requebrar revelador (“Vê-se logo...”)*), saiu

ligeira, sumiu-se no corredor para regressar dois minutos mais tarde com outra pelo braço, essa outra que ele, ao ouvir alguém cochichar “que acha?”, viu junto à porta do corredor do outro lado do salão, “hein, que acha?”, a primeira cutucando-a com o cotovelo e voltando-lhe o rosto sem, todavia, deixar de olhá-lo, fazendo-o perceber que falavam dele (“estão por toda parte, essas putas ordinárias...”), e em cujo rosto aqueles sinais tão nítidos evidenciavam o claro mal-estar que a amiga lhe causava, um rosto muito jovem ainda e mal tratado, de uma beleza esbatida e empoeirada, essa beleza que existindo só em potencial muito raro faz-se notar e se a percebe quem se dispõe a uma observação minuciosa, não apenas um mal-estar; pensou, mas pavor também, e da qual se livrou num repelão sumindo no corredor; “não são amigas, pelo contrário, a mocinha sente medo ou nojo da outra, ou ambas as coisas, mas a outra finge não perceber...”), como também acordariam seu interesse ativando-lhe a capacidade de estudar aquelas feições, mais que as feições, a alma que havia por trás delas, como estampas singulares de Rembrandt; e passou logo a investigá-las, um quase silêncio preenchendo a noite (*pendurou a capa num gancho atrás da porta, uma pequena poça d’água formando-se com as gotas que caíam*), as quais à luz da vela pareciam (“ou será só impressão?”) assinaladas pelo Mal, adquirindo a brancura repentina e fugaz da luz dos raios que, de quando em quando, entrava pelas janelas (*vidraças quebradas, lascas de vidro cortante em alguns vãos*) e pela porta, “que todas as misérias se mostram numa noite assim” pensou, perguntando-se ainda por que ao frio e à escuridão se associavam todas as mazelas do homem, como se não houvesse sofrimento nos dias de sol, nos verões de 40° à sombra, e a luz espantasse a dor e a alegria impregnasse a vida como o ar a claridade, que ele sabia ser só uma ilusão, porque nos dias mais claros e cheios de luz o sofrimento, a dor, campeavam como epidemia a face da terra — *meninos pobres não se encolhiam só de frio, mas de medo, e não só no escuro (que só por acaso estavam ali e era noite, perguntando-se se fosse dia estariam melhor?), que não apenas nas noites compridas mas durante o dia a destruição continuava, segura e infalível, e que o sortilégio do frio e da escuridão apenas iludia os sentidos, da mesma maneira como é possível ver uma imagem em três dimensões na superfície plana de um ecrã* — e a abastalhada espécie humana, a boca aberta de espanto ante a fome com que eles, a dor e o sofrimento, passeavam em seu meio; sim, todos ali estavam tomados por aquele mal (*Mariel atirou a enorme mochila num banco meio cambeta que viu junto a parede, e que mal agüentou seu peso ao sentar-se para tirar as galochas*) que deixava seus sinais tatuados em cada rosto, coloridos pela chama de uma vela grudada numa lata de leite Ninho, sobre a mesa, a

lembrar velório; (*Mariel jogou as galochas para um canto, o barulho como o de uma cabeça humana decapitada caindo do teto*) então prestou atenção a um homem e uma mulher que, sentados em tamboretes nada confortáveis liam a Bíblia — *É preciso atentar para o sentido exato da Palavra, ouviu-o dizer; quem tem ouvidos para ouvir; ouça, diz o Senhor.*), ele com não mais de 50 anos, a barba feita há pouco, os cabelos úmidos penteados com cuidado e branqueando nas têmporas (“Por que será que branqueiam primeiro nas têmporas?”), os olhos grandes firmes na leitura, e em todo o rosto sinais de dúvida, das perguntas feitas em vão, aqueles que duvidam, pensa Mariel, possuem um rosto peculiar, os que duvidam e refletem, e refletindo perguntam, assim os olhos têm alguma coisa de penetrante, como a buscar o cerne, as sobrancelhas um tanto arqueadas e rugas na testa, não as de preocupação mas outras, decerto iguais que, no entanto, era preciso distinguir e as distinguiu notando-lhe, na atenção com que lia o texto sagrado, o desejo de alcançar a verdade, de vasculhá-la e conhecê-la em todos os seus meandros, (*o homem disse isto e calou-se*) e ela, a mulher (*“Nem sempre se observa isto, em certas horas e impossível fazê-lo” disse ela, ficando um longo tempo a olhar sem ver a página aberta à sua frente, as letras sumindo aos seus olhos, perdendo o sentido*), num casaco de veludo coçado — *Mariel notava-lhe tremores como se, apesar do casaco, tivesse frio, o rosto de um avermelhado febril*, “resfriou-se ao que parece” —, o cabelo amarrado atrás em coque, um rosto de quem envelhece sem perceber, como que sem se importar, um rosto de quem chega aos quarenta sem sair dos trinta, “é bem o fracasso que vejo ali, a frustração personificada, que também busca solucionar suas dúvidas”, mas então Mariel viu sua investigação interrompida pela prostituta, andando como quem não quer nada pra lá e pra cá, chegando à porta para ver a noite ou detendo-se a observar os trastes amontoados no recinto, até aproximar-se dele (*“Perdido aqui também, colega? É barra, não?”*), irritado com o aspecto desagradável do seu rosto, não apenas por causa da luz de velório ou da excessiva pintura, que havia borrado e não tivera cuidado em retocar, “também porque não lhes importa uma maquiagem quem embeleze, mas só essas manchas coloridas para atrair os homens”, mas por si mesmo “que isso se acentua a cada dia que passa, como lepra” (*Mariel sacou da mochila um colchonete de espuma forrado de plástico, desenrolando-o no chão, embrulhou-se em seguida numa grossa manta de lã e, sentado, recostou-se na parede, de onde via melhor seus companheiros de abrigo*), mais pelo que representava que por qualquer outro motivo, ignorou-lhe as investidas (*“Frio, né? A noite não está boa para se ficar sozinho”*, Mariel fazendo que sim com a cabeça sem responder) até levantar-se de um salto (*“posso sentar no seu colchonete?”*) —

a manta atirada para um lado —, e agarrá-la pelos ombros (*“Vá para o inferno!”*, o olhar irritado e branco na cara negra) fazendo-a voltar-se de repente (*“Qual é, cara? — explodiu ela — vai tomar no cu que não preciso desta porra não!”* — e, em voz mais alta, já de costas: — *Deve ser viado!”*), um tabefe explodindo sobre os lábios, na mão a mancha do batom cereja que lhe besuntava a boca, “para que aprenda a não se meter com quem não conhece”, e sacudiu-a uma vez ainda atirando-a aturdida para o meio do salão, os outros assistindo à cena imóveis, um “bem-feito” cochichado aqui, um “merecido” adiante, nada mais, ele voltando para sua manta e seu colchonete (*“Ninguém faz nada não? Vocês vêem uma mulher ser espancada e ficam parados?”*, mãos nos quadris, cuspidando sangue misturado com batom cereja e palavras), a observar as pessoas com quem dormiria aquela noite, “dormir, quem há de dormir aqui, hoje?” (*“É melhor calar a boca, porque pode ter mais.”*), olhando o dono dessa voz, um homem de trajas rústicos e sujos, botas de couro pesadas de barro, o chapéu caindo as costas e como agasalho uma japona de lã barata; no rosto coberto por uma barba negra, uns olhinhos miúdos “numa cintilação de natural crueldade”, iluminado por outra vela — *grudada no chão à sua frente onde, sentado, jogava paciência com um baralho muito gasto e sujo, de cartas arredondadas nas borda pelo uso* —, “que só num homem perverso, pensou Mariel, perverso pelo prazer que tem em o ser”, embora duvidasse de estar sendo justo em seu julgamento — não o conhecia; como ter certeza então? — pois o que tomava por maldade, não só a rigidez da expressão, a barba que cobria metade da cara, a ruga profunda e única, vertical, que lhe sulcava a testa, o gelo dos olhos fitos nas cartas e das quais não se afastavam um só momento e as quais manuseava com uma habilidade invulgar, embaralhando em movimentos leves e precisos, dispondo-as em filas exatas e retilíneas e, prontas para iniciar uma partida, virava a primeira e todas as outras com o mesmo gesto rápido, um ligeiro ruído a cada movimento, ou os cabelos desalinhados e sujos — “Tudo nele parece sujo!” — e as mãos que via rústicas mas hábeis, ou ainda as roupas encardidas, que não só isto determina um homem cruel, mas por notar que a rigidez daquele rosto possuía um tom característico e único, e a barba e os bigodes, que escondiam a boca e o maxilar quadrado, desenhavam-se também nesse rosto de uma forma única, assim como aquela ruga na testa que não revelava outra preocupação que não o resultado do jogo, a próxima carta a ser virada e suas possibilidades (*“Elas, apenas, merecem sua estima e preocupação.”*), que os olhos não eram tão só frios mas glaciais, que os cabelos despenteados e sujos e as roupas de lastimável aspecto o eram de um jeito peculiar, e que a

habilidade das mãos era aquela que depenava os tolos nas noites de pôquer e vinte-e-um e ronda e montinho inglês e biscoitos e quem sabe ainda bacará e escopa e outros mais; o que tomava, portanto, por maldade podia muito bem ser nada mais que o conjunto de traços de um trabalhador braçal que naquela tarde escondera-se da chuva na casa abandonada e se pusera a jogar apenas por não ter outro passatempo, jogo ao qual assistiam duas pessoas (*a prostituta ao ouvir o homem de barba com nova ameaça afastou-se furiosa, resmungando corredor adentro*) com aparente interesse, a primeira um velho de sessenta anos, pouco mais, pouco menos, “a caricatura do cinismo e da hipocrisia, ou muito me engano”, com uma calva bastante ampla, os cabelos que restavam dos lados e atrás branco acinzentados, “um homem ridículo, pensou Mariel, cínico e ridículo”, e ridículo não só pela cara avermelhada onde os sinais de um deboche crônico tornaram-se crônicos também (“A figura do escárnio constante, mas por que?”), ou pela barriga redonda e volumosa “de cerveja e chope”, dessa cerveja que os velhos libertinos bebem todas as noites até quase madrugada, com ordem de descer um engradado atrás do outro, desse chope que os velhos ridículos no desespero de serem moços outra vez rompem as madrugadas bebendo, não só na companhia de outros velhos que revezam entre si as rodadas, mas na das putas espertas que deles querem apenas a bebida, os tira-gostos e o dinheiro e uma trepada casual ao amanhecer, “só para não desacostumarem, eles que não agüentam nada e brocham logo”, ou pela camiseta Hering branca que cobria só metade da barriga enorme e grávida, ou pelas bermudas cáqui pegando — quase a caírem — sob o baixo-ventre e indo até os joelhos ou pelas sandálias de couro que usam como marca registrada, não apenas por isso, mas porque todos esses elementos em conjunto adquiriam um ar muito próprio, e assim essa calva e essa barriga e essa cara vermelha, e essa camiseta Hering cobrindo só a metade do volume grávido de chope e essas bermudas e essas sandálias de couro simbolizavam aquele velho e naquele velho, que abandonando o jogo de paciência do barbudo seguiu a prostituta corredor adentro mal a viu meter-se nele, a própria hipocrisia, o próprio deboche, a própria falta de vergonha na cara; a segunda, um moço muito claro, quase loiro, rosto e gestos delicados e olhos cinzentos, “roupas finas, deve ser rico”, Mariel notando naquelas feições — os olhos, fixos nas cartas que o outro dispunha no chão para solucionar o jogo (“Como se a solução de sua vida estivesse nesse jogo, que este bruto é um animal cruel e cheio de sofrimento.”) pareciam não acompanhar todo o processo da partida — um certo medo que aquela situação, talvez inédita para ele, lhe causava, medo e constrangimento por estar no meio de pessoas estranhas e obrigado a permanecer nesse lugar e

nessa companhia por toda a noite (o rosto do moço recebia luz da vela que estava no chão, quase feminino a boca de lábios finos rosados e entreabertos, a despeito de tudo numa sensualidade perturbadora. “Esse medo o deixa tão belo! Que idade terá? Dezesseis? Talvez dezessete, não é um homem ainda, mas um rapazola criado numa casa rica, por certo, com tantos mimos e carinhos que acabaram por torná-lo afeminado.”), sem coragem sequer para dormir ao receio de que, dormindo, alguém lhe fizesse algum mal, esse mesmo medo — Mariel não vira — que o fizera estremecer quando ele esbofeteou a prostituta, esse mesmo medo ou receio, ou que nome tenha e lhe caiba melhor, que o deixava preso a cadeira impedindo-o de afastar os olhos das cartas, conquanto mal acompanhasse o transcorrer das partidas como a única coisa a fazer naquela noite, já que nem ir embora, nem andar pelo casarão, nem dormir cogitava, como a velha (*e foi nesse último rosto que Mariel demorou mais os olhos*) a velha que dormia a sono solto enrolada num cobertor ordinário, acomodada numa poltrona de cujo encosto rasgado saltavam pedaços do estofamento, dormindo agora, não antes pois à entrada de Mariel assustara-se, benzendo-se com um *vade retro* apenas murmurado, contraindo o rosto miúdo e magro, pleno de dobras e franzidos como a geografia de um planeta, em que Mariel se detinha observando então os cabelos ralos de um branco encardido repuxados para trás, presos dos lados com grampos — atrás também, embora ele não visse —, em seguida a boca desdentada e meio aberta (o maxilar dos velhos pende naturalmente, bambo), um fio de baba caindo pelo lábio inferior que, mole, pendia também, “tem mais de setenta anos, talvez oitenta, pensou, estão ali os sinais da ruína, que a essa idade e com essa cara só alguém de todo arruinado (deve sofrer, vê-se que é miserável, talvez passe fome), mas deve ter pelo menos a felicidade de não o reconhecer”, por um tempo indefinido permanecendo fora de si, esquecido de tudo até lembrar-se aos poucos do rosto carcomido que continuava fitando, rosto de alguém (“É essa chuva diabólica que nos reuniu aqui, sim, essa chuva infernal é a culpada... Será que os outros perceberam o mesmo que eu? Será que cada um reconheceu no outro o mal que lhes é, a um só tempo, comum e diferente?”) que, por ter vivido demais, ter talvez vivido o dobro da idade que na realidade possuía, atingira aquele estagio de reclusão em si mesmo, de retorno ao próprio e misterioso mundo do subconsciente, quando muito pouco — *e nem sempre o mais importante, pois pouco importante era a chegada de um negro buscando abrigo, já que todos estavam ali pela mesma razão, mas que lhe ocorreu a isso benzer-se como se visse chegar o próprio demônio* — há que o traga de volta ao mundo, quedando-se em suas longas horas numa quietude meditativa e distante de tudo, à espera da hora em que deverá partir de vez, ir para esse lugar de sonhos que visita apenas por momentos, tendo de voltar em seguida, seja para comer alguma

coisa que já não tem vontade de levar à boca pois só serve de prolongamento à agonia e que mastiga de má vontade engolindo aos poucos, ou para ir ao banheiro, ato degradante que, todavia, já lhe é indiferente, capaz mesmo de realizá-lo ante os olhos escandalizados dos demais que tampariam o nariz exclamando “está caduca, pobre infeliz!”, mas incapazes de compreender a profundidade que há em cagar e mijar perto das pessoas sem o menor pejo pois que aquilo é apenas corpo, e mesmo fazê-lo nas próprias roupas que todos estão muito preocupados com suas roupas e suas aparências e não entendem o borrar-se nas roupas como um gesto amplo e profundo de desprendimento que só têm aqueles que se adiantaram muito, ou para tomar banho, coisa inútil em tal idade quando o corpo é o que menos importa, rosto que, súbito, parou de ver quando um vento mais forte entrou pela janela e pela porta apagando as velas, os que liam a Bíblia acendendo a sua com calma, o barbudo que jogava cartas exclamando “demônios do inferno!” num grunhido rouco, levantando-se — os que liam a Bíblia olharam para ele, reprovadores — e chutando a porta que bateu e fechou, reacendendo a vela com um fósforo que tirou do bolso e riscou no assoalho, “que belo bando formamos todos!” pensou Mariel, até que um gemido prolongado vindo de um canto escuro fez com que ele olhasse nessa direção, a mulher que lia a Bíblia levantando-se com a vela na mão e correndo até o vulto que ali jazia estirado no chão (“*Quem é?*”, *perguntou Mariel.*), abaixando-se ao seu lado (“*A febre baixou, disse ela, mas persiste.*”); Mariel percebeu a metade de uma cabeça a aparecer entre os cobertores (“*Não sabemos, o homem que lia a Bíblia voltou-se para Mariel, quando cheguei já o encontrei aqui, tinha febre alta e sentia frio, mas não acordou... pode estar muito mal e não temos recurso algum*”, “*nada?*”, “*nada, a não ser os cobertores que eu trazia no carro e um antitérmico que lhe derramei a custo na boca... enfim, o que fazer? Só nos resta esperar no Senhor.*”) e ouviu outra vez o gemido; a mulher voltou para a mesa após deter-se diante da poltrona, “mamãe dormiu”, e recomeçou a leitura, ambos (“*Esta mensagem é bela, mas obscura*”, *ele disse, e ela, que só então Mariel descobria filha da anciã, concordou sem nada dizer.*), na esperança de que as respostas surgissem ali, num passe de mágica, trazidas quem sabe por um anjo de luz, enviado do Céu por sua causa pelo próprio Altíssimo, “o Altíssimo, que anda tão esquecido dessa gente”, Mariel ainda olhando o barbudo com seu incessante jogo de paciência, indiferente ao mais, e o moço claro que parecia mais cansado e medroso agora, até fechar os olhos sem sono, só o espírito como que dormente.

Capítulo 3: Em que o rapaz da cadeira de balanço fala do trovão e a moça que o ouve hesita em sentar-se ao seu lado e falar de si mesma.

Ed ouviu os passos (*o som no assoalho fazendo-o lembrar*; “que tudo aqui traz uma lembrança”: *ouvira passos assim durante muito tempo*, “que continuarei a ouvir, e a ouvir sempre”, *esses passos seguindo-o através dos anos ainda que, olhando para trás, não visse ninguém ali e não vendo soubesse que eram uma multidão*) e percebeu que, rápidos de início, tornavam-se lentos e naturais à medida que se aproximavam, “como a esconder que fugiu apressadamente” (estava certo de que era Raquel voltando), até ela reaparecer na varanda (Ed segurava ainda a fotografia do castelo, de onde o ruído de passos o trouxera de volta), apenas uma figura indefinível movendo-se no escuro.

Raquel voltou a apoiar-se no parapeito (“Ainda mexendo em seus fragmentos?” *pensou perguntar; mas a voz não saiu*) e mergulhou na contemplação da noite (*um raio estourando próximo* — “Não tem medo?” Ed perguntou — *transformou a escuridão num momentâneo meio-dia* — “gosto da chuva” disse ela em voz baixa, “mas você estremeceu” — *que logo se apagou, repetindo-se a intervalos. Raquel calou-se.*) como fazia na infância, sozinha, ela e a noite “que cobre o mundo todo, não é, mamãe?” (“*Não seja estúpida! Que é que você vai fazer na escola que não aprende?* — *grave e brutal aquela voz que parecia vencer o tempo, não por vir sempre, ou nem sempre mas quase sempre, daquele canto em que o via todas as manhãs, todas as tardes, todas as noites, mas por tê-la ouvido durante muito tempo, tanto tempo que impossível esquecê-la agora* — *A noite é apenas uma sombra em que submerge a face do planeta não iluminada pelo sol*”, no canto sem luz uns olhos vermelhos luzindo, próximos a uma garrafa e um copo, e no chão, em volta, empilhados ou espalhados, livros, livros, livros. .. “Deveria ler tudo isto para aprender — “Quando não era cruel era irônico, pensou, seu escárnio muito pior que suas maldades” — *Ah, mas você é tola demais, como vai perceber a sutileza das idéias?*”) até aprender que a noite nada tinha de místico, de conto de fada, que não passava de um fenômeno vulgar com uma explicação trivial, deixando então de lhe parecer tão bela, conquanto por vezes ressurgissem os velhos sentimentos e a magia renascesse.

— Quando eu era menino, numa noite como esta perguntei à minha mãe o que acontecia se um trovão caísse sobre nossa casa (Raquel notava-lhe o tom de voz mais leve, como se essa lembrança lhe agradasse), criança tem cada idéia — sorri — imagine, um trovão cair sobre uma casa!

[Raquel via aquela coisa mover-se no sem-luz, ruídos de copo e garrafa e líquido caindo, e continuava encolhida no canto, a mãe quieta e passiva na cozinha preparando o jantar (escutava-a mover-se entre as panelas e chaleiras, entre o fogão e a pia, apanhar a lenha e abrir a torneira para lavar pratos, talheres, copos, os passos de um lado para outro, rápidos e seguros); a coisa de repente acendia a luz e afundava nos livros, “por que lê tanto e não toma banho?”. Fora, só o campo, o vizinho mais próximo a meio quilometro, “sozinhas aqui com ele, ninguém pode salvar-nos — uma colher caindo no chão da cozinha fazia seu pensamento, desviado pela luz repentina que se acendera, voltar para a mãe — coitada, suportando-o sempre quieta, enquanto ele... quem é ele, afinal?”, e afundando nos livros quedava-se sossegado por muito tempo (sempre imprevisível a hora em que, jogando o livro para o lado, desandaria a insultá-las, espicaçando ora uma ora outra ora ambas ao mesmo tempo) durante o qual na casa figurava uma calma que de hábito não havia. Raquel por essa época não chegara ainda aos doze anos.]

Eu deveria dizer um raio, não é?, se um raio caísse sobre nossa casa, mas para mim eram coisas independentes ou, sei lá, não sei bem o que significavam uma coisa e outra para mim naquela idade

[ele parecia desenhar-se a cada momento no céu, gigantesco entre as nuvens, quando de um relâmpago, não por sabê-lo morto agora, ainda muito clara a imagem, que a dissolução do tempo (o tempo diluindo-se escapava-lhe, fugia-lhe, de forma que se via por vezes incapaz de afirmar quando ele morrerá, se naquela manhã, se há muitos anos, se há um breve instante, quando?) não destruíra, de seu corpo estirado na sala após um ataque no qual se contorcera em convulsões e caretas, medonhos o rosto e os olhos como nunca pensara fosse ver um dia, redondos e recobertos de veiazinhas vermelhas como se fossem explodir; ou quem sabe também por sabê-lo morto e ter na memória aquela cena que a arrepiava, mas pelo estímulo que a noite e a Chuva proporcionavam à mente conturbada, vendo-o o corpo de blocos compactos e pesados que evoluíam no céu, os cabelos feito os farrapos de nuvem que o vento espalhava, “como isso pôde acontecer?” indagava-se, indagação essa que se fazia ainda quando momentos depois percebe o impulso e o rangido da cadeira de balanço

e ouve a voz do rapaz que, por sua vez — “Raquel”, diz ele —, notara-lhe o nervosismo, não só devido à situação em que se encontravam mas à chuva e ainda não apenas à situação e à chuva, mas a alguma coisa mais que precisava descobrir — “Quê?” responde, “tem uma cadeira ao lado da minha, sente-se aqui” — e indagava-se “eu, o que estou fazendo aqui?” ainda no mesmo lugar, sem se mover ou responder até ouvi-lo de novo, a voz doce e firme, “vem”.].

Mas o trovão ou raio, ou sei lá o quê, vem destruindo tudo ao meu redor (“outra vez triste”, Raquel pensou), teria sido melhor que me houvesse destruído em criança.

Raquel suspira entre exausta e impaciente

{“Devo sentar-me ao lado dele? Afinal, o que ele quer?... Falou tanto comigo, como se isso lhe fosse agradável”} [*“Não se perde tempo com gente como vocês! Você e sua mãe são tolas demais, incapazes de perceber qualquer coisa”, espicaçando-as por sua ignorância e simplicidade, furioso por ver-se obrigado a conviver com isso, simplicidade e ignorância, na mesma casa e longe de quem o compreendesse, e odiando (ele que se revoltava contra e estupidez, e com o que não poderiam conviver sua genialidade e supremacia) nas duas, mãe e filha, essa mesma estupidez não só por serem ambas — e uma delas, apenas uma menina de dez anos vivendo na humildade de um sítio no sertão — humildes e ignorantes das ciências e filosofias que professava (“a única coisa importante para ele”) — a outra, uma pobre-diaba a sustentar seus porres, aturando ainda seu fedor e suas aporrinhações —, mas por sintetizarem a seu ver nas duas minúsculas cabeças a própria e estúpida humanidade* (“Debochado, Raquel pensou, cínico, em seu olhar nesses momentos todo o desprezo que nos dedicava”. Junto aos livros havia uma garrafa e um copo, daquelas mesmas garrafas que o acompanhavam nos bolsos largos do casaco quando se dispunha a um passeio pelo campo, ocasiões em que deixava seu canto na sala e ia, ora pelas estradas, ora pelo meio do mato, ora subindo alguma montanha de onde ficaria esquecido na contemplação da paisagem, ora entrando pela mata e detendo-se ao pé de alguma árvore grande com reverência, atento às atividades dos insetos, ou colhendo uma frutinha silvestre que levava à boca num gesto paroquial de filosófica eloquência como se fora um maná dos céus, dispensando o copo e bebendo no gargalo até retornar insuportável a casa para enchê-la outra vez dos demônios que sua ausência por um pouco de tempo exorcizara)] — Então, por que não consigo falar? perguntou-se, por que tenho vergonha de falar sobre tudo isso?”, *quando, atendendo ao convite que o outro lhe fazia, sentou-se, Ed tomando-lhe as mãos — “Não sente frio? Suas mãos estão geladas”,*

apertou-as com ternura. “Não estou com frio.” — e dizendo: “Por que não me fala de você”? Eu disse que seria agradável ouvi-la.”}

e vira-se devagar. “Quer enrolar-se com a colcha?” perguntou ele fazendo menção de tirar a colcha dos ombros.

— Não, por favor — ela disse, voltando-se na cadeira —, não é preciso, estou bem agasalhada.

(“Se me conhecesse não diria isto. Como pode ser agradável ouvir alguém como eu — *“Uma eterna idiota! Igual à mãe ! Deus seja louvado por não ser minha filha.”*, de novo os olhos, duas fornalhas queimando a distância, fedor de sujeira, fedor do peixe que havia comido no almoço **RHUUUURP** e arrotava — que não sabe ao menos falar?”)

— Falar o quê?

— Eu falei de mim, agora é sua vez. Quero saber sobre sua vida, sua casa, seus amigos, sua família...

Raquel solta as mãos, recosta-se na cadeira e, de olhos fechados vê, muito longe, a casinha pintada de branco, o pequeno jardim à frente onde flores raquíticas, fingindo alegria, como que nem cresciam, “não crescem, encolhem” no meio das quais a mãe com suas roupas mal ajeitadas no corpo bалоfo, um pano encardido na cabeça para que o cabelo não lhe caísse nos olhos quando se abaixasse, um avental no qual se misturavam não só as manchas de terra gordura ovos carvão, as nódoas das plantas do muco nasal do suor do rosto, mas todas as manchas possíveis e imagináveis da vida, simplória, podava esta roseira, capinava aquele canteiro revolvendo a terra com cuidado, não resignada porque resigna-se aquele que tendo enfrentado sua guerra, consciente da existência dessa guerra, reconhece a inutilidade de enfrentá-la e desiste aceitando e compreendendo a derrota, mas tão só afeita àquela vida como se fosse a única a lhe caber, imutável porque destinada a ela desde o princípio dos tempos em qualquer tempo que ela existisse, e que seria aquele mesmo porque ninguém existe antes de seu tempo, não inquirindo sobre essa imutabilidade, nem de longe supondo-a, apenas vivendo, como quem vive sem saber por que, talvez como quem nem ao menos compreende o pleno significado de viver, e já atirava algumas sementes na terra revolvida, e já regava o canteiro, e já deixando de lado pá enxada balde, dispunha da vassoura para pôr ordem no quintal,

conquanto em volta aqueles olhos medonhos, dois sóis imensos crescendo no céu, como que absorvessem cada coisa na contemplação voraz do desprezo, até bradar — ou falar com mansidão — mas tudo de qualquer forma acinzentando-se, “que tudo era cinzento quando ele falava”.

— Não vale a pena — ela diz, por fim.

Capítulo 4: Quando entre um primeiro momento e um segundo, e entre esse segundo e um terceiro, ocorrem coisas dignas de nota.

Foi entre o momento em que pronunciara aquelas palavras (*“E buscar-me-eis e me achareis, quando me buscardes de todo o coração.”*), quase despercebidamente, os olhos além das tábuas do assoalho gretadas pelo tempo e pelos cupins (*no púlpito, gesticulando e falando com energia, era o homem vitorioso em sua batalha enorme contra o demônio, “Pisarás o leão e o áspide, calcaras aos pés o filho do leão e a serpente”, o dedo em riste “como um Quixote de gravata”*), palavras que ecoavam ainda nas paredes seculares e sujas (*a mão agora erguida, espalmada, o rosto vermelho pelo esforço de falar por muito tempo e com vigor; fechados os olhos e o suor escorrendo da testa, que refletia a claridade das janelas, “em Seu nome pisamos a cabeça da serpente e vencemos a Satanás e seus anjos, porque Ele está conosco”, na congregação os fiéis levados pela mesma onda de fervor; envolvidos pela mesma força que o tomava no púlpito, os olhos presos àquele rosto que irradiava uma luz angélica ou fechados em contemplação interior; impondo-se a voz autoritária e solene: “Em nome do nosso Senhor Jesus Cristo.”*), naqueles ouvidos talvez não tão velhos que não pudessem ouvir, que os mais velhos já se esqueciam das palavras, mas os mais novos eram ainda capazes de compreender, que os mais velhos por paradoxal que seja e embora a seu modo compreendiam não aquelas palavras específicas mas aquilo que pudessem significar, enquanto os mais novos mais aptos à compreensão, talvez não lograssem alcançá-la, tanto que as ouvira o moço claro e passara a examinar, perplexo, o rosto do homem que as havia dito, não outro senão o que lia a Bíblia; momento após o qual no ambiente recaíram apenas os ruídos naturais da chuva, ininterruptos, e o ressonar da anciã cada vez mais encolhida na poltrona; e o momento seguinte, antes do qual indagara de Mariel (deu-se conta de que lera em voz alta, antes nem lera, repetira aquele versículo que conhecia de cor e correndo em torno de si o olhar encontrou o do moço claro e logo a seguir o de Mariel) se tinha alguma religião, “entrei certa vez numa igreja” disse ele, “para a primeira comunhão. Depois, nunca mais”; foi portanto entre aquele e este momento que tudo se deu. Um incidente sem importância, (*“É chegado o momento da oração. Elevemos*

nossa mente ao trono do Altíssimo, busquêmo-lo com todo o nosso ser; que Ele ouvirá nossa voz, Ele, o mesmo que afirmou: ‘Se tiverdes fé, ainda que do tamanho de um grão de mostarda, direis a este monte: Atira-te ao mar!’, e ele se atirárá ao mar!’; e de novo os olhos se fechavam, erguidas as mãos como se fossem derramar cântaros de bênçãos sobre o povo — “Como se fosse elevar-se aos céus!” — *prorrompendo todos num tumultuado coral de clamores e louvores e invocações e súplicas que se estendia por algum tempo até silenciar com um vigoroso amém vindo do púlpito.*) entre aquele primeiro momento e o seguinte no qual se quedara imóvel e surpreso pois, o homem de barba, que um segundo antes jogava sua paciência, tinha-o ali agora diante de seus olhos, vociferando, o dedo encostado em seu nariz. Lembrava-se apenas de que entre um momento e outro acontecera um curto dialogo

[— É pena que não conheça a Verdade, creio que se todos ouvissem sobre ela (o pregador agora descia do púlpito e parecia transformar-se, Aurélio menino observando-o) e a compreendessem, tudo seria mais simples. O mundo se perde por não lembrar-se de seu Criador.

— Criador! — galhofou o barbudo, movendo as cartas entre as colunas formadas no chão. — Há muito que o Criador viu que esse povinho não valeu seu esforço, e resolveu despejar seu inferno de uma vez sobre nós!

O moço claro conteve uma risada e o barbudo cuspiu de lado. O rapaz encolheu-se com uma careta como se o outro lhe cuspiisse em cima, e Aurélio sorrindo compreensivo, disse:

— Eu posso entender a descrença, que é filha da ignorância.],

um pulo, cartas voando e espalhando-se em desordem no assoalho (*havia certa vez um homem com um espirito imundo que nem com cadeias podia-se prender que as fazia em pedaços e aos grilhões em migalhas*), as botas pesadas de lama como patas de elefante a estourar contra as tábuas (*e vendo Jesus ao longe correu e adorou-o, “que tenho eu contigo, Filho do Altíssimo? Conjuro-te que não me atormentes!”*) e, simultâneo ao dedo, a voz:

— Que o diabo o leve! Quem pensa que sou?! — (“Qual é o teu nome?”, “Legião é o meu nome, porque somos muitos!”) agitando-se o monte de cabelos em volta da boca, invisíveis os lábios, os olhos miúdos quase sumindo nas pálpebras semicerradas. — Isso é jeito de falar com quem não conhece? Posso fazê-lo engolir o que disse, saiba disso!

E assim aconteceu entre o primeiro momento no qual pronunciara aquelas palavras e o segundo, em que o tinha a vociferar diante de si; e após esse segundo momento e antes de um terceiro, no qual interpelado por

Mariel, tranqüilo mas incisivo, o jogador girou sobre o bico das botas e voltou ao seu lugar, recolheu as cartas e sentou-se (não sem antes exclamar: “Cuidado!” numa olhadela para o mesmo tranqüilo e incisivo Mariel, quem, pela idéia que dele havia feito, julgara que seria pior aquele incidente); após esse segundo momento, pois, e antes desse terceiro, Aurélio desconcertado ante a reação absurda e inesperada do jogador, gaguejou:

— Mas que foi que lhe fiz, amigo?

— Amigo é a puta que o pariu!

Foi então que Mariel, tranqüilo mas incisivo, interveio:

— Volte para seu lugar, rapaz, e não diga bobagens — acrescentando: — Vamos!

— Cuidado! — exclamou resfolegando o barbudo ao virar-se para Mariel. Acalmou-se aos poucos, olhando ora um, ora outro, até o primeiro contemporizar:

— Eu não quis ofendê-lo, não se aborreça.

— Mas ofendeu! — chiou, porém quase gritando, e voltou para suas intermináveis partidas de paciência (este, pois, o terceiro momento).

E assim aconteceu nesse terceiro momento e após ele, quando a calma voltou, investigando o rosto do moço claro que se diria assustado com o ocorrido, encontrou naquela palidez (*“legião”*) e naquele medo um ríctus (*“é o meu nome!”*) de satisfação, “é possível, ou estarei enganado?”.

Ouvia-se a chuva engrossar e o madeirame velho tremer em guinchos e estalidos ao vento. A mulher que lia a Bíblia e, assustada com o incidente, interrompera a leitura, voltou a ler enquanto Aurélio olhava o jogador de paciência e parecia ausente, dizendo após um intervalo mais ou menos longo:

— O Senhor esta noite vai falar comigo, de alguma forma... Será a prova que busco, ou talvez não uma prova mas um sinal, um simples sinal... um sinal apenas...

Capítulo 5: Quando o escritor, após verificar a solidez de uma escada que conduzia ao porão, declara-se um ladrão de histórias.

Entre acender um fósforo para um reconhecimento mais preciso do lugar, fósforo esse que uma rajada de vento e neblina entrando pelo vão das vidraças quebradas apagou, e decidir-se a descer a escada que se enroscava para baixo, para o escuro, tão baixo e tão escuro que nem o levantar de modo adequado a lamparina improvisada permitia enxergar; houvera tempo suficiente se não para contar, porque longa, pelo menos para recordar-se da estranha história d'O Homem e a Escada, mas da qual não se recordara porque foi pôr um dos pés no primeiro degrau experimentando-lhe a resistência e solidez, logo depois no segundo e concluir que mesmo velha a escada estava sólida, o que o fez enfim recordar-se dela, e ainda que ele a tivesse escrito sabia-se não o seu autor mas o seu ladrão, e conquanto aquele não fosse um roubo no estrito sentido da palavra, de alguma forma não o deixava de ser.

— Preciso de uma vela — disse ao apagar-se o fósforo, e a mulher a contragosto acedeu ao pedido, indo buscar no salão uma vela das que Aurélio mantinha de reserva (*sem olhar para o negro, a quem passara a detestar; e mesmo para os demais que, embora quietos, poderia ouvir num íntimo e silencioso deboche não fosse isso mais que a própria imaginação, surpreendendo-a, a ela, habituada a toda sorte de situações, que então se envergonhasse, e não envergonhando-se apenas por ter apanhado na cara* (“Logo de um negro!”), *mas por ter sido recusada* (“E por um negro!”), *e também pelo reconhecimento que fazia de si mesma naquela hora*) e uma garrafa, cujo fundo o velho partiu contra a quina de uma janela, “é preciso cuidado para não se cortar” disse ele que, agachando-se num canto e, de cócoras, protegendo o fósforo das lufadas de vento com o próprio corpo, riscou-o e acendeu a vela, fixando-a no interior do gargalo; após isso levantou-se segurando pelo gargalo a garrafa sem fundo com a vela acesa dentro, e exibiu o artifício (“Uma tocha olímpica sem dúvida, mas de que olimpíada?”), cuja luz fraca permitia vistoriar melhor o aposento, esse mesmo que minutos antes servira como quarto de bordel

[um quatinho vazio, muito empoeirado, com teias negras penduradas nas madeiras do teto, o estuque das paredes (— Não quer dar um passeio pela casa? — sugeriu, erguendo acima da cabeça a luz e olhando em volta.

— Não gosto daqui, me dá medo — ela respondeu, olhando por sua vez com atenção todos os recantos como se fosse encontrar aí qualquer coisa medonha da qual pudesse fugir a tempo.

— Não sentiu medo quando veio sozinha para cá — observou ele.) *mostrando rachaduras profundas* (“As paredes estão rachadas, não só o estuque.”), *a significar que cediam nos alicerces, desnivelando-se* (“Podem cair com esse temporal, é perigoso ficar aqui.”), *ouvindo-se estalidos quando de um trovão muito próximo ou ao intensificar-se o vento* (— Eu não vinha para cá, você me alcançou e me arrastou para cá.

— la para onde?

— Para a varanda, onde Raquel parece estar fisgando alguém.

— Quem é aquela moça?

— Encontrei-a hoje de manhã... bem, ela veio comigo porque (devia agora inventar uma história qualquer, não tinha coragem de dizer ao velho o que acontecera pela manhã; era melhor que pelo amanhecer cada um seguisse seu rumo e assim, nenhum deles reencontrando-se, ninguém soubesse de nada, embora estremecesse ao lembrar o corpo estirado no chão, os olhos agora roxos e enormes, a boca aberta e a língua de fora, imobilizadas as mãos e contraídas após a última convulsão, agarrando com a força da morte o tapete da sala)... bem, porque resolveu fugir de casa — disse, e ajuntou: — Vamos sair deste quarto, está frio aqui.). *“Não quer dar um passeio pela casa?” ele voltou a perguntar.]*

, ele, o velho, a encostá-la na parede e suspender-lhe a saia enquanto deixava cair as calças, apoiando a seguir seu corpo contra o dela...

E o velho posicionava a lâmpada improvisada diante da abertura do assoalho, ao fim do corredor, esse corredor comprido em que se abriam de um lado e de outro diversas portas para cômodos vazios, aonde foram parar ao deixarem o quatinho de janelas quebradas, rachaduras nas paredes e vento a entrar (— *Uma casa abandonada é sempre triste — na varandinha, Ed focalizava a luz da lanterna numa fotografia, apagando-a depois, as mãos inertes no colo. — Quando cheguei não era noite ainda e dei um passeio pela casa...*), tão densa porém a treva que embaixo não se via nada com aquela luz, a não ser parte da escada em caracol, quando então experimentou o primeiro degrau com o pé, a mulher apoiando-se no seu braço para olhar, “vai descer?!” perguntou, “quer descer?” ele disse e experimentou o segundo degrau constatando a resistência da escada, “é sólida, ao que pare-

ce” [“Vou lhe contar a história d’O Homem e a Escada” disse a avó na cadeira de palhinha, limpando o pincenê com a ponta do cachecol de flanela — a avó, toda embrulhada em lãs e flanelas nessa tarde, recolhida à sua cadeira favorita e às suas almofadas favoritas devido ao mau tempo; “você já ouviu a história d’O homem e a Escada, Heitor?”, mas sabia que o menino (que por um instante parou de empurrar o carrinho de madeira e a olhou — ele já acostumado a vê-la ali nos dias frios, quando parecia inspirar-se tirando alguma história de seu repertório para contar, o que ele, ouvinte atento de histórias, esperava com impaciência vigiando-a de rabo-de-olho, ainda que não entendesse bem por que só nos dias frios ela se dispunha a contar uma boa história: nos outros dias era preciso implorar para que saísse alguma coisa, e quando saía era um casinho bobo e sem graça) não ouvira, o que se confirmou quando ele, após manter-se suspenso por um segundo, largou o carrinho no mesmo lugar e correu a sentar-se junto dela dizendo que não. A avó então ajeitou o pincenê no nariz e disse: — Então vou lhe contar a história d’O Homem e a Escada.]. Puseram-se a descer.

— Você conhece a história de “O Homem e a Escada”? — perguntou, sabendo de antemão pouco provável que a conhecesse.

(— *Escutava o som dos meus passos nos cômodos escuros... tenho medo de acabar louco... onde estão os pés que andaram por aqui? Houve alguém aqui que sorriu ou chorou, palavras foram ditas... onde está tudo isso? Tudo está vazio e quieto — calou-se. Raquel ouvia-o sem entender bem. Teve um sobressalto ao recordar-se dos acontecimentos daquela manhã, mas esforçou-se por tirá-los da cabeça, fechou os olhos com força e respirou fudo, com um gemido.*

— *Que foi?* — *ele perguntou.*

— *Nada.*

— *Está sentindo alguma coisa?*

— *Não, não... só estou um pouco nervosa...*

— *Eu a aborreço...*

— *Oh, não, por favor, prossiga, é interessante o que diz — ouvindo-o, Raquel pelo menos distraía-se de suas preocupações.)*

— Nunca ouvi — ela respondeu, agarrando-se ao corrimão com firmeza.

— Minha avó contou-me essa história quando eu tinha dez anos. Faz cinqüenta e quatro, e não a esqueci — parou no meio da escada, lembrando a figura da avó na cadeira de palhinha a contar-lhe histórias que improvisava nos dias de frio, “como se o frio lhe trouxesse, junto com o reumatismo, uma inspiração mágica”, falando com tanta segurança e fluência, não se detendo a imaginar uma boa continuação, um rumo interessante, as

histórias saindo completas na voz delicada, como se já as conhecesse há muito tempo, “entretanto inventava tudo ali, na horinha”, e pensou: não seria herança dela seu dom de escrever histórias?, “sou escritor” disse começando a descer. “Escritor? E escreve o quê?”.

[— Andei toda a casa — a voz tranqüila na varandinha dos fundos, o impulso na cadeira de balanço que rangia com mais força agora — e o silêncio que habitava cada cômodo, o encardido das paredes, as rachaduras e nódoas formando desenhos fantásticos no estuque, as teias de aranha, tudo parecia os resultados de uma espécie de guerra, uma batalha da vida não contra a morte mas contra o tempo, e essa Força, quieta e inflexível, continuava com a asfixia (“Asfixia, foi asfixia” pensou Raquel recordando: ao mesmo tempo que lembrava o cadáver lembrava-o vivo, inchado de álcool entre seus livros, “não via as letras com toda a certeza, era impossível ler em tal estado”, sempre aos resmungos, um arroto estourando vez por outra) e com seus pés enormes esmagando esses restos... que, no entanto, ainda estão por aqui, circulando como demônios num inferno privativo.]

“Histórias”. Ao fim da escada encontraram um salão vazio com portas em várias direções, onde Heitor, levantando a lamparina improvisada, deu alguns passos olhando em volta “mas me sinto como um ladrão” vendo somente um rato que fugiu com ligeireza sumindo-se por uma porta “por que ladrão?”, então a mulher disse ter pavor de ratos “roubei as histórias que minha avó me contava” e propôs voltarem para cima (— Tolice, ele respondeu, não há por que ter medo de ratos, eles sempre fogem quando vêem as pessoas.), “não escreve suas próprias histórias?” (— Nunca se sabe, ratos são imprevisíveis.), “escrevo, mas nos livros que escrevi muitas são as mesmas que ela me contava, quase sem modificações”, e olhando as gretas do assoalho, como a ler nelas uma fábula inédita, disse:

— Admirável contador de histórias!

A mulher pediu:

— Conte-me a história d’O Homem e a Escada.

Capítulo 6: No qual se reconhece a corrosão do Tempo, a mediocridade dos afazeres domésticos, a pequenez diante da sabedoria e o reviver de fantasmas na mente, que culmina com um susto.

— Quando passa, o Tempo destrói não o que somos mas o que pensamos ser. — Assim Ed começara a falar, ele, que costumava calar-se e macambúzio deter os passos onde quer que estivesse tomado às vezes por um alheamento contemplativo durante o qual se diria à espreita de um paraíso particular, mas na verdade espreitando fascinado não um paraíso mas, ainda que somente seu, um tipo de inferno que todavia não o sufocava nem lhe queimava os ossos. Olhando-o assim, as pessoas se perguntavam “o que há com o rapaz?”, perguntando-se a si mesmas pois era inútil falar com ele, que respondia por meio de evasivas “pensando, pensando” mas nunca dizendo em quê, e assim o viam outra vez as pessoas, parado a olhar para lugar nenhum “sempre ausente de si”, por longo tempo nesse esquecimento. Era então necessário chamá-lo duas ou três vezes para que atendesse e, falando, fazê-lo uma ou duas vezes para dar-se conta de onde estava (alguém certa vez se afastara de sua presença, temeroso, porque tinha diante de si um par de olhos inexpressivos como de um doido, embora Ed não estivesse doido, mas longe de seu momento presente). No mais das vezes permanecia calado, observador mas calado (ainda que dizê-lo observador possa ser uma contradição na descrição de seu caráter, que ele não era o observador das coisas triviais ou mesmo das menos triviais, mas daquilo que mesmo olhares e percepções mais argutos eram incapazes de notar por demandarem mais que argúcia, sensibilidade), crítico, porém calado, pensativo e calado, como se lhe bastasse isso. Assim, pois, começara com aquelas palavras. — Contudo agarro-me a esses estragos, a todas essas ruínas, como se pudesse reerguê-las

[“*Raquel ouvira sem entender* — “Ora, como é estúpida essa gente! Nada, nada percebem!”, olhando-o pelas costas ouvia suas murmurações e rabugices, “Nietzsche, Nietzsche, sábio o teu desprezo pelo homem fraco, pequeno e ignorante!”, falava como um ser absoluto, “um novo deus, nada piedoso porém”, e assim o via no seu canto,

inconformado e bêbado, enlouquecendo (em não poucas vezes aqueles olhos vermelhos voltavam-se em sua direção *(ou em direção da mãe. Ouvia-a varrendo os outros cômodos da casa, “essa maldita vassoura não pára?”*, rugia ele; e espanando, lavando, costurando, cerzindo, “ocupações próprias de gente inferior”; e mais uma vez cerzindo, espanando, lavando, varrendo o quintal, cuidando do jardim, tão pequena, tão inferior. Raquel compreendia aquilo no começo, ela, tão “pouca coisa” ante a sapiência viva que se revoltava embriagando-se na sala, ela, a mãe, que nada percebia disso) seguidos do bafo de álcool e de dois ou três tabefes dependendo do momento, “suma-se da minha presença, diabo!”): Raquel estava certa de que ele acabaria louco, “se já não está louco”, tendo pena algumas vezes, outras odiando, na passividade da indiferença quando se fazia inútil um como outro sentimento (ainda que não se fizesse inútil, mas se tornasse cansativo sentir), não como a mãe que em sua resignação nada percebia, mas, ainda que com dez anos apenas e não atinando bem com as causas, a acompanhar viva aquele desmoronamento gradual, percebendo vagamente naquilo uma espécie de obsessão, um desvario, até confundir-se sua própria cabeça, sobrevivendo a dúvida sobre si mesma e por fim, um dia, ouvir sua própria voz: “ele sabe e conhece tudo... e nós, o que sabemos?” — “*Que disse?”*, ela perguntou, sem compreender o que ele havia dito.]

, ou serão elas que se agarram a mim? Quem sabe, como corrente que eu, um fantasma estúpido, devesse arrastar pela casa assombrada das minhas lembranças, entende?

Ed notou que ela não entendera.

Calou-se e apagou a lanterna.

Acendera a lanterna ao pousar a pasta sobre as coxas e abri-la, o que fez indicando-a com uma pergunta: “Sabe o que trago aqui? Os meus fragmentos. Carrego-os sempre comigo. Esta maleta virou um repositório de velharias, um museu portátil, um...” e num suspiro, como se falar daquilo cansasse, concluiu: “... sei lá o quê!”, silenciando por algum tempo. “De repente tenho vontade de lhe falar sobre essas coisas de que nunca falei com ninguém” disse em seguida. Dentro da pasta havia papéis, envelopes, dois ou três cadernos de anotações, uma caixinha de miudezas, um maço de fotografias, “ou falei só por alto *(na noite, uma casa grande se desenhava, tomava forma “nas nuvens, adquire o aspecto familiar de uma casa que conhece muito bem”)*; mas abrindo a pasta, “imagino que você vá rir, é como se um bando de demônios presos nela se soltasse aos brados

["Ora, demônios não existem", ouvira-o dizer certa vez; arrotou num feio estrondo e concluiu: "os demônios podem ser o que quisermos, nos próprios os criamos, entende?", Raquel certa de não ter entendido — nunca mais tivera certeza de saber coisa alguma — lembrava que a mãe benzera-se baixando a cabeça sem responder, não por não haver resposta (*"Por que você casou com ele, mamãe? Por quê?"*), mas por não saber como engendrar uma que, pelo menos, não tirasse dele uma risada escarnecedora como ocorria das vezes em que ousava contestá-lo, e continuou mexendo, vermelha e suada ao calor do fogo, cheirando a peixe, a enorme panela de angu, "ele sempre exigia peixe, sempre" — *"Vivíamos tão bem sozinhas!"*]

, e aí tudo acontece de novo, não só o que eu vivi mas todo o resto que de alguma forma esteve ligado, mesmo que por afinidade, ao que eu vivi". Calou-se, recomeçou explicando aquilo que havia dito e com o que iniciara não sua narrativa mas sua fala fragmentária: "Como se tivessem algum tipo de consciência e desejassem continuar vivas, aquelas coisas reuniram-se em mim... como sanguessugas, parasitas vivendo na minha lembrança" e foi aí que apagou a lanterna, calando-se e mantendo a pasta aberta sobre as coxas.

E assim ficou, por meia hora, nessa posição (sem ouvir resposta alguma, que Raquel duvidava de tê-lo entendido), estático, "uma estátua de sal ante os escombros de Sodoma" a própria cadeira calando seu rangido nesse tempo (*a casa grande que apenas ele podia ver; cada vez mais nítida na noite*, "não nesta que nos empurrou para cá, mas noutra noite, muito maior..."; *com suas vozes e seus rostos desenhados e redesenhados com precisão, renascendo no lembrar-se, mudando-se numa angústia aflitiva. Por que não falar dela agora?*), até que um trovão fortíssimo fê-lo dar um salto na cadeira, a pasta caindo e tudo que estava dentro espalhando-se no chão.

Ed acendeu a lanterna.

Recolheu com vagar a papelada, arrumou cada coisa em seu lugar, uma foto em branco e preto, apagada e amarela, ficando-lhe nas mãos.

— Um dos meus fragmentos, veja.

Raquel se aproximou. Pegou a fotografia.

— É a fazenda — ele disse. — Tanta coisa, meu Deus, tanta coisa...!

Raquel devolveu a foto:

— É uma fotografia antiga — disse, de volta ao parapeito.

Ed olhava a foto sob a luz da lanterna.

— Tem o dobro da minha idade.

Capítulo 7: Da súbita confissão em que se esboça um debate sobre a existência de Deus e se fala não só de decepções mas de recordações da infância.

[Aurélio, vendo os fiéis se levantarem dos bancos de madeira, não só se levantando mas seguindo em direção à saída com o firme propósito de regressar para o culto da noite, o já conhecido vozerio e, mais que conhecido, o familiaríssimo arrastar de pés esmagando grãos de areia contra o cimento, uma criança de colo furiosa e aos berros em algum ponto do salão, moleques maiores passando em disparada na frente dos adultos e, não contentes com isso, atropelando adultos e bancos com estrépito, a esmagar por sua vez não só os grãos de areia mas os pés de alguém que, por descuido, os deixasse no caminho, e as meninas em geral com seu jeito bem comportado — detestava-as então por isso e por seus cabelos jamais tosados, por seus cabelos e pelo Hinário e a Bíblia pequena que liam sem entender, pelo Hinário e a Bíblia pequena e de novo por seu jeito de moças-sem-serem-moças, que algumas não tinham ainda (embora outras o tivessem, e até mais) doze, mesmo onze anos, adultas antes de tempo, não apenas por isso, no entanto, mas por elas serem incapazes de perceber tudo como ele —, desembocando todos no amplo terreiro em frente, a molecada em sua correria, os adultos sem pressa e em cortesias cumprimentos, as meninas adultas antes do tempo, os mais velhos — e por serem mais velhos, mais lentos — os últimos a saírem (*entre eles um crioulo de setenta anos com um sorrisinho afável e tolo na cara, andando melo curvado*, “imitação burlesca de um chimpanzé”), a algazarra crescendo até certo ponto e, com o dispersar-se das pessoas pelas ruas, diminuindo, diminuindo, esvaziando-se o terreiro, nele então o pai e elas, a mãe e a tia solteirona da qual ele, o pai, dizia “uma árvore sem fruto, de quem o Senhor não se deve agradar”, que morava com eles e varria o salão ao fim de cada culto enquanto a irmã, após tirar as flores murchas do jarro derramando a água no ralo do banheiro “para não apodrecerem na casa do Senhor”, trazia o pano úmido para passar no chão; Aurélio, pois, observava com atenção o processo de mudança que principiava, não quando todos se erguiam e davam início à algazarra, mas no momento em que ele descia do púlpito. Não lhe interessavam os

outros — a mãe ou a tia — mas ele, o pai, vendo-o agora curvado sobre a mesa a contar os níqueis da coleta (*“Até o fim do ano, ajudando-nos o Senhor; compraremos bancos novos” disse sem que alguém respondesse, o olhar esparramando-se pelo salão, pelos bancos velhos, alguns quebrados e com remendos grosseiros, a tinta descascando*), não por contar níqueis ou esperar com paciência pelo fim do ano e por bancos novos, mas pela transformação assustadora que se havia operado! (*“Menino, que faz aí no canto, tão quieto? Não está bem?”*, os olhos do pai chegando até ele, como a surpreender em seu pensamento a consciência dessa transformação que não reconhecia em si mesmo. *“Nada, pai, já vou”, e saía antecipando-os na volta a casa.*) Chegava a ter remorsos em reconhecer essa mudança, mas embora “ele seja tão bom para mim que não mereça que eu pense nisso” como não reconhecê-la, tão clara aos seus olhos?]

— A fé que me foi não imposta mas ensinada, conquanto a um menino de seis ou sete anos tudo que se ensine venha a ter um tom de imposição, essa fé eu, ela desvaneceu-se em mim

[*Agora da janela da sala, olhando por detrás da cortina via-os que chegavam, a mãe na frente com a irmã, beatas típicas — vendo a tia com a Bíblia na mão e a saía no meio das canelas, não esperava Aurélio pela surpresa daquela mesma tarde de domingo em que a julgava em devotas orações —, falando, como costume, sobre o comportamento dos fiéis, sempre uma recriminação na ponta da língua (“O Altamiro precisa olhar melhor o que se passa dentro de casa”, e a tia ajuntava à observação o gesto discreto de ajustar a própria saia na cintura, como a baixá-la para cobrir o que restava à mostra das canelas magras, “você viu o vestido da filha, hoje?”, e empinou o nariz: “Sentada, via-se que a calcinha era azul! Uma indecência!”), assuntos que se prolongariam durante o almoço, esgotando-se pelo entardecer quando, mais uma vez, todos para a igreja, as duas mulheres na frente, o pai atrás, e ele, Aurélio, por último; o pai atrás suando sob o sol de pleno verão no interior do paletó antigo e desbotado, detinha-se não sem antes secar com um lenço a testa úmida, mais que úmida, encharcada, no portãozinho de ferro para passar-lhe o trinco, cujo ruído ouvia ainda hoje, ao mesmo tempo em que as duas entravam pela porta da cozinha, uma correndo ao banheiro (a mãe) e a outra (a tia) iniciando o almoço, enquanto esperava sua vez de ir ao banheiro; e após fechar o portão, o que fazia não só aos domingos mas todos os dias ao voltar do culto, entrava enfim em casa, “louvado seja Deus, que calor!” suspirava, “fffffffhhuuu!”*, só então descartando-se do paletó e da gravata e indo acomodar-se na sala, a meditar

ante a Bíblia aberta numa página qualquer; até ouvir uma das duas na cozinha: “O almoço está pronto”. Punham-se todos à mesa, agradeciam ao Senhor; comiam.]/

, que me criei entre os bancos de uma igreja e o púlpito para onde meu pai subia durante as reuniões; não apenas isto, mas que aprendi a ler a Bíblia todas as noites antes de dormir, isto e ainda a pedir a *Ele* — apontou para cima num gesto breve — e a ninguém mais além d’*Ele* e em nome do *Seu* filho quando quisesse alguma coisa, isto e ainda que o que *nEle* crê tudo pode... Em mim, que crescia, tornava-me homem, minha fé mingua-va, não de uma vez só — *Ele* jamais atendera ao pedido que fiz, menino, de uma bicicleta, pedido esse renovado todos os anos nos meses de outubro e dezembro até crescer e a bicicleta não me importar mais —, mas aos poucos, porque, sorrindo, ao lhe perguntar “*Ele* tudo pode, não é, pai?” meu pai erguia os olhos da página de letrinhas miúdas, esfregava-os e dizia que sim, ao que eu acrescentava: “Então *Ele* podia fazer esses bancos ficarem novos, não?”; seu olhar agora pensativo circunvagando pela sala, até que num suspiro, e antes de voltar à leitura, dizia: “Deus proverá, meu filho”; e assim minguava, até que um dia me espantei ao surpreender-me na dúvida: se tudo aquilo que aprendera tinha razão de ser; não ficando apenas nesta dúvida, mas outra, maior, abrangendo-a, se aqueles cultos não eram uma consequência da ignorância dos fiéis, humildes e incultos, se Deus estava ali de fato, presente; ainda passando desta a outra, muito mais ampla e que absorvia todas as demais: se Deus, enfim e em verdade, existia! (*Aurélio, vendo agora o pai* — a camisa branca suada sob os braços e no nariz vermelho os óculos verde-água de lentes grossas, os cabelos mescla-dos de branco, aqueles cabelos negros um dia até que apareceu o primeiro fio branco, depois o segundo, e os fios nessa nova cor se multiplicando como amebas e a Bíblia aberta no colo, sempre assim, aberta, mesmo que não lesse mas meditasse apenas, que nem sempre lia e muitas vezes nem sequer meditava, alheando-se não do mundo, das coisas à sua volta, mas da própria existência — *sentado na poltrona antes do almoço perguntava-se cadê o homem cheio de energia, prenhe de forças que, no púlpito, erguida uma das mãos, fechava os olhos e, emoção e solenidade na voz, bradava “mais uma vez, Senhor; estamos diante de Ti para glorificar o Teu Nome e pisar a cabeça da serpente!”?*?, não mais o homem, contudo o guerreiro que nascia naquele quase velho de pouco mais de cinqüenta anos (a velhice precoce dos sacrifícios, que “o Senhor em Sua infinita bondade nos tem ajudado a vencer”, mas que “eu não sei como ajuda, se só o que vejo é meu pai somando níqueis em biscates nas horas de folga, de um lado, e de outro minha

mãe e minha tia somando níqueis no tanque e somando níqueis na máquina de costura e ainda numa ou noutra encomenda de doces para algum aniversário ou noivado, por fim a soma de todos os níqueis permitindo uma apertada e difícil sobrevivência!”), *não um guerreiro que erguesse uma espada de aço da mais fina têmpera, mas de têmpera ainda mais fina uma espada flamante porque proveniente do próprio Verbo de Deus, que parecia murchar, sumir, evaporar-se mal ele descia de lá, operando-se assim aquela transformação que notara desde muito tempo, e que observava todos os dias ainda que lhe doesse*) Não que antes, ainda garoto, eu não refletisse sobre Deus crendo sem questionar essa crença, não, mas a dúvida quanto à Sua existência só tomou forma nesse dia, muitos anos depois, como fonte e alicerce apenas um retângulo de papel com algumas inscrições que nunca me decidi a pendurar na parede e uma argolinha de ouro que usei poucas vezes, quase convicto de que a religião era de fato o ópio do povo, antes dos quais eu, ao deixar aquela cidadezinha e ir para a Universidade na capital, já considerava tudo aquilo inútil, olhando aqueles fiéis com um misto de piedade e angústia, meu pai uma espécie de símbolo da resignação ante a impossibilidade, ou mais, ante a incapacidade de mudar, de reverter tudo aquilo, transformar não apenas nossas vidas mas seu próprio pensamento obscurecido pela fé, essa incapacidade disfarçada em crer na suposta existência da volição divina.

A mulher que lia a Bíblia ouviu, perplexa, aquela repentina confissão, e perguntou:

— E agora?

— Agora?

— Sim, e que pensa agora?

— O que penso... a dúvida me abandona aos poucos, eu o sei — afirmou, na face transparecendo o desejo de parecer convicto —, eu o sinto — ajuntou olhando-a direto nos olhos —, e sinto que ainda esta noite sobrevirá a certeza que busco e da qual tanto preciso!

— Esta noite?

— Esta noite!

— Como?

— O Senhor... sim, o Senhor falará comigo!

O moço claro, como se vencesse o medo que Mariel julgara ler em seu rosto — medo esse cuja existência seria também discutível —, e que a tudo aquilo considerava tolo e absurdo, falou:

— Deus não existe — ao que Aurélio olhou surpreso para ele —, e embora eu não saiba explicar por que o ser humano tende para o misticis-

mo, creio que essa tendência, apenas ela, é responsável pela existência de Deus.

— Eu pensei assim um dia — respondeu Aurélio —, e foi quando me tornei ateu.

— Deus existe num plano acima das coisas terrenas — disse Mariel por sua vez —, não se envolve conosco em momento algum. O universo não é um milagre mas o resultado de leis que ele criou. Na terra somos e efeito de nossa própria ação e das circunstâncias a que estamos sujeitos e que fogem ao nosso controle, tudo o que se dá não passa de acontecimentos casuais.

Aurélio replicou:

— Também assim cheguei a pensar certa época, em que minha dúvida, a grande e envolvente dúvida tomou conta de mim (*Erguer-se rumo à porta e seu hermetismo, porta e hermetismo tais a delimitarem como cadeia não um espaço físico mas outro, o da mente e por isso mesmo maior; encontrando-a e no escuro mover-se entre ela e as paredes, e sentir com a ponta dos dedos sua aspereza e direção indefinível, não como um homem adormecido guiado em sonhos por outro, morto, através de subterrâneos improváveis¹ para seguir enfim não rumo a qualquer beatitude mas a uma espécie de transfiguração para a perenidade, essa perenidade por tantos desejada mas por bem poucos conseguida, a afixar na rigidez do imutável não carnes apodrecidas ou ossos ignorados, nem um rosto casual, impreciso e pouco probatório, mas a discutível certeza — sustentada por volumosos e imparciais e controversos calhamaços de linhas e entrelinhas e margens e dúvidas — de um nome e umas idéias adjetivas a ele associadas; mas como alguém que com uma lanterna acesa procurasse não um homem justo² — sequer mesmo conduzindo uma lanterna; diante dessa porta e entre essas paredes o desespero da escuridão e dos rumos ignorados e das direções ao menos suspeitáveis — e nem mesmo um homem sábio, e não também o feto original que o vencido em sua viagem buscava³, mas a tudo que se resume por trás de sua essência inatingível, nesse vaguear às tontas como sustentáculo à aspereza dessas paredes e como*

1 Alusão a Dante, guiado por Virgílio pelos subterrâneos do inferno. (N. A.)

2 Alusão ao sábio Diógenes que, com uma lanterna acesa, descrente da humanidade, procurava pelas ruas um homem justo.

3 Alusão ao poema “Viagem de um vencido”, de Augusto dos Anjos, que em sua 4ª estrofe diz: “Eu procurava com uma vela acesa./ O feto original, de onde decorrem/ Todas essas moléculas que morrem/ Nas transsubstanciações da natureza.”

solução a eterna procura se não mais proficua pelo menos não tão louca de uma chave única entre os ossos dos que tombaram antes tentando-o, mas a tropeçar miseravelmente também nas caveiras dos que como os primeiros buscavam sua vã e intangível perenidade, ou nem sequer isso que, sem nada buscarem, como tábuas à deriva lançadas à praia, iam dar ali também, todos e todos caindo diante dessa porta, dessas paredes e de seu silêncio, de sua solene quietude! — Aquela boca emanante não só do fedor do álcool mas de palavras obscuras, e ainda as mãos, capazes de deixar numa folha casual de caderno essas lucubrações incompreensíveis que Raquel às vezes achava e lia, e gostava de ler mesmo sem penetrar-lhes o sentido, como quem ouve com prazer uma melodia desconhecendo a trama que envolve sua idéia e feitura.). Um tanto imprecisa no começo, mas crescendo até a idéia dominar minha vida. Então tornei-me ateu.

O pastor calou-se.

Por alguns instantes não se falou no salão.

— Mas a fé, como a perdi a recuperei... não, não que a tenha recuperado de tudo, o que sinto é necessidade de ter fé outra vez.

No chão, o homem de barba iniciava outra partida, as cartas dispostas em ordem sobre o assoalho.

Todos se calaram então por algum tempo.

A chuva continuava a cair.

Capítulo 8: Onde a confissão e as recordações continuam (sem que ninguém responda), nas quais certas preces causam estranhas surpresas.

— Assim foi que, naqueles tempos em que o via debruçado sobre as esmolas com que a cada ano contava progredir nas reformas e melhorias da “sua igreja” (*fechada e escura após a partida dos fiéis, não mais que uma figurinha miúda e insignificante*, “Deus se contenta com muito pouco” *não mais que um casebre de tijolos coberto com telhas acanoadas medindo oito por seis metros, durante muito tempo sem ser rebocada por fora, e dentro bancos velhos que gemiam ao peso das ascéticas bundas que neles se acomodavam, um piso de cimento grosseiro cheio de buracos e paredes pedindo uma camada de tinta que alegrasse mais as horas em que os crentes se reuniam; não mais que um barraco, o qual, à noite e no escuro, de modo algum se diria a Casa do Senhor; tudo pequeno demais, apagado demais, feio e triste demais* “tão triste quanto pensar nisso” *para que o Senhor se dignasse descer e habitar ali, poucas horas que fossem*), os meros níqueis que caíam das mãos dos fiéis na sacola — lembro-me da sacola, um recipiente de tecido azul-marinho preso a um cabo de vassoura serrado ao meio, do movimento das mãos que após procurarem nos bolsos ou na bolsa seu níqueis se erguiam reverentes até a altura em que sacola passava, deixando cair dentro a moedinha, ou a cédula, ou o envelopinho branco do dízimo, e voltando ao final de seu movimento concesso a pousar sobre o colo, sobre o hinário para virar-lhe a página ou sobre a Bíblia, os rostos durante esse movimento (que percorria mão a mão por toda a igreja, como uma queda de dominós à medida que avançava a sacola) convertidos na expressão beatífica dos que se julgam em momentânea entrada no Paraíso, e os olhos como que erguidos para um céu aberto sobre suas cabeças, ininterrupto o sacro mover de lábios durante o hino — e que ao invés de parecerem sempre mais, de tão minguados pareciam sempre menos, sempre menos...; assim foi, eu dizia, que começou minha dúvida. Não somente ou simplesmente assim, mas também ao vê-lo em sua habitual perseverança (*palavra a lhe*

sair dos lábios a cada dia — “Há algo doentio na perseverança”, *pensou Mariel*, “uma resignação calada a tudo sempre na espera de que algo aconteça, algo que decerto não acontece. Daí o materialismo dialético não apenas afastar a Deus da esfera das causas e efeitos, mas negá-lo em definitivo. Quem espera por Deus não luta, não enfrenta, não se subleva, mas se submete, e isso é um mal. Ele começou a perceber tudo ainda menino. O que o terá levado a mudar de idéia?” —, *a cada momento*, “*perseverar nos caminhos do Altíssimo, filho, e confiar nEle! Lembra-te do Salmo 23!*”, *e ele, em seu deboche calado e arrependido, murmurava consigo mesmo*: “*O Altíssimo está tão alto que não nos vê mais, nem de binóculo.*”) dizer “este ano o Senhor nos dará bancos novos”, ao que eu desejava contestar mas não contestando que não houvera sido o Senhor quem nos dera bancos novos mas os próprios fiéis através do seu gotejar contínuo de níqueis na sacola durante todo o ano, ouvindo-o dizer isto e mais, que “no ano que vem o Senhor há de permitir que pintemos as paredes por dentro e façamos o reboco por fora”, querendo contestá-lo mais uma vez — e mais uma vez não ousando fazê-lo — que não seria o Senhor a nos permitir pintar ou rebocar as paredes, mas a queda constante de níqueis na sacola durante outro ano, e, não bastando esses sonhos, sonhava mais, pobre papai!, que nos anos seguintes concluiria tudo, pintando por fora, consertando o piso e construindo banheiros novos, vindo por fim os ventiladores e os instrumentos para a bandinha, até o dia em que parti e o deixei com alguma coisa feita, pelas quais agradecia ao Senhor e não às suas ovelhas, com sua perseverante ingenuidade que, cerrando-lhe os olhos numa fé cega, não lhe permitia ver tudo que eu sempre vira e calara, e que calara por não saber o que seria se lhe abrisse os olhos de repente e mostrasse quão pouco recebera em troca de tanta penúria, tanta espera, tanta prece, quão poucas aquelas dádivas de alguns bancos e umas latas de tinta com que pintara as paredes por dentro e uns sacos de cimento com que as rebocara por fora, não apenas o ser pouco mas o não se ter obtido através do Senhor, mas do níqueis que os fiéis jamais deixavam de depositar na sacola (“Por certo imaginou um milagre em sua vida, desses que tantos fanáticos vivem apregoando e que só existem em suas mentes geradoras de absurdos — ou teve uma recaída de consciência. Entretanto, como se deu a coisa? O que leva alguém nascido, alimentado e criado numa crença a perder sua fé e recuperá-la depois?”, *Mariel ouvia, atento, as palavras de Aurélio, não que este falasse com ele ou com a mulher que lia a Bíblia em sua companhia ou com qualquer outro, muito mais como se falasse consigo mesmo num balanço em voz alta de sua vida, e investigava-lhe no rosto indícios que o le-*

vassem a uma conclusão (mas não havia por que apressar-se: Aurélio, via-se, diria tudo), os traços de sua fisionomia não indicando mais que uma natural simplicidade, ausente dos olhos a certeza que desejava ter; o peculiar meneio de cabeça dos que afirmam na dúvida. “Um fraco... sim, um fraco.”); e ainda não apenas essa cegueira que fazia de meu pai um homem admirável em eloquência no púlpito, mas um fraco subserviente mal descia dali, e subserviente não só às coisas relativas àquele Deus a quem adorando se submetia, mas a tantos quantos fossem os inescrupulosos que surgissem e se aproveitassem se sua bondade e seu prazer em servir, fosse deixando de saldar dívidas acaso contraídas, fosse esquecendo de pagar uns e outros pequenos serviços prestados — meu pai, além do trabalho de almoxarife na Prefeitura, ao qual dedicara os anos de juventude e também os do começo da velhice como se fosse um ideal de vida e sem a menor recompensa a não ser seu minguado salário, fazia biscates nas horas vagas como eletricista e técnico em eletrodomésticos, nos dias de semana à tarde quando chegava do almo-xarifado ou nos sábados, em que o via sair para atendimentos em domicílio, com sua caixinha de ferramentas e a bonomia de seu rosto e seus passos pausados e certos e como que absolutos nessa certeza, subjacente entretanto o que eu, apenas, absorvia de sua imagem a sumir-se numa esquina, numa porta ou no meio das outras pessoas na rua —, para os quais nunca teve uma palavra de reprovação, quanto mais de exigir o que lhe deviam; não só essa cegueira, mas tudo de contraditório que entrevia não só na Doutrina e seu cumprimento mas naquilo que antes de chegar à língua formava-se na consciência e as atitudes inesperadas que de forma alguma podiam ser uma consequência direta daquilo, ainda que de forma mais distante e inconsciente o fossem (Sua mãe não respondera apenas à sua pergunta ao chegar à janela para saber do pai, dizendo “foi visitar o filho do Almeida no hospital e orar por ele”, mas sem se voltar; guiando o jato d’água para umas samambaias que pendiam dos galhos de uma mangueira, acrescentara “evite ruídos, Aurélio, para não atrapalhar as orações de sua tia no quarto”, e o menino voltou ao seu nada fazer dentro de casa pensando no quanto eram maçantes aquelas tardes de domingo quando o pai saía sem levá-lo, pois a solteirona trancava-se para suas orações, a mãe estava ou no quarto de costura cerzindo, pregando botões, costurando os fundilhos de seus shorts “já lhe disse para não sentar-se no chão que estraga a roupa, Aurélio”, ou no jardim regando as

plantas, e a ele só restava ir para seu quarto ler histórias em quadrinho ou desenhar. Mas naquela tarde tivera outra idéia: antes de ir para seu quarto, espiar a tia em suas orações pelo buraco da fechadura. Não perdeu tempo.). Não o fim, o grau último aquela transformação que se operava no velho, que me entristecia todas as vezes que a presenciava e mais ainda quanto mais idade e, portanto, mais compreensão eu tinha permitindo-me notar o que não notava antes, concluir sobre coisas que antes nem sequer suspeitava, também triste revelar-se falso tudo que aprendera desde os seis ou sete anos, não mais então um menino desiludido com um Deus que nunca lhe dera uma bicicleta, mas um quase homem percebendo inútil tudo aquilo, os vãos preconceitos e a fé simplória de todas aquelas ovelhas; nem mesmo o último e mais baixo degrau aquele curvar-se similar a uma espécie de queda, não mais deixando de vê-lo desse jeito nem de ouvir o barulhinho da moeda caindo de cima da mesa e rolando entre os bancos no espaço exíguo do templo, e vê-lo arrastar-se entre esses mesmos bancos com as mãos sobre o rastro empoeirado dos fiéis que já haviam partido, procurando-a, uma simples moedinha, cabeça baixa, as mechas do cabelo caindo sobre a testa, na quase mais diminuta posição possível até vê-la adiante, levantar-se, dar com o joelho num dos bancos e, num gemido, outra vez curvar-se para apanhá-la, e não só aquele curvar-se mas o porquê dele, e o sorriso que devia acompanhá-lo ao se reerguer ruborizado, não que o visse sorrir mas julgando que sorrisse pela conquista de recuperar do chão a moedinha que um dos pobres depôs na sacola, toda sua contribuição talvez por ser tudo de que dispunha e jamais imaginando que fosse rolar e cair entre os bancos, que ele teria de curvar-se para apanhá-la, mais, que eu o veria curvar-se como se aquela fosse sua única e cabível posição e da qual não mais fosse levantar-se, muitos mais, que anos depois a lembrança dessa cena, ao vê-lo mínimo mas perseverante, velho e com a barba de três dias mas forte em sua convicção, triste, murcho mas pleno de vigor em sua fé, não apenas na semi-obscuridade de um fim de tarde mas na solidão de sua poltrona na nossa sala que então era só sua, como um império diminuto para um rei digno dele, far-me-ia não reencontrar o que perdera no tempo, com o tempo e pelo tempo que com ele e só com ele obtive tudo que me fez perder, deixar e esquecer o que perdi, deixei e esqueci em suas muitas e dissimuladoras curvas, mas sofrer um abalo, o primeiro, para vir em segui-

da o segundo e, por fim, o terceiro abalo e só então compreender; porque havia além de qualquer limite estabelecido um ponto inesperado de consumpção, de esmagamento, como no dia em que um fato espantoso sacudiu a igreja (Aurélio, *nada enxergou de início, fechadas as janelas do quarto, até que o olho grudado no orifício da porta começou a distinguir formas*): a morte do bebê de uma das crentes que, ao lhe escapular dos braços, caíra dando com a cabeça na quina do banco e depois no chão, num tombo — coisa estranha — que não bastaria para matar, formando-se ao mesmo tempo tremendo alvoroço (*porque não havia roupa sobre o corpo envelhecido e nem esses joelhos se achavam dobrados e nem essas mãos postas*), uns agarrando o bebê a fim de levá-lo às pressas para o hospital (“Mas não afirmam que o Médico dos médicos está aqui?”), Aurélio assustado em seu canto, longe do corre-corre) e outros perplexos sem nenhuma ação, até um grupo de velhos arrebatado a criança e cair de joelhos em círculo, aos brados, braços retos para cima, caras contraídas e vermelhas para o céu, estufadas as veias do pescoço e o suor a escorrer em bicas (*mas, segurando um objeto oblongo, em gestos compassados na frente e em baixo, entre as pernas, para frente e para trás, enquanto um raio de sol entrava pela fresta da janela fechada*), multiplicando-se nos brados as súplicas, súplicas e brados esses que se estenderam por longo tempo, enquanto a mãe desmaiada era socorrida por outros fiéis, até o momento patético da realidade, ela, a mãe, roupas humildes com um remendo na manga da blusa que não sei por que me chamou a atenção naquela hora, um simples remendo que ela própria então ignorava, apenas um remendo em pano mais claro que o da blusa, pequeno e redondo como uma boca que exclama **Oh!** (*e nessa luz escassa a invadir as sombras veladoras não apenas a figura de um gozo grotesco, mas o brilho singular de um dente de ouro...*), a anágua à mostra e os cabelos compridos e sujos amarrados atrás, sentada no chão soluçava, o bebê morto no colo, as pessoas cercado-a desconcertadas: Deus, chamado, não estava ali para ver aquela miséria, e meu pai no meio do povo parecia esmagado, como que encolhido, sumindo-se em seu próprio abatimento.

Capítulo 9: Do que acontece quando se descobre um fio de cabelo na sopa e do quanto pode pesar um cobertor durante a febre.

A mãe choramingando meio encolhida no canto do fogão e ele perto, erguido sobre as pernas como um Colosso de Rodhes oscilante, na mão esquerda uma garrafa que aí permanecia mais tempo que os próprios livros de que se cercava, um momento que muito tempo depois seria lembrado ainda com clareza como tantos outros, como da primeira vez porque aquela não seria a primeira vez ou, fosse, e não faria diferença porque era sempre igual (só que dessa vez na cozinha, e à noite, na hora do jantar, não uma noite fria como agora, chuvosa e sem jantar, mas com uma tempestade e uma fome muito maiores), enquanto ela miúda e infeliz, medrosa e aterrorizada, caída no canto do fogão a choramingar, que não se encolhera ali para fugir às pancadas senão que uma delas desferida não com a mão que segurava a garrafa mas com a outra, mole agora junto à coxa, a atirara para ali, daquele jeito, as mãos apoiadas na parede e o rosto abaixado para que não levasse outros e outros golpes, quase dando-lhe as costas como se assim pudesse escapar, e não só encolhida no canto do fogão como mesmo mergulhando embaixo dele, a escapar não agora às bofetadas mas ao pontapé aplicado com o bico da botina em cima do fígado que não só a fez rolar pelo chão após um instante breve em que, junto ao grito agudo e sumido e abafado pela dor, imobilizara-se dobrando sobre si mesma a já arqueada e rígida ossatura, como ainda a ficar ao lado e quase embaixo do fogão estirada e inconsciente enquanto ela, Raquel, que via assustada tudo aquilo, não só o desfecho mas desde o início quando pelo simples fato de haver na sopa um fio de cabelo, que ele pegou com ambas as mãos e, preso entre os indicadores e polegares esticou contra a luz para ver melhor atirando-o fora ao mesmo tempo que segurava a garrafa e a cara se contorcia de ódio, atirou o prato no chão virando a mesa (momento em que Raquel voara para o corredor — “Porque você vive com ele, mamãe?”), saltou sobre a mulher que, de onde estava tivera tempo apenas de voltar-se ao barulho e levar três tapas na cara, o último dos quais tão forte que a atirou no chão enquanto encolhendo-se tentava fugir, instante em que ele se quedara absoluto um ou dois minutos a vê-la encolher-se, culminando com o

pontapé que a fez rolar e perder os sentidos, enquanto ela, Raquel, onze ou doze anos, saía de seu esconderijo e lhe pulava por trás no pescoço e lhe arranhava o rosto com as unhas compridas, ela, Raquel, metendo-lhe as pequeninas garras não só no rosto mas no pescoço e no peito abria-lhe sulcos profundos que minaram sangue e o fizeram girar sobre si jogando-a no chão, sobre quem se abaixou, erguendo-a pelo vestido, “miserável, miserável!”, e outra vez jogando-a não na cozinha mas de volta ao corredor através da porta como quem atira um saco de cimento no assoalho, cuja madeira estremeceu; e não só caindo mas batendo de cabeça e, também ela, aí ficando imóvel por muito tempo. *(Ouviram então os gemidos e um arfar como de cansaço, e ruídos de alguém agitando-se no canto onde, febril, o doente parecia dormir; na verdade os gemidos transformando-se num confuso engrolar de palavras como se quisesse dizer alguma coisa, palavras de febre e delírio ou não só de febre e delírio mas de lembranças, quem sabe, que em algum código obscuro não só ressurgiam mas também — tanto que, socorrido pela mulher que lia a Bíblia e, em seguida por Aurélio que tomando a vela correu para junto dele na esperança de que, despertando, pudesse dizer quem era e ouvir o que ele, a aguardar em sua fé renascente o seu Deus manifestar-se, tinha a lhe dizer, mostrou-lhe uma expressão mais rubra e conturbada, rubra pela febre Pinga mais uma gota do remédio e conturbada pela doença, as faces e a testa úmidas de suor enquanto os olhos, perdidos, olhavam sem conhecer —, transformadas pela doença, voltavam-se-lhe para o corpo na forma de efeitos medonhos, quando as mínimas coisas crescem de forma assustadora até dimensões imponderáveis ganhando em significado e importância quando nada importariam ou significariam noutra situação, e o simples cobertor que envolve o corpo adquire a espessura de uma parede e o peso do chumbo, além do cobertor o mundo tornando-se um vão oscilante que se desconhece; palavras essas cuja multiplicidade de sentidos perdia-se na desordem de sons incompreensíveis.*

— *Se tiver de morrer — disse o pastor olhando a face congestionada do doente, que recaía agora numa serenidade ilusória —, que o Senhor se compadeça, que o deixe pelo menos acordar... e ouvir... não só ouvir; mas compreender.*

Voltaram para a mesa. Um ventinho encanado virava, uma após outra, as folhas da Bíblia.)

(— Quando ela morreu, era um punhadinho mínimo de pele e ossos em cima da cama, acompanhando-lhe a agonia as filhas solícitas e tristes, enquanto no quarto a claridade escassa de uma lâmpada sob o quebra-luz parecia agonizar também — após dez ou quinze minutos de silêncio, nos quais a chuva cessou um pouco mas os tro-

vões insistiam em calar a força o rangido da cadeira de balanço, Ed de repente lembrara a morte da avó octogenária, a que, na verdade, não havia presenciado.

(— Podíamos ir brincar no riacho — eu diria. Então ele olhava para mim, o rosto redondo e doce como de uma menina — conheci tempos depois uma menina à qual associava aquele rosto, não que houvesse uma semelhança efetiva mas alguma coisa mais forte embora mais fugidia que a mera semelhança, menos palpável mas mais perceptível —, e eu podia estender a mão e mergulhar os dedos nos cabelos cheios e negros, de corte arredondado e natural.

— É longe?

— Não, é logo ali, é só atravessarmos o morro, tem uma cachoeira e muitas pedras onde a gente pode deitar.

— E não é perigoso?

— Claro que não. Vamos?

Iríamos. E arregaçariamos nossas calças para não molhar quando entrássemos na água. A água, a princípio fria, logo se tornava agradável, e era boa a sensação dos pés afundando na areia. Sorrindo, ele subia por uma pedra que em seguida eu também escalava indo sentar-me ao seu lado, e éramos só dois meninos e eu pensava no quanto gostava dele, em volta o agreste solitário e verde, pássaros que cantavam na mata do outro lado, a mancha branca de um cavalo descendo o morro ao longe para beber água e o sol a pino imenso no azul rajado de nuvens imóveis e transparentes que por um instante refletia-se na água, então eu desviava os olhos para o menino ao meu lado, absorvido como eu na quietude em que dançavam as vozes da cachoeira, das aves que cruzavam o céu indo pousar nos galhos, da aragem nas folhas, não sei se vendo como eu o cavalo que continuando seu caminho seguia devagar até mudar de direção e descer, rápido, em linha reta pondo-se fora do meu alcance.

— Por que não tira o casaco? — eu perguntaria. — Está quente.

Mas ele estava distraído, esfregando uma na outra as mãos que se sujaram de limo ao subir na pedra.

— Está sim — ele dizia, dando com meu olhar e sorrindo para mim — vou tirar. — Tirava o casaco e o estendia na pedra. Olhava os pés, mexendo os dedos para cair a areia que se grudara neles, e eu lhe punha a mão sob o queixo fazendo-o voltar-me o rosto, por cujas faces passeava os dedos, ele com o sorriso inocente de quem espera e quer ainda que não saiba bem o quê, eu com o coração aos pulos, ruborizado talvez, sério de tão perturbado, e assim tocar-lhe a pele suave, até que ele perguntasse:

— Que foi? — e eu aproximando o rosto até sentir-lhe o hálito em minha boca, e ele perguntar mais uma vez: — Que foi? — e eu voltar o rosto para o outro lado, respondendo quase sem voz:

— Nada.)

— Dias antes — Ed prosseguiu — uma das filhas me disse que só poderia viajar “quando mamãe ficar boa” sabendo que ela não ficaria boa e sabendo que eu também o sabia e que sabia que ela própria falava isso por não ter forças se admitir em voz alta que a velha não tardaria a morrer, pois mingua a olhos vistos noite após noite como uma vela míngua, míngua, míngua... e se apaga! — pensou e disse: — Aceita-se a morte quando não passa de uma possibilidade longínqua. Mas basta que se aproxime para que deixemos de admiti-la em voz alta, como se temêssemos nossa própria voz, no íntimo todavia nítida a verdade, tão nítida que se pode quase tocar.)

Quando, de súbito, viu o rosto flutuando na nebulosidade, os olhos aflitos como se afastassem a espessura da névoa, e traços de inquietação que pouco a pouco se transformavam em traços de alívio, então percebeu estar de olhos bem abertos — que se fecharam de repente quando em meio à nebulosidade um outro rosto em que distinguiu cortes vermelhos e profundos flutuou, um fedor longínquo fazendo-a estremecer; e se abriram outra vez um minuto depois, quando tão só o primeiro rosto flutuava, úmido, percebendo então não apenas que a nebulosidade devia-se à noite, no quarto, sobre o criado-mudo só uma vela a arder já pela metade num pires, mas, com a lembrança de tudo, à própria extensão de sua miséria que tornava mais densa aquela névoa, mais infundável aquela noite.

Capítulo 10: Quando a cuidadosa observação dos traços psicológicos impressos na face, tão mínimos quanto fundamentais, leva a um amargo reconhecimento de si mesmo; e ainda, a história de uma covardia.

Sou bastante observador. Assim posso enxergar, às vezes, aquilo que se mantém obscuro ao olhar descuidado, e ao incursionar além das aparências costumo surpreender o significado dos detalhes, esse que passa despercebido e nos conduz não ao que víamos, mas a uma outra visão, diversa e estranha, porque sua verdade (obscura e oculta aos olhos desatentos) foi posta a nu.

Sou pintor. Até hoje, porém, não consegui produzir mais que telas medíocres e, ainda que continue vez por outra a dar pinceladas, há muito desisti de exposições, *marchands*, etc., mesmo porque não encontrava *marchands* e as galerias se mantinham fechadas aos meus quadros. Mas não sou medíocre por inabilidade, e quanto a desenho, até que desenho bem. Caso gostasse de pintura abstrata conseguiria agradar a um público não muito exigente, assim meu insucesso se deve à minha incapacidade de imprimir vida às minhas composições, essa incapacidade que antes de qualquer outro eu mesmo notei e essa vida ausente que os críticos buscavam em vão, concluindo educadamente “falta espírito aí, requer mais estudo” para me despedirem com votos de sucesso e sorrisos tão descrentes quanto eu podia estar certo de que nenhum estudo bastaria, porque estudo algum ensina talento. Pois como pintor, e não só como pintor mas como observador, posuo esse dom, o de achar aquilo se esconde aos olhos da maioria, capaz de percebê-lo como o próprio Rembrandt, mas incapaz de mostrá-lo nos meus pobres quadros: o modelo dissecado por meu senso perceptivo, mas o retrato uma imitação grosseira, menos, uma sombra colorida feita com uma tinta indomável, um pincel indomável, uma insuperável falta de talento. Minha última tentativa de alcançar a vida e fixá-la na tela foi num autorretrato, estudando no espelho meu próprio rosto de negro, descobrindo o conjunto disfarçado dos verdadeiros detalhes, de início afetando a expressão idiota de quando ao mesmo tempo não entendemos nem nos admira-

mos de alguma coisa, pouco a pouco porém progredindo na investigação, aparecendo os traços do sarcasmo de quem não só zomba como descrê de si mesmo, a reconhecer não sem decepção o próprio fracasso e rindo dele ao dizer em voz alta para a cara do espelho “que é que você quer, seu inepto?, ser um novo Van Gogh?”, observando então uma nova fisionomia, igual à anterior mas com um significado diferente, caricata, ou quase isso, minha testa alta igual à de um simplório não permitindo a sombra de qualquer reflexão, porque a reflexão por um momento faz o homem se não sábio pelo menos ter algo em comum com ele — que o sábio reconhece não saber tudo e busca uma resposta a mais; nesse momento de reflexão o simplório (mesmo o mais simplório e ignorante dos homens) adquire esse ponto em comum com ele —, e eu precisava me ver nu, escandalosamente nu aos meus próprios olhos, nudez não obscena mas irrisória e miserável, revelando-me a partir daí tudo que eu ignorava sobre mim mesmo, porque ao descobrir nessas minúcias a extensão da minha incapacidade percebi o que evidenciavam de concreto, além da testa alta, o contorno dos lábios e o nariz nem chato nem afilado (não afirmo, notem bem, que se deva concluir pela aparência, pelo contrário, mas pelo que está além dela, um fator psicológico profundo que se traduz em traços físicos sutis nos quais se revela a própria alma, ou, como se prefira, a psique humana), ainda essas rugas que se formam com o sorriso e mesmo o olhar que se revela tolo, não sem a dose exata de sofrimento, tolo até mesmo o escárnio de si mesmo, chegando assim ao que eu queria: um auto-retrato por título “O Fracassado”, a retratar não apenas o meu mas o fracasso do próprio homem, através de um rosto entre o ingênuo e o malicioso, nessa ingenuidade e malícia uma sombra de estupidez, não mais, todavia sofrido e no qual a deformação de um riso amargo de si mesmo (como eu ria de mim no espelho) daria o tom perfeito, que no fim teve outro nome: “O Palhaço”, porque o rosto não era mais que o de um humorista, nem amargo nem de si mesmo esse riso, mas um riso sacana de quem conta uma piada, e deduz que a piada era o fato de eu ainda insistir em pintar.

(Ajoelhei-me ao lado dele que, desde alguns minutos antes chorava, não aos berros como meninos de sua idade, vendo-me chutar sua pasta na areia do caminho onde caíra quando eu, detrás de uma árvore a espreitá-lo que vinha da escola, saltei à sua frente se surpresa, ele não se assustando mas sorrindo como sempre (até que um dia não sorria mais ao me ver, tampouco tentava escapar, mas detinha-se desconcertado esperando que eu fizesse alguma coisa), e lhe bati, sem motivo outro que a pura crueldade do forte contra o mais fraco

(mas haveria outro motivo, bem o sei, que eu nem sempre confessava, assim como tinha tremores ao pensar no quanto era perturbador aquele sorriso) no qual não acha resistência mas resignação, e batendo uma segunda vez, empurrando-o e arrancando a pasta de suas mãos, cujo conteúdo espalhei no chão; não chorava nem se levantava com o rosto afogueado, apanhando pedras, xingando, avançando sobre mim, pois caiu e ficou, passivo, as lágrimas rosto abaixo, mansas e sem berreiros, sem soluços convulsos, e, ao voltar-me observando o que fizera, via-o na mesma posição, olhando-me não com medo ou espanto, ainda que medo, espanto, sobretudo pavor deversem associar-se em seus olhos, mas com tristeza, baixando o rosto como quem espera o que há de ser o momento seguinte, quando eu pisava no apontador; quebrando-o com um estalido que lhe atraiu o olhar; primeiro para o que estava sob o meu sapato, que viu aos pedaços quando tirei o pé, depois para mim, num murmúrio pedindo “não quebra”, ao que ordenei “fica quieto, não fala nada!”, e ele outra vez baixava os olhos, eu à sua frente como um vencedor que tem aos pés um vencido que nem sequer lutou pelo que era seu; pus-me de joelhos e segurei-lhe o rosto voltando-o para mim com violência, a fixá-lo sério por um comprido minuto antes do qual apenas um soluço o sacudiu, durante o qual não só outro soluço fê-lo estremecer como saboreei não a minha vitória mas o amargo arrependimento que sobrevinha todas as vezes, e após o qual me levantei e corri para longe, escondendo-me: levantando-se, por sua vez, seceu os olhos, apanhou a pasta sacudindo-lhe a poeira e guardando nela o material que recolhia do chão, após o que olhou para onde eu estava, sem ver-me, e foi embora devagar.)

Isso de explorar os detalhes e compor novos significados foi o que me restou, e se não pude ser o grande pintor que quis, acabei por adquirir a mania de estudar a fisionomia humana apenas como passatempo, descobrindo o curioso, o engraçado, ou o estranho por trás da impressão superficial que nos causa, e afirmo: às vezes traz remorso, ou mesmo piedade e riso, descobrir os rostos verdadeiros sob os falsos. Então surpreendo algum que me absorve, como no outro dia em que vi na feira um homenzinho magro e de meia idade com uns óculos que de forma nenhuma lhe ficavam bem, um pouco grandes no rosto chupado, o lábio inferior proeminente e mole, de imediato pensando “aí está a típica figura de um sujeito obscuro, uma criaturinha que alguém jamais vai perceber”, tão ínfima sua aparência,

tão miúda sua imagem, que confirmei ao passar perto dele uma segunda vez e notar, por sua conversa com outro homem sobre certo compromisso de entrega de um estoque de meias que alguém teria deixado de cumprir, prejudicando-o, que o assunto pouco importante de que tratava era bem digno de seu tipo, dizendo comigo mesmo “alguém como ele jamais se ocupará de algo significativo”, considerações que me levaram a sentir remorsos não porque eu me indagasse do direito de formar juízos sobre quem quer que fosse (coisa que não me preocupara antes, como por exemplo da vez em que, viajando de trem observava uma senhora gorda à minha frente, enorme, solene no banco como num trono, cerrando os olhos vez por outra, as bochechas algo flácidas e os cantos dos lábios caídos, pelas roupas e pelos cabelos grisalhos a formarem um coque no alto da cabeça aparentando ser evangélica, à qual insistia sem saber por que em associar a figura de uma vaca compassiva — foi a primeira impressão mal a vi, como uma vaca seria lenta, paciente, solene e... compassiva), mas porque o homenzinho ao mesmo tempo que me parecia um coitado, um infeliz, era simpático (ou a piedade inspirava simpatia, não sei). “O Homem Obscuro”, seria o título caso pudesse pintar o quadro assim como o via, o corpinho miúdo a diminuir mais o seu aspecto, até mesmo suas roupas, Nossa!, aquela blusa de malha numa cor embaçada e indefinível entre o azul e o marrom, eram próprias dele; tomava café enquanto conversava, uma gota escorreu do lábio mole e ele a secou com a manga da blusa... procurei fixar na memória aquela cara tão comum e diminuta... depois me afastei entre pensativo e triste...

Capítulo 11: Em que se fala de uma porta que cai com um ruído singular e uma pequena nuvem de pó, depois do que se ouve da boca do velha a expressão máxima do pessimismo e da inutilidade da vida.

Agora estavam no escuro porque ele baixara o braço, não devido a e-exaustão de manter erguida longo tempo a lamparina improvisada, mas à dúvida — a dúvida de quem não sabe que portas abrir não por haver muitas portas, pelo contrário, por serem muito poucas mas definitivas — e a um súbito abatimento, gesto que fez derreter a cera, inundar o pavier e apagar a chama, então soando — desse jeito, no escuro — a confissão que lhe queimava a língua desde antes na sala vazia ao pé da escada — talvez mesmo no momento em que, no quartinho de cima, apoiara o corpo seminu contra o dela —, mesmo no momento em que empurrou a porta velhíssima, não significando que fosse atravessá-la, erguida a lamparina improvisada enquanto a mulher o seguia, não por querer segui-lo uma vez que a aborreciam a chuva e a escuridão, a casa caindo aos pedaços, os estalidos do madeirame e os ratos que passavam de um lado para outro de repente, às carreiras, não só aborrecendo-a mas amedrontando-a, mas porque não cogitava em voltar ao salão ardendo-lhe no rosto ainda a mão do negro, nem em permanecer sozinha em qualquer lugar no escuro, mas cogitando em ir à varandinha verificar em que pé estavam Ed e Raquel, certa embora de que a moça não tentava “fiscá-lo”, “idiotazinha, bicho do mato” — *É a mocinha que morou lá durante algum tempo, quando a família fugiu da guerra de 45. Isto é, não que tenham fugido: o pai, um oficial inglês, adoeceu e foi autorizado a buscar repouso no Brasil. A mãe era tcheca, e quando ele recuperou a saúde exigiram que voltassem. Partiram chorando por voltarem a uma terra conturbada, sabendo que teriam de submeter-se ao comunismo que os aterrava — ela, a mocinha, teve de cortar os cabelos, era a ordem; ela, de tão longos cabelos —, e o pior, por deixarem a paz enfim encontrada.* — Ed na varanda, na mão sob o foco da lanterna a fotografia de uma menina de catorze anos: — *Chamava-se Karla.*), com mais que o firme propósito de ensinar-lhe todos os truques, todas as manobras, todos os trejeitos: “Acabar com ela, mostrar-lhe com quantos paus..”, e já não sabendo por que o acompanhava

ainda em suas incursões pelos cômodos vazios, a ele, o escritor, que após atravessar a sala para a qual dava a escada empurrou aquela porta, se não para atravessá-la pelo menos para ver o que havia do outro lado, obrigando-o a levantar mais a lamparina e olhar, forçando a vista através do corredor à luz fraca que se derramava, momentos antes tendo dito aquilo que ela, a prostituta, não compreendera bem (e que só agora entendia, não porque houvesse falado do seu pessimismo, mas porque tudo de certa forma se resumia na confissão final) e que saíra como um acento de dor, não a dor incontida que explode, mas aquela mais intensa que se cala. — “Fugi de medo, não de mim mas dela, pois o que viesse a fazer não seria com ela mas comigo mesmo, ainda que reconheça inútil a fuga pois tudo que fizer com as outras será com ela que estarei fazendo, e assim não com ela ou com as outras mas comigo mesmo.” — que ao mesmo tempo queria dizer tudo e nada dizia, antes do que investigara o que havia atrás das outras portas encontrando apenas cômodos vazios, e após o que empurrara aquela última que verificou dar para um corredor ao fim do qual havia outra porta, decidindo entrar por ele, a lamparina improvisada acima da cabeça

[— Minha mãe era adolescente nessa época — continua Ed na varandinha, o rangido da cadeira de balanço acompanhando-o em sua narrativa —, faz muitos anos isso, mas o rostinho continuou aqui no retrato, veja, é uma carinha doce e algo triste apesar do sorriso. Mas depois de todo esse tempo... — calou-se (o rangido calando-se também), ficou a olhar a menina do retrato sob o foco de luz da lanterna, absorvendo a melancolia suave daquele sorriso, porém com tal intensidade que dir-se-ia querer penetrar a dimensão irreal da imagem, até que o rangido se fez ouvir outra vez no escuro. — Uma das filhas do casal voltou algum tempo depois a passeio, casara-se com um americano e veio rever a fazenda, trazer notícias... Nessa época ainda chegavam cartas. Depois as cartas deixaram de chegar; as notícias se perderam...]

, até parar no meio do corredor e virar-se para ela:

— Vou contar-lhe a história de O Homem e a Escada, mas antes é preciso que ouça a minha própria história, não que uma se pareça com a outra, mas porque uma é tão terrível quanto a outra. — E seguiu até o fim do corredor, empurrou a outra porta que, apenas encostada e solta nas dobradiças, caiu inteira no chão do outro cômodo, com a queda não só levantando uma nuvem de pó que recairia devagar, envolvendo-os e pousando em suas roupas, mas produzindo um ruído fúnebre que se assemelhava não à queda de um corpo mas da tábua com a qual se faria a tampa do caixão

para esse corpo, o eco, ainda que momentâneo, parecendo estender-se longe na imensidade oca do salão, não que fosse vazio e imenso — era vazio mas não imenso —, o próprio eco, porém, causando a impressão de ser imenso, até morrer de todo, não de súbito mas de forma gradual; e o quanto é grande o silêncio da noite e sutil o ruído da chuva caindo no telhado, o quanto contrastam o sopro do vento e o estouro dos trovões possível perceber só após o ruído fúnebre de uma porta caindo por inteiro no chão.

— Tenho sessenta anos e o medo que sinto, não medo, antes pavor, não é da velhice mas daquilo em que a velhice é capaz de nos transformar, mas esse pavor não passa agora daquela imobilidade resignada no coração quando olhamos para o amanhã, não só para o amanhã mas para o sempre e vemos que tudo o que nos resta é a morte e a impressão de que a vida foi jogada fora, e vivêssemos outra vez, outra vez a atiraríamos fora, e mil vidas tivéssemos mil vezes a desperdiçaríamos, porque no fim resta não mais a impressão mas a certeza de que aquilo que nos encheu a vida e tínhamos como o mais importante não significa muito ou, menos que isso, não significa nada, e o nada não preenche vida alguma, que só eterna para não termos essa certeza pois ao perder-se o passado restaria o sem-fim do futuro para, iludindo-nos, pensarmos em algo que enfim nos satisfizesse. Assim nos meus dezoito anos de sonhos e estupidez ambicionei a fama sem me apressar ante o tempo enorme que teria não só para alcançá-la mas para orgulhar-me dela

[Confusas e tolas conquanto a se arrogarem justo o contrário, como todos nessa idade de se sentirem senhores absolutos não de si mesmos mas da própria verdade — “do meu canto e do meu silêncio vendo-as que passavam, belas e pueris e tão frágeis a insinuar não uma força subjacente mas tão só imaginaria” — cujo alicerce, não de aço e concreto mas de barro, apenas sua insegurança, suas surpresas e perplexidades e, nem sempre ou quase nunca, a consciência de sua fraqueza e de sua ampla ignorância — “indiferentes e alheias ao passarem por meu mutismo, e por meu desejo e meu ódio e minha espera, não a espera de quem a tudo renuncia por um ideal quase tangível e tão certo e definido que possa julgá-lo ao seu alcance, ou à do soldado⁴ que deixa não só a família, a noiva, os amigos, mas a própria vida para recuperá-la num forte longínquo onde há de esperar a guerra (e através dela a Glória) não só como o novo e único sentido de sua existência mas como a única maneira de reencontrá-la e a si mesmo, não, não como ele, mas como quem espera alguma coisa e vem um dia a descobrir que, tendo-a alcançado, foi em vão porque o que resta ainda é uma nova espera” —, e assim leves e esquivas e alheias não a ignorá-lo ou desprezá-lo mas tão distantes e alheias e esquivas que fazê-lo perde o sentido, nele entanto

⁴ Alusão ao romance “O Deserto dos Tártaros”, de Dino Buzzati.

a se construir mais que o simples e lascivo desejo: insondável e ácido, silencioso e vasto, o sentimento do ódio!]

, e vivi só — sempre fui um homem só — e até compreender que o tempo é relativo e aos sessenta anos não é tão grande como o cremos aos dezoito, pelo contrário, muito menor e insignificante, mas não só o tempo (e tão perto do fim então como agora), a própria glória é relativa porque o homem possui uma vacuidade em algum ponto de seu ser (porque o mesmo vão), um abismo que mais se escancara quanto maior a glória e que nada há na terra (— aquela vacuidade, aquele abismo —) que preencha, e mais, que age tal uma consciência hostil que escarnece (a nos cercar então e que nos esforçamos por encher e encher sempre e por completo, também a nos cercar aos quarenta e aos sessenta e sem dúvida também aos cem.): “Veja, eu estou aqui. Quanto mais cresces, cresço contigo para não te esqueceres de o quanto és incompleto” (impossível de preencher-se por ser a própria substância da não-substância, da incompletude humana.), e acrescenta: “eu sou tua parte incompleta e por mais que busques nada lhe será acrescido porque eu estou aqui” — mesmo que mil vidas tivéssemos! (e só temos uma, uma apenas, mesquinha, mínima, um reles fragm), coisa (ento) que só se compreende — não só se imagina ou se suspeita, mas se compreende — já tarde para isso.

— Quando enfim ela veio, letra a letra, palavra a palavra, nas páginas em branco que preenchia uma após outra e empilhava ao lado, e com ela não apenas as loas e aclamações mas os olhares reverentes e admirados e insinuantes que então penetravam meu silêncio e meu mutismo, já não as contemplando do canto mas do centro e não só do centro mas de cima, já não com ódio mas com o mesmo e eterno desejo, a mesma e eterna paixão, embora esses olhares e esses sorrisos fossem endereçados não tanto a mim mas ao que eu me tornara, agora tão fáceis e próximas e tão leves e doces e tão perfeitamente tolas e adoráveis e lascivas, por trás de tudo a se levantar uma sombra à qual fechei os olhos e volvei as costas embora perdurasse, perene, inconsumível, crescente: era já chegado o Tempo, a tornar-se maior, maior... e maior... e então, grandes minha solidão e minha glória, estou quase certo de ter sido tudo um logro.

Confusa, a mulher nada dizia, escutava-o apenas, continuando a escutar mesmo depois de terem passado do cômodo onde caíra a porta com seu ruído fúnebre e sua nuvem de pó para uma varandinha no lado oposto à chegada da casa, não mais que uma simples área dos fundos dando para uma despensa e uma cozinha, no canto um fogão rústico a lenha feito de

tijolos e com uma chapa de ferro por cima, área essa cuja mureta, em parte desmoronada, mostrava uns poucos ladrilhos um dia brancos, e na qual Heitor detivera-se olhando a noite, a lamparina improvisada na mão com a vela pela metade:

— Essa, pois, a diferença entre o jovem e o velho: o jovem esperando alguma coisa toda a vida até ficar velho e só aí perceber que esperar fora a coisa mais tola, mais inútil, no entanto a única coisa que poderia ter feito.

— Mas você disse que fugia. Por quê?

Heitor olhava a noite.

Não que não tivesse ouvido a pergunta, ouvira muito bem. Aquela voz, contudo, possuía mais que um timbre comum e similar a tantos outros: ouvindo-a voltou-se e olhou de frente a mulher para estar certo de ser ela mesma quem estava com ele, voltando-se e olhando-a não logo mas após alguns segundos nos quais aquele som, aquele timbre, trazendo uma lembrança imobilizara-o na contemplação da treva, para a qual se voltou após olhá-la na cara e convencer-se de ser ela mesma e não outra, conquanto soubesse a todo momento ser ela e não outra — impossível, aliás, ser outra e não ela — quem estava ali.

— Minha filha nasceu quando eu tinha quarenta e seis anos.

Emudeceu, e foi quando abaixou o braço fazendo apagar-se a lamparina improvisada e, ambos no escuro, disse aquela frase que há muito lhe queimava a língua e permitiu à mulher compreender o que dissera antes de empurrar a porta para o corredor não significando que fosse atravessá-la mas atravessando-a enfim e também o corredor e a outra porta que cáira por inteiro no chão com seu ruído fúnebre e sua nuvem de pó ao fim do trajeto chegando ali, durante o qual falara tudo — ou quase tudo — que lhe brotava na mente macerada, até a confissão final:

— Eu me apaixonei por ela.

Capítulo 12: Em que se diz que as coisas não teriam começado desta ou daquela maneira, junto a memórias de um estábulo, umas surras, uma fuga, os vagões de um trem e um crime.

As coisas não haviam começado naquela noite em que a mãe foi arrasada para a estrebaria por três homens parrudos que lhe taparam a boca com as mãos calosas do serviço duro no cabo do machado — *e ela, distraíndo-se da leitura, mergulha no esquecimento do que acontece à sua volta, já não importando se é noite ou se chove, se o que tem ante os olhos é uma Bíblia ou um romance pornô, muito menos se a casa vazia é velha e desabitada, com rachaduras nas paredes ou, ainda, se os companheiros de abrigo são bons ou maus, indiferente o que sejam* —, lenhadores vivendo de derrubar matas para produzir o carvão e a lenha que punha a rodar locomotivas em diversos pontos do país numa das quais embarcaria meses mais tarde carregando não mais que uma pequena valise com poucas peças de roupa, no fundo umas moedas enroladas num lenço e ainda uma trouxa nos braços meio à qual alguma coisa imitava viver; os mesmos além de lhe taparem a boca levantando-lhe a saia, fazendo em pedaços a calcinha de algodão que o serviço puxado não permitia sempre aquelas brincadeiras para que andassem com delicadezas, os dias se passando cada vez maiores, em volta só os grossos troncos a derrubar e torar e os companheiros suados e fedorentos no manejo do machado, e não só se limitando a fazer em pedaços a calcinha mas, um após outro, misturando nela o esperma contido do gozo mensal e selvagem fedendo a capim, mijo de cavalo e suor, um dos quais soube mais tarde ser seu irmão fugido de casa menino, de casa e das surras que o pai lhe dava por ser o mais velho e o mais apto não só às pancadas mas a servir-lhe de escravo, ficando por toda a vida na incerteza de ser ou não filha de um incesto, com $\frac{1}{3}$ em chance de sê-lo, incerteza essa que pela vida afora faria com que perguntasse de quem a culpa, se da mãe que sabendo do aperto dos lenhadores bobeara, se deles porque brutais nada respeitavam, se da sua própria vida a brutalizá-los, se do avó que jamais se detivera nas surras às quais o filho fugiu com não mais de onze anos (sua mãe nessa época mal balbuciando as primeiras palavras), concluindo entre-

tanto que a ninguém cabia a culpa porque não fora naquela noite o começo, nem mesmo na manhã em que o avô indo à cama do menino acordá-lo para que ele varresse o quintal, alimentasse as galinhas, os porcos, os coelhos, e ainda as vacas e os cavalos picando-lhes a cana cortada na véspera, lavasse os baldes para a ordenha feita duas horas mais tarde pelo pai, visto-riando no fim todo o serviço feito para que as surras não fossem tantas e, só depois, voltando para o café ralo com um tolete de angu e sem reclamações porque se eu como todos têm de comer, após o que de volta para o trabalho (já com o pai que sempre dormia duas horas a mais que ele) a se desdobrar numa infinidade de tarefas por todo o dia até dar, corpo aos bagaços, com a noite e só pensar em matar a fome e cair na cama, porque o outro dia vinha como aquele, com a mesma fúria e precisava estar pronto para enfrentá-lo e a todos que desfilariam longos e iguais anos afora — *(era inverno*

(No vagão vazio mantinha junto ao peito a trouxa dentro da qual alguma coisa ensaiava um choro que o gesto de ninar tornava trêmulo aquietando-o pouco a pouco antes que se fizesse ouvir mais forte e a obrigasse por fim a abrir a blusa e por-lhe um bico entre as gengivas ao redor do qual se fechavam lábios pequeninos e ávidos e de onde farto jorrava leite, não mais que o próprio motivo do choro, cobrindo-o num gesto natural com um lenço ao ouvir botas que se aproximavam no assoalho, surpreendendo-a por julgar-se só nos últimos vagões — os de carga — e onde conseguira viajar de graça porquanto seguiriam quase vazios, um estremecimento percorrendo-lhe todo o corpo ao reconhecer no homem que entrava embrulhado numa capa de couro um dos que tempos atrás a tinham arrastado para a estrebaria, sem se lembrar, porém, se fora o primeiro, o segundo ou o último a subir nela, reconhecendo-o não só devido à claridade da lua e dos lampiões que pendiam junto às portas e jogavam sua luz franzina dentro da noite — tinha até um lampião pendurado na trave da janela sob a qual fora agarrada, isto possível porque naquelas noites, embora frias, não se agitava a menor brisa — mas àquela inconfundível barba cerrada e muito negra terminando quase em ponta no rosto elíptico, e não só à barba mas ao próprio rosto, indiferente no gozo e na violência, singular assim elíptico, longo, que agora a fitá-la de relance não demonstrava por nenhuma reação visível tê-la reconhecido, indo deitar-se em frente sobre uns fardos semelhantes aos que ela própria usava como banco, e assim permanecer algum tempo calado enquanto o trem sobre os trilhos conversava com a noite, até que sua voz fê-la sobressaltar-se:

— Não são ainda dez da noite. Vamos viajar até as sete. Temos muito tempo ainda.

Julgou perceber em suas palavras alguma obscura insinuação — “O pior, acrescentou, é que não consigo dormir direito com esse frio” — e olhou em volta à procura de alguém ou algo — embora o

soubesse inútil pois ninguém mais viajava nesses dois últimos vagões, e os seguintes, aos quais não se tinha acesso, estavam repletos de minério — que a garantisse caso ele, que no entanto permaneceu imóvel sem lhe causar mais receio algum, tentasse repetir o ato daquela noite, até que ele disse:

— Tinha onze anos quando fugi de casa escondido num trem. O trem partiu da estação às seis da manhã, e no fim do dia, cansado e faminto, estava livre, livre...)

, fazia muito frio e o sol nasceria só depois das seis horas) —; indo, portanto, acordar o menino não o encontrou, primeiro pensando-o já nos seus afazeres o que o fez voltar para a cama por mais duas horas ao fim das quais levantou-se e viu que o serviço não fora feito e levou ainda um bom quarto de hora para suspeitar da verdade e uma semana sem que aparecesse para compreender que não voltaria mais (*Foi ouvindo-lhe não só essa frase mas tudo o que ele disse dali por diante como se de uma hora para outra àquela estranha só importasse falar de si mesmo, pouco se lhe dando se o ouvia uma estranha, ou mesmo — sem a olhar; não a olhou por muito tempo enquanto falava — se ela o ouvia, atenta, entendendo-o ou interessando-se pela história de um menino espancado pelo pai que certa manhã foge de casa — uma história igual a tantas, banal como só o podem ser tais histórias nesses sertões longínquos mas não só nesses sertões —, passageiro clandestino num trem que o deixa a 600 quilômetros de distância e não volta mais; foi, portanto, ouvindo-lhe as palavras e os nomes — o do pai, o da mãe — que enfim o identificou e então o chamou pelo nome, dando-se a conhecer; que minha mãe, nossa mãe me falou muito de você, e com quanta tristeza e saudade dizia o apelido carinhoso com que o tratava, ao mesmo tempo a germinar a dúvida que mais tarde não escondeu da filha, não por querê-la sofrendo como se com isso obtivesse algum tipo de satisfação ou um obscuro sentimento de desforra, não, mas tão só porque aquela dúvida a queimava por dentro, mais, pesava-lhe na língua e no peito a ponto de lançar um suspiro de alívio ao pô-la a par do caso num domingo pela manhã dois dias antes de completar quinze anos, aquele, o seu pior aniversário, e chorarem ambas, uma de alívio, a outra porque carregaria de então para sempre o mesmo peso em brasa, a dúvida, mesmo não parecendo, opressiva de saber-se quem sabe filha de um incesto.), enfurecendo-se em vão e descontando seu ódio nos outros filhos, um de nove outro de seis anos, cujas bundinhas ao fim da semana marcadas por vergões negros similares a dedos atestavam esse ódio, em vão também a promessa de presentear com uma vaca quem lhe trouxesse o menino de volta pois não sabia o filho tão esperto, levantando-se as cinco com tempo suficiente para correr à vila, entrar no trem e, ajudado pela escuridão, esconder-se entre os fardos, sen-*

do descoberto só ao fim da tarde, 600 quilômetros depois, momento que aproveitou para escapar e ir mais longe ainda na composição que partiria na manhã seguinte usando o mesmo recurso, que mais lhe interessava quanto mais longe fosse; em vão ainda as viagens às cidades vizinhas perguntando em todo lugar se não viram um menino aqui, fugido, renovando a promessa de recompensa, “uma vaca se me trouxerem o fujão, uma vaca gorda e nova”, que não viram nem podiam vê-lo e assim nem ele, o pai, voltando a vê-lo a não ser muitos anos mais tarde, mesmo muito tempo depois de terem arrastado a moça à estrebaria, dois anos ou três depois de encontrá-la no vagão e descobri-la sua irmã sem que esta, no entanto, se dissesse a que ele e mais dois arrastaram ao estábulo, quando decidira voltar não para ver o túmulo da mãe morta há anos, muito menos para abraçá-lo, ao pai, senão para cravar-lhe um aço pontudo na garganta, a palavra “filho!” — o velho o reconheceu — picada na ponta do punhal (*tempos depois ainda se recordava de como a palavra “filho” mudara com a ponta do aço cortando-a, “filrrrrrghglubglub...” e ria-se, mas um riso misto de prazer e agonia porque o gemido não deixava seus tímpanos nem o sangue suas mãos, nem mesmo lavando-as com o álcool que sem cessar vertia da garrafa ao copo e do copo à garganta ou direto da garrafa à garganta, e não se apagou nem mesmo na noite do dia em que escrevera para a irmã contando seu gesto, o de antes, e ainda o de então, daquela noite, em que estourou os miolos com uma bala de 45*), e depois desaparecer para nunca mais, salvo ao ressurgir um dia na forma de uma folha de papel dobrada dentro de um envelope com carimbo e selos postais na qual contava todo o horror e ante a qual a irmã também se perguntava (como a filha muito tempo depois) a quem caberia a culpa, tanto a mãe quanto a filha concluindo que a ninguém porque as coisas não haviam começado ali (*um dos meninos — o mais novo — morreu de pancada, ela disse, porque apanhava não apenas sua própria quota mas parte da que pertencia ao fugitivo, a outra parte distribuída ao filho do meio, que se esforçava por cumprir bem todas as tarefas, mais ainda depois de ver o corpo do irmão ser enterrado sem esquife sob um pé de figueira e tendo por mortalha um lençol velho, com umas poucas flores que a mãe lhe fora depositar à noite quando ele dormia escapando assim à sua ira, até que certo fazendeiro soube do caso e o arrancou das mãos do pai que, impotente, dobrou a dose normal de pancadas destinada à mulher que não só perdeu o quinto filho — a menina, única filha, com sete anos então, fazendo cinco que o mais velho fugira — mas acabou-se tanto que, não agüentando, estourou, só pele e ossos sendo a menina (já com dez anos e que do pai não sofrera — por mais contraditório*

que pareça — um tapa sequer; ao menos um grito) quem a amortalhou, o corpo levado no dia seguinte ao cemitério por uns poucos vizinhos que o velaram cabeceando de sono toda a noite, após o que se viu sozinha com ele, o pai, na casa, ao mesmo tempo triste e assustada, desdobrando-se para cumprir as tarefas da mãe a tempo e a hora conquanto o pai seguisse o mesmo de antes, sem ameaçá-la com pancada, nem mesmo elevando a voz, tratando-a às vezes com um inesperado carinho, a fala mansa, os gestos contidos, o sorriso ameno, o que porém não atenuava seu pavor; até o dia em que fugiu — ela também — para o mais longe possível e não soube mais dele.

— E o outro — perguntou o irmão —, o que o fazendeiro tirou do velho?), nem mesmo antes, numa fazenda do Mato Grosso quando certo fazendeiro reunindo armas e capangas não apenas invadiu fazendas vizinhas dominando os que se rendiam e acabando com os que se recusavam a fazê-lo, como ainda penetrou nas matas reduzindo a ruínas aldeias indígenas inteiras e, como se não bastassem os escravos que possuía, fazendo mais escravos índios aos quais dominava, os menos dóceis pelo chicote, os outros pelo álcool tornando-os bebedores inveterados, numa das quais encontrou uma índia que o serviu muitas noites antes de ser enviada com os demais à lavoura, índia esta que morrera de parto e maus-tratos mas que deixaria uma filha, co-responsável por ela estar ali, abrigando-se da chuva numa casa abandonada junto a estranhos e cuja única distração, que ao mesmo tempo a enchia de imensa e desconhecida paz, era ler a Bíblia, isto por ser uma de suas bisavós maternas (talvez ainda paternas devido ao terço de chance que a deixava em dúvida; se não o fosse, porém, ignorava tudo a respeito dos avós paternos, que a mãe não conhecia nem nunca mais vira nenhum dos outros dois que com o irmão a haviam arrastado à estrebria, nem poderia conhecer-lhes a ascendência), que se casara aos treze anos com um alemão de olhos azuis que não só tinha mania de mestiças como dava a vida pelo dinheiro, o que se ocultava no fundo da terra e o alheio, que obtinha sem quaisquer escrúpulos e que acabara precocemente seus dias na ponta da peixeira de um mineiro enfezado que não só se recusou a perder uma hora antes num jogo pouco honesto o que conseguira após um dia de escavações, como então num assalto entre casebres adormecidos e silenciosos de repente despertando — mas permanecendo silenciosos pois aquilo não mais era que um caso comum sem maior importância nem me-

recendo alarme — com o grito, não do mineiro, que além de enfezado era mais rápido e esfaqueara primeiro, mas do alemão que morrendo deixava prenhe de oito meses a mameluca a chorar seu loiro o dia todo à beira da cova, depois do que sumira dali aproveitando a noite para escapar com mais facilidade com as sacolas que enchera de quanto dinheiro possuía e pôde furtar nos barracos não só devido a sua destreza de índia mas ainda ao cansaço que prostrava alguns e à aguardente outros, indo ganhar seu filho — o mesmo que por coincidência também acabaria na ponta de uma faca, mas manejada pelo próprio rebento — longe daquela terra hostil e perigosa.

(Então o veria de longe e seria de manhã, chamava-o pelo nome e ele, ouvindo-me, ergueria o braço e mesmo na distância via-lhe o sorriso e os cabelos negros que o vento agitava, vindo na minha direção, sempre o casaco acolchoado que mesmo no calor esquecia-se à vezes de deixar em casa, embora esse dia não estivesse quente.

— *Vamos ver os homens levarem a boiada ao pasto?*

— *Onde é?*

— *Não fica longe, a gente vai pela estrada e entra no trilho que dá nos currais, onde a essa hora estão começando a tirar o leite. Só depois é que levam as vacas.*

— *E por que não deixam elas aqui?*

— *Porque o pasto daqui está descansando.*

— *Descansando?*

— *É, quando as vacas comem todo o capim o pasto precisa descansar para crescer outro capim. Então mudam de pasto.*

— *E por que não fazem um curral no outro pasto?*

— *Tinha, mas estava velho e a ventania derrubou. Então, vamos?*

Íamos. E ele na frente corria atrás de alguma borboleta, olhando-o eu com vontade de correr também não atrás das borboletas mas dele, e pegá-lo, não às borboletas, até que não podia mais correr pois entrávamos no trilho ao qual não estava acostumado porque estreito e cheio de ressaltos; devagar então ladeira acima, ele sempre a fazer alguma coisa que me absorvia: parava olhando uma formiga a passar; minúscula sob uma folha três vezes o seu tamanho, e eu me abaixava e pegava a formiga e a aproximava dele, mas a formiga largava a folha e caía da minha mão na grama e ele, decepcionado, olha-

va-a e depois olhava-me, a mim que rebuscava todos os detalhes do seu rosto, e seguíamos até que ele parava outra vez olhando um cogumelo vermelho e eu dizia:

— Não pode pegar. Meu pai disse que é venenoso.

— Que pena. É muito bonito.

— Têm uns que se comem.

— Eu já comi cogumelos.

Chegaríamos ao curral, mas a ordenha já haveria terminado e as vacas eram tangidas por dois boiadeiros e dois cães treinados rumo ao pasto, então eu diria:

— Vamos subir aquele morro. De lá se vê a estrada e aí veremos a boiada de longe.

Sentávamos no topo do morro, a estrada retorcendo-se para além dos morros mais baixos.

— Quando chegarem naquele pedaço de estrada veremos as vacas e os boiadeiros.

— O pasto fica muito longe de lá?

— Não muito — passava o braço pelos ombros dele, chegando-o a mim e apontava: — Veja, as primeiras vacas aparecendo.

— São muitas?

— Quase duzentas — apertava-o um pouco e exclamava: — Veja! Uma vaca tenta escapar da manada, olhe como os cães a obrigam a retornar — longe, o latido dos cães.

— São todas do seu pai?

— Não todas, só a metade.

Continuávamos vendo o gado passar até que, sumindo a última rês, perguntava:

— Então, gostou?

Seus olhos grandes e os meus, frente a frente (abraçava-o ainda, brincando-lhe nos cabelos com os dedos), ele movia a cabeça fazendo que sim e eu fazia com que ele se deitasse na grama e, apoiando-me no cotovelo, continuava a brincar com seus cabelos.)

Capítulo 13: Que conta sobre o vômito repentino de uma menina à mesa e as reflexões sobre o “*Ide*” intercaladas à dor de um menino que vê o pai desprezado e às considerações sobre o fervor da fé.

Houve um estrondo pouco depois do clarão em que o avistou, o rosto alvo à luz branca do raio, os olhos pensativos na longa pausa em que no escuro — e então, só o rangido da cadeira de balanço fazendo-se ouvir — olhavam para lugar nenhum, pausa essa que preferiu ela própria manter na sua indecisão de falar, não só talvez por não saber como fazê-lo mas por vergonha, pois afinal não passava de uma garota estúpida, como anos a fio fora dito e repetido por aquela voz e aqueles olhos em brasa e aquela fúria e aquele fedor de sujeira e aquela veemência e toda aquela “autoridade” por ele empilhada no canto e à qual nunca tivera acesso, não crendo que Ed pudesse ou, podendo, se dispusesse a ajudá-la no dia seguinte (no amanhecer teria de tomar uma decisão qualquer e definitiva), mesmo ele tendo sido antes atencioso e bom; no instante do clarão — tão rápido como das outras vezes em que se esforçara por observar-lhe as feições — não conseguindo estudá-las ou descobrir nelas um indício que mais que as simples palavras a induzisse a falar e, mais que falar, esperar que a ajudasse, permanecendo assim suspensas em sua língua as palavras, em vez de falar ouvindo após o estrondo o que ele disse:

— Lembro-me da menina, impossível esquecê-la porque naquela manhã vomitou de repente à mesa, vômito que a mãe, uma branquela alta e magra à qual eu atribuíra certo caráter de crueldade, não sei por que mas talvez porque atribuisse à menina na mesma proporção o papel de vítima, aprou com as mãos em concha e foi atirar no terreiro lavando-as em seguida na torneira da pia, e o que é curioso, guardo apenas essa lembrança associada a umas sombras muito vagas, pois a mãe só sei que era uma branquela feia, e a menina, o que me lembro dela? Teria a minha idade mais ou menos (eu não passava dos oito ou nove); no rosto teimo em colocar uma expressão doce e triste, e não sei por que sempre que penso nela acho que era doente. Mas dos seus verdadeiros traços não me lembro. Che-

garam na fazenda na tarde anterior, parece que procurando alguém, só eu e minha mãe estávamos lá, e quando a menina escorregou e caiu na calçada de pedra, a megera berrou: “Pateta! Vou te bater!” e a menina “não bate não, mamãe!”; não sei se bateu ou não, o que sei é que jamais me esqueci de que ela de súbito vomitou, e vejo sempre aquela mulher com o vômito na mão em concha indo atirá-lo fora.

Houve uma nova pausa em que até mesmo a cadeira imobilizou-se, e ele disse:

— Queria encontrá-la hoje e saber que é a mesma menina. Queria perguntar se ela se lembra... e encontrando-a e sabendo ser a mesma, talvez me apaixonasse, não por ela mas pelo que ela representa.

— Mas o que ela representa? — perguntou Raquel.

— Não só aqueles dias leves mas aquele momento, no fundo só um fantasma a mais, uma impressão vaga e ao mesmo tempo perene.

Calou-se.

A água continuava pingando do beiral nas poças embaixo, no escuro.

— ... mas é assim que é, é assim que sinto.

(— *E o via, do meio da multidão, pequeno e escondido em sua visível humildade, eu não acostumado a tanta gente olhando em volta só via cabeças — um mar de cabeças! — e ansiava, perdido que me sentia, por vê-lo, e assim buscava-o com os olhos reencontrando-me ao reencontrá-lo meio aqueles homens altivos e sérios e imensos (e distantes dele em sua altivez e seriedade e grandeza, dele, uma figura a destoar das outras) que compunham o Ministério, numeroso e imponente, tão diferente daquele que eu conhecia atrás do púlpito de tábuas de compensado em suas velhas cadeiras de pau: só meu pai, o pastor, e mais quatro senis cabeças brancas que se ocupavam em ministrar o ensino às classes, em repartir o vinho e o pão, em recolher as esmolas escassas de seu pequeno rebanho, os presbíteros e os diáconos*). Até hoje me pergunto o que o terá decidido um dia a deixar seu pequeno aprisco e seu minúsculo rebanho para visitar um templo gigantesco onde até ele se perdia entre tanta gente, tantas alas de bancos, degraus e colunas, tantas luzes, lâmpadas e brilho, um templo, lembro-me bem, que à primeira vista me deslumbrou, depois me confundiu; uma multidão que de início me surpreendeu e em seguida me assustou. E ir lá fazer o quê? Mostrar sua fé e sua oratória arrebatadora? Falar àquele rebanho, mostrar àquele povo que vindo de um lugarzinho obscuro um homem dentro do qual vibra o Espírito pode abalar as colunas da dúvida e da descrença? Ou apenas exhibir seu temo gasto, cerzido num dos bolsos? Mostrar a todos que seus sapatos mais novos não eram tão novos, com arra-

nhões nos bicos e pouco brilho? (... e os sorrisos afáveis mas irônicos... e o desejo quase geral de que não estivesse ali...) Foi para isso?

...tudo isso não mesquinho, não fútil, mas ridículo... lembrar e falar disso é preciso para ter-se idéia do quanto se massacra a fé antes que ela pereça...

Não só aquilo: a dúvida que nasce da pura observação de incongruências entre o que se aprende a crer e o que nos destrói a crença, de um lado a Palavra pura e simples e do outro a concretude de argumentos irrefutáveis, oh! a Ciência...; não, não só isso, mais que isso, como o vê-lo permanecer lá, no meio deles, esquecido talvez por não dirigir um grande templo ou não usar uma gravata de seda pura... esquece-se isso assim, quando muito mais que a simples dor da ofensa está em jogo?

...“Ide e pregai”, e como me pareceu então — e não só então mas também depois quando a fé ruía aos poucos, quando o peso foi maior e fê-la ruir mais rápido — que aquele imenso rebanho e seu ministério distorciam esse “ide” tantas vezes obedecido e desobedecido, múltiplas vezes lembrado e deslembrado, a frutificar quando a semente caía em boa terra e a perecer se pedregosa e cheia de pássaros, e tantas e múltiplas vezes pleno de graça em nome daquele que o proferira, ao qual quisessem ou não quisessem ouvir, aceitassem ou não aceitassem, compreendessem ou não, tantos e tantos de uns como de outros eram submetidos; e distorciam porque no meio da multidão crescera outra semente... e enraizara à medida que a primeira minguava...

Mas o rosto era o mesmo, luminoso, além do sorriso não explícito mas apenas insinuado, aquela simplicidade de alguém que dentro de um paletó gasto e cerzido no bolso, num grupo de homens altivos (dos quais um só paletó daria não só para pagar a pintura da nossa igrejinha por dentro e por fora mas também para pô-la abaixo e reconstruí-la dos escombros até o acabamento) que falavam de Deus como de um líder político e pregavam não Seu amor e a salvação prometida mas o que por meio de sofismas e frases obscuras ousavam afirmar os processos lógicos e profundos da mente divina, a ele sentia-se integrado, por ele aceito, sem compreender que não era aquele o meio ao qual se podia integrar. Não lhe cediam a palavra. Um após outro se punha a falar; a falar... aqui e ali uma exclamação de louvor; vazia, sem nenhum arrebatamento, eu que já duvidava perguntava-me se Deus estaria mesmo ali, e me pareceu que não. Mas por que todos estavam ali, então? O que os moveria até aquele lugar; se a fé tornava-se uma desculpa, não mais, um pretexto — não mais — para o cumprimento de um hábito, de um rotineiro ritual? Muito tempo depois jogando de lado os grossos volumes de matemática superior lem-

brava tudo isso (o pensamento lógico a dominar-me por inteiro) lamentando não só a decepção em que o supunha por não lhe terem concedido a palavra naquela manhã e a minha própria dor de querê-lo arrebatando o povo mas também vê-lo esquecido no seu canto, a irradiar porém aquela mesma luz como se nada acontecesse. Esperei em vão que o chamassem e não me contive quando percebi que terminavam sem o terem convidado a falar: da ala dos meninos onde me sentara, fiquei de pé no banco e gritei: “Não deixaram o meu pai pregar!”, minha voz aguda, cortante como fio de espada no interior do templo desde a porta até o extremo oposto, seguindo-se um silêncio embaraçado ao mesmo tempo que todos me olhavam, meu pai — percebi — imperturbável como a dizer com os olhos “sente-se, filho, que importa isso?”, sem recriminação, sem severidade, a mesma luz... Mas desobedeci, “não deixaram meu pai pregar!” gritei outra vez e encarei o pastor que, encabulado, primeiro ficou vermelho, depois olhando-me com ódio disse qualquer coisa ao microfone; então sentei e esperei que todos fossem saindo e meu pai passasse tomando-me pela mão. Já na saída o pastor nos alcançou e disse: “Se o irmão ficar para a noite, é certo que terá a oportunidade de dar sua mensagem” mas meu pai sorriu: “Impossível, precisamos voltar antes da noite”, e o pastor desculpou-se: “Perdoe-nos, não tivemos a intenção...”, olhei-o com ódio, ele compreendeu e retrubuiu, voltamos para casa e não se falou mais no caso — mas eu não me esqueci.)

O foco da lanterna mais uma vez dentro da maleta buscando uma fotografia no maço enquanto Raquel, no parapeito, continuava quieta. Já não sentia vergonha de falar, e pediu-lhe chorando que a ajudasse ao amanhecer, acompanhando-a até sua casa para livrar-se do corpo, por certo estirado ainda no tapete da sala, e com isso ver-se livre também de sua indesejável companhia. Seu medo agora era ouvir um não como resposta — não pelo que essa resposta significasse, mas por vir dele que, tendo-se erguido da cadeira de balanço, estendia-lhe sob o foco de luz outra foto antiga:

— A fazenda. Minha mãe está aqui, veja, nessa época com cinco anos...

E enquanto ela segurava a fotografia amarelada, ouviu-o dizer:

— Sim, irei com você.

Capítulo 14: Do homem que regressando da guerra não reencontra seu mundo. Do primeiro encontro entre dois meninos, e da atitude surpreendente de quem só se poderia esperar o contrário.

— **E**ra bem pequeno quando ouvi a história de um homem que voltando a sua terra viu que ela não existia mais — na varandinha, a cadeira de balanço prosseguia com seu rangido enquanto Raquel, sentada no parapeito, recostava-se num pilar de madeira. Momentos antes, porém, na cadeira ao lado dele, que lhe tomara as mãos incitando-a a falar de si, disse “não, agora não, por favor”, não só recusando-se a falar como também não sabendo até que ponto conseguiria fazê-lo, tendo vergonha de contar sobre sua dor, fosse a lembrança daqueles rostos que pairavam na escuridão do quarto, ou dos momentos em que os olhos sangüíneos a fixavam do canto da sala, os cabelos arrepiados e o corpo imóvel feito estátua, até a garrafa subir vagarosamente até a boca, seguir-se o som gutural e cheio dos goles e depois repousar o braço na mesma posição, nessas horas num mutismo pior que suas ranzinzeiras e resmungos, pois prelúdio de uma fúria a explodir de repente; ignorando se a voz sairia para contar das convulsões na manhã anterior, de sua queda na sala agarrando-se ao tapete, crispando os dedos, boca e olhos arregalados, uns roncões saindo-lhe da garganta e ... por fim imobilizando-se, não mais como antes na poltrona mas caído no tapete; ou se teria coragem de falar daquilo que temia mesmo lembrar: que “ele ficou lá, morto”, calando-se por isso, e por isso voltando ao parapeito. Após içar o corpo, sentou-se, joelhos dobrados. Abraçou-se a eles, a cabeça para trás apoiada no pilar, e ficou quieta diante da noite ouvindo a chuva, os rangidos da cadeira, e uma voz que falava a espaços de coisas vagas. — Sua infância, sua juventude foram naquela terra, um recanto de roça próximo a uma vilazinha onde o movimento de gente era mínimo, um mercadinho, uma feira, três ou quatro lojinhas, ruas de saibro e casario colonial. Nunca saíra dali e nunca haveria de sair não o chamasse a guerra, indo ao combate sem que um só dia deixasse de contar com o regresso, mesmo sabendo da possibilidade de morrer de um minuto para outro, e conquanto acreditasse um despropósito morrer em combate

não cogitava desertar por medo não do nome de covarde mas da punição certa e rigorosa caso o pegassem, tendo assim de viver fugido e anônimo longe da terra, de seu recanto de mato ao qual, impossibilitado de regressar, seria como se estivesse morto.

(Vira-o logo no primeiro dia. Chegara com os pais depois das dez da manhã olhando e remexendo aqui e ali com uma curiosidade só sua, e enquanto os carregadores descarregavam o caminhão levando móveis malas e embrulhos para dentro de casa, ajudados não só pelo pai — a mãe arrumando cada coisa em seu lugar, não tendo de limpar os cômodos amplos, limpos ainda desde a faxina de uma semana atrás quando vieram conhecer a casa nova, sem luxo porque pobre mas espaçosa e, uma vez organizada, com algum conforto, com janelões que abertos proveriam todos os recantos de muita luz, um tanto antiga mas cujo madeirame mantinha-se rijo conservado e que agradara não só pelo preço como pela terra em volta, sem igual para o plantio — mas por dois ou três vizinhos solícitos que não só carregaram os fardos como ajudaram a distribuí-los nos cômodos e depois almoçaram entre risos desejos de boas-vindas e volumosas talagadas de cachaça; vira-o, pois, descer uma estradinha e se aproximou:

— *Você está mudando hoje?*

O menino parou e virou-se para ele:

— *Estou. Você mora aqui também?*

— *Quem pergunta sou eu. Como é seu nome?*

— *Por que você quer saber meu nome?*

— *Eu disse — e aproximou-se segurando-lhe o braço — que quem pergunta sou eu. E você responde! — apertou o braço do menino até matar-lhe o sorriso, e apertava o braço com força para resistir ao ímpeto de tocar-lhe a face, e não só tocar-lhe a face com os dedos mas com a boca e com a boca não só a face... — Que idade você tem?*

— *Onze.*

— *Eu tenho doze, portanto sou mais velho e mais forte, e quem manda sou eu. Portanto, diga-me seu nome.)*

Por isso foi, e lutou, e enfrentou o horror de uma guerra demorada, assustadora, não importando quem morresse ao seu lado mas tão só a demora, angustiantes os dias sem fim de sobressaltos e sustos dentro do mato, de andar de rastros ao pipocar da metralha, de pressionar o inimigo ou ser por ele pressionado, de ver a morte em todos os recantos e só ter a morte como resposta, talvez piores e mais longos os dias e semanas e meses de inação nos acampamentos durante as tréguas, nas manobras demoradas, no

ócio das vagarosas incursões mato adentro, dos serviços de sentinela na quietude da noite e em postos arriscados enquanto os outros dormiam, a qualquer instante o inimigo podendo cair-lhes em cima e massacrá-los, do levantar acampamento e prosseguir ou do permanecer no local aguardando novas ordens, e enfim da única coisa certa e constante de que dispunham, a incerteza, não só a incerteza da vida e da morte, pois quanto à vida acontecia perguntar-se se tinha sentido estar vivo ali, e não só isso mas o fato de que um instante depois estaria morto e pisoteado pelos companheiros que avançariam abrindo fogo, agora apenas um número a mais para contar as baixas, mas incerteza do próximo dia, da próxima ordem, do próximo rumo, das razões de uma guerra (fossem quais fossem) que nem lhe foram ditas, pois quem a havia começado? de que lado estava o direito? quem tinha possibilidades de vencer e quando acabaria tudo para que pudesse regressar? e assim transcorreram os anos nos quais duas coisas lhe foram constantes além da incerteza: a farda e o fuzil, ao qual por estranho que pareça se apegara como a um mascote, um objeto de estimação, uma relíquia não apenas significativa mas sagrada, um amigo certo e preciso capaz não de ouvi-lo mas de compreendê-lo caso ouvisse, nas horas de saudade em que falava sozinho do seu canto de terra, seu agreste, sua vila miúda e quieta no sono das manhãs, das ruas de saibro e casas baixas nas quais viam-se as pessoas deitadas em redes nas varandas ou reunindo-se na praça aos domingos de festa, enquanto outros nos bares jogavam vinte-e-um valendo doses de conhaque; lembrando-se de sua família, o pai, a mãe, a irmã, os amigos, de quem nunca mais tivera notícias e a quem duvidando de que receberiam escrevera umas poucas cartas que ficaram sem resposta... até que um dia ao abrir os olhos viu-se num quarto muito branco, deitado numa cama com lençóis brancos ao lado da qual uma mesinha com alguns frascos de remédio e na qual, sentada, estava uma jovem de sorriso franco, conquanto não fosse bonita; saudável, corada, alegre mas não bonita que o saudou dizendo “enfim você abre os olhos” e a moça também estava vestida de branco e examinava um pequeno objeto alongado de vidro “nenhuma febre, tudo parece bem com você agora” disse e sorriu outra vez, e ele sem compreender nada, pois logo outros vieram e se acercaram, todos vestidos de branco, e o examinaram, o apalpam, mandaram que pusesse a língua para fora e escutaram seus pulmões, “enfim” diziam todos surpresos, “enfim...” e já se retiravam comentando entre si o fenômeno... mas que fenômeno? Ele seria o fenômeno? O que estaria acontecendo? Pois não sabia onde estava, não se lembrava do que lhe havia acon-

tecido, não conhecia aquela moça simpática que lhe sorria como lhe sorria sua irmã, se tivesse uma irmã, tampouco conhecia qualquer um dos demais que o haviam inspecionado e se afastado em seguida comentando... então pensou... em sua casa? Sua família?... quem seria sua família? Onde ficaria sua casa? “Mas você não se lembra mesmo de nada?” perguntou-lhe a moça de branco nos dias que se seguiram, quando, terminando a rotineira ronda pelos leitos se aproximava de sua cama para conversar um pouco, “você esteve na guerra” ela disse, ele se perguntando a que guerra ela se referia, “mas deu azar, foi ferido num dia e no outro a paz foi assinada”, e ele sem entender, apenas escutando-a contar, “foi recolhido por uma equipe de resgate e trazido para cá. A operação foi um sucesso, e você deu muita sorte pois a bala não chegou a penetrar no cérebro”, então ele recebera uma bala na cabeça durante um confronto, fora resgatado e operado, “mas ficou em coma” disse ainda a moça de branco, coma? eu estive em coma? Deus do céu, quanto tempo estive em coma? e pela primeira vez a moça de branco não lhe sorriu, “catorze anos” ela disse, “só eu cuidei de você nos últimos cinco, mas antes disso...” e ele se sentiu soçobrar. “Preciso saber quem eu sou” disse então, e a moça de branco lhe disse que nenhum documento fora encontrado consigo, “deve ter perdido durante as correrias dentro do mato” ela disse, que muitos soldados haviam passado por ali mas ninguém o conhecia, de forma que não havia como saber quem ele era, pelo menos por enquanto. E mais uma vez os anos se passaram, pois agora ele havia recuperado sua saúde e sua forma física e se casara com a moça de branco, moravam numa casinha simples e simpática nos limites da cidade, com um quintal e árvores frutíferas em volta, e trabalhava na agência local dos correios, e quando chegava em casa ao fim do expediente a moça de branco — que continuara como enfermeira no hospital, não mais um hospital para feridos de guerra, mas para atender a população da cidade — o recebia com aquele mesmo sorriso ao qual tanto se afeiçoara, e duas crianças também vinham recebê-lo em algazarra esperando pelo embrulho de doces que ele trazia. Mas ele ainda não sabia quem era. E agora as crianças cresciam a olhos vistos e se tornavam adolescentes, quase adultos, o mais velho já completara dezesseis anos e se preparava para ingressar na faculdade no ano seguinte enquanto a menina, aos catorze, dizia que seria enfermeira como a mãe. Tudo parecia tranquilo na pequena casa nos limites da cidade, a moça de branco não deixara de sorrir daquele jeito franco e alegre, os meninos tornavam-se adultos, faziam planos, os dias corriam, mas ele... ele continuava atrás da porta. Até um dia quando acor-

dou pela manhã estranhando o quarto, a cama, os quadros na parede e pronunciou um nome de mulher... A moça de branco não sorriu, picada pela desconfiança, “quem é essa mulher?” perguntou muito séria, e ele respondeu “minha irmã”, pois finalmente se havia lembrado de tudo, e fazendo as contas nos dedos — onze anos de guerra, catorze de coma, dezoito de esquecimento — viu que haviam se passado quarenta e três anos. “Eu tenho de voltar para casa” disse, “esta é a sua casa” ela respondeu, mas não houve como impedi-lo e foi com lágrimas nos olhos que se despediram daí a uma semana na rodoviária, “eu volto, podem esperar que eu volto” ele jurou, e algumas horas depois estava dentro de um avião: voava para seu país, para sua cidadezinha campestre, para a casa de sua família. E foi num domingo de manhã, maleta na mão em que levava apenas algumas mudas de roupa, que chegou em seu agreste... — Ed calou-se algum tempo sentindo-se, ele próprio, aquele que regressava, pensando não só nesse regresso após o horror, mas no que viria depois

[e houve o momento em que antes de ver percebera a presença do outro de pé no umbral antes do que também pudera ouvir não a voz que não havia com quem falar embora isso pouco importasse porque era costume seu falar mesmo sozinho lançando seus anátemas às pedras inertes e plácidas e às paredes de pé e aos troncos mortos e às manchas de fungos nos troncos nas paredes e nas pedras mas o ruído dos passos que antes de parar à porta da cozinha para abri-la vieram ritmados (que às vezes a embriaguez não excessiva permite um andar lento e constante) estrada afora conquanto aí não os tivesse ouvido ainda porque distantes vindo de um daqueles passeios pelos morros ou pelos pastos num dos quais seguindo-o certa vez ouvira-o falar a uma paineira centenária à sua frente que abrangia a paisagem quem pode entender aquele que tudo tentou investigar à luz do conhecimento sem chegar a nenhuma conclusão? e tocando o tronco cinzento áspero e grosso como a sopesar não só a nobreza da imensa árvore mas sua filosófica contemplação da natureza contemplação essa mais que vaga sem consciência dela no absorver nutrientes da terra e oxigênio e carbono do ar nirvânica no próprio estar ali e realizar imutável e indiferente sua fotossíntese rotineira acrescentar quem pode suportar a vida entre a insignificância e a estupidéz dos que o cercam sem tiranizá-los? estremecendo porque seria pega a arrumar a sala pondo os livros em ordem após ter levado as garrafas vazias para fora em algumas das quais nos restos de bebida moscas mortas flutuavam aos montes sabendo que ele não admitia que se tocasse neles mas não conseguindo mover-se dali senão virar-se ao vê-lo ir do umbral para dentro da sala após o minuto que aí permanecera parado encolhendo-se no canto do sofá para onde desli-

zou sempre de olhos medrosos cravados nele embora quase sumidas naquele rosto as marcas de unha sabendo que não as esquecera e que poderia lembrar-se de uma desforra mais uma vez ele vendo-a encolher-se no canto com um de seus livros na mão pois ela se esquecera de que ainda o segurava nada dizendo ou fazendo a não ser olhá-la por muito tempo sentar-se em sua poltrona e estender a mão segurando-a pelo braço e puxando-a para si que cedeu ao puxão surpresa porque a punha no colo abraçava-a com carinho sorria ao ler o título do livro que ela segurava “A Gravitação Universal de Isaac Newton” jogando-o por sobre os outros beijava-lhe o rosto dizendo sei que tenho sido mau e acrescentava minha menina não me perdoe nunca embora eu esteja louco]

, e terminou: — E foi quando percebeu que não havia mais para onde voltar, não só porque a vila de quarenta e três anos atrás estava a meio passo de se transformar em imponente cidade industrial de ruas largas e asfaltadas, caveiras de prédios enormes em todas as direções revestindo-se de cimento armado, tudo muito amplo e estranho porque nessa cidade a gente era outra (a própria cidade era outra) a quem não conhecia e por quem não era reconhecido, nem sequer lembrado, porque já não lhe viviam os pais e não pudera encontrar a irmã, esta quem sabe a imaginá-lo morto depois de tanto tempo, mudados, diferentes os poucos amigos e conhecidos de outra época que acaso lá permaneciam; mas porque juntando tudo isso somava-se o não existir mais seu cantinho de roça onde vivera menino em comunhão com a terra, ter-se não só absorvido por alguma imobiliária como também urbanizado e dividido em lotes, as numerosas casas construídas formando uma mini-cidade em desenvolvimento onde fora antes a mata na qual armava arapucas e brincava de caçadas, onde fora antes os morros agora aplainados à força dos grandes tratores, onde mesmo fora sua casa, lugar que não identificava mais perguntando-se “onde está o rio que corria se não me engano aqui? E a mata? Não havia ali uns morros?” e andou quilômetros em volta horas a fio para descobrir o que haviam feito da terra de antes e nada descobriu; e todos a quem perguntava, os estranhos antigos conhecidos, os quais sabendo-o aquele que partira para a guerra, como por um milagre de regresso, também o viam mudado, as marcas da guerra não mais visíveis por fora mas uma espécie de aço vivo surgindo vez por outra no olhar em que a ânsia disfarçava-se com a falsa frieza dos que vêem horrores e a eles fingem acostumar-se, no conjunto mais um rosto dos que se perderam certa época e então ressurgem transformados, ainda que não de todo mas por certo em definitivo, ambos os lados se reconhecendo e vendo entre si os efeitos não tanto do tempo mas

da ausência e daquilo que a acompanhou, respondiam concisos, os olhos longe, reticentes, “é...”. Ele viu que seu mundo fora destruído e só lhe restavam dois caminhos a escolher: tornar-se um nômade ou voltar para a moça de branco e o casal de jovens que o esperavam do outro lado do mar.

Ed respirou fundo. Calou-se.

o rangido da cadeira de balanço os pingos da chuva na folhagem nas poças no chão trovoadas esparsas e distantes a noite dentro da noite rompi-da por um e outro relâmpagos furtivos e no mais só a escuridão

— E o que foi que ele fez — Raquel perguntou.

Ed moveu a cabeça:

— Não sei. A história acaba aí. Eu, contudo, sou um nômade, não que eu tenha partido por mais de quarenta anos e ao voltar não haja encontrado mais nada, não, eu presenciei a transformação, vi as coisas se modificarem e se distanciarem de mim, porque é impossível estar próximo de uma coisa que já não se reconhece sabendo porém que aquilo permanece ali, seja destruído ou apenas oculto, mas sempre ali, e apesar da distância, tão perto, cada vez menos palpável, cada vez mais abstratas a terra e a vida, até um dia em que vou olhar em volta e nada me será familiar, nem mesmo meu próprio reflexo no espelho. Não penso no que serei nesse dia nem no que há de ser que me cerque, mas tenho uma certeza: na minha memória tudo persistirá, nítido e pulsante.

Capítulo 15: Que trata de uma paixão absurda e do contorno irregular de uma pilastra onde se nota a quina de um tijolo; que se conclui com novas reflexões sobre a inutilidade da vida, e a primeira insinuação de incesto (na verdade, não a primeira, senão a segunda).

— **A** paixonei-me feito um tolo aos trinta anos, idade em que considerava qualquer paixão uma tolice mas sem estar imunizado contra ela, porque uma paixão seria capaz de vencer meu senso lógico e ir mesmo além do simples desejo, instalando-se não apenas no meu coração ou minha mente, mas no meu ser por inteiro (calava-se por momentos observando no contorno irregular de uma pilastra quadrada na área dos fundos, não só a irregularidade do contorno mas a certa altura o polígono exato de um tijolo a destacar-se na linha da pilastra parcialmente destruída, que descia retilínea do telhado até esse ponto e daí até a mureta sobre a qual se apoiava, essa mesma mureta já meio demolida e na qual restavam uns raros ladrilhos em outro tempo brancos: um tijolo a saltar com suas quinas abruptas...)

, já não parte dele, mas a corroê-lo, em certas ocasiões fazendo-me sonhar e noutras desesperar-me em ânsias e desejos absurdos — Heitor, agora no escuro porque baixando o braço apagara a lamparina improvisada e só então se apercebendo de que perdera a caixa de fósforos, continuara a falar (— *Você viu se deixei os fósforos lá em cima no chão?*

— *Não.*

— *Não sei se a caixa caiu sem que eu notasse.*

— *Não importa, vamos voltar assim mesmo.*

— *Não, fiquemos um pouco mais.*

A outra deu de ombros.

— *De qualquer jeito, o que não nos falta é tempo.*

— *Vamos entrar na cozinha, assim evitamos o vento.*

Entraram outra vez na cozinha, cada um procurando acomodar-se o melhor possível, ele sentando-se no chão junto ao ângulo de duas paredes, as

pernas esticadas, e ela sobre a chapa de ferro do fogão a lenha, abraçando os joelhos), dentro de treva de uma cozinha velha sua voz soando quase rouca, algo hesitante, decerto triste. — Como um meninote que se encanta com seu primeiro amor. Só que eu não era um menino, ao passo que ela teria não mais de onze anos, uma criança que via passar para a escola e, quem sabe, chegando em casa ia brincar de casinha e boneca — por certo possuía bonecas, pois toda menina as possui, todas gostam de bonecas,

(...naquele ponto em que o reboco fora quebrado, mas não pelo tempo, que o tempo destrói e faz desabar mas não arranca pedaços como aquele — até piores e com piores efeitos levando ao estado amplo e absoluto do fim e ao qual não se pode fugir (— Assim, ficou este retrato dela — na varandinha, suaves os rangidos da cadeira de balanço em coro com os pingos da chuva e o vento nos galhos —, depois enviaram a foto daquela castelo da Idade Média, algumas cartas que por certo se perderam e, enfim, não se soube mais deles. Karla hoje pode estar morta, ou velha que não se possa dizer “é a menina do retrato” ainda que seja ela e não outra, pois já não terá este sorriso e estes olhos e estes cabelos, e não porque os comunistas ordenaram cortá-los mas porque, obra do tempo, a velhice pior que qualquer regime político acabaria com eles; mas terá, é bem possível, essa quase tristeza que se vê aqui, não tão suave mas intensa, e não doce mas amarga, a menos que esteja morta. Mas onde e como quer que esteja, não será outra mas esta menina aqui, a que partiu e não voltou para rever suas amiguinhas de um dia numa fazenda de um tempo antigo, derrotadas pelos anos, hoje tão velhas quanto ela. — Olhava abismado a fotografia, com uma saudade não dele mas que devia pertencer a outros nele, Karla sorrindo-lhe do papel, “o retrato é apenas a fixação de um momento de sua vida, não toda sua vida, por isso a diferença.” — A filhinha do capitão inglês um dia foi embora e não voltou. Sou capaz de vê-la no tombadilho, o navio partindo e ela acenando não para mim, mas para os dias que havia passado naquele lugar...)) — e sim por vândalos de passagem por ali; e como lá fora estivesse menos turvo que a cozinha, Heitor fixava o olhar nas arestas do tijolo saltado da pilastra,)

mesmo feitas em casa, de trapos e meias velhas e palha e sabugo de milho, os olhos e a boca rabiscados a caneta — ao passo que eu, escritor medievalista, investigava a História, a Filosofia, o tecido dos séculos distantes... Uma menina e os seus onze anos (as longas meditações — “pergunte-me, pergunte-me sobre esse amor, como poderei responder a essa pergunta?” — e o brilho cansativo da lâmpada de cem velas sobre o livro ao comprido das madrugadas) e suas brincadeiras de roda e de boneca (aquele, um encantamento que ele mais que absurdo dizia inexplicável, que o absurdo às vezes se explica, aquele encantamento não), uma meni-

na e sua infância (o rosto barbudo de Dostoiévski na página e o mergulho na alma de Raskolnikov de Michkin de Ivan Karamazov no subsolo da consciência e o homem de trinta anos que se propunha acompanhá-lo mas levava consigo um amor), e as mocinhas lascivas com as quais podia trepar à vontade (porque o encantava não só o rosto oval de pele tão clara) — o que fiz, e com putinhas de catorze ou quinze anos (e os cabelos cheios de pequenos cachos nem) em motéis clandestinos (o sorriso meio sapeca, oh! aquele sorriso!...,) —, mas não uma colegialzinha de onze que ainda brincava de boneca. Não, não me sentia ridículo com ela (ou os olhos grandes que se esticavam às vezes para ele), amando-a anônimo (, não apenas), pois mais que tudo (isso...) encantavam-me nela os seios, não os que possuía e que mal despontavam, mas os que viria a ter e não conheci, idealmente alvos e belos que me antecipando à natureza e ao tempo visualizava em minhas lucubrações interrompidas nessas madrugadas de insônia, querendo-os sempre sem que fosse possível.

(...aquele desenho que se diria imutável — dentro da noite e do tempo — mas que bastaria passar por ali um outro vândalo, porrete na mão, ou que se passassem mais alguns anos, não muitos, o contorno poligonal de um tijolo saltado da pilastra quebrada e que para observar com mais atenção Heitor interrompeu suas confissões...)

— E então? — perguntou ela.

— Começou com um beijo tão rápido e tão eterno que impossível esquecer os bracinhos ávidos envolvendo-me o pescoço! (que se repetisse, só isso, que se repetisse) Ah, se eu pelo menos tivesse ousado uma carícia — gesto de mãos no escuro como se houvesse ali um rosto e um corpo que só ele pudesse ver) —... (que porém não se repetiu) então se acenderiam seus olhos grandes e vivos, de uma vivacidade que se diria eterna (uma carícia: a sós com ela, a menina, ele, o homem, abrir-lhe a blusa pousando-lhe na pele nua a face)... diabos!, isto é ridículo!... — e socou a parede com força.

(...fixando-se não apenas nessa linha quebrada que delineava uma massa escura contra um fundo menos escuro, mas percebendo além dois galhos secos que, por efeito de perspectiva, cruzavam-se na mesma direção desse tijolo num desenho triangular sobre ele, imitando um acento circunflexo — isto possível apenas por breves instantes em que cessara a chuva e uma fatia de lua surgira atrás das nuvens em movimento, ainda que se pudessem ouvir alguns esparsos trovões, um deles quase inaudível ao longe)

— (e a língua morna nos bicos pequeninos e incipientes) Mas nada posso contra essa lembrança, como se ela estivesse aqui do meu lado e tudo acontecesse

outra vez, não ontem, não hoje pela manhã, não há algumas horas, (acontecendo assim leve, sutil, sem transbordamentos, numa admiração recíproca, ela na surpresa da descoberta, ele na realização de um amor, não absurdo mas inexplicável que se haveria de deter no limiar do desejo,) mas agora, neste minuto, neste instante. Amei, e por mais tênue que fosse o meu pensamento foi, ainda assim, uma paixão ácida e doente (*— Por um momento pensei que a chuva fosse parar — Raquel comentou ao ver a fatia de lua revestir-se de neblina, o vento forte nas folhagens próximas fazendo gotas resvalarem em seu rosto. — Brincadeiras do tempo, respondeu Ed remexendo na maleta, outra fotografia surgindo-lhe sob o foco da lanterna — como se quisesse nos enganar.*), que se culminasse com a posse seria tão pura e tão plena que impossível aviltá-la, a concessão de ambos não ao prazer, mas ao amor. Ardia por vezes, desesperava-me na impossibilidade... Não houve mais que um beijo, aquele, nenhum outro em nenhuma outra ocasião (o que no entanto jamais aconteceu, pois no tempo em que havia partido e estado longe, nesse tempo durante o qual rememorava os bracinhos ávidos em volta do pescoço e aquele beijo, ela desaparecera). E não a vi mais.

— Nunca mais? — a prostituta perguntou.

— Nunca mais — repetiu Heitor, e continuou: — Nunca tive a clássica figura que caracteriza o homem belo, talvez o herói das lendas antigas, o corpo ornamentado não por jóias ou sedas ou armas mas por uma musculatura desenhada e exata. Fui um jovem miúdo e magro, algo elegante, e meu rosto possuía uma certa graça viril que a fez lançar-me ao pescoço os bracinhos ávidos, essa mesma graça que os anos dissiparam e com a qual esperava ao regressar (regresso que durante os dias numerosos e lentos imaginara a tal ponto de pensá-lo às vezes improvável) reencontrá-la perto dos vinte anos, já não mais inaceitável o desvario dos meus trinta e nove, regresso no qual acentuou-se minha solidão porque ela já não estava lá. Chegou a fama, mas eu me recolhia pouco a pouco em meu isolamento, por muito tempo perdurando a lembrança do beijo rápido de lábios aveludados que ela me dera naquela noite. Então os dias foram se passando sem atropelos trazendo-me com lentidão uma assustadora velhice.

— Velhice.

— A velhice às vezes me assusta, no entanto estou envelhecendo... estou velho. Temo os setenta anos do mesmo jeito que temi os sessenta ou os cinqüenta. Apesar disso não quero morrer ainda. Não quero, ainda que tudo o que façamos na vida, satisfaça-nos ou não, reduza-se a isto apenas, a esta certeza de que, mais que transitório (e talvez mesmo por isso), é este o traço mais nítido e indiscutível da condição humana: ter sido vão, desne-

cessário. Assim como fabricar moedas que circularão algum tempo até perderem o valor e acabarem atiradas para um canto, ou construir uma casa que um dia será demolida ou que acabará caindo sozinha, ou consertar-se hoje uma perna quebrada que em alguns anos (dez, vinte, cinqüenta...) apodrecerá na morte.

[A tartamudear no seu canto, só um corpo indistinto na obscuridade que se adensa à medida que chega a noite, arriado e imóvel na poltrona e alheio a todos os livros empilhados e às garrafas enfileiradas no chão, e não só a elas e aos livros mas aos ruídos triviais da cozinha, ao cheiro agradável da comida e a uma pequena sombra que estica o pescoço, tímida, para espiar e ouvir aquela palavra incompreensível: — Não apenas ela a despenhar-se do “incógnito de criptas misteriosas”⁵, mas aquilo que dela decorre, e apenas por hipótese, que a exige no entanto para ter, mais que qualquer validade, o sentido e a razão de ser; ainda que muitas vezes faça ao chegar à consciência como ela ao chegar à língua, exausta, se não exangue, consigo apenas uma certeza prosaica ou uma dúvida ou quando muito o encanto da perspectiva de novas e indissolúveis conjecturas, como por exemplo ver projetada na parede de uma caverna a sombra móvel e imprecisa das coisas e tentar; nessas conjecturas, o mergulho inquisitorial de onde podem ambas surgir ou não, que isso e só isso nasce desses contornos intangíveis e semoventes que se divertem em nos iludir: a compreensão. Que a Idéia surge e traz a descoberta, mas a compreensão e só ela a alcança, assim duas coisas distintas que deviam andar irmãs... — o corpo a mover-se na poltrona, a sombra tímida à espreita afastando-se rápida, o ruído de um peido (“O glorioso ato de peidar... deve ter um significado nisso, um peido é muito mais do que se possa pensar.”) e o silêncio depois, e a sombra tímida de volta. — Muitas certezas no pilar dos séculos como construção sólida mas inacabada a expandir-se para o alto e para a frente, que em sua urdidura abarca também todas as dúvidas, todas as coisas que a deficiente condição da língua traduziu de suas abstrações, todos esses caroços indigeríveis de azeitona que se expelem mas continuam inassimiláveis; estranha construção a progredir deixando atrás todavia o desmoronamento de tantas salas e jardins, existindo apenas na trama de sua história, a ruína de muitos andares expondo na argamassa arrancada sua caveira de ferros retorcidos e tijolos e tudo coberto de um pó que se sacode só para mostrar como tudo fora diferente e engenhoso e talvez belo mas errôneo; e como de uma sala em ruínas se passa ao requinte de um pavimento cheio de luzes e lustres e tapeçarias,

⁵ Alusão ao soneto “A Idéia”, de Augusto dos Anjos.

cujas portas todas podem abrir-se a novas ruínas mas uma das quais dará para outro pavimento pleno de fausto e brilho; e assim, após tanto tropeço, chegamos a todas as certezas na provada e comprovada exatidão do engenho humano que contém, por equívoco, em sua estrutura os ainda presentes caroços de azeitona.]

— A tantas miudezas a gente se apegava, não obstante saber a verdade.

Após a última frase de Heitor faz-se um silêncio mais prolongado, silêncio que mesmo os trovões não rompem (para rompê-lo apenas a voz humana, associados à qual o sentido e o valor das palavras), e a mulher diz:

— A menina, não a viu mais, e daí?

— Daí... — (os dias lhe tinham deixado o rastro pegajoso de estar só, um cansaço e uma desilusão que começou por volta dos quarenta anos) — ...aconteceu quando eu tinha quarenta e seis anos, algo que fiz sem querer ou saber numa noite qualquer de motel cuja mãe certo dia me mostrou nos braços embrulhada em lã e flanela dizendo “não se preocupe, você foi apenas o meio, ela é só minha”, mas que não me impediu de vê-la às vezes nem recusou o que lhe dava, não que precisasse mas por delicadeza. Depois veio a época em que viajei para o exterior. Morei por doze anos na Europa e perdi o contato com ambas, o que impediu não só que eu me afeiçoasse à criança como a ela de me reconhecer como pai. Um dia chegou um telegrama: a mãe havia morrido desejando que eu cuidasse da menina “agora que não estou mais com ela”, então voltei... o que foi um erro, porque não a reconheci... e vê-la, àquela adolescente de catorze anos, com tanta beleza pudesse ter nessa idade, foi a miséria...

Capítulo 16: Em que foge à compreensão o
porquê daquele caixote oblongo,
e escapa a noção exata do
Paraíso.

Quando o levaram era como se não fosse ele, difícil aos quatro anos entender aquele caixote oblongo mais estreito numa das extremidades em que o via estendido de olhos fechados e maxilares duros (*ninguém percebeu, conversavam e ela veio pelo outro lado e chegando perto esticou a mão até o rosto de pedra que não lhe sentia os dedos nem as moscas que lhe pousavam na testa, nas faces, retirando por fim a mão e num sussurro dizendo “papai”, as pessoas reunidas em vários grupos, na sala, no quintal, sobre as flores que a mãe cuidava com tanto zelo e, achando que não a ouvira — naquele instante uma gargalhada estourou na porta, fazendo-a voltar-se num sobresalto e olhar com raiva os três homens que aí conversavam — chamou mais forte, “papai!”, mas ainda assim ele continuou em solene imobilidade, enigmático silêncio*), injusto naquela indiferença, “não gosta mais de mim”, porque a ignorava ali, não a ouvia, sem sorrir e sem abrir-lhe os braços como em todas as manhãs, e assim saiu da sala indo encontrar a mãe num banquinho no canto do fogão, de cabeça baixa, à beira do fogo como se fizesse frio, os olhos inchados conquanto não soubesse por que a mãe chorava, achando que ela e o pai estavam semelhantes agora pois sempre que se chegava até ela via-a ali, sem arredar-se do banquinho, entre os dedos um trapo velho que esgarçava sem parar, nem sequer dando por sua presença ou ouvindo-lhe o chamado, em certas ocasiões pousando-lhe uns olhos indefiníveis e ausentes como se não a reconhecesse, a única diferença o pai deitado imóvel e ela sentada e mexendo os dedos num trapinho retorcido, até chegar alguém que a tomava pela mão, “filhinha, não fala com a mamãe agora” e ela perguntava “por que o papai está naquele caixote e a mamãe não fala comigo?” e no dia em que um homem entrou pela porta não da sala como visita mas da cozinha assenhoreando-se de tudo como dono, olhando-a na cara ao sentar-se e pedir o almoço, as malas, numerosas, o dono da charrete que o trouxera empilhado-as na cozinha, e a mãe servindo-o solícita e atenciosa, aqueles olhos vermelhos a investigarem-na pela primeira vez na vida — e recorda-se ainda, essa uma época em que a mãe saía todas as semanas deixando-a menina de quase nove anos às vezes com

algum vizinho, às vezes só em casa, e saindo sempre com a melhor roupa, algum pó-de-arroz nas bochechas e ousando mesmo um discreto batom — e pela primeira vez tendo medo deles, e sentindo à pergunta “é a menina?” um receio que se acentuou e se converteu em gelo dentro do peito à resposta “sim, é minha filha, espero que goste dela”, ao que ele disse mordendo a coxa da galinha morta pela manhã “tem cara de idiota”, resposta que a mãe não ouviu ou fingiu não ouvir, abaixando-se para ela “filhinha, só Deus sabe o quanto tem sido difícil continuar só, e manter-nos, por isso trouxe esse homem bom para viver conosco”, “você casou com ele?”, e ela gaguejando “é tão difícil viver sem a presença de um homem que nos ajude” sem a menor desconfiança de que a partir de então haveria de se esfaltar para manter não só a si mesma e à filha mas também ao vício e ao apetite de lobo daquele traste a atormentá-las, impiedoso, pelos anos seguintes, ao invés de aliviar-lhes os sacrifícios aumentando-os três vezes, a começar pelas malas numerosas que levou para o quarto sem que ele pegasse uma sequer e sob sua supervisão desfazer todas, pôr cada coisa num lugar determinado, os livros surgindo e empilhando-se este aqui este também aquele ali esse outro lá, lavar e passar a maior parte das roupas, imundas, como era imundo o estranho de olhos faiscantes que ao sentar-se naquele canto da sala sob a janela tanto abria livros quanto garrafas, tanto lia em voz alta quanto exclamava palavras aos quais ela, a mãe, calava-se desde o dia em que tivera os lábios arrebetados por pedir-lhe que se controlasse, em pouco tempo arrependida mas impossibilitada de livrar-se dele, que o fedorento de olhos imensos jamais haveria de deixá-las em paz, não se afastando mais delas e daquela casa; no dia, portanto, em que ele chegou, claro ainda em sua memória o que a pessoa dissera: “ele agora está no céu, filhinha, mas de lá vai estar sempre vendo você e a mamãe, e não vai deixar que nada de mal lhes aconteça”, ao que voltando para junto do caixão olhou o pai não só imóvel duro e solene, não só as flores que enfeitavam o corpo, mas além de tudo isso o céu que imaginava embora não soubesse bem o que fosse, um campo muito verde com flores na relva entre as quais passeavam os anjos — ouvira uma vez alguém dizer que quem mora no céu é anjo —, e com eles seu pai, “será que ele virou anjo?” pensou, “não vai sentir saudades de mim e da mamãe?”, até que alguém depositou mais flores sobre o corpo e atraiu sua atenção, “meu pai agora é anjo?”, a resposta seguindo-se úmida de lágrimas a um abraço apertado, “sim, filha, agora ele é um anjo”, disto lembrando também no momento em que o rosto flutuava na obscuridade do quarto, depois (tudo já um tanto nítido à sua volta) a pensar na imensa mentira que

lhe pregaram no dia em que o pai morreu, que ele não poderia mais vê-las, quanto mais lembrar-se “nunca que ele sabe o que está acontecendo, nunca que sabe!” de protegê-las contra o mal.

E o levaram, apesar de ser como se não fosse ele, e só então Raquel de quatro anos e sem compreender aquele caixote e por que o pai, diferente do que fora antes de entrar nele, nele entrara, *(não que o tivesse visto entrar; vira só quando dois homens chegando de camionete o deixaram na sala partindo em seguida, e então correria ao encontro da mãe já no canto do fogão, os estalidos da lenha acesa dando àquele dia o mesmo tom de alegria rotineira dos outros, diferente apenas por aquelas pessoas da vizinhança terem resolvido visitá-las, todas, no mesmo dia, “e justo quando o papai não está querendo conversar; não é, mamãe?”* “*não é mamãe?”*

“*puseram um caixote comprido em cima da mesa da sala, mamãe!*” o fogo estalava na madeira seca e mais que nunca o dia era alegre, não o fosse e nenhum pássaro ousaria o canto de sempre, nem haveria sol, “*que está quente! Sai de perto do fogo, mamãe!*”, e a mãe ali, os dedos remexendo num trapo, esgarçando-o alheios a tudo, o olhar parado numa direção qualquer; até Raquel correr de volta à sala e deparar com o pai dentro do caixote, coberto de flores) chorou, e chorou não por sabê-lo morto, que não o sabia, não por sabê-lo no céu onde quer ou o que quer que fosse o céu, que também não o sabia, não por saber inútil esperar seu regresso ainda que o suspeitasse, mas porque ele partia sem ao menos ter-lhe sorrido como fazia todas as manhãs, embora não fosse manhã, senão um entardecer no qual as pessoas se retiravam arrastando na sala seus sapatos ruidosos atrás do caixote conduzido por meia dúzia de conhecidos, todos conversando mais ou menos baixo enquanto lá fora, a esmagar as flores de sua mãe — “mamãe, eles vão estragar seu jardim todo!... mamãe ” — outra camionete na qual o puseram manobrava, alguns seguindo viagem nela, outros em seus próprios carros ou tomando outras direções, a pé, a cavalo, de charrete, outros — as mulheres da vizinhança — ainda com elas, varrendo a sala, repondo os móveis em seu lugar, lavando a louça, atizando mais o fogo, “vamos ficar mais um pouco, vocês podem precisar de alguma coisa”, reorganizando a casa, Raquel a olhar tudo com os olhos úmidos e sem nada dizer, que uma tristeza a dominava agora porque em sua ausência nem falaram para a mãe que ele partia (“mamãe, eles o estão levando!”, “não diga nada, filha, sua mãe não está em condições”), solene em sua imobilidade, enigmático em seu silêncio.

Capítulo 17: Em que se encolhe o mundo ao redor do velho patriarca, amarga consideração sobre a velhice e o terror que infunde em alguns associados à fascinação de seu mistério; e se reflete sobre a reação da carne velha ante a carne nova.

Quando me ponho a observar as coisas e as pessoas, reflito sobre mistérios para os quais não ousa uma explicação, e se ousasse por certo me enganaria. Entretanto, conjecturando apenas, chego a conclusões dignas de nota.

Lembro-me de uma família que conheço desde pequeno, uma família pobre que visito com certa freqüência e me tem levado muitas vezes a prolongadas reflexões. Essa família é formada por um avô de quase noventa anos, pelo filho de cinquenta cuja mulher pariu uma dezena de filhos e filhas que, adultos e casados, seguem por aí fazendo novos filhos que hão de lhes acompanhar o passo.

Via-o então, ao avô, não mais como da vez em que, garoto, o encontrei de enxada na mão, já velho porém forte ainda, a consertar um trecho de caminho, ignorando o sol e o cansaço no movimento contínuo que imprimia à ferramenta, mas pelos cômodos da casa arrastando em silêncio não os chinelos nem os anos, mas algo que não sei bem o quê em sua lentidão — a mesma lentidão com que um dia me estendeu um retrato do seu tempo de moço ao lado da esposa e disse, a voz rouca, “olha o que o tempo faz com a gente” —, alguma coisa que não seria mais nem menos que o resumo de tudo que fora, fizera e vivera. Sua figura, creio, era mais triste devido à pobreza — pusessem-lhe boas roupas, bons sapatos, e talvez se disfarçasse a aparência miserável (mas disfarçava-se mesmo? Ou não? Não estaria vestindo, em vez de um disfarce, apenas uma patética fantasia?).

Quando saía de casa usava um terno preto e barato, o único que tivera talvez em toda a vida, guardado desde o casamento em sacos de plástico com bolinhas de naftalina (renovadas à medida que evaporavam — ele próprio evaporando como uma delas). Costumava levar também o guarda-chuva e um chapéu, de cuja cor não me lembro. Mas chegou a época em

que não pôde mais sair, e seu mundo encolheu reduzindo-se apenas a alguns cômodos da casa pelos quais, vagaroso e ultrapassado pela molecada em correria, carregava seu silêncio, não sei se indiferente à algazarra ou incomodado por ela embora eu me incline à primeira alternativa, esse velho também já em sua fase de introspecção e alheamento, pois a verdade é que vendo-o pensava-se que o mundo não representava mais nada para ele (— *Assim como me assusta a velhice, fascina-me o grande mistério que se processa no envelhecimento, quando a vida é menos que uma diminuta perspectiva do amanhã, concepção imprópria, entretanto, porque a vida, seja na infância ou na juventude, é sempre um diminuta perspectiva que se vê por um prisma falso. Não estou repetindo o ditado de que para morrer basta estar vivo, o que quero dizer é que só com a morte pode-se medir a extensão dessa perspectiva, seja aos dez, aos vinte ou aos noventa anos, porém com uma ligeira diferença: na velhice, quando tarda a morte, percebe-se essa extensão sem que seja preciso morrer; e não são os que vivem à nossa volta que a percebem mas nós mesmos, pois é a fase das grandes luzes e das grandes compreensões. Assim penso, e pensarei dessa forma aos oitenta anos, aos noventa ainda, porque mantendo-me lícido bastará que olhe para minhas mãos inseguras, que admire no espelho a escultura da idade em meu rosto, e perceba que as idéias já não fluem, e tarda o raciocínio, até que uma escuridão, não como esta mas por certo maior; que ainda não a da morte mas sem dúvida semelhante, comece a transformar-se numa perpétua noite cujos raros momentos de claridade nos atire a consciência do que sobra, o negro ridículo da caduquice, da última infância. Talvez esteja aí tão compenetrado de mim mesmo que o resto do mundo nem exista, não me perguntado pra que isso? por que aquilo? e assim sendo porque isso e aquilo não estão ali, e o que não está ali não existe e eu não sei de sua existência.*), talvez inexistisse em suas cogitações; e também o quintal, onde passava aquecendo-se ao sol — dizem que os velhos têm muito frio (“O sol nasce lá — apontava para o leste, o dedo lento e sábio, uma pausa incisiva em cada frase, em que a boca permanecia aberta, a velha dentadura branquejando à luz da tarde — e se põe lá — o dedo agora para o oeste — e torna a nascer lá — retornava o dedo para o leste, sentenciando sábio em sua ignorância: — É porque tem gente aí embaixo — e o dedo voltava-se para o chão, os olhos fixos (e certos) nos meus —, e os homens deviam descobrir isso!”) —, e vendo-o então di-lo-ia esquecido de tudo, embora não creia que houvesse esquecido e imagine o quanto lhe passava pela cabeça, uma infinidade de coisas (— *E o velho em sua caduquice não pensa em nada?* — e chegando à porta da cozinha o corpo da mulher encobre a pi-

*lastra em cuja linha irregular havia um tijolo saltado e além do qual, no curto instante em que um farelo de luar apareceu, dois galhos secos se sobrepu-
nham formando como que um acento circunflexo, e, de um relâmpago forte
seguido de um trovão que repercutiu não nos montes, não nos vales nem nas
paredes rachadas do casarão ou nos cômodos vazios cujos fantasmas se manti-
nham indiferentes, mas no oco do peito de cada um que ali se abrigava, recuou
um passo e, mais distante da porta, permaneceu olhando para fora, seu corpo
num tempo brevíssimo transformado em luz, o espaço em volta como carvão,
até que esse espaço pouco iluminado pelo farelo de luar permitiu outra vez
perceber-se o vulto quase diluído agora não no umbral mas recuado um passo
dele.*

— *Não sei o que possa pensar um velho caduca, desmiolado, mas creio
que nessa última infância o estado seja não o de uma criança mas o de um
animal primitivo, uma bactéria, uma simples lagarta de goiaba, um trilobite,
cujos únicos sinais de vida estejam no instinto. Mas na solidão da velhice quando o
cérebro se mantém perfeito, creio que o estado seja o de perplexidade não ape-
nas ante a ruína mas ante tudo que se converteu em ruína, um turbilhão, um
vórtice, um ciclone.), que sei eu!, que em minhas investigações não chego a
uma resposta. Quantas vezes o vi, branca ao sol a cabeça baixa e triste, a
olhar quem passava sem dizer nada e esfregando as mãos uma na outra,
movimentos reduzidos à vagareza, à quase inutilidade, no vislumbre de sua
época perdida mais do que em ver o que o cercava, revendo (com sauda-
de?) a terra, a natureza, o chão em que vivera, que vira sua juventude e a
tirara dele, ou talvez a quem ele sem o saber cedera ao longo dos seus quase
noventa anos, a saudade com certeza adquirindo um significado novo, não
aquela na qual reside a esperança de um regresso, mas a em que toda espe-
rança mudou-se na certeza de não haver mais volta, na resignação ao estado
de morte que domina a vida a certa altura, e assim olhando em volta de si
desconhecia tudo aquilo ainda em seu começo ou em seu eterno recomeço
enquanto ele agora na iminência do fim. Alguém passava-lhe rente, esten-
dia a mão, uma menina de quinze, dezesseis anos, depois deixava-o sozi-
nho.*

— Quem é essa?

— É a filha de “fulana” — respondiam.

— Aaahh...

E só.

Tivera diante de si a juventude, essa juventude intransferível que fica-
ra sabendo ser “a filha de fulana”, e então eu quisera saber o que matuta-

vam seus últimos neurônios diante daquele corpo jovem de mulher, se o remetiam a alguma época de ontem quando tinha outro corpo como aquele junto de si — o mesmo do retrato —, ou se se mantinham indiferentes, a carne já não importando porque vencida pela única verdade que existe, (— *Em sua seqüência os dias são como os degraus de uma escada que descem.*

— *E a história que me prometeu contar, do homem e a escada?*

— *A história... a história é outra, mas há qualquer coisa dela nisso.*

Em volta, nada... e diante de nós aquela escada interminável cujos degraus só podemos descer, descer. Voltando a cabeça vemos os outros degraus, infinitos, em curvas e espirais acima de nós, mas se tentamos voltar, ei-los que somem surgindo aqueles que devemos descer, sempre esses, sempre esses que descem e não sabemos para onde — apalpou o bolso, calando-se, como se fosse achar nele a caixa de fósforos que sabia não estar ali, embora não se lembrasse de onde a havia deixado, “se não caiu do bolso ficou no chão lá em cima. Ou não?”; mas que gostaria que estivesse ali por já tornar-se incômoda a escuridão. — A certa altura paramos nesses degraus porque alguém está neles, e em nossa perplexidade uma menina nos estende a mão, num cumprimento... Sou um velho, mas aos noventa anos eu as desejarei ainda com a mesma volúpia, que a quietude nos mantém sós mas ao se contemplar a ruína quer-se fugir dela. Entretanto, este não é um meio de fugir; porque não há como fugir. Vê-las e desejá-las e saber que o mundo agora é delas, não mais nosso, que o nosso está por esgotar-se...oh, é medonho, medonho!...) ou se ambicionavam não o corpo mas seu vigor e sua idade, ou se nada acrescentavam àquele “aaa-hh...”, voltando-se para si mesmo em sua insuficiência.

São observações que perturbam. Gostaria de pintar isso, mas como? Meus indomáveis apetrechos de pintura seriam infiéis a cores tão sombrias, por isso contentei-me em observar. Houve um dia em que o mundo do velho reduziu-se ainda mais, limitando-se ao espaço do quarto, menos, ao da cama dentro desse quarto na qual passou sua agonia, e então, lembrome, nada mais lhe importava, nem a terra que fora sua, nem a juventude, nem a velhice, nem a vida, mas apenas o ato simples e singular de morrer. E morreu, diminuindo o espaço para o estreiteza do caixão, e depois, pufff... uma bolinha de naftalina que evapora... e não se fala mais nele, quem está vivo esquece a morte rápido demais.

Capítulo 18: Que fala de uma monera pré-histórica e de uma epopéia que o próprio destino escreveu.

Escrita, aquela história, muito tempo antes talvez por uma monera casual com seu corpo indeciso a ondular nalgum lodo pré-arcaico, monera e lodo estes quem sabe fossilizados e dissecados e talvez expostos numa sala de museu em alguma parte do mundo, mas também por uma consciência que, deslocando-se não nesse lodo verde quase negro nem nessa monera ondulante mas além deles, escrevia sua epopéia fixa e imutável “sacando-a da manga” como mágica de salão; epopéia essa na qual se incluía aquela história específica que também não começara quando certo moleque maltrapilho corre (imagina-o, fugindo de algum obeso merceeiro, vastos bigodes pretos e avental sujo cuja intenção não era só recuperar o que lhe fora furtado, pouco, que um menino daquele não roubaria muito, mas recuperando-o segurá-lo, ao menino, por um braço e dar-lhe na cara e na boca até sangrar e ainda sacudi-lo aos gritos e atirá-lo no meio da rua e após isso, imagina-o ainda, mãos nos quadris, o tronco inclinado, soltar um palavrão e de volta à sua mercearia ajeitando as calças na cintura sorrir a uma freguesa bonita) na região do cais, num dos portos de Lisboa, sumindo-se entre estivadores e marinheiros e oficiais e fardos a serem carregados em algum navio e fardos descarregados de algum navio e ferros e cordames e cães à toa e gatos à procura do peixe que os pescadores ofereciam em seus cestos, saltando daqui pr’ali meio a cabeças e vozes e olhares (acostumados, imagina, a ver meninos como aquele com seus pequenos furtos se escondem ali mastigando — pôde ouvir o ruído da mastigação faminta — uma fruta ou um doce e chutar pedras soltas no chão ou pisar numa poça espirrando água em alguém por perto, muitas vezes como resposta a tal brincadeira um pescoção que o faria dar quatro ou cinco passos involuntários antes que os desse por vontade própria e não raro acabar estirado e meio tonto por terra entre uma gargalhada geral) e por fim, com passos furtivos, ei-lo viajante clandestino no porão de algum cargueiro rumo ao Brasil, descoberto ao roubar uma fruta na cozinha, já em alto-mar, livrando-se de uma surra porque podia muito bem esfregar o convés varrer o camarote do capitão agir na cozinha e só descansar à noite ao longo de meses cada dia uma cópia quase exata do anterior, uma cópia cansativa e infeliz até evadir-

se no porto do Rio de Janeiro onde continuaria com seus pequenos saques até tornar-se adulto e conhecer as barras grossas e resistentes de ferro da prisão, sombrio fedorento e exíguo o espaço para onde trataria de não retornar passando primeiro por um emprego num armarinho onde vendia agulhas, botões, linhas e os mais variados aviamentos e tratava os fregueses com o mesmo sorriso que jamais vira na boca do patrão, um patricio franzino, pálido, sumido atrás de uns óculos redondos e possuidor de uma verruga no lado esquerdo do nariz, de aspecto doentio e uma avareza neurótica (“Venho da miséria, comi a lama das ruas e se consegui juntar algum não é para eu agora distribuir à mancheias à populaça! Que façam o que eu fiz, se quiserem ter!”), policiando-o severo de olho em tudo que era vendido e conferindo ele próprio o que ia para a gaveta com todas as minúcias dos mil-réis dos vinténs e dos tostões nos trocos mais miúdos, o mesmo que atrasava até uma semana o pagamento e simulando medonho acesso de asma conseguia a proeza de pôr-se vermelho tossir minutos seguidos e lacrimejar com abundância ao ouvir sobre “a possibilidade de um aumento, patrão”, que não se casou para não ter de gastar com a família e não só por isso mas para não ter que comprar outra casa, vivendo nos fundos da loja, um beco para onde não se esquivando dos favores de alguma crioula em noturnas escapadas as conduzia com regularidade e a quem — espreitara-o um dia — remunerava com uma fatura surpreendente, abrindo não uma porém as duas mãos e o cofre (quando mais fartos e ardorosos os favores), e logo a seguir já trabalhando de ajudante numa padaria (até queimar a massa duas vezes e ser não demitido mas transferido de ocupação, cabendo-lhe as piores tarefas que cumpria no entanto sem reclamar lavando o soalho todas as manhãs antes de abrir e o forno duas vezes por semana e ainda ocupar-se do balcão nas horas em que não saía para entrega ou recebimento de encomendas) lembrava-se de como se imobilizara, pálido e mudo, ante a cara congestionada do patricio que, num abrir de olhos e um gaguejar cheio de perdigotos, berrou ANDASTE A ME ESPIONAR?!! ao aludir — e fizera-o com franqueza — a tamanha prodigalidade com quem não o ajudava a acumular, muito pelo contrário, e de como continuando imóvel se pusera a tremer, o sangue — sentia-o — fugindo-lhe das faces e não só das faces mas do próprio corpo ao segundo berro mais curto mais claro mais incisivo RUA! e ainda durante aquelas faxinas intermináveis por todo o estabelecimento, que o novo patrão, enquanto o outro tinha o vício da economia extrema, tinha este também e não menos extremo o de limpeza, ou durante as entregas indo daqui pr’ali e acolá por toda cidade num entra

recebe entrega paga anota volta e volta anota paga recebe entrega entra sai e volta sem fim sentia a mesma aflição ao se ver mais uma vez sem emprego sem comida desvalido e sem norte na rua, o que durou terríveis dois meses de fome e incerteza, e foi lembrando-se do velho avarento do seu minucioso conferir de trocos dos seus óculos redondos na cara miúda os quais via sempre no fundo escuro da loja refletindo a luz retangular da portinha estreita, lembrando-se também de sua verruga no lado do nariz e por fim dos seus berros furiosos, numa dessas entregas num lugar distante e qualquer da cidade, enjoada a tarde morna e a poeira das ruas ressecando os pulmões, que conhecera Marianinha Borba, quem de propósito ou não deixara cair uma trouxa de roupa suja aos seus pés fazendo-o virar-se ligeiro e muito tempo depois, muito tempo mesmo após tê-la diante de si no quarto ensangüentada e nua e dar consigo mesmo empunhando uma faca, respingado de sangue (e mesmo nesse momento), meio louco cravando-a outra vez no corpo sem vida, e ao correr para o outro quarto tropeçar no corpo do sujeito estirado no corredor — a quem antes de matar cortara os “ovos” —, pegar a filha e sumir noite adentro, lembrava-se com ternura desse encontro em que um sorria para o outro, ele encabulado e oferecendo ajuda, ela no vigor dos seus vinte anos corpo volumoso braços roliços e pernas que adivinhava dois pilares num templo de noturnos e safados rituais olhos azuis e cabelos loura oculta na touca e a graça do seu sorriso aceitando a oferta e dizendo é só até a outra rua muito agradecida a trouxa tá pesada, momento a partir do qual acumular uma quantia se não razoável pelo menos sofrível foi questão de meses redobrando esforços e fazendo bicos até dez ou onze da noite sem descanso de sábado domingo e feriado, alugar uma casa questão de procurar bem e casar-se com ela Marianinha questão de amor, um amor que o deixara cego no começo (e ao sumir noite adentro com a filha nos braços pensava nessa cegueira, chegando mesmo a duvidar se aquela menina seria sua de fato, e ainda ao vê-la crescer perguntava-se se era sua, e até na hora da morte em pleno sertão num estado distante onde, refugiando-se da polícia que devia procurá-lo por todas as capitais não se podia refugiar do imprevisto, terminou seu prazo varado de balas por saltadores ou cangaceiros, lembrando que morria e deixava só a filha de 15 anos, indagava-se se ela era mesmo sua filha) e que lhe permitindo ver depois obrigava-o ainda a duvidar pois não é possível, não é possível!, até que enfim não se acabando nem diminuindo, menos ainda transformando-se em ódio mas permanecendo o mesmo e por esta razão a perpetuar-se puro e sagrado e seu e de ninguém mais obrigou-o a fazer aquilo usando a e-

norme faca de cortar carne que até nessa hora cumpriu sua função, porque morta ela não macularia mais seu amor e assim permaneceriam ligados senão na carne pelo menos na lembrança, amor que não se diluiu nem mesmo quando agonizou toda a noite sentindo o sangue fugir-lhe — de verdade, então — através dos buracos das balas, mesmo nesses instantes finais coexistindo como coexistira desde doze anos antes com a dúvida (dúvida esta que não o querendo tivera de passar para a filha, a quem, apesar de tudo, amava, não amando nela o que fora a mãe, amando-a por si, por tê-la criado, e o fizera porque ao longo dos doze anos seguintes não cessaram as perguntas, não se calaram as súplicas e as exigências de um porquê naquela cabecinha, e pelo resto da vida a imagem do pai enlouquecido a cortar o saco do “titio” degolando-o depois e picando a mãe como quem pica uma batata, nua sobre a cama, vestida de sangue), apagando-se ambos, amor e dúvida, antes do amanhecer, o corpo por volta das oito horas encontrado e sepultado às cinco da tarde do mesmo dia e, a menina, a mesma cuja filha tempos depois de sua morte fora arrastada a um estábulo por três decididos pares de mãos...

Capítulo 19: De como chegaram ao casarão e uma frase colhida ao acaso se fixa a tal ponto na memória que a velha não mais se esqueceu dela.

Estava ali o negro outra vez, abrindo os olhos via-o sentado no canto junto à parede, do outro lado do salão, confundido nas sombras e movendo os lábios ainda que não atinasse com suas palavras, a voz distante como as outras, que tudo nesse momento — mais um desses momentos em que despertava para o mundo e o sentia nítido à sua volta — não etéreo e nebuloso como aquele em que submergia no mais das vezes, quem a olhasse vendo só uma velha oscilando entre a lucidez e a caduquice como um pêndulo sobre o abismo, ora lado de lá, ora do lado de cá, indo e vindo, indo e vindo até ir e não voltar, e quem a olhasse então vendo só uma velha “do lado de lá”, de tudo esquecida mas quem sabe que universos contemplando com os olhos parados, que luzes e cores formando-se nessas retinas exaustas e meio opacas, antes da escuridão absoluta que se faria de repente; que tudo, pois, nesse momento, conquanto sentisse o mundo outra vez nítido e concreto, parecia sempre distante (*Havia fechado as janelas do carro para que a poeira, essa mesma poeira que menos de uma hora depois se transformaria em lama no chão, dela purificados o ar e as plantas raquíticas e amarelentas da beira da estrada, não entrasse em nuvens espessas e abundantes, e guiava sem pressa evitando as costelas e os buracos da estrada, quando na luminosidade indecisa do entardecer surgiram os vultos ao longe. “Carona?”; e as duas entraram, uma das quais não teria ainda quarenta anos enquanto a outra passava dos setenta e, mesmo que a idade não fosse para tanto, quase de todo caduca, ambas empoeiradas e exaustas murmurando um agradecimento seguido de um arquejar de cansaço.*), custando-lhe entender o que diziam e só após alguns segundos de esforço lembrando que se abrigaram ali ao anoitecer, quando uma chuva anunciava-se forte, porque o carro que lhes dera carona parou de repente e uma voz disse: “Furou um pneu e não tenho estepe” e a filha perguntou “e agora?” (*Em algum momento muito antes que o carro parasse ouvira a voz da filha explicando: “Íamos pernoitar na casa de uns conhecidos, só amanhã tentaria fazer meu carro pegar. Mas já que o senhor nos leva para a cidade, é muito melhor”,*

e o homem disse alguma coisa e a filha respondeu e eles continuaram conversando e ela já não se lembrava mais...) e ele disse alguma coisa sobre chuva e casa abandonada, clara a voz da filha “É o melhor, ficar no carro é perigoso e não há nenhuma outra casa há dezenas de quilômetros”, o carro arrastando-se devagar para fora da estrada numa ruazinha cheia de mato para, após a curva, deparar com o casarão, a chuva com efeito começando em pingos grossos e pesados como se trouxesse a noite consigo, o cheiro de terra molhada não a suplantou o outro cheiro, o que não esquecia apesar do tempo incontável, o cheiro de estábulo e mijo de cavalo, cheiro do suor de três homens que não só a arrastaram e se puseram nela com força como a lançaram numa dúvida que coexistiria consigo enquanto vivesse, não, mas a suavizar-lhe a lembrança, e entraram, o toró despencando em seguida e já havendo alguém lá...; ao longe os trovões com seus estrondos e suas luzes pareciam falar “a chuva continua!” e, de olhos abertos, percebia estar ainda no mesmo salão atulhado de coisas velhas; aquelas, as mesmas pessoas, compreendendo por fim — o negro a mexer os lábios de novo mas, outras vozes interferindo, não lhe entendia as palavras — que a noite não acabara ainda.

Imóvel na varanda admirando a força com que as águas desciam e as rajadas de vento davam nas árvores, nos arbustos, nas folhagens, e, ainda não muito frio, agitavam-lhe a saia, quando de repente o homem atirou-se como bala na chuva sumindo-se dentro do carro e da noite (mal entrevia o carro, não tardou a escuridão fazer-se completa) — *a filha pegou-a pelo braço, “está frio aqui fora, mamãe, venha para dentro” e a conduziu até a poltrona enquanto o rapaz parecia fechar a mala que ao entrar estava aberta, comentando “fiz bem em vir para cá, a chuva cai com vontade” ao que a filha perguntou “que está fazendo neste lugar? Não há nenhuma casa a quilômetros daqui”, e o rapaz disse “vim passear” e, a título de uma explicação a que não estaria disposto, o que a filha ajudando-a a acomodar-se entendeu, não insistindo com novas perguntas, acrescentou “gosto de caminhar” e sorriu; agradando-se dele porque nunca um moço lhe sorrisse assim — e estava bem certa de que o sorriso era para ela, de que a olhara ao sorrir — enquanto pensava que os moços nunca sorriam para os velhos (— É preciso tirar estes sacos daqui! — ouvira alguém dizer a certa hora daquele dia embora não conseguisse situá-la no tempo nem recordar-lhe as circunstâncias, somente a voz clara e forte de homem falando a alguém em tom de advertência, alguém um pouco distante que teria respondido alguma coisa sem que ela entendesse, só a voz ressoando em seus ouvidos como se não fosse mais deixá-los, sem se preocupar em saber por que se lembrava sempre dela: — É preciso tirar estes sacos da-*

quil!), *pelo menos a maioria dos moços, e como esfriasse muito agora, acomodada na poltrona, encolheu-se (a chuva a noite as vozes se afastando) e alheou-se* — para voltar menos de cinco minutos depois carregado de trouxas, viu-o, que os passos a arrancaram do lado de lá outra vez, “são cobertores que levava para um orfanato, explicou o homem, hão de nos servir agora”, e desfazendo a trouxa passou um cobertor à filha que a cobriu, o rapaz simpático embrulhando-se numa colcha de retalhos, “eu ajudo a cuidar dele”, e pôde ver então que ele a filha e o homem embrulhavam algo ou alguém naquele canto...

— O que há aí? — perguntou esticando o pescoço.

— Alguém doente que já estava aqui quando cheguei — disse o rapaz acercando-se dela —, parece ter febre.

— Trouxe algumas velas e fósforos também — disse o homem — mas o único remédio que tenho é este — mostrou um vidrinho —, um antitérmico. Só podemos tratá-lo com isto, e com isto — ergueu um objeto escuro e retangular semelhante a um livro.

As vozes de novo se distanciavam, não que adormecesse mas porque submergisse do lado de lá, notando vagos movimentos à sua volta, encolhida e quente sob o cobertor, o mundo diluindo-se, diluindo-se,

d i l u i n d o - s e

(— *Encontrei-o quando cheguei — amparava a cabeça enquanto o homem o enrolava com os cobertores. O doente, as faces vermelhas quentes e secas, exalava um cheiro desagradável de suor e, murmurando palavras incompreensíveis, um hálito abrasante de febre.*

— Pode estar aqui já há muitos dias nesse estado — disse o homem.

— Tem muita febre — a mulher acabara de pingar numa colher com água algumas gotas do remédio. — Isto talvez dê algum alívio.

— Não sei não — disse o homem —, ele não está nada bem, diria mesmo que não chega até amanhã.

— Será? — disse o rapaz.

— Pode-se ter alguma esperança...

— Dizem que é a última que morre — sorriu a mulher; fingindo-se menos tensa.

— Esperança no Senhor — disse o homem, pensativo, concentrando nas palavras toda sua capacidade de apreensão para nada lhe escapar de seu significado, como se buscasse compreender bem o que representa esperar no Senhor — ... como se Ele fosse falar comigo hoje... como se eu quase pudesse afirmar isso...

A mulher, abaixando-se, verteu aos poucos o remédio na boca do doente que engoliu, ávido — “Tinha sede, disse ela, é preciso dar-lhe mais água” — e o homem terminou de ajeitar-lhe as cobertas em volta do corpo.)

...entrando quase ao mesmo tempo, primeiro as duas mulheres, uma das quais não se limitando aos impropérios à chuva e à noite, mas lançando-os contra a própria companheira que por sua vez não respondia, quieta, encostada numa das paredes, tímida diante dos outros, visível a aversão que lhe causavam as palavras e os gestos da outra, falando alto e sacudindo os cabelos enquanto tirava do bolso da blusa um espelhinho e um batom com o qual, após secar o rosto com a própria blusa, recompôs a forma e a cor dos lábios, detendo-se na figura carcomida da velha e em seguida dirigindo-se ao homem e à mulher que, à mesa, liam a Bíblia e lhe responderam com uns poucos monossílabos, voltando indiferentes à leitura, até dar com o vulto esticado no canto e outra vez inquirir a ambos, indo até a porta para encarar a noite e a chuva e xingar outra vez a companheira a quem atribuía toda a culpa de estarem ali naquela situação, voltando-se para ela sem encontrá-la, que se lhe esquivara indo parar numa varandinha onde, um minuto mais tarde, o rapaz da colcha de retalhos também apareceu indo sentar-se numa cadeira de balanço que, no seu movimento vagaroso de vaivém, rangia suave na escuridão, e com quem mais ouvindo que falando entrara a conversar (*“Para que falar quando nada sabemos dizer de importante? Não é melhor* (*“Calem-se ambas! Não suporto ouvir asneiras de mulheres!”*, do canto provindo não só os gritos e o fedor de álcool e suor, e não só a imagem sombria e imóvel — só a boca movendo-se, às vezes a cabeça, às vezes o espasmo de um soluço — e o olhar vermelho como brasa, mas a própria ameaça viva e latente contida no conjunto formado por esses sinais) *que fiquemos calados?”*, *Ed pedindo às vezes “diga alguma coisa, fale-me de você”, sem conseguir que ela se decidisse.*), não sem que fossem interrompidos algumas vezes pela outra que acabara por descobri-los ali, formando da situação um idéia bastante diferente da realidade; depois o moço claro e o homem de barba, sem que houvesse um intervalo maior que dois minutos entre a chegada de um e outro, ambos bastante molhados, o primeiro de início aborrecido pela presença dos estranhos mas, logo, satisfeito por não estar só, no rosto sinais claros de preocupação além de um certo medo, que se sentou em sua cadeira e ali permaneceu a maior parte do tempo até sentir-se um tanto mais à vontade e enfim dar-se a conhecer...; o segundo, com maneiras brutas e vez por outra algum xingamento (*“Esta porra desta carta devia ter saído antes”* rosnava baixo vez por outra), apanhou sem cerimônia uma vela sobre a mesa e uma

lata, e pondo-a diante de si no chão tirou do bolso um maço de cartas com que passou a jogar paciência sem se importar com os outros, nem mesmo com a mulher de batom que, vendo-os chegar, correrá lá dentro, como ainda faria duas vezes mais naquela noite, e arrastara uma outra mulher bem mais jovem mostrando-os e cochichando-lhe no ouvido, não sem notar com um sorriso mau nos lábios que a outra logo se desvencilhava e fugia; e por fim, após um ronco próximo de motor, um silêncio e o ruído de um tropel na varanda, o velho entrou embrulhado num casacão do qual se desfez atirando-o para um canto — pois apesar de vestir apenas bermuda e uma fina camisa de malha não demonstrava estar com frio —, e disse “boa noite, senhores! Com esse tempo não sou capaz de me aventurar pela serra”; e essas entradas sucessivas de pessoas, com seus ruidosos tropéis e palavrórios, tiravam-na de seu alheamento para notar que ainda era noite, chovia e todos continuavam ali, para a cada vez voltar ao seu mundo quase definitivo, perseguindo-a, no entanto, aquela voz que não situava em momento algum do dia anterior: “É preciso tirar estes sacos daqui!”

Capítulo 20: Do aspecto do doente e sua cantilena monótona enquanto uma sombra assusta a prostituta e o escritor na cozinha velha, e um menino sonha que outro menino poderia estar ali, mas não está...

Quando de repente ele se levanta ali no canto desembrulhando-se dos seus cobertores e exibindo não apenas sua cabeça, a sujeira e a magreza de quem por certo se escondera muitos dias sem comer nem beber e outras tantas noites de febre a encolher-se de frio e nas quais revolteavam além do silêncio e da inconsciência a própria inconsciência e o próprio silêncio e algum gemido, ou suas roupas encardidas e rasgadas através de cujos buracos viam-se a finura das pernas e dos braços e ainda o nítido e geométrico paralelismo das costelas sob a pele, mas tudo que no conjunto dos detalhes podia receber o nome de miséria; e levantou-se para espanto geral mantendo-se de pé por uns dez segundos ou pouco mais, oscilando como tronco ressequido ao vento seguro pelas raízes frouxas que ameaçam romper-se, no rosto suado o reflexo amarelo da luz das velas e os olhos vermelhos, imensos, girando nas órbitas incapazes de se aperceberem do que viam, ensaiando depois um passo que não conseguiu dar e ao qual teria desabado sobre a poltrona onde a velha dormia se mãos decididas agindo com rapidez não o sustivessem fazendo-o deitar-se outra vez *(Puderam observar a sombra no meio dos arbustos, uma sombra tão densa e tão negra que se diria integrar a noite e tão silenciosa que incorpórea, salvo ao mover-se, pois roçou nos galhos produzindo um ruído característico*

O que é aquilo?

e logo desapareceu, ao que se fez baldado qualquer esforço para vencer a escuridão e adivinhar em que ponto aquela massa mais negra estava, se mais perto ou mais longe ou se acaso mantivera a mesma distância, esforço esse que, inútil embora, passara a ocupá-los

Não sei, ele respondeu, não sei o que pode ser e não dá nenhum relâmpago agora pra que se possa saber ao certo.

a ela porque tremia não de frio mas de medo, a ele devido à curiosidade

Mas talvez seja uma vaca, ou coisa parecida.

Estou com medo e não creio que seja vaca nenhuma. É melhor voltarmos lá para cima.

que se aguçou quando um roçar de galhos indicou que o que quer que fosse estava agora mais perto, rumando com passos lentos mas certos em sua direção não como quem sabe aonde vai mas como quem sabe onde deve chegar; até que Heitor julgou ver a mancha uma vez mais e uma vez mais dar-se conta de que ela sumira e tudo recair por um largo quarto de hora na mais profunda quietude, apenas os ruídos da chuva

A coisa pode estar aí fora e não sabemos o que é. É melhor irmos lá para cima.

*e do vento sacudindo os arbustos vez por outra, que o temporal estava em uma de suas fases de trégua, parecendo descansar; tomar fôlego para cair depois — como aconteceu de fato — com mais força, para, um segundo antes ouvindo-se um ligeiro rumor junto à porta preceder o grito que abalou a noite — mas que, todavia, não foi muito longe dentro da chuva —, um segundo depois surgir no umbral da porta a mancha negra, que se projetou para fora nem de longe imaginando o susto que causara mas ela própria assustada com o berro, e por fim se darem conta de seu engano: o grito era da mulher; um grito humano comum ao qual bem podia ela, a mancha, estar habituada, e ela, a mancha, não mais que um cavalo que por ali buscava um canto seco para dormir;) e, enrolando-o de novo nos cobertores, lhe secassem o rosto porejado de suor, fechando-se os olhos um momento antes abertos para o nada porque nada viam a não ser imagens confusas à luz esparzida pelas chamas mínimas das velas, vultos semi-iluminados em quase trevas, vultos fluidos irreconhecíveis e semelhantes a lêmures saídos de dentro de sua própria cabeça desordenada e em pane, que não obstante tentava articular uma idéia e traduzi-la em palavras emitidas qual estranha cantilena nalguma língua arcaica e morta, uma língua, contudo, nem morta nem arcaica ainda que outro significado não tivesse que o de doença febre alta e delírio, de fome fraqueza e dor e só essas idéias traduzisse através não dos próprios sons mas da imagem de quem a emiti-los que tudo fosse explicado e a extensão de tudo se abrangesse de uma só e atenta olhada (*Queria que ele estivesse aqui e eu lhe mostraria a chuva dizendo sol e chuva casamento de viúva, e apontaria para fora olhando pela janela, e quando ele chegasse à janela para ver ficaríamos olhando juntos, esperando estiar para podermos ir embora para casa, e se não passar? ele perguntaria, os olhos ansiosos grudados nos meus, não sem razão porque a chuva estaria engrossando e era já qua-**

se noite e o sol não demorava pôr-se, mas eu não me deixaria intimidar dizendo não se preocupe, se não passar a gente fica aqui, este rancho não me parece seguro, está tão esburacado que o vento pode entrar e daí vai fazer muito frio quando anoitecer; então lhe acariciava o rosto e dizia comigo você não precisa ter medo e pegando-o pela mão acrescentava venha e ele me acompanhava até o monte de capim seco, sente-se aqui também dizia caindo no capim e ele se punha ao meu lado, e eu lhe passava o braço pelos ombros aconchegando-o ao meu corpo, se fizer frio podemos ficar bem assim, mas vai estar escuro, continuaremos juntos, não precisa ter medo, ouviu?, e ainda abraçando-o tomava-lhe as mãos, sabe quem morou neste rancho?, quem?, um velho de nome Ciro, era preto e dizem que macumbeiro também, ele arregalava os olhos mas eu ria e afirmava-lhe que não precisava ter medo, e contava a história do antigo morador daqui, Ciro morou aqui muito tempo, ninguém sabe de onde ele veio, dizem que apareceu rapazola ainda, fez este rancho e viveu a vida toda nele, trabalhava para uns e outros, até bem velho trabalhava, depois já muito velho o pessoal do lugar começou a mantê-lo com alimento e roupas usadas, até cobertores traziam, enquanto ele passava os dias ouvindo seu radinho de pilha, sempre aqui, só às vezes dando um passeio pela casa das pessoas, todo mundo o recebia e tratava bem porque tinha medo das suas bruxarias, e você o viu alguma vez?, vi, ia às vezes lá em casa e ficava muito tempo conversando com meu pai, e ele fazia bruxaria mesmo?, todos juram que sim, mas sabe que eu não acredito? Comigo ele era muito bonzinho e contava muitas histórias do tempo antigo, de sua juventude, e ele morreu?, um dia vieram trazer mantimentos para ele e o encontraram perto do fogão, caído, ali no canto, vê?, estava morto. Dizem que tinha cem anos, mas nunca caducou nem adoeceu, morreu de pura velhice. Dizem por aí que ele tinha um pacto com o diabo, daria a alma em troca de viver muitos anos e nunca adoecer. Mas não acredito, é pura besteira dessa gente daqui, e aí?, aí enterraram ele e acabou-se a história, sacudia-o brincando e ria, mas ele, sério, baixava os olhos para as mãos que eu segurava apertando com carinho, que foi?, perguntava, mas ele apenas dava de ombros, e eu sentia o movimento e o calor suave que emanava de seu corpo, e baixava a cabeça roçando-lhe a face com a minha face...

Mas ele não está aqui, e também a chuva já vai passando...), cantilena essa interrompida pela colher de remédio “a febre parece ter subido, meu Deus, não quer ceder” que outras mãos houveram preparado derramando na concavidade da colher um pouco de água e algumas gotas do vidrinho “oh, Senhor, imensa é a certeza de que tu te hás de manifestar, mas tu tardas, Senhor, tu tardas!” que, no entanto, parecia não surtir efeito, e o lenço

úmido voltava a percorrer as faces e a testa em fogo numa tentativa improfícua de refrescar por fora o corpo enquanto se derramava na boca (teimando em sua cantilena) um pouco mais de água que o refrescasse por dentro “e só dispomos desse remédio, não há outro, enquanto esta é uma febre que não baixa, que se recusa a baixar, meu Deus, porque não é uma febre qualquer...” cujo efeito não parecia melhor que o do remédio, um gole a descer a garganta e outro queixo abaixo, o lenço secando o queixo e o pescoço, até voltar o copo com água à boca e a outra mão sustendo a cabeça mais alto para evitar que mais água se derramasse pelo pescoço, e por fim a cabeça repousando no volume de panos que servia de travesseiro “há um outro remédio, não um remédio mas quem possa concedê-lo, ainda que não um remédio comum de farmácia... E eu espero a cada momento porque, se assim não fosse, se eu não pudesse mais esperar, ou se não ousasse mais esperar, não seria então que a fé reconquistada ter-me-ia escapado outra vez, e então para sempre? E não é isto — e Tu o sabes, Tu, que tudo sabes — que busco evitar, que tento evitar reunindo forças pouco a pouco nas horas intermináveis em que me tenho mantido de joelhos com o rosto ao pó diante de Ti?”, tranqüila e adormecida, em que os olhos da mulher que lia a Bíblia e do pastor deixaram-se pensativos por longo tempo além dos traços deformados pelo mal, num alheamento absoluto em que se esqueceram de tudo, até mesmo da própria existência para retornarem à realidade não de repente, nem devagar, mas de forma natural olhando-se com certo pasmo, sorrindo resignados e voltando ambos aos seus lugares e à Bíblia que permanecera aberta sobre a mesa.

Capítulo 21: Não só da singular história d'O Homem e a Escada, mas em que se fala de uma maldade e da chance inopinada de realizar-se um antigo amor, e ainda sobre o afundamento de um degrau que se quebra.

Dizendo
...vai na frente eu subo depois
os passos dela nos degraus que rangiam sob o peso um dos degraus com um rangido mais longo e agudo e um quase inaudível estalo e ele esperando embaixo após ter dito

estava nua à beira da piscina num dia em que fingi sair mas retornei não sem antes ter de propósito dado folga à criadagem fui para o segundo andar e me escondi atrás das cortinas espiando-a pela janela com ímpetos de descer as escadas e atirar-me sobre aquele corpo ao vê-la tirar a roupa julgando-se só e deitar-se ao sol e imaginava se haveria um jeito de apossar-me dele não que eu não soubesse o que significava isso mas disposto a usar de quaisquer recursos para consegui-lo até eu me afastar dali e sair de casa de fato à procura de algum alívio e foi uma das poucas vezes que voltei bêbado de madrugada dormindo sujo e fedorento no sofá para ser acordado por ela na manhã seguinte e causar espanto aos criados que nunca me viam assim

antes porém vindo no escuro às apalpadelas (indagava-se o que fizera dos fósforos) pelo corredor (tropeçaram na porta caída) quando ele parou segurando-a por um braço da mesma forma como parara dez passos atrás e a segurava pelo braço dizendo

eu disse que lhe contaria a história d'O Homem e a Escada então ouça

e contara aquela história estranha que não ele mas a avó cinquenta anos antes inventara entre lãs e flanelas em sua cadeira favorita para divertir um menino numa tarde de inverno

{e entre suas lãs e flanelas a avó anunciou ao menino a história d'O Homem e a Escada: "Aconteceu há muito tempo numa pequena ilha cujo nome não me recordo, habitada por um povo não muito numeroso e bastante pobre

que vivia da pesca e do artesanato, que comerciava nos portos estrangeiros. Nessa ilha não havia ruas largas nem grandes prédios como nas cidades, as pessoas transitavam a pé ou em carroças pelas ruas estreitas e sem calçamento, e moravam em casas pequenas, de aspecto tristonho, com seus telhados recobertos por musgos, janelas desbotadas e paredes encardidas. A casa mais bonita era a do governador, que andava de coche. Mas duas vezes por semana o porto se enchia de gente, ora na partida do cargueiro levando peixe e artesanato para as cidades costeiras, ora no regresso, os pescadores e os artesãos de volta com suas compras, suas encomendas e o dinheiro obtido na venda de suas mercadorias. No meio desse povo pobre vivia Janus, um homem talvez mais pobre que todos os outros, que morava sozinho num casebre distante e não era bem visto pelos habitantes do lugar que, em suas crendices, lhe atribuíam uns a qualidade de feiticeiro, outros a pecha de doido, e ainda outros de ambas as coisas. Não era um estranho porque nascera ali e ali se criara, mas diferente dos outros meninos jamais havia brincado com eles na infância e depois de grande, quando já não tinha nenhum parente próximo, os distantes distanciando-se mais e evitando-o receosos ou de suas bruxarias ou de suas loucuras, isolou-se quase por completo, de raro em raro falando com ou procurando alguém, visto apenas ao embarcar no cargueiro com suas mercadorias ou na volta com suas compras, no mais das vezes nunca deixando sua casa. Nessa ilha as pessoas sempre dormiam cedo, mas quem passasse por perto da casa de Janus altas horas veria frestas de luz na janela, e alguém mais afoito olhando numa noite por uma dessas frestas espalhou pela ilha no dia seguinte que o vira lendo livros de bruxaria e que seu rosto adotava uma expressão satânica. Houve ocasiões também em que Janus fora encontrado vagando de madrugada pelos campos desertos a olhar para o céu, o que fez despertar no meio dos moradores os mais controvertidos comentários, uns dizendo que estava cada vez mais louco, outros que se tratava de rituais antigos de magia negra, outros que ele se dispunha nessas horas a encontrar e falar aos demônios com quem lidava e sobre os quais lia em seus livros. Mas Janus nem sequer suspeitava de tais comentários, era de natureza quieto e meditativo, ocupado com suas reflexões e o estudo dos livros que se multiplicavam nas estantes que ele mesmo fabricava com sobras de tábuas, e se em pequeno abandonava as reinações com os outros era pelo mesmo motivo que depois de adulto isolara-se em seu casebre: dividir com sabedoria o tempo entre o trabalho, necessário para sobreviver; e a leitura que o absorvia mais que quaisquer outros lazeres. Com apenas vinte anos tinha o ar grave e introspectivo dos sábios, e na testa rugas de uma preocupação singular: a preocupação constante diante dos mistérios que se ergui-

am como largas paredes, as quais precisava ultrapassar: Janus queria conhecer tudo, e certa vez ouvindo numa igreja do continente um sacerdote falar sobre a Árvore da Ciência do Bem e do Mal concluiu que comer dessa árvore trazia o conhecimento mas limitava as possibilidades de alcançá-lo em sua plenitude, e não comer tornava o homem ilimitado mas ignorante; Adão comeu, o que o levou a morrer; não comesse, e morreria também porque ignorar é estar morto para aquilo que se ignora, e ignorar tudo é estar absolutamente morto. Aos trinta anos já devassara boa parte da filosofia e da ciência, aos trinta e cinco toda religião, para chegar aos quarenta um sábio, no entanto obscuro e desconhecido, tachado de louco e de feiticeiro — e, o que é pior, insatisfeito com o conhecimento adquirido, insuficiente para responder as grandes e obscuras questões que se propunha. Foi quando numa de suas viagens para o continente encontrou um velho marinheiro chinês que, meio embriagado, suplicou-lhe uma garrafa de aguardente alegando para isso que o soldo havia atrasado e ele ficara, portanto, sem poder comprar o que quer que fosse. E assim Janus pela primeira vez na vida sentou-se num bar e bebeu com um companheiro até embriagar-se, ouvindo-o falar de algo perturbador: ‘A nós, amigo, disse ele já muito tonto, que não buscamos os degraus da sabedoria, só nos resta levar nossa vida assim’, e Janus, cabeceando, perguntou ‘e o que são esses degraus, seu chinês maldito?’, ao que o chinês respondeu ‘conta uma lenda antiga que no meu país, em algum ponto impreciso entre os montes de Ho-Nan, se encontra uma escadaria que leva a um poço profundo e os que logram chegar a esse poço são premiados com toda a sabedoria universo. Conta a lenda que muitos se aventuraram pela escada, mas nenhum voltou; outros, porém, afirmam que uns poucos voltaram, mas modificados, e ainda outros dizem que uns sempre voltam, outros não... Ora, tolice, mas se tivéssemos tanta sabedoria não precisaríamos estar aqui, não é mesmo?, hê-hê-hê...’ Desta vez Janus não voltou ao seu casebre na ilhazinha, causando surpresa aos que sempre esperavam vê-lo de volta carregado de embrulhos, que diziam conter os mais disparatados petrechos de bruxaria ou os mais absurdos livros de magia negra. Um ano depois, como ele não voltasse, abriram seu casebre e ao invés de ossos, caveiras, velas negras e vermelhas, e toda sorte de instrumentos destinados a rituais, encontraram, para seu desapontamento, uns livros de filosofia, religião e ciência. Trinta anos depois só os mais velhos se lembravam de Janus, as novas gerações nem ao menos ouviam sobre ele ou se ouviam não ligavam a menor importância, e em cinqüenta estava esquecido. Entretanto, o que fora feito de Janus?” — e a velhota esfregou as mãos uma na outra resmungando alguma praga contra o frio e recompondo a manta de lã em volta dos ombros,

o menino de olhos ansiosos esperando pela conclusão da história. A avó deu uma risadinha e disse: “Agora é que vem o melhor. Preste atenção !” Fez um silêncio cheio de suspense durante o qual o menino se remexeu impaciente, e continuou: “Janus, ouvindo a história do chinês, não hesitou: na madrugada seguinte o cargueiro rumava de volta ao oriente e Janus ia nele. Ia tão convicto e decidido que não se arrependeria quando enfrentou um naufrágio no qual só não perdeu a roupa que usava e teve de suportar dois dias no mar agarrado a um pedaço de mastro antes que o socorressem, nem quando faminto teve de esfregar o soalho de uma pensão situada perto do cais, num beco sujíssimo e escuro em troca de comida e alguma roupa, nem ao se ver forçado a continuar esfregando esse chão e servindo esses fregueses que apareciam a qualquer hora do dia ou da noite, com poucas horas diárias de descanso e isto por não ter como voltar nem como ir adiante, e nada mais descobrindo sobre a escada, ainda que sondasse por todos os recantos e perguntasse sobre a lenda a quantos aparecessem para comer e beber. Até uma noite em que um homem entrou, pediu aguardente e Janus viu que ele tinha olhos profundos. —

[Não havia ódio naquele rosto, é certo que não havia a não ser algumas lágrimas sem soluço e uma dor tímida, mesmo um minuto antes quando, ao cair, buscara-lhe nos olhos uma explicação para aquilo, não que houvesse dito então “por que fez isso?” (*— Por que você fez isso? — perguntou só depois, a voz triste, não trêmula, porquanto houvera lágrimas, não choro.*)], mas a pergunta apenas nessa quieta investigação, no rosto do outro não mais que a seriedade com que se impunha, inexplicada como o pontapé que lhe dera no lado da coxa, tão forte que o fizera cair pondo a mão sobre o ponto magoado (*de longe, o gesto imperativo para que o esperasse, esperando-o então como sempre mas sabendo o que podia acontecer*), não, não havia ódio nem mesmo ao vê-lo de pé ao seu lado, maior, um ano mais velho, mais forte, sem demonstrar arrependimento por ter-lhe batido com força, não que aquela fosse a primeira vez e ele ignorasse não haver arrependimento, que se não lhe batia aprontava alguma para feri-lo de algum jeito, não (*— Fiz e faço de novo, diz que duvida! — com um gesto ameaçador, ao que o outro encolheu-se, desviou o olhar e só um segundo depois voltou a encará-lo.*), acontecera outras vezes e mesmo assim nunca houvera ódio, nem mesmo quando ele vinha fingindo ser bom, e então demonstrava por sua vez amizade e alegria para que ele não lhe fizesse nada, não por medo do que fizesse (*baixou os olhos para o ponto magoado onde por certo, sob a mancha de terra na calça, estaria a marca roxa da pancada*), mas porque fazendo quebraria o encanto de um momento bom, e se ainda assim ele fizesse, não havia mais que a indagação silenciosa e talvez, mesmo sem entender (*— Vai embora, anda, vai! — empurrou-o com o*

pé.), a tentativa de encontrar na expressão dura do outro alguma coisa que ele se esforçava por disfarçar, alguma coisa semelhante ao que via quando, obedecendo-o, levantara e fora embora até o outro correr e alcançá-lo, puxando-o pelo casaco, “espere!”, aquela coisa a modificar-lhe a expressão, não só lutando contra o disfarce que ele se impunha mas absorvendo-o, viva e faminta nos olhos do menino, entre ambos uma pergunta, a mútua contemplação entre o menino que se impunha e o que se submetia, o medo de falar e dizer que sim à pergunta calada, derrotada enfim quando a expressão tornava-se má outra vez, renovando a ordem: “Vá embora!”]

— *À sua pergunta, feita numa algaravia que buscava imitar o chinês assimilado a custosos esforços, olhou-o como quem olha um bicho curioso, tirou uma baforada do imenso cachimbo girando o copo entre os dedos, e olhou para a bebida por alguns minutos nos quais parecia pensativo e longe, dizendo por fim: ‘Se quer a solidão, busque o deserto’, e só acrescentou alguma coisa mais após o segundo copo e antes de ir embora: ‘No Tibet... entre as montanhas geladas... corre essa lenda...lá, onde o frio não tem explicação e o vento fala de coisas sombrias...’* Algum tempo depois, Janus, distante do cais, distante da pensão cujo soalho esfregara inúmeras vezes, encontrou num canto de taberna tomando ópio e ajeitando a todo momento os trapos que vestia, um velho de quase cem anos pelo que indicavam os cabelos brancos e encardidos, a geografia estranha das rugas do rosto e os alvos pêlos da barba de muitos dias, mas em que julgou vislumbrar os sinais sutis do mistério e o estigma de um sofrimento antigo. A resposta, um gesto vago de mão, os olhos quase fechados e uma contração silenciosa dos lábios. Coçou com as unhas pretas uma ferida na perna em torno da qual voavam moscas varejeiras, e disse: ‘Cada um encontrará a sua...’ e Janus, por mais que insistisse, nada mais obteve do velho, que se recolheu a um canto para aspirar sossegado seu ópio. Janus compreendeu, porém, que a escada não estava num lugar específico mas em todo ou em qualquer lugar; e que ele não precisaria mais que esperar... ‘Quem sabe muito está só’ disseram-lhe certa madrugada quando vagava a pé por becos e ruelas da perigosa Hong-Kong; ‘Ninguém chega ao fim, pois ninguém pode saber tudo’ ouviu de uma cozinheira gorda um ano depois, sendo que certo capitão de navio, conhecedor de todos os mares e cuja nacionalidade era impossível determinar confirmou, ao ouvi-la, e concluiu: ‘Não comereis, no entanto, da árvore do bem e do mal...’, e a coisa mais sensata que lhe disseram em sua jornada foi ‘volte para casa, que só em casa se está bem’, mas Janus não desistiu. Não desistiu e a encontrou, e quando a encontrou era um quase anoitecer; junto a uns montes pedregosos onde costumava passear. Havia ali arbustos e

velhas árvores de casca cinzenta, cipós e parasitas pendendo dos galhos, tufo de ervas entrelaçados e uma grande quietude que sugeria o pressentimento do nada” — e neste ponto a velhota fazia ares de solene mistério, com gestos vagarosos e uma pronúncia incisiva e arrastada —, “algo como o pavor do vazio...!” — fez uma pausa, olhando para o neto com olhos de assombro e o dedo a prumo, e recomeçou: “— Num canto, junto a umas rochas, Janus viu sobressair-se um corrimão e, vencendo o súbito receio, foi até lá!”

— Era a escada? — perguntou o menino, que ouvia com atenção a narrativa da avó.

— Era a escada.

— E ele subiu por ela?

— Os degraus não subiam — respondeu a avó e, o dedo outra vez em triste, repreensiva: — Não se lembra de que o velho chinês dissera que a escada levava a um poço? — e prosseguiu: — Os degraus desciam numa ampla e longa curva em espiral, desaparecendo abaixo entre a ramaria. Janus viu que estava só, e pôs o pé no primeiro degrau, hesitando, depois, algo mais resolutivo, o outro no segundo, e nos seguintes ainda vacilante para, depois, decidido enfim, contornar a longa curva afastando os ramos no meio dos quais a escada desaparecia. Notou que ali estava bem mais escuro do que em cima, enquanto refletia que a escuridão se devia à noite que chegava, e por isso não havia tempo a perder, apressando-se para chegar logo ao fim da escada e ver o que havia lá...

— E chegou? — interrompeu o menino.

E a avó para ele, séria, aproximando o rosto:

— Não.

— Não?!

— Desceu os degraus um após outro, até que...

— ...?

— ...ao sair embaixo do meio dos galhos que envolviam a escada viu que não existia mais nada lá: aos seus pés, os degraus intermináveis e atrás, voltando a cabeça, via degraus, degraus e só degraus e, em volta, como numa noite sem estrelas, um espaço vazio onde apenas podia enxergar... a escada. Não havia compreendido ainda o que se passava e julgou que se fizera noite e ele estava no fundo de algum vale muito estreito, por isso resolveu descer mais um pouco. Desceu, mas a escada continuava sempre para baixo, retorcendo-se em novas e contínuas espirais. Então teve medo e decidiu voltar. Mas foi aí que aconteceu o inesperado...

— ... o quê?...

— Correu degraus acima mas, para espanto seu, viu a escada curvar-se e percebeu que já não subia os degraus, mas os descia... então mais uma vez voltou-se e principiou a subir; mas de novo a escada curvou-se aos seus pés e mais uma vez ele estava descendo os degraus ao invés de subir! Por diversas vezes repetiu a tentativa de retroceder; mas acontecia o mesmo, a escada curvava-se e em vez de subir, descia... Vendo então que era inútil, compreendendo que não havia retorno, sentou-se nos degraus e chorou. “Quem sabe muito está só”, lembrou-se de repente e deu-se conta de que a cada novo degrau, após cada nova curva, um segredo era desvendado, surgia uma resposta para cada uma de suas antigas dúvidas e indagações, quando novas questões se lhe apresentavam ao espírito, as respostas não tardavam, respostas que suscitavam novas questões que logo lhe seriam respondidas dando origem a outras questões e assim por diante, *ad infinitum*. E Janus continuou descendo, descendo, descendo, e para baixo ia-se desdobrando a escada em espirais sem fim, deixando para trás tudo aquilo a que jamais retornaria, cada vez maiores sua sabedoria e sua solidão!

Pergunto-me sempre se ela percebia que certas histórias que me contava não eram próprias para distrair uma criança. Faz cinquenta anos que ouvi essa história, mas é como se minha avó ainda estivesse aqui, repetindo-a para mim. Não me esqueci da inflexão de sua voz, de seu jeito de fazer certas pausas para criar suspense, de seus olhares sugestivos, mais ainda da imagem de um homem solitário descendo uma escadaria sem fim e desvendando segredos que já não lhe teriam qualquer utilidade. Certo, é uma história alegórica, mas... quem é o homem? e onde está a escada?

...não estaria já sob nossos pés, não sob os meus ou os seus, mas sob os nossos pés?}

e disse

a velhice antes de experimentá-la se é que há na vida algum momento antes disso já a conhecia porque acompanhei o envelhecimento do meu pai tão vigoroso ativo e forte e vi se formarem as primeiras rugas no seu rosto liso e vi surgirem-lhe as bolsas sob os olhos e os cabelos branquearem não só envelhecendo mas envilecendo não ética não moral mas interiormente na essência do que se denomina vida e que contagia o mundo conquanto muitos não percebem ainda que se dêem conta de seu estado de senilidade progressiva e vi minha mãe tão jovem e bela com o rosto marcado por pés de galinha e as mesmas bolsas sob os olhos os mesmos cabelos brancos a mesma flacidez por todo o corpo e no dia em que a levaram para o hospital às pressas fomos eu e minha irmã mudar-lhe a roupa enquanto

não chegava a ambulância e pude ver a que estado se reduzira aquilo que fora belo jovem e apetecível a um homem meu pai já nessa época morto e ainda bem porque doer-lhe-ia ver aquilo e se antes de chegar ao hospital ela já não respirava compreendi que estava morta muito antes desse dia morta por dentro em sua solidão que me legou como herança uma solidão que nem eu o filho famoso fama que lhe era mais ou menos indiferente nem os outros filhos e netos podiam preencher e nesse dia percebi com clareza o processo medonho que se operava também em mim e como consolo não só em mim mas também *nelas* e naqueles corpos apetecíveis jovens frescos e belos assim isolando-me do resto da família não que não os amasse mas porque me sentisse um estranho entre eles em sua rotina em suas frivolidades familiares em seu terra-a-terra de é preciso comprar o material escolar das crianças esse menino tá com diarreia temos de visitar fulano operado de apendicite é dia da compra do mês impossível agora e tudo que tenho pra fazer com que vestido vou à festa o nó da sua gravata não está bem no fim do ano compro um carro novo pra sair com a família aquele vice-gerente é um puxa-saco e tudo isso e muito mais rompendo noites e noites comigo mesmo e meus pensamentos quando de repente e não raro me lembrava daqueles bracinhos ávidos e do beijo tão rápido e tão eterno da minha pequena paixão em seus onze anos ao mesmo tempo a imagem de minha mãe envelhecida cuja roupa eu e minha irmã trocáramos antes de chegar a ambulância interpondo-se como uma voz que avisa um mero sussurro não sei se também não uma velada ironia cujo sentido era-me no entanto claro

e seguindo pelo corredor com as mãos estendidas agarrando-se ela em sua roupa para não perdê-lo chegaram a uma porta quando ela perguntou

não é aqui a escada

é ele disse

e como vamos encontrá-la

mas sem responder-lhe a pergunta parou outra vez dizendo

agora que você já sabe a história d'O Homem e a Escada que eu apenas escrevi roubando-a da velha que mais que eu merecia minha fama meus prêmios meus troféus porque ela e não eu dispunha de um talento inato que apenas me legou resposta não acha que essa história é uma alegoria da existência humana ela não sabendo o que dizer mas dizendo

não entendi bem o significa disso tudo mas se você diz

e ele concluiu

na verdade o homem e a escada talvez não sejam uma alegoria da vida mas a vida uma grande fantasia e seguiu sem rumo certo procurando a escada ela sempre segura em suas roupas para não perdê-lo antes disso de chegar ali de lhe falar no corredor e mesmo de lhe contar aquela história falara ainda na cozinha velha e após o incidente com o cavalo que por fim reconhecendo ali apenas duas pessoas deitara-se na área coberta também ele abrigando-se do mau tempo do seu encontro com a filha então com catorze anos

uma morena de cabelos escorridos e bem pretos presos em rabo-de-cavalo que ali sozinha de pé junto a um móvel antigo folheava distraída um livro numa atitude porém de quem espera decerto a tinham prevenido de que eu iria e ouvindo o barulho da porta virou-se para mim e nos contemplamos sua pele dizendo dos dias de sol nas praias a mini-saia deixando à mostra longas pernas e sob a blusa de seda seios que eu procurava imaginar eu o velho tarado de volta a casa em grande perturbação ao vê-la que o vê-la atirou-me de volta ao passado ou ao contrário tê-lo-ia atirado à minha cara às minhas entranhas que no entanto avancei e tomei-lhe as mãos e estremei àquele contato mas ainda assim disse

sabe quem eu sou não

sim sei e eu disse

talvez possamos mas não concluí ela deu uns passos pela sala e perguntou

não amava minha mãe e eu disse

não nos amávamos ela deve ter-lhe dito e ela fez que sim e eu perguntei

vem morar comigo e ela deu de ombros e esse primeiro encontro foi embaraçoso mas ela foi morar comigo e não demorou muito para que eu me desse conta de estar louco por ela e não deixava escapar ocasião de espreitá-la ao sol ocultando-me atrás das cortinas do andar superior desejando o corpo moreno e jovem que todavia me era vedado perguntando-me você está caduco seu velho cretino ela não é a outra é sua filha eu próprio me respondendo eu sei eu sei não é isso eu a amo como minha filha só estou entusiasmado com sua beleza mas no fundo certo de que não era nada disso de que a desejava como a qualquer outra adolescente mas com uma diferença eu me surpreendera depois de algum tempo entre dúvidas e falsos escrúpulos apaixonado por ela não desejo atração carnal não mas amor um amor tanto mais absurdo porque repetição de um outro que não esquecera talvez o único que tivera que embora morena e de cabelos negros

aquela menina que ali estava possuía certa semelhança com a outra a que ficara para trás no tempo e embora pouca fundamental a tal ponto que julguei possível realizar um amor de trinta anos antes o mesmo que tivera início com uns bracinhos ávidos e um beijo e concluí que eu devia estar enlouquecendo e se calara até o momento em que encontraram a escada e parando disse aquilo e ela perguntou

e havia afeto entre vocês dois

Heitor respondendo

já nos habituáramos a ser pai e filha e ela gostava de mim enquanto eu seguia com a idéia não sem refletir que se consumasse a posse não seria a realização do meu amor que este já o disse era sublime demais e isso não seria mais que um ato mesquinho entretanto consciente de que tudo que houvesse de vil corrupto e sujo no incesto não seria tão vil tão corrupto e tão sujo quanto era grande minha paixão

e a prostituta perguntou

e aconteceu

Heitor calando-se por um momento disse por fim

não eu fugi antes mas não lhe pude esconder nada

e a prostituta perguntou

contou a ela

contei tudo falei da minha paixão pela mulher e não pela filha que ela me aparecera não como filha mas como mulher e disse um montão de outras besteiras e saí de lá aturdido e deixei-a lá aturdida também

minha nossa

num longo intervalo ouvindo-se o ruído da chuva cada vez mais forte e do vento assobiando no bico das telhas e os relâmpagos entrevistados pelas frestas e só aí a sensação do quanto era triste aquela noite impressa em tudo de forma definitiva

fugi de lá e acabei aqui disse Heitor isso foi ontem de manhã de novo um intervalo e só o vento com seu assovio monótono e a chuva caindo então mandou-a subir esperando embaixo até ouvir-lhe a voz

pode vir

e pôs o pé no primeiro degrau e o outro pé no segundo e galgou o terceiro e o quarto não cauteloso em sua lentidão mas mecânico e de cabeça baixa como ao peso dos pensamentos até que um dos pés forçou o degrau que antes num quase inaudível estalido sugeria estar podre e fraco e agora com um ruído seco e breve **CRACK** rachava por completo e de surpresa Heitor afundando obliquamente não no vão da escada antes preen-

chido por um degrau que rompia num ruído seco e breve mas na mais densa escuridão e não propriamente a escuridão da noite e nem talvez o vazio tão negro quanto essa noite que se fazia com o susto um vazio típico do impacto e do espanto mas num oco mais amplo e mais escuro e tanto mais fluido a crescer sem fim dentro do seu crânio nas sinapses nos neurônios no mais oculto distante e inacessível do ser e nesse afundar oblíquo e antes de constatar após a queda e o grito de susto e dor que tinha um tornozelo esfolado e destroncado e antes que a mulher em cima gritasse

o que aconteceu e pedisse socorro

tragam uma luz as pessoas no salão acudindo

o que houve que barulho e que gritos são esses alguém se machucou e ajudando-o a subir com um pedaço de corda e por fim conduzindo-o para o salão onde a mulher que lia a Bíblia lhe fez um curativo rústico mas necessário nesse afundar portanto a percepção desse abismo e do quanto afundava nele e do quanto ele se abria imenso diante de sua queda

venha cá ele disse algum tempo depois o tornozelo dolorido enfaixado repousando numa almofada e a prostituta se aproximou

vai acabar acontecendo ele disse em voz baixa embora os outros não o pudessem compreender eu vou voltar para casa e vai acabar acontecendo

porque o abismo não era aquilo mas tornava-se maior quanto maior aquilo se tornava e o negrume e a impossibilidade

Capítulo 22: Que fala de um reencontro e de como se imagina uma tela sem que, no entanto, se possa realizá-la, e da história de uma trapaça.

E, vendo-o, (sustou, surpreso, o passo do cavalo, indefinível o que sentia em revê-lo) nele reconheceu não o menino que havia partido esperando voltar nas férias do meio do ano e cujo regresso esperou muito tempo mas não todos aqueles onze anos, após os quais ele mesmo — não se reconhecendo no estranho de barba negra e cerrada e traços viris e temperamento forte e rude que não só o contemplava perplexo de dentro do espelho do guarda-roupa a perguntar-se “quem está do outro lado?” como também num sorriso irônico lembrava-lhe de que algo havia mudado — já era outro; mas o que se fizera dele, e continuou olhando de longe sem se deixar ver, um cuidado desnecessário porque visto não seria reconhecido, a viração da brisa trazendo-lhe algumas palavras

[E assim deliberou, não ao revê-lo depois de onze anos sob a mangueira que crescera ao lado da casa mas antes, antes daquele jogo de todos os domingos pela manhã na tendinha, enquanto uns se davam aos prazeres da bola — que rolava até tarde quando então cada um ia embora cansado e satisfeito e suado rumo ao banho à água de colônia e a algum passeio ou namoro ou ao retorno à própria tendinha — e outros aos do baralho, velhas cartas que, hábil, manuseava com precisão, os menos avisados perdendo até o último cobre (havia-os sempre, parando para um trago ou indo só para jogar) — aquela vez igual às outras, salvo pelo fato de ter ido embora mais cedo, por volta das duas; o copo de cerveja apenas pela metade e o baralho em contínuo movimento enquanto o outro, o rosto vermelho não só pela bebida mas pelo desespero de perder, mão após mão, tudo o que tinha nos bolsos, olhava as cartas (que de repente se imobilizaram num monte no centro da mesa, “não vai mais?”, e o outro moveu desnortado a cabeça) e o maço de notas que ele contava calmamente —; e ainda antes que, bem cedo, parasse ali onde estava agora e de longe contemplando a casa silenciosa se recordasse de tudo, ninguém embaixo da mangueira então, e seguisse em frente depois;]

: “Quero um cavalo para dar um passeio”, e outra voz, a do pai por certo, “é fácil arranjar um cavalo”.

[assim, pois, deliberou: dir-lhe-ia tudo sem se preocupar com sua reação, fosse de desprezo, de perplexidade, mesmo de completa indiferença, seguindo-o até se encontrarem a sós e dizendo quem era, como ainda agora, embaralhando as cartas para outra mão de paciência tencionava fazer; não já, acompanhado nos seus movimentos pelo outro, sempre quieto e sem reconhecê-lo — o moço claro seguira com atenção não só cada partida como cada carta que aparecia, cada conseqüência (conheceria as regras do jogo?), nas fileiras as cores alternando-se para que se reconstruíssem os naipes sobre os ases, algum nem sempre saindo, dependendo dele a liberação de um duque, e um três, e um quatro, de uma carta fechada numa coluna, às vezes a última, que não permitiria apenas a liberação da coluna mas do próprio jogo, em muitas das vezes aquela carta justo o ás que faltava, prendendo-se a si mesma e à partida; ou quando não um ás, um duque ou um três, em geral cartas menores, mas podendo ocorrer o mesmo com as grandes, um rei por exemplo, que poderia ocupar uma coluna vaga e arrastar sobre si as que se sobrepunham (a última das quais uma dama de cor contrária) a outra coluna impedindo-lhe a abertura de novas cartas, mas que sob meia dúzia de descartes no monte se achava perdido, sendo difícil reaproveitar duas ou três do monte num jogo empacado, quanto mais seis ou sete (Essa quietude sem que ele suspeitasse seria quebrada em algum momento, não para sua surpresa, que poderia esperar por aquilo, mas para espanto do crioulo que, ao contrário, não o poderia. “O moço continua calado...curiosa essa timidez... observando-lhe os traços vê-se o quanto são leves, qualquer coisa de feminil, principalmente a boca... apesar de tudo não parece “veado”... Como ficaria na tela esse rosto, assim como o vejo, de olhos no chão e esse algo de perplexo — ou mais que isso, não um medo mas uma espécie de desamparo, como creio que sinta agora, talvez pensando que a família esteja sem dormir à sua espera — que lhe torna mais doce a expressão, essa mesma e escassa luz sobre a pele alva, um retrato à Caravaggio (o Caravaggio, do “Jovem mordido por um lagarto”...) representando um fauno suave e belo, misturadas ao cabelo e quase tão negras algumas folhas de videira cor de musgo, nus os ombros e em segundo plano, meio na sombra e quase diluída uma rosa já murchando, não vermelha ou amarela mas, como sua pele, branca, e ainda mais ao fundo mal entrevistas ramagens numa obscuridade noturna e densa, como se dela emergisse não num movimento rápido, concreto, mas lento e fluido...?... Toda a exuberância da carne jovem e ávida contraposta ao declínio e à morte de uma flor... Chamar-se-ia “O Crepúsculo”... ah, se pudesse, se conseguisse pintar algo assim!... Tomariam por certo pelo retrato de uma adolescente, ainda que ele já tenha deixado a adolescência, já terá seus vinte e dois ou vinte e três anos!”) —, mas pela manhã, antes que fossem embora; porque, ou se revelava ou não seria reconhecido como não o fora ao começar a chuva, ocasião em que encurtara a distância mantida entre ambos — pois anoitecia e ele, saindo da inércia de suas reflexões, mostrou-se assustado enquanto vestia o blusão, notando não só a noite ou a chuva mas o cavaleiro que chegava —, indagando:

— O amigo não está com medo da chuva?

— *Estava distraído — ele disse —, só agora percebo...*
 — *É melhor voltar para casa, as chuvas por aqui são muito fortes.*
 — *É que andei muito... não voltaria a tempo... nem acertaria o caminho com a escuridão.*
 — *Não é daqui, não é mesmo?*
 — *Há muitos anos não venho aqui.*
 — *E mora onde? Não há casa por perto...*
 — *Bem, andei creio que uns vinte quilômetros, vim daquela direção*
 — *indicou algum impreciso lugar além das montanhas. — Não sei o que fazer.*
 — *Bem, não há ninguém que more a menos de dez ou quinze quilômetros daqui... ou melhor, há casas mais próximas ao sul pegando um trilho perto daqui, mas o caminho é muito perigoso a essa hora, muito precipício, entende?, mas se quiser se abrigar da chuva tem uma casa abandonada não muito longe, e eu vou para lá.*
 — *Creio... que é melhor...*
 — *Então me acompanhe, está engrossando — e instigou o cavalo, seguido pelo rapaz; e também não fora reconhecido quando, já no terreiro da casa, disse: — Corra para dentro enquanto eu tiro a sela dos animais. Tem luz, deve haver mais alguém fugindo da chuva aí dentro. — E nem mesmo quando, no salão e à claridade das velas, pela primeira vez o rapaz lhe via o rosto barbudo.]*

Ia pela estrada puxando o cavalo pelas rédeas quando o barbudo o alcançou, a este o dono na tendinha havendo dito momentos antes: “Você e seu baralho. Cuidado com esse seu baralho!”, e a quem respondera “apenas sou um pouco hábil”, rebatido pelo dono da tendinha “tem uns que merecem, nem todos... cuidado com esse baralho”, mas insistindo “apenas sou hábil”, o maço de cartas formando um volume no bolso do blusão, “saiu arrasado, talvez tenha família”, virou o resto de cerveja, e antes de encher de novo o copo “não o conhece?”, as mãos do dono da tendinha trabalhando rápidas não como as do outro nas cartas mas nos copos sujos sob o jorro de água da torneira “quanta gente passa por aqui todos os dias? De resto, quem já o conhece não se aventura”; e disse: “Você não é daqui?”, e ele o encarou com o mesmo ar desorientado de antes, respondendo após um instante gasto em compreender o que o outro havia dito “não, é a primeira vez que venho para esses lados”, o outro que ainda na tendinha esvaziando o último copo acrescentara “jogo é para homem, não vivo disso mas jogo para ganhar”, o dono observando “você tem prazer na misé-

ria dos que perdem”, um minuto, depois outro e ainda outro para só então responder “não... apenas sou mais rápido que os olhos deles” acrescentando consigo mesmo “quem pode estar feliz com a miséria de quem perde todos os seus pobres níqueis?... Não pela dor de saber-se derrotado nem por ter perdido tudo, mas porque, sendo um homem, acabou enganado como uma criança ingênua, e conquanto o saiba não pôde atinar com o método”, e olhando o copo onde uma mosca afogava-se no resto de cerveja disse para si mesmo “mas a maior ilusão não está nas cartas, no método com que são trabalhadas...mas aqui...aqui...e sou eu quem a carrega consigo”, perguntando “costuma jogar?” a indagação a despertá-lo para a realidade que lhe fugia “é raro...hoje não sei o que me deu...”, e seguindo ainda por um bom trecho antes que o barbudo detivesse o cavalo e dissesse “espere”

(“Chegava e ia pela casa adentro” — na varandinha a voz seguia pausada, ouvindo-o Raquel (e não só a ele mas ao ruído da cadeira de balanço em seu movimento/monólogo no escuro), apoiada no parapeito sem entrever o vulto no canto e sem ser vista por ele que, contudo, não a precisaria ver para sabê-la perto —, “e a encontrava solitária na casa imensa que nem sei o que era mais triste, se a solidão ou se o espaço vazio da fazenda silenciosa não apenas nas terras à sua volta mas em suas salas e seus quartos e seus recantos onde o pó se acumulava ao lado da sombra e dos insetos a acentuarem essa solidão, e só assim falava com alguém. No entanto era como se o peso daquele isolamento não se fizesse, que em seu rosto havia aquele sorriso e uma voz tranqüila e uma alegria serena a irradiar dela... poucas pessoas a visitavam, passando semanas sem que alguém fosse lá a não ser eu ou minha mãe, os dias, passando-os a maior parte do tempo em sua cama, a descansar não dos serviços que acaso houvesse feito pela manhã — que não só varria mas passava pano úmido no chão dos cômodos mais próximos e em uso, serviço duro para alguém em sua idade; que preparava sua própria comida ora usando o fogão a gás de três bocas, ora o fogão a lenha; que ousava ainda pegar uma enxadinha e arrancar o mato miúdo da frente da casa — mas dos seus oitenta e quatro anos que a cansavam muito mais, sempre deitada, quieta, mas às vezes tendo ao lado o rádio de pilhas falando, e ela ouvindo, a companhia mais que assídua, infalível. Tomava a bênção. Ela abençoava, amena e com um sorriso de satisfação, perguntando pela minha mãe, “ela não vem hoje?”, e eu “acho que vem amanhã...”, e era assim quase sempre. Lembro-me das vezes que chegava lá faminto e sempre havia aquela comidinha simples mas gostosa, ou, se não tinha nada pronto nas panelas, aprontar era de improviso, difícil deixar de repetir após o primeiro prato.”

Ed calou-se um momento, como se pensasse, perguntando depois: “— Por que teve de acabar? ...”. Não obteve resposta.)

, ao que parou, olhando-o sem qualquer sentimento, fosse ódio revolta ou mágoa, talvez apenas esse último e não propriamente mágoa mas angústia de lembrar que perdera, e surpreendendo-se quando ele, antes de tocar o cavalo e afastar-se veloz a galope, desabotoou o blusão e tirou dele um bom maço de cédulas que lhe meteu na mão (por certo mais do que perdera) dizendo “guarde, você não perdeu no jogo” e, num sorriso cheio de dor, explicar: “Eu roubei.”

Capítulo 23: Da fera lendária que surge na parede, e de um passeio noturno que culmina com um cadeirão de alumínio caindo no chão.

Começara, não naquela madrugada em que uns braços mirrados vez por outra se agitavam à procura de ar, esse ar que fugia às narinas e à boca inutilmente abertas na tentativa de sorvê-lo, na parede desenhando-se uma sombra como as garras de alguma fera mítica a debater-se num atoleiro, ao mesmo tempo em que uns roncoss ásperos brotavam da garganta, do peito e dos pulmões corroídos, mas também do fundo do tempo desde um dia dez anos atrás em que ele chegara carregando malas, vindo para ficar; não, não começara naquele dia em que ela, agora ressequida e duma palidez assombrosa no meio dos lençóis velhos, enquanto uma lamparina de querosene queimava numa banqueta à cabeceira da cama, teve de carregar todas as malas para dentro, desfazê-las e arrumar sob severa vigilância e de acordo com suas ordens tudo que continham, enquanto ela, a menina, quieta, espiava do canto ainda sem entender bem o que acontecia, nessa mesma tarde vendo-o embriagado assenhorar-se não daquela poltrona no canto junto aos livros empilhados onde passaria grande parte do seu tempo (*salvo quando saía para seus passeios pelo mato*), e onde mesmo então, ela agonizando sem ar na cama e agitando os braços secos, a menina já não mais uma menina mas uma moça de dezoito anos ao lado, olhando, e só olhando porque já esgotados todos os recursos nada mais haveria a fazer a não ser esperar; punha-se ele, olhos em brasa e fedendo a álcool e suor, resmungando contra a doente que com seus roncoss o impedia de dormir; assenhorar-se também não da casa, nem dos seus atos e vontades mas de suas próprias vidas, de seus próprios destinos; ou quem sabe, naquela tarde apenas a continuação daquilo, pois é certo que começara no dia em que sem saber como e por que, ela, a agonizante, o conhecera e se agradara dele (“Por quê, mãe? Por que ele veio? Vivíamos tão bem sozinhas!”).

A moça levantou-se, abriu um pouco a janela deixando que entrasse a aragem refrescante da madrugada, “de que adianta ar para pulmões que já não respiram?”. Olhou a doente, cujos braços moles caídos no leito e a cabeça meio virada no travesseiro aparentavam calma, mas a qualquer momento um calafrio podia sacudi-la e com o agitar-se na busca de ar ouvir-se-iam de

novo os roncoss, na parede mais uma vez a fera lendária tentando desatolar-se do charco. Contudo, por enquanto ouvia-se só uma espécie não de ressonar mas de chiado, que se não era assustador como as crises sugeria uma sufocação lenta e incontrolável da qual não se tinha consciência e que levaria à morte sem agitações durante o sono, mais cruel, no entanto, não para quem a sofria mas para quem a presenciava impotente.

Por isso decidiu sair.

Por um momento, destacando-se à luz amarelenta da lamparina acesa na cozinha a iluminar o corredor, o vulto apareceu na porta da sala, e o do canto, o dos olhos de brasa e das pancadas, dos berros e deboches, calou seu murmúrio contínuo e atrapalhado para recomeçar quando o vulto desapareceu. Dentro do silêncio, o som de uma chave e uma maçaneta, umas dobradiças que rangeram e a pancada da porta. Raquel não a queria deixar só, mas sentia-se esgotada não apenas pelo cansaço de acompanhá-la sem dormir nas últimas cinco noites mas pela exaustão de contemplar aquelas crises e aqueles sons plenos de chiados e falsa tranquilidade. Encostou-se na porta e aspirou o ar fresco da noite para ter certeza de que ainda podia respirar: assistindo ao sofrimento vagaroso da mãe, tinha a impressão de que acabaria por sufocar também, e nunca esse ar lhe pareceu tão agradável. Afastou-se da porta e deu uns passos sem direção pelo quintal, contornou a casa e viu-se entre os canteiros que ela, enquanto pôde, cuidara. Sentou-se na calçada e ficou olhando o contorno impreciso dos canteiros no escuro e a figura das plantas imóveis no ar parado e frio. Como à espera de que ela voltasse, não mortas mas também não vivas, somente à espera de que ela voltasse, obrigadas àquela imobilidade ou a ela resolvidas, como se só o retorno das mãos que se moviam hábeis no chegar terra às mudas, afogar os canteiros limpando-os do mato, e cuidadosas podar os galhos, semeando depois novas sementes, regando com a mangueira em cuja ponta pusera um crivo para que a água, caindo em chuveirinho, não abrisse sulcos na terra mole, e recompondo as pedras que delimitavam os canteiros se acaso saíam do lugar, pudesse trazê-las de novo à vida, não as ressuscitando, que não estavam mortas, apenas trazendo-as à vida de um sono que já durava cinco noites.

Há cinco dias a havia visto entre os canteiros, já ressequida pálida e muito fraca, mas ainda com forças para manter-se sobre as pernas e fazer com que elas a conduzissem ali, os movimentos lentos e penosos, a cada meia dúzia de passos parando, mão no peito e uma respiração comprida e difícil, os olhos mais cansados que tristes a circunvagarem imprecisos en-

quanto a brisa vespertina movia não só as plantas pequenas dos canteiros ou as maiores e mais ao longe que compunham a floresta, mas também seu velho vestido e o lenço da cabeça no momento em que o sol descera além dos montes, pouco antes da noite, o céu então cobrindo-se com nuvens cinzentas que se manteriam ali e, no entanto, não choveriam a não ser depois, no desfecho, para o qual mantendo-se intactas e imóveis e quietas e reverentes e sempre cinzentas, avolumavam-se com lentidão, fazendo-se uma tristeza tão instantânea e tão densa, a tudo não só impregnando mas absorvendo, escurecendo, tomando, que ela, a jovem, e não só ela mas também a velha, ao olhar primeiro o céu e depois em volta as plantas, o próprio chão ou o movimento de uma formiga que cruzasse a linha do olhar carregando seu pedacinho de folha, soube que então fora a última vez que ela, não a jovem mas a velha, estivera entre seus canteiros e também que suas próprias flores (*próximo o desfecho, e por isso mesmo*) haveriam de acompanhá-la aonde quer que fosse. Nessa noite a doente se recolheu à cama e não se levantou mais, e nas noites seguintes (*as nuvens avolumando-se*) as plantas quedavam-se imóveis naquela espera, não só à espera do retorno das mãos mas de uma definição, o fim daquela agonia, como se aquele ar de imobilidade e tristeza só se fosse decompor quando esse fim, qualquer que fosse ele, chegasse.

Subitamente pôs-se de pé.

E o fez num movimento contrário ao da outra quando se deitou em definitivo, que se deitara não só arquejando de cansaço e de dor como o fizera devagar, e ainda seria assim, com uma lentidão semelhante, que faria sua descida por meio de cordas... Raquel sabia que fora ágil ao pôr-se de pé e pensou que essa presteza era como uma afronta à impossibilidade da mãe, mas logo refletiu que um dia “esteja eu mesma impossibilitada, e ninguém se deterá em sua agilidade por minha causa” e que, no fim das contas, tudo isso não passava de uma coisa natural com que não valia a pena importar-se.

E pôs-se a escutar.

Dentro de casa, tudo quieto, até mesmo ele no seu canto com seu fedor, sua aguardente e seus livros (*Sabia que por certo tinha uma das mãos sobre uma pilha de livros, aqueles mesmo objetos que o lançaram naquele ceticismo incompreensível e, muito pior, naquela embriaguez, naquela loucura, no seu estado de semi-inconsciência criminosa — estaria ele ciente de que a matara, não com um tiro ou um golpe de faca, nem com veneno ou uma corda, mas com dez anos de humilhações e pancada? — mas aos quais ele, a despeito disso, amava.*), e perguntou-se se teria dormido. Talvez sim, que nem o

menor resmungo se ouvia, não só porém dentro de casa aquela quietude, mas em volta, na vargem, na mata, no caminho, como se tudo dormisse ou esperasse. O céu limpo àquela hora, sem nuvem (*a não ser aquelas que se avolumavam no horizonte, esperando*), só estrelas, e sob o céu, ela, viva e de pé após um movimento súbito e rápido que lhe pareceu de início irreverente, e a enferma no leito com seu chiado — quando não roncava, convulsa, à procura de ar, ressuscitando a fera na parede —, e ele, ou dormindo ou bêbado na sala, na poltrona, no canto, no escuro, com ou sem resmungos aborrecidos.

Pensou todavia que mais gente estava sob o céu e lhe ocorreu chamar uma das vizinhas para ajudar-lhe naquele transe. Desceu a ladeira e ganhou o caminho que cruzava a vargem.

Distante da casa e em volta apenas o vargado no qual, mal entrevista ao lume longínquo e rarefeito das estrelas a estrada não era mais que uma fita clara estendendo-se para adiante, crescia a sensação de isolamento, a mesma imobilidade antes verificada no jardim e a iminência do desfecho, tomando ali a dimensão maior e mais abrangente da planície e da distância, quietude e imobilidade que não se contendo em si mesmas, que somadas também a essa iminência, cresciam e como que espreitavam por trás das sombras, serenas e graves. Cruzou toda a extensão do vargado após o qual descia uma ladeira e antes da qual parara um pouco olhando para trás como se dali pudesse ouvir alguma coisa no quarto, o próprio silêncio uma substância pegajosa e incômoda que chegava a doer de leve, e hesitou em prosseguir pensando que a enferma podia entrar em crise a qualquer momento, embora sua presença não fosse útil já que nada podia fazer a não ser olhar, por isso decidiu ir adiante e descer a ladeira onde o caminho não só se estreitava mas se apresentava cheio de buracos e mais difícil de ser percorrido assim no escuro, e apesar do cuidado com que escolhia o ponto certo onde pisar escorregou e caiu sentada com um gritinho agudo que, aos seus próprios ouvidos e nos quais permaneceu muito tempo como se outra pessoa e não ela houvesse gritado soou estranho, isto talvez porque desacostumada de gritar e mesmo quase de falar, sempre arredia e muda ouvindo-o em seus berros e recriminações e ordens de “cale-se, que você e a outra só dizem bobagens!”, chegando ao ponto de desconhecer a própria voz, não se machucando porém, e rápida, sem irritar-se, pôs-se de pé, bateu a saia e seguiu entrando num trecho escuro que cruzava um denso bambual onde se apressou guiando-se apenas pelo tino, com medo de pisar em cobras mas em vez disso mergulhando um dos pés numa poça cuja água barrenta

salpicou-lhe as pernas e o vestido, o sapato quase ficando preso na lama, agora incômodo não por estar molhado mas cheio de areia que, com o andar, acabaria por lhe esfolar o pé, ainda assim não se irando — não que não se irasse nunca, mas por não se lembrar disso agora —, urgindo ir e voltar e por isso manteve-se rápida e impassível estrada afora deixando o bambual para trás, apenas tirando o sapato e levando-o na mão, diferentes os passos com o pé calçado mais alto que o descalço, como se mancasse, até alcançar o regato onde lavou o pé e as pernas salpicadas de lama limpando o sapato e, outra vez calçada, prosseguiu, o caminho agora plano e fácil de andar mesmo à noite, então contornou o morro e continuou descendo até que viu, cem metros adiante, a mancha branca de uma casa.

Só aí, junto à tronqueira, hesitando pela segunda vez, parou. Ouviu o latido do cachorro e pensou “por que todos os cachorros têm de latir?”, acrescentando “late como se não estivesse acontecendo nada” e ficou do lado de fora enquanto o animal latia. Encostou-se a um dos moirões sem decidir-se a entrar e ir até a porta da casa, receosa de incomodar os moradores. Para que chamar alguém sabendo que ninguém poderia ajudar em nada? Num movimento brusco voltou-se e olhou a casa silenciosa, sem se assustar com o vulto do cachorro que viera quieto ver quem estava ali e, reconhecendo-a, aproximou-se balançando a cauda. Mas agüentar sozinha aquele resto de noite seria difícil demais, pois isso passou a tronqueira e chegou à porta erguendo o punho fechado para bater, mas susteve o gesto: outra vez hesitava. Apoiou a cabeça no portal pensando numa solução, mas não encontrou nenhuma. O cachorro estava sempre por perto olhando-a e balançando a cauda, “esse cãozinho não sabe...” disse num murmúrio e, afastando-se alguns passos olhou ainda a casa adormecida, e olhou para as mãos tentando enxergá-las com nitidez no escuro. Lembrando-se de que um dos seus sapatos estava molhado, mexeu os dedos dentro dele, e disse com voz clara o nome da dona da casa, não chamando mas falando e certa de não ser ouvida, com receio pois afirmava-se a si mesma que ninguém se abalaria àquela hora da cama só para ver sua mãe morrendo entre roncões e chiados, estalar de olhos e agitar de braços, não porque aquelas pessoas fossem más, mas porque as duas não eram dignas (“Ora, vocês!...”) de tal gesto (“...de que compaixão são merecedoras?”). Abaixou-se entre a indecisão e o pavor de voltar sozinha não para afagar o cachorro que cheirava sua perna mas para amarrar o cadarço frouxo do sapato, e se levantou num movimento rápido pensando que tudo que fazia naquela noite era rápido, e aquela, a segunda vez que se punha de pé assim, bruscamente, e então sem hesitar

correu rumo à tronqueira pensando se o cãozinho estranhava não só sua aparição ali àquela hora mas também sua saída súbita, e atravessou a tronqueira e continuou a correr de volta, atravessou correndo a pontezinha sobre o regato e viu no fim da estrada o denso e escuro bambual que crescia à medida que se aproximava como se a cada passo ligeiro ele também se movesse não só em sua direção mas para cima e para os lados envolvendo-a, o que aconteceu num momento e no seguinte ao mesmo tempo que sentia respingos frios nas pernas e um frio no pé e ouvia um ruído úmido de chapinhar notou que afundara o pé seco na mesma poça d'água, como antes o sapato quase ficando preso à lama, desta vez porém não se detendo para tirar o sapato a não ser após ganhar o vargado e atravessá-lo sempre a correr sem ao menos refletir que estava cansada, as pernas já lhe pesando e a respiração ofegante, aos pulos o coração, desacostumado àquele esforço, quando viu surgir a casa e à frente dela o jardim com seus canteiros ordenados e percebeu que chegara, contornando-a e parando junto à porta da cozinha: então tirou os sapatos e viu o quanto estava cansada. Entrou, abriu a torneira da pia, o ruído cantante da água no fundo do caldeirão de alumínio como a sugerir um contentamento pleno, a alegria das manhãs ensolaradas de dezembro, aos poucos tornando-se surdo e grave fazendo-a imaginar uma voz muito clara e límpida de súbito cortada por um afogamento, saindo então gorgolejante (*Caminhou para fora com o caldeirão d'água e um par de chinelos de dedo nas mãos e pôs-se a lavar os pés e as pernas respingadas de lama.*) e plena de pavor, lembrando-se assim que ela, a doente, emitia em certas ocasiões uns roncoss catarrentos e gorgolejantes em que sufocava, abrindo olhos enormes, e na parede a fera lendária reaparecia, a boca escancarada não como a exibir ridiculamente as dentaduras postiças e dizer “vejam, estou morrendo mas ainda tenho dentaduras postiças” e achando-as as mais belas e as mais valiosas do mundo, não como a tragar o nada feito um animal lento mas preciso e consciente da precisão do seu bote, e não como a querer transmitir um aviso de suma importância sem que o conseguisse, mas sendo tão só o que não poderia em qualquer hipótese deixar de ser (*Voltou para dentro com os chinelos nos pés e, sentindo-se descansada, parou no meio da cozinha olhando a lamparina que, indiferente ao que quer que acontecesse mas não interferisse em sua lenta combustão de querosene, luzia como se a olhasse também dizendo “estou aqui, continuo aqui, acesa”, quando ouviu os roncoss no quarto da doente e só então deu-se conta de que eles se faziam ouvir desde que havia parado à porta da cozinha, talvez antes, mas que não dera por eles, e correu para lá, e bem a tempo de vê-la no fim da sua*

agonia, a pele grudada aos ossos, a boca aberta, os braços esticados na tentativa de abraçar quanto ar pudesse e trazê-lo para dentro de si, e aqueles olhos, os mesmos olhos que conhecera na infância luzidios e vivazes, que se entristeceram um dia para se alegrarem alguns anos depois e se entristecerem em seguida para sempre, e desde então murchos, baixos, necessários, não mais expressando a não ser sua utilidade intrínseca e aquela tristeza, não talvez arrependimento pois tinham muito mais de resignação, até um dia em que pareceram cercados por uma sombra que, de forma imperceptível, crescia dando a impressão de que caíam num túnel, dia a dia submergindo e tornando-se distantes, fundos, mortiços, sem regresso, aqueles olhos pois, vítreos e ainda assim abertos parecendo contemplá-la do fundo, exprimiam então não a morte, não o fim, mas a tristeza do fim e da morte porque ambos, a morte e o fim, haviam pou-sado ali muito tempo antes. Os braços caíram moles no leito, ouviu-se ainda um gorgolejo e depois o silêncio e o ruído do caldeirão de alumínio, do qual Raquel havia se esquecido e deixou cair no chão.): só o escancarar-se da boca nos momentos de agonia.

Agora, ao contrário de catorze anos atrás, conhecia o significado daquele caixote oblongo que, como da outra vez, os homens — não os mesmos — trouxeram e depositaram sobre a mesa, acontecendo no entanto uma coisa que, também da outra vez, acontecera: assim como o pai, não vira de que jeito a mãe passara da cama para dentro do caixote, contudo não se surpreendendo, pois sabia todas aquelas pessoas que ocupavam a sala

[ele cedera seu lugar na sala às pessoas que vinham, entravam, passavam, saíam, não só na sala mas em toda a casa e ocupando não apenas a casa mas o quintal onde, reunindo-se em pequenos grupos conversavam riam fumavam e esmagavam com seus pés descuidados e grosseiros as plantinhas que ainda pela madrugada esperavam imóveis pelos desenlace, como da outra vez em que pés assim grosseiros e descuidados sustentando corpos cujas bocas riam fumavam e conversavam repetindo bobagens acerca da morte esmagaram outras florezinhas que ela, então mais que viva e saudável e forte, feliz (*conquanto nesse dia abatida fraca e triste, e fora quando se entristecera pela primeira vez*), cultivava com desvelo; ele cedera, pois, seu lugar às pessoas, não sem que cobrisse as pilhas de livros com uma grande toalha branca, após o que dera mais uma olhada no corpo, fora ao quarto, à cozinha, sem nada a falar fazer ou pedir, escapando então pelos fundos e sumindo-se pelo resto do dia, ausente toda a noite de velório e nem mesmo ao sepultamento comparecendo]

responsáveis por aquilo e também pelas flores que uma hora antes balançavam à brisa da manhã em suas hastes, não mais na imobilidade imaginada e como que entrevista, pois a imobilidade da espera, que havia durado cinco dias, por fim acabara poucos antes do alvorecer.

Também não lhe fora dito que “a mamãe está no céu agora, filhinha” nem ela perguntara “ela virou anjo?” nem ninguém dissera “sim”, de um lado acompanhadas apenas da gravidade dos pêsames aquelas vozes inutilmente consoladoras de que Deus sabe o que faz é o Senhor Quem determina descansou enfim lamentamos muito e se precisar de alguma coisa esse é o caminho de todos ninguém fica pra semente mas ninguém se conforma não é mesmo coitada tão moça e já sozinha e de que adianta e por aí afora, e do outro lado sua própria consciência, autônoma e silenciosa, e nela essa perplexidade dispersiva impedindo-a por força de fixar-se no que quer que fosse, aquelas palavras quase não as compreendendo, o próprio sentido de Deus e de Seus desígnios escapando-lhe, apenas desejando que tudo aquilo acabasse o mais depressa possível para poder descansar...

E, de súbito, rompeu o aguaceiro!

Capítulo 24: No qual o rapaz da cadeira de balanço fala de um passeio numa tarde de sol em que imagina como seria aquilo há um milhão de anos, com sua respectiva conclusão sobre o assunto.

— Não, eu menti, não ouvi essa história de ninguém quando criança

[Na curva, a luz do sol refletia no vidro traseiro do carro que o deixara ali, no meio da estrada, partindo em seguida, o barulho do motor dando lugar à cantiga bucólica da mata. A poeira baixou, vagarosa, e ele começou a andar:

De repente decidiu-se e foi e levou consigo seus fragmentos e ali estava agora olhando diante de si sua sombra que o precedia no pó da estrada, atrás de si o sol forte a projetar a sombra das árvores recortadas com precisão na superfície plana do caminho e além, através do vale e sobre os montes, que no entanto não o enganava: aquelas manchinhas distantes no azul, juntando-se com lentidão, sugeriam algo que o sol com todo o seu brilho não tinha como contestar:

Não se iludia, portanto.

Agora não estava muito distante de onde o carro o deixara e, respirando amplamente o ar adocicado pelo perfume dos lírios, estendeu a vista e viu uma selva de irradiante brancura, que bem simbolizava não o brilho ostentoso e insuperável de um rei, mas a humildade e a doçura, a pureza e a própria inocência, uma doçura que não encontrava mais a não ser ali, uma humildade que fora dali transformar-se-ia em submissão e escravatura, uma pureza e uma inocência que, conquanto as tivesse tentado guardar nos recantos mais seguros e mais fundos do peito, acabaram por se perder.

Por isso não se iludia.

Tudo estava (sentia-o de repente) corrompido, e não só na superfície ou nos seus fundamentos, mas no próprio cerne; então pensou: que tipo de loucura era aquela que o assediava agora, pois era capaz de antever e sentir sua própria velhice, e pensar nas coisas passadas como o fazem os velhos entristecidos?

Subiu pelo monte à direita do caminho, tirando a camisa. Começava a suar mas sentia-se bem, a pele ardendo um pouco ao sol. Sentado no alto olhou em volta, aquelas solidões enormes em que os próprios dias da semana perdem o sentido, e é tolo dizer “hoje é domingo” ou “hoje é quinta-feira”, assim como não há diferença entre este século e o vindouro, havendo sentido dizer só que é dia ou noite, manhã ou tarde ou meio-dia; aquelas solidões cheias de céu por cima de incontáveis montes nus ou recobertos de mata e cujos únicos sons eram o canto dos pássaros e o rumor do vento nos galhos, e seu arfar de cansaço — pois a subida fora longa e aquela devia ser uma das montanhas mais altas, pois dali podia ver tudo em todas as direções — uma nota dissonante nisso tudo.

Sentiu-se único no mundo e imaginou aquela mesma paisagem um milhão de anos atrás. Sentiu-se único porque as multidões estavam longe e o ignoravam, e ser o único dava-lhe uma sensação inusitada não de prazer mas de tranqüilidade. Achava que está tranqüilo aquele que não tem a menor obrigação com ninguém, pois o simples fato de dar corretamente o nó da gravata para comparecer a um jantar é uma forma de obrigação; por isso, pensava, tranqüilidade é não ter sequer de usar gravata, e poder estar nu em qualquer lugar é ser o único homem no mundo. “Não há ninguém tranqüilo”, murmurou, ainda que naqueles ermos pudesse experimentar a nudez e sua comunhão com a natureza, e assim descalçou os sapatos e as meias, tirou as calças e a cueca forrando a relva com a roupa, e deitou-se nu ao sol até perceber que a pele avermelhava, começando a arder. Acomodou-se à sombra de uma árvore, sentado sobre a roupa dobrada, a maleta perto. Mas imaginar aquela paisagem um milhão de anos atrás pesava, e relanceando a vista pelas amplidões azuis no horizonte onde as próprias montanhas, enormes, pesadas e compactas, tornavam-se fluidas e leves como se dissolvidas no céu, sabia que há um milhão de anos aquela parte da terra estava ali, no mesmo lugar; mas, perguntava-se, sob que aspecto? E todos esses anos passando-se ali que novos traços acrescentavam, e que outros tantos destruíam? Como era difícil imaginar isso, uma espécie de peso a toldar não só o raciocínio e o entendimento mas o peito e os olhos, que a concretude de um milhão de anos sufoca e pesa a quem talvez não chegue aos cem.

Fragilidade.

Que o ser humano é frágil, pensava, e o tempo era a maior ameaça. Por que imaginar um milhão de anos antes se não tendo chegado ainda aos quarenta (embora já tivesse passado dos trinta e sete) sentia essa espécie de peso que não é peso mas um desalento pelos anos da infância e adolescência perdi-

dos? Vestiu as calças, mas continuou sem camisa. (Compreendeu que estar nu é impossível, porque a nudez do corpo nada significa quando é impossível desvestir-se dos mantos que todos os dias nos são impostos, pesados como as roupas de chumbo que os proscritos de Dante carregavam no Inferno, e concluiu que todos estão vestidos por mais nudez que aparentam às vezes, sendo uma tolice tirar a roupa ali para sentir-se livre, “aqui dentro não são apenas roupas, mas cadeias”.) Sim, um desalento vivo e triste como o que paira sobre as ruínas de uma casa quando pensamos que alguém viveu ali numa época, agora parecendo abstrato não só o fato de alguém ter vivido mas as próprias pessoas que ali viveram e de quem já não se pode dizer “foram estes ou aqueles, e estão aqui e ali, vivem ainda, ou morreram”.

No momento em que, após dar um passeio pelos cômodos vazios que o acolhiam com indiferença mas nos quais flutuavam — além do som produzido pelo salto dos sapatos contra a madeira do assoalho, numa voz cava e profunda que parecia querer dizer qualquer coisa em seu inalterável monólogo **Toc Toc Toc** —, como que vivos e à espreita de quem ali se aventurasse para se manifestarem denunciando sua presença sob o aspecto de um sentimento de melancolia ou de abandono, esses fantasmas que havia não só ali mas dentro de si mesmo; nesse momento, pois, voltando ao salão, encontrou-o no canto e notou que estava vivo e não soube o que fazer; não que se arrependesse daquele passeio doido, pelo contrário, sentia-se satisfeito, mas aborrecido por se ver impotente diante daquela situação nova e assustado ante a contingência de passar a noite abrigando-se de uma chuva que não tardaria a cair na companhia de um doente prestes quem sabe a morrer; quando ouviu o ruído do carro e aquelas pessoas vieram; momento após o qual isolou-se na varandinha embrulhada na colcha de retalhos, sentado numa cadeira de balanço que passou a encher o silêncio com seu rangido suave, e antes do qual viera pelo caminho dos fundos, um simples trilho cheio de mato, e deparando com o casarão pensara “parece abandonado, mas deve servir de abrigo e é uma sorte encontrar um, já que vai anoitecer e a chuva não demora”, antes disso tendo emergido numa estradinha esburacada que só dava passagem a pessoas a pé ou a cavalo, e que a certa altura bifurcava-se, o caminho da esquerda seguindo por um vale, um brejo também repleto de lírios que se perdia de vista, misturando-se ao longe à sólida sombra dos montes, e o da direita costeando o morro até ali, mas que ao mergulhar na mata mostrava-se em desuso há muito tempo; antes disso tendo passado boa parte da tarde dentro do rio, refrescando-se do calor pois ao descer o morro

pelo outro lado, não sem antes espraiair a vista por aquela solidões longínquas e tristes em sua imobilidade e velhice (“Não pesaram sobre este lugar só um milhão de anos, na verdade isso é bem pouco face ao tempo colossal que se passou aqui.”) *sempre renovadas, suava tanto que (as manchinhas adensavam-se por toda a largura do horizonte subindo vagarosas pelo céu, enquanto o ar, um pouco turbulento no começo, permanecia agora parado e abafadiço, nem a mais leve aragem movendo a relva) apenas tomar a água do rio a goles largos e refrescantes não satisfazia, despindo-se — mas não de todo como antes, pois havia um caminho por certo e podia aparecer alguém —, mergulhando nas águas claras que lhe davam pelo peito e caminhando sobre a areia do fundo que cedia aos seus pés, enquanto lentas as pequenas manchas tomavam conta do céu...]*

, inventei-a agora — disse ele fazendo a luz da lanterninha jorrar outra vez dentro da maleta.

Raquel não respondeu. Agradava-lhe ouvi-lo dizer aquelas coisas
(*E então eu diria:*

— *Cuidado com o limo?*

— *Por quê?*

— *Escorrega. Se cair...*

— *Vou tomar cuidado.*

— *Nunca foi a uma cachoeira?*

— *Não tinha cachoeira onde eu morava.*

— *E nunca saiu de lá para passear?*

— *Algumas vezes, mas não fui a nenhum lugar que tivesse cachoeira.*

— *Eu moro na cidade, mas gosto mais daqui.*

— *Por quê?*

— *Porque não preciso estudar.*

Mas ele, esperto, replicava:

— *Mas você não está de férias?*

— *E daí?*

— *Lá também não ia ter de estudar.*

— *Mas lá não tem nada disso — eu pensaria comigo mesmo, “e lá também eu não ia te ver”. — Hoje o sol está ótimo.*

— *Não vem mais ninguém?*

— *Só no fim de semana. No meio da semana quase não vem ninguém.*

— *A água está fria!*

— *Vou entrar primeiro, assim você vê onde eu piso. Depois eu saio e você vai.*

— *Não dá pra irmos os dois?*

— *Dá, mas eu vou na frente.*

Então eu iria na frente, pisando com cuidado e me colocando sob a queda. E ele vinha pisando onde eu havia pisado, pondo-se sob a queda ao meu lado.

— *Fria! Brrr...*

— *Depois a gente senta no sol pra esquentar.*

— *Mas é bom.*

— *Podemos voltar mais vezes. Vamos sentar ali, agora.*

Saía da queda e sentava-me ao sol, e ficava olhando-o sob a água. Depois ele também saía, mas ficava um pouco lá embaixo, olhando as pedras verdes de limo e a água que espumava entre elas. Era branca sua pele sob o sol. Então ele vinha e sentava do meu lado.

— *Gostou?* — *eu perguntava, e ele fazia que sim com a cabeça, então eu lhe punha a mão no ombro e, ao mesmo tempo que lhe sentia o frio da pele molhada, sentia um calor no meu rosto e ficava corado e sério, sem poder parar de olhá-lo, dizendo tudo com esse olhar embora continuasse calado, e ele me olhava também e não sei se percebia ou não, será que percebia?, e seu sorriso era doce, e eu lhe apertava um pouco os dedos na pele, onde ficavam umas marcas momentaneamente mais claras, e então sentava-me mais perto dele, ele virava-se para mim e eu o abraçava.*

— *O que foi?* — *ele dizia.*

Eu não respondia, baixando os olhos, pois na certa ficaria confuso e encabulado, ele falando então com a voz mais baixa e quase num sussurro:

— *Hein, o que é que foi?*

Aí eu baixava minha boca até seu ombro e passava a língua em sua pele branca e ele encolhia-se um pouco e nos olhávamos. E ficávamos ambos muito vermelhos... “Se fosse assim, se tivesse sido desse jeito...”)

, sabendo, no entanto, que devia não só decidir-se a lhe falar, a lhe pedir, mas a romper aquele cadeado invisível que lhe trancava a boca desde a infância (e não estaria rompido agora, de uma vez para sempre, com a morte “dele” e seu inapelável desaparecimento?), desde um dia em que um

homem carregado de malas chegou à sua casa como se fosse o novo dono e tudo começou a se destruir à sua volta.

Capítulo 25: Sobre o desvario de uma caminhada sem rumo certo e a premeditação de um crime com seu conseqüente arrependimento, somando-se a conclusão de que se a mesa podia ser escalada por uma formiguinha, não seria infinita.

Quieta agora numa cadeira, afastada dos demais a quem olhava vez por outra ouvindo toda aquela discussão (falavam de Deus, criam, descreiam, argumentavam, ela no entanto mantinha-se alheia) sem se interessar, pois outra coisa — perante a qual de repente nem mesmo o ódio pelo negro que a esbofeteara cabia mais, não por tê-lo esquecido mas porque na incursão pela casa trouxe-a à tona aquela voz monótona, regular, tranqüila — ocupava-lhe o pensamento, também indiferente à chuva que lá fora enchia o vão da noite (enrolara-se num cobertor devido ao frio da madrugada), por instantes esquecida até das circunstâncias que a haviam levado até ali (vozes, palavras ríspidas, irônicas, asserções incompreensíveis, raciocínios complicados, vozes... “Afinal, por que falam tanto? Como se entendem?”); aquilo, tanto tempo guardado que, como uma jóia rara que se atira para o fundo de um cofre com medo de que o uso a desgaste com os anos, ou de que seja roubada ou de que perca o encanto, e da qual se esquece, ressurge desse esconderijo, não com o mesmo brilho e a mesma beleza mas ainda mais bela e brilhante, tudo o que fora um dia mero detalhe revelando-se por inteiro, e o que fora esquecido como banal reaparecendo como essência, consigo a inquietação da redescoberta mas também sua desesperança por estar agora tão distante e impalpável e nebuloso quanto carregar uma espécie de peso, estranho porque não nas mãos ou nos ombros, mas no pensamento.

[Na varandinha por certo Raquel tentava físgar o rapaz, pensou, era preciso ensinar-lhe tudo, por exemplo, a ser mais arrojada mesmo que vez por outra acabasse levando um tapa na cara, isto uma contingência apenas, refletiu, a cada profissão suas “sortes e reveses”, e outra vez aquele peso por dentro, pois aquilo estava ali e não se deixava afastar muito conquanto se perguntasse

por que o destino agia dessa forma não só estranha mas complicada, atirando-a naquele lugar numa noite de chuva em condições singulares, não para que ela se abrigasse da chuva durante a noite (“Que era apenas uma desforra o que eu queria...mas será que sou tão estúpida) *mas para que lhe pudesse jogar aquilo em cima, aquele peso.* (precisamente agora ouviu-se o nome, as vozes, mesmo indiferente a elas, trazendo-lhe trechos avulsos da discussão em que se empenhavam e na qual soou esse nome e não uma vez apenas — “perguntam-se sobre o destino, discutem; que me importa o que pensam?” —, tudo se embaralhando, porém, na confusão de palavras e raciocínios difíceis ao seu entendimento. A figura do outro vinha-lhe às vezes, as duas na porta da sala grudadas ao chão e imóveis, e duras, e sem voz, e ele caído no tapete, o olhar imobilizando-se na morte, em sua direção, a fixar-se não nos olhos de uma ou de outra mas de ambas, como a deixar-lhes gravado nas retinas e para sempre aquele momento.))

(para não perceber?... para não ver que ela não sabe o que é ser feliz?... Quando amanhecer vou embora e) Os olhos passeando pelo chão, encontrando as fendas do assoalho, a lama deixada pelos pés que por ali caminharam, as botas sujas do jogador de paciência, até a linha do olhar cruzar com uma formiguinha que entrou, rápida, numa fenda, e pôs-se a esperar que ela retornasse, invejando-a pois a formiguinha estava bem segura naquela fenda, resguardada da chuva e da noite e mesmo da desgraça de ter consciência de si mesma, e pensar, este o maior de todos os perigos, pensar, pensar... e pensar se existia isso de destino ou não, que tanta gente falava e em que tantos criam sem ao menos saber como e por quê

[e a deixo em paz, se se arranjar com aquele panaca lá dentro, tanto melhor (*Sem saber por que a acompanhara quando de repente Raquel se atirou porta afora e correu*), embora esteja claro como água que em momento algum ela tenha tentado fisgá-lo e eu tenha sido mais que estúpida, cruel, pensando assim, e agindo assim. Por que meti na cabeça levá-la comigo? Não é só o inconveniente de uma garota sem experiência, que isso se arranja com facilidade, nem o receio de que nunca tenha ido com ninguém porque tem dezoito anos e é dona do próprio nariz e do próprio cabaço, não, não é isso...]

, sabendo apenas que o destino era algo que definia sua vida antes de nascer, antes mesmo que seus avós nascessem, e seus tataravós abrissem os olhos e, olhando em volta, se pusessem a berrar até mãos ainda mais antigas embrulharem-nos num cobertor pondo-lhes na boca o bico de um seio gordo, o que lhe parecia em certos momentos absurdo mas que da forma que as coisas aconteciam só mesmo existindo, absurdo ou não.

, e continuou correndo por vários minutos, acompanhando-a conquanto já estivesse a ponto de desmaiar quando pararam e ela se apoiou no barranco quase sem agüentar-se de pé:

— Por que correu?

E Raquel:

— Ele está morto? — perguntou, enquanto bufava de cansaço, o rosto cor de vinho.

— Deve estar.

E Raquel:

— Não volto lá... não volto lá...

A outra tentando convencê-la:

— É preciso...

— Não, vá você se quiser; faça o que quiser; eu não volto lá! — e meteu-se estrada afora.

— Aonde vai?

— Não sei, lá não vou.

— Ele não pode ficar morto lá!

— Que fique! Lá não volto! — e continuou andando.

— O que vai fazer?

— Já disse que não sei!

— Lá é sua casa...

— Não tenho mais casa.

— Ora que coisa...

— Por que você não volta então?

— Não, eu não...

— Então?...

E andaram por muito tempo quando lhe ocorreu a idéia de levá-la consigo para a cidade, para seu quarto, o mesmo de onde ele — numa noite em que surgira à sua porta caído de bêbado, murmurando conceitos filosóficos mal articulados e menos compreendidos, e se deitara com ela não sem antes atirar sobre a mesa algumas notas de cem como a dizer “está pago, vamos” — a arrancou levando-a para casa, até aquele momento sem saber como aceitara ir com ele para aquele meio de mato embora não negasse que a impressionaram sua figura decadente e seus ditos complicados, seu cheiro de álcool e suor e suas reflexões incompreensíveis à meia voz no silêncio do quarto quando, sóbrio pela madrugada, concluíra dizendo “acho que enlouqueci”; e assim ensinalhe-ia todos os truques, os macetes, os jeitos, todos os homens da cidade trepando com aquela virgenzinha histérica, e assim faria com que a fodessem pela

frente e por trás, gozassem em sua boca e lhe puxassem os cabelos, aquela “putinha de cabaço” que não apenas a olhara de viés, com ela não trocando mais que meia dúzia de palavras, como também fazia questão de demonstrar sua repulsa e o nojo que sua presença lhe inspirava e a distância que quisera sempre manter; “você vai ver, sua galinhazinha duma liga!”, e continuaram andando.

(Aqueles três meses foram o inferno e ainda não sabe como pudera agüentar tanto tempo, ela, livre e cuja única ocupação era buscar homens à noite que lhe garantissem o almoço da semana seguinte, essa liberdade contudo que começava a pesar-lhe e cujo futuro desejava conhecer, como já se não estivesse ali à sua volta, por todos os cantos, arrastando-se sobre a imundície de camas e lençóis encardidos em que se misturava o esperma de muitos homens e de todos os tipos, não só o fedor da miséria mas o cheiro muitas das vezes de água de colônia *made in France* da abundância, e mais, vivo esse futuro a acenar-lhe dos recantos de fome, doença e morte e nisso tudo recusando-se a reconhecê-lo (...é que não vale a pena carregar esse crime, porque fazer isso seria um crime!)); ela, pois, cuja duvidosa liberdade conhecera, ter de aturar um bêbado que só fora pródigo na primeira noite, suportar uma garota que não lhe falava, descobrindo porém nos olhares furtivos atirados do canto um ódio silencioso e impotente, e mais que tudo isso ter de suportar o trabalho que ele ordenava e mais, as pancadas de quando não obedecia suas ordens, e ainda mais, e pior, o sentir-se intrusa e presa. Por que, porém, não fugira antes, não apenas antes de toda pancada, todo ódio, todo insulto calado que a garota não economizava nos seus olhares compridos e fixos, mas antes que ele morresse ali, com um olhar pior que todos os outros, como se proclamasse maldições no momento da agonia?)

— *Não vou adiante — disse, e parou, e o sol imobilizou as duas sombras no meio da estrada. Já fazia muito tempo que andavam. — Onde estamos? Nós estamos perdidas! Quanto tempo faz que saímos feito doidas sem direção?*

E Raquel olhou-a como se a surpreendesse ela estar ali, só agora percebendo que a outra a havia seguido, em seu olhar primeiro espanto, depois um vivo pavor:

As duas sombras ainda imóveis na estrada, Raquel por fim caiu no chão e chorou, dando-se conta não só de que atrás de si ficara um morto, mas de ter andado tanto que era impossível voltar antes da noite para casa, onde, sabendo o que havia lá, não teria coragem de entrar; e não apenas isso, que suas sombras sumiam de repente, muito longe ouvindo-se um som abafado de trovão, “o céu está cheio de nuvens carregadas, vamos ter chuva” a outra disse. “E agora, que vamos fazer?”

— *Estamos perdidas?*

— Não — disse Raquel.
— Como não? Que lugar é este? Você sabe onde estamos?
— Conheço este lugar.
— Não dá para voltarmos antes que anoiteça.
— Eu não voltaria.
— Lá é sua casa!
— Eu não tenho mais casa! — Raquel gritou, descontrolada e lembrando-se do cadáver que ainda estaria caído no tapete da sala.
— Hummm! — fez a outra contendo uma explosão de raiva.
Raquel deu de ombros.
— Pode haver complicações se o descobrem morto e não nos acham lá — disse —, você não vê? Eu sou estranha aqui, podem suspeitar de mim.
Raquel deu de ombros outra vez, mas continuava apavorada. A outra disse:
— Onde vamos passar a noite? — o sol reapareceu, mas por poucos segundos, as nuvens de chuva recobrimo-o logo e adensando-se, entre elas o instantâneo brilho poligonal de um raio e um estrondo longínquo. — Não tarda chover.
— Tem uma casa aqui perto.
— E quem mora lá?
— Ninguém, é abandonada.
— Uma casa abandonada? E eu vou passar a noite numa casa abandonada?
— É o único jeito, não vê?! — exaltou-se Raquel.
— Está bem, está bem... porra, e esta agora... — apalpou no bolso da saia curta uns apetrechos que sempre ficavam ali: um batom vermelho de cereja e uma caixinha de pó compacto em cuja tampa havia um minúsculo espelho. Contemplou os objetos distraída e os devolveu ao bolso. — Amanhã... amanhã vou embora, deve haver uma auto-estrada por aqui...
— Não fica longe.
— Amanhã vou embora. Se não achar carona, vou nem que seja a pé!
— Não pode me deixar sozinha agora — disse Raquel entre suplicante e autoritária, e a outra soube que a tinha nas mãos.
— Venha comigo, se quiser — disse. Arrastá-la para seu quarto, na pensãozinha do beco: destruí-la, era tudo em que de repente começara a pensar.
— Ir para onde?
— Para a cidade... não posso continuar aqui, nem voltar lá... se já acharam o cadáver pode haver complicações para mim... sou estranha aqui.

— *Ir para a cidade!* — exclamou. — *E o que é que eu vou fazer na cidade?*

— *Então volta sozinha para casa, porra!*

— *Não...!*

— *Não quero correr riscos, garota, eu não tenho quem me tire de complicações, se você quer saber.*

— *Mas você não fez nada!*

— *E quem vai acreditar nisso? Só o fato de termos fugido basta para que suspeitem.*

— *Mas nós não fugimos!*

— *E quem vai achar que não? Não vê que o caso se complicou? Amanhã arranjo uma carona, ou vou a pé, aqui é que não fico nem mais um dia!*

— *Ai meu Deus...!* — choramingou Raquel. Escurecia.

— *E levante logo daí, mocinha! Se tem uma casa aqui por perto, ainda que abandonada, é melhor irmos para lá.*

Raquel levantou-se com dificuldade, desorientada e quase completamente só. Não conseguia raciocinar com clareza, sabendo apenas que atrás de si havia um morto, ao seu lado uma mulher a quem detestava — e que também a detestava — mas de quem dependia no momento, e diante de si, apenas a perspectiva de uma noite de chuva numa casa abandonada e o dia seguinte, o qual não se delineava em sua mente.

A formiguinha não voltou no mesmo instante, mas depois de uns dois minutos e com outra, não distinguindo entre ambas qual vira primeiro e mesmo se a que vira primeiro seria uma das duas, e refletiu que não estavam tão seguras quanto pensara

(de repente a moleca já não era a mesma, de novo demonstrando aquela repulsa, aquela aversão embora submissa, como ao deixar-se levar pelo braço sem nada responder às insinuações maliciosas que fazia adrede, irônica e experimentando um prazer incomum naquela vingança, “o começo, o começo apenas...” e se desvencilhar ainda sem dizer palavra, e voltar para a varandinha, onde o rapaz continuava falando entre longos intervalos; na verdade fora um tanto grosseira e a xingara de propósito na presença dos outros, isso porque havia outras pessoas ali cuja presença a instigara a agir assim, retomar seu jeito antigo e sentir-se mais segura, podendo descartar-se da companhia; “mas você se engana, sua cretinazinha do caralho, você se engana...”)

, pelo menos enquanto todos estivessem ali, “basta que alguém lhes pise em cima, só isso”, sendo melhor que sumissem nas gretas do assoalho e não voltassem, mas não sumindo, pelo contrário (“Entretanto, de que vale isso, de que vale destruí-la?... Odiei seu desprezo por mim, seu ódio, odiei-a a ela... mas ela... não, não posso, não

quero carregar esse crime.”), saíam as duas e se afastavam em seu passo célere e natural pelas tábuas afora, alheias ao perigo, até mergulharem numa zona de sombra (a sombra da mesa sobre a qual uma Bíblia iluminada por uma vela era lida por um homem e uma mulher que, no entanto, agora já não liam mas davam-se a uma longa discussão; a mesa, essa coisa gigantesca que parecia erguer-se ao infinito mas que qualquer formiguinha poderia escalar sem nenhuma dificuldade, não sendo assim gigantesca nem infinita) e não as ver mais.

Capítulo 26: Entre imaginar coisas tristes e o que é triste, onde está o intervalo? (Aqui se fala também sobre o surgimento da dúvida.)

— Ocorre-me às vezes imaginar coisas tristes, bem tristes. Nunca lhe aconteceu isso? A cadeira silenciara, intervalo não entre a voz que formula a pergunta e a outra voz que, insegura, responderá, mas entre o rangido e o contínuo gotejar do beiral, a chuva caindo em fios nas poças que se formavam no escuro, portanto não um simples monólogo mas dois no sobrepor-se de uma voz à outra, falando ambas ao mesmo tempo sua própria tranqüila e inconfundível linguagem.

(“O intervalo não é entre um acontecimento e outro que se lhe segue — Ed pensou —, mas entre sua natureza. Não entre eu falar e recomençar após permanecer calado, mas entre minha voz e o que digo. Nem entre o que vejo e penso, mas entre o que penso ver e o que há de fato. Nem entre o que sou e o que quero, mas entre o que posso e o que não posso, ou ao contrário...”)

— Coisas tristes? Como? — disse Raquel.

— Coisas de uma tristeza intrínseca que, independente de sentir-se, existe. Imagino às vezes uma ruazinha num sossegado recanto de bairro, estreita e calçada de pedras e cheia de árvores, antiga porque só muito tempo imprime essa tristeza às coisas, ao fim da qual há uma casa onde alguém está só detrás de suas cortinas e vidraças, alguém que não viu a vida e muito pouco tem para contar, a não ser umas raras e por sinal melancólicas lembranças, alguém não muito velho mas sem mais nada, que vê naquela ruazinha e na sombra não da tarde mas do Fim uma história simples e por isso mesmo, como tudo aquilo, triste, e mais nada, nem a mais leve suspeita do tempo perdido, de sabê-lo extinguindo-se por trás das vidraças, na quietude dos cômodos...

{E foi de repente que me peguei duvidando — continuou Aurélio —, não que houvesse descrito de uma hora para outra, não, foi num processo lento que se insinuou a dúvida, as verdades teológicas indiscutíveis que meu pai me ensinara apontando-me com o dedo os versículos nas páginas longas e cheias e no mais das vezes áridas ao entendimento, acompanhando o dedo a voz grave porém doce e um e outro sorrisos, ou que o ouvira bradar do púlpito com a autoridade que lhe conferia o Senhor, intrínsecos a convicção e o dogma, aberto o livro sagrado sobre o qual firmava-se, muitas vezes brandindo-o acima da

cabeça na advertência de que “este é o receptáculo da verdade, onde a busca-reis e a achareis e da qual saireis fortalecido”, mas da qual, mais que confuso saí carregando um remorso a me atormentar as vigílias que, em vão, tentava amenizar na fumaça aromática e azulada do cachimbo (acostumara-me ao cachimbo por essa época); as verdades teológicas, portanto, tombando uma a uma diante do raciocínio científico, de dia para dia, de ano para ano, o cetismo tomando espaço, forma e volume como um posseiro sem lei que invade e traz outros consigo e estes ainda outros e logo formam uma força contra a qual é impossível lutar ou, ainda que não impossível, exigindo forças insuspeitadas sem as quais sucumbe-se inapelavelmente; mas repentino o fato de encarar-me a mim mesmo, e não num espelho porque desnecessário olhar-me na cara, nos olhos, ver o movimento dos meus lábios dizendo-o, mas voltando-me para minha própria consciência e ouvindo-a no som das palavras ditas com clareza: “Você duvida, agora você duvida!”

(— O que acha de tudo que diz a ciência? Entre tantos paradoxos, onde fica Deus? — perguntei certo dia a um amigo de faculdade com quem dividia o quarto numa cabeça-de-porco, no Rio. Ele, mal acomodado numa cadeira junto à janela, parecia distraído mas ouvira-me bem. Entre minha pergunta e a resposta ao voltar-se com vagar e encarar-me, o ruído de um caminhão estacionando embaixo da janela, umas vozes ao longe, um grito de criança, o zumbindo renitente de uma mosca que pousando na mesa não me escapou ao chinelo:

— Falar de Deus num lugar destes?

— Não — repliquei —, não me venha com suas reclamações. O que eu quero...

— Quer que eu diga onde está Deus? — cortou ele, e eu fiquei esperando. Ele se levantou, deu uma volta pelo espaço restrito entre o beliche e a mesinha, espichou-se na cama. — Aprendemos sobre Ele quando nem sabíamos limpar a bunda direito, Papai do Céu, diziam os adultos, e aprendemos... pra quê?... Pra chegar um dia e descobrimos a verdade?

— Deus não existe, então?

— Não é sua existência que discuto, mas o que nos foi ensinado, o fato de termos crido um dia e depois...

— Depois descrido?

— Não, depois descoberto que, existindo ou não, não é como nos foi ensinado... e que, existindo ou não, nós somos nossos próprios senhores... quando não há outros, mais implacáveis; ou escravos...

— Então se Ele existe, não interfere, não é?... — e ele me olhou voltando-se sem responder para o canto.

Olhei a mosca esmagada pensando em como ele evitara declarar que Deus não existia — talvez por já ter-lhe dito que fora criado numa igreja, não querendo desapontar-me ainda que nossos diálogos

fossem muito francos em todas as ocasiões —, e antes de limpar a mesa com um pano úmido que apanhara no banheiro (banheiro igual ao da nossa igreja, aquele que meu pai pretendia sempre reformar), disse: — Deus a fez e eu a matei. Há milhões de anos surgiu a primeira, um longo caminho para acabar de forma tão prosaica! — e ele zombou:

— Nós levamos uma vida prosaica também, não concorda?

— Um complicado código genético esmigalhado na toalha... isto não se faz — limpei a toalha e lavei o pano na pia do banheiro. Ouvi-o dizendo às vezes: — Deus foi sábio com o homem: concedeu-lhe o dom do raciocínio não só para pensar e duvidar do Criador mas para ter consciência da Morte; e ao mesmo tempo outro dom, menos nobre: o de cagar todos os dias, e a todos os momentos, a despeito de qualquer coisa, carregar onde for uns bons quilos de merda nas tripas.)

, e com efeito constatei que era isto mesmo.

Meu pai lá ficou, atrás de seu púlpito, regularmente três vezes por semana, naquele mesmo gesto erguendo as mãos no ímpeto do louvor ou da prece, ou da mensagem transmitida em seu estilo vigoroso ao fim da qual não só os fiéis choravam e louvavam a Deus em altos brados no cúmulo da exaltação e do frenesi — uma quase histeria que me assustava às vezes, embora já habituado a ela —, como também ele, de rosto vermelho cujo suor descia empapando a camisa, sob os braços, no tecido barato do paletó cinzento, visíveis as rodas de suor; sorria e agradecia a Deus aquela nova oportunidade de estar ali.

Desde que entrara para o curso secundário minhas idas à igreja rarearam, aplicando-me aos estudos todo o tempo disponível, ao que meu pai sorria batendo-me no ombro, “Muito bem, meu filho, Deus dá força aos que se esforçam, porque Ele disse ‘vai, que Eu estarei contigo’; mas tira um tempinho para ir à igreja, pelo menos umas duas vezes ao mês”, “está bem, papai” eu respondia, fazendo-lhe a vontade vez por outra mas já não me sentindo tão atraído para os cultos, não apenas e enfadar-me de todo aquele ritual, mas principalmente sem ver proveito nele, em razão de um Deus que apesar de todo Seu poder contentava-se apenas em olhar do alto de Sua magnitude aquele velho debruçado sobre a mesa de níqueis, “até o fim do ano poderemos fazer a reforma no banheiro das senhoras, graças ao nosso Deus que nos tem sido tão bom!”; agitando-se a esmo e às cegas na confusão da minha cabeça de estudante ávido de conhecimento e em seus primeiros contatos com a verdade material e crua da ciência — verdade que pouco a pouco assimilava desprezando a crença humilde dos que, através da visão pura e simples da fé (talvez porque a única ao alcance de seu entendimento e satisfação para suas poucas exigên-

cias) imaginavam, por exemplo, que antes do Dilúvio nunca houvera arco-íris... — os pensamentos desordenados como bolhas na fervura.

[“Se Deus não impedisse, os homens iam construindo a torre e chegavam mesmo no céu, (...e somadas essas velocidades e somadas ainda as linhas de suas trajetórias — a da terra em sua elipse ao redor do sol, a do sol em seu giro de 250 milhões de anos ao redor do centro da galáxia, a da galáxia, arrastada para algum ponto na direção de Virgem — temos do nosso planeta um percurso semelhante a um gigantesco saca-rolhas a dois milhões de quilômetros por hora espaço adentro...) mas Deus confundiu os homens, e eles tiveram de se humilhar!”. Era uma senhora baixota e gorda quem falava. Conhecia-a desde criança e já me acostumara com seu cabelo muito crespo sempre formando um coque igual a um cocozinho de cachorro na nuca. Dava aula na escola Dominical, mas eu a ouvi dizer aquilo certa vez na agência dos correios; falava já não me recordo com quem, mas com muita ênfase no seu jeito manso e bem humorado mas cheio de fé, quando lembrava a desobediência do homem a Deus.]

Aos dezenove anos preparava-me para o curso universitário. No ano anterior fora dispensado do serviço militar e também morrera minha tia. Coitada, sempre tão pudica, tão consciente dos seus deveres de cristã, tão observadora das doutrinas com sua saia comprida no meio das canelas... contudo trancava-se no quarto não para orar, ler a Bíblia ou meditar na palavra, não, mas para masturbar-se... que ironia, meu Deus, que sofrimento... amanheceu morta, e o médico disse que o coração, fraco, acabou parando. Há tempos queixava-se de umas pontadas no peito e falta de ar, e embora meu pai a aconselhasse ir ao médico ela dizia: “Aquele que está lá em cima é o meu médico, ore por mim”, e em sua intransigência se pudesse falar depois de morta diria que Deus fizera melhor que curá-la, pois a levava para Sua Glória. Assim eu pensava naquela época. Diante de sua teimosia em não ir ao médico, eu esbravejava comigo mesmo, indignado, “fanática, que se dane com sua burrice, que morra!”, mas ponderava “morta, diria que Deus fora sábio não a curando mas levando-a para Si”. Tinha cinquenta e nove anos, não casou nunca, não conheceu homem... masturbava-se, só isso.

Mas foi numa noite em que eu deixando um pouco de lado os cadernos — fim de ano, fazia revisão da matéria para as provas finais, estudando no quarto todas as noites até tarde — me pusera a pensar, em dúvida quanto ao rumo dos estudos daí por diante e ao mesmo tempo excitado com a perspectiva de ingressar na faculdade, já que da cidadezinha onde morava muito poucos

jovens chegavam ao nível superior; o que, de certa forma, dava-me um certo destaque e me envaidecia. Refletia sobre isso, quando ouvi meus pais na sala conversando.

— *Recebi hoje o extrato do banco referente à conta da igreja — dizia ele —, creio que em breve poderemos iniciar as obras.*

Minha mãe disse qualquer coisa que não entendi bem, e ele continuou:

— *Dá para o começo. Deus tem sido bom, muito tem feito por nós. Há anos vimos lutando com essas obras, ora o chão que pede um piso melhorzinho, ora os bancos novos, é verdade que não foi possível comprar bancos muito novos, mas são fortes e hão de agüentar muito tempo. Depois tivemos a pintura das paredes, é muita coisa e os membros são tão pobres, coitados, tão sem recursos... Mas o Senhor nos tem dado meios.*

Ouvia-o com atenção, e aquilo... aquilo... Afinal, o que ele queria? Nada daquilo fora feito para si mesmo, tudo para a igreja, tudo para a Casa do Senhor; eu pensava; ora!, Deus só fora bom consigo mesmo, e nem assim!, que se quisesse teria coisa muito melhor! Pobre papai!

— *E quando pretende começar? — perguntou mamãe. — Olha que é preciso planejar bem, antes.*

— *Talvez em dois meses... em janeiro é melhor. De início o sanitário das senhoras, depois o dos homens. Nossos banheiros estão muito ruins, é até um desrespeito à Casa de deus! Mas Ele tudo sabe, tudo compreende.*

Meu pai se mortificava porque os banheiros da igreja eram ruins — e eram de fato — como se Deus fosse entristecer-se com isso, veja que absurdo! Hoje compreendo que havia duas coisas que ele amava com a mesma força: sua família e a Obra. Tinha mamãe na conta de uma pessoa especialíssima e a amara toda a vida com o mesmo amor dos primeiros dias, não uma paixão arrebatada e sensual, pois acredito que mesmo ao conhecê-la não fora assim, mas um amor perene, imutável, quase espiritual a que aludia às vezes com os olhos tranqüilos e beatíficos fitos no teto, falando mais para si mesmo. A mim, seu único filho, admirava-me vendo-me em cima dos livros e cadernos, sugerindo vez por outra “busca também o saber das coisas do Alto, meu filho, que te sairá com maior êxito nas coisas cá da Terra”. E foi dos que mais sofreu com a morte de titia. Na pregação do domingo seguinte abordou o tema da morte do justo e do pecador; concluindo que sua irmã carnal recém-falecida estava entre os justos e dela agradava-se o Senhor; de cujas delícias usufruía agora (“E por lá talvez ache um cantinho, um quarto, qualquer lugar onde possa tocar sua siriricazinha beatificada e cheia de graça...” pensei, ouvindo-o, e ao mesmo tempo sobreveio-me o medo ao castigo divino, à ira consumidora de Deus, por essa heresia dentro de

Sua casa, no seio do Seu povo escolhido, durante um culto em louvor do Seu nome, pensamento que todavia não pude evitar; do qual me apercebi quando já o tinha pensado todo, de uma só vez, e que me pesou como remorso por muito tempo quando olhava o retrato da falecida pendurado na sala ou, vendo meu pai descer do púlpito após sua prédica heróica, quando lhe observava no rosto cansado e envelhecido a transformação miserável que sempre se operava.). Meu pai nesse dia foi grandioso em sua exposição e eu, no costumeiro banquinho do canto, pensava no fato de tê-lo tido desde menino como um guerreiro supremo em sua luta contra as trevas, dotado de algum poder sobre-humano que, no entanto, esvaía-se no final de cada culto. Eu me fizera homem, mas a autoridade com que falava do seu Deus (apesar do espaço súbito e inesperado para um pensamento herético) era tanta e tão expressivas as palavras, que continuava para mim o mesmo herói (não o fosse, por que o repentino temor à ira divina?). Assim meu pai amava os seus — hoje compreendo — que eram uma parte de sua vida. A outra parte era a Obra, a sua missão, por isto a felicidade com as melhorias feitas na igrejinha — que a despeito de tudo continuava minúscula — como se fossem para si mesmo, e sendo-o, de certa forma. Mas eu não pensava assim então, não compreendia, e ao ouvi-lo chorei sozinho pensando que seu sofrimento era por algo que nem ao menos era seu, e me decidi a falar com ele, de repente deliberei chegar até ele e dizer “meu pai, se Deus é tão bom assim por que não lhe dá logo tudo de que precisa para erguer um grande templo?”, e diante da sua surpresa e antes que respondesse, acrescentaria “não, pai, esse seu deus não é tão bom assim! Hoje sou um homem e penso por mim mesmo. O senhor se mortifica tanto, e para quê? O que tem conseguido? E há quanto tempo isso, meu pai? E por quanto tempo ainda?”.

Na tarde seguinte ele se recostara no sofá da sala, hábito seu descansar um pouco antes de sair para o culto. Uma boa ocasião para lhe falar; pensei. Pousara a Bíblia sobre o estômago, dando-se a uma espécie de meditação antes da leitura. Entardecia, toda a casa mergulhada nessa penumbra espessa e quase concreta de início de noite. Saí decidido do quarto, atravesssei o corredor e me vi... não junto dele no sofá, mas no quarto que pertencera a minha tia, parado entre a cama e o armário, sem coragem. Havia-me decidido, não tinha como recuar; mas na hora... Permaneci em pé ali por uns dez minutos, impaciente mas tolhido em minha deliberação, procurando ouvir seus movimentos na sala e percebendo que se levantava, acendia a luz e voltava ao sofá, seguindo-se um folhear de livro... Resolvi deixar o quarto e relanceei a vista para a sala: meu pai lia a Bíblia compenetrado. Entrei no meu quarto, pus-me à mesa e olhei com desânimo os cadernos e os livros. O quê, afinal, ter-me-

ia impedido de concluir meu intento? Medo de aborrecê-lo? Não! Respeito, não por ele mas pelo que representava para ele sua fé? É possível... Em todo caso, gastei nisso de esperar nova oportunidade uma semana ou mais, olhando-o dos cantos, seguindo-o pelo quintal, esperando-o no portão vir do trabalho, até que desisti. De cada vez inventava uma desculpa que disfarçasse aquele medo em lhe falar (soa estranho essa palavra, medo, se me refiro ao meu relacionamento com meu pai, o mais amistoso entre pai e filho), ora porque trazia serviço para casa e não devia atrapalhá-lo nesses momentos; ou porque estivesse lendo a Bíblia e eu, consciencioso, sabia inconveniente interrompê-lo; ou por outras quaisquer razões, as mais banais... enfim concluí que já se haviam passado muitos dias, o assunto esfriara, ficava para outra vez. A verdade é que essa outra vez não houve. Alguns meses depois mudava-me para a cidade: dividi o quarto onde ia morar com um amigo e ia em casa uma vez por mês ou nalguma folga dos estudos, ficando com meus pais um dia ou dois no máximo, e se me ocorria tocar no assunto ou se eles falando criavam oportunidade para isso, eu sempre me detinha refletindo que havia agora tão pouco tempo para estar com eles que não era justo aborrecê-los com uma conversa que, principalmente a meu pai, entristeceria. Ele nunca soube que estive a ponto de lançar-lhe em rosto o quanto eu já achava absurda aquela crença, aquela fé, e não me arrependo de ter-me calado. }

— ...pois aquele que é muito velho sabe que logo o tempo não correrá mais para ele, mas o que vai a meio, largado nessa dormência, vasto ainda o tempo mas inconsciente dele ou, em sua pachorra, não sem saber como ocupá-lo mas sem ter como, este sim é um triste, em sua morte gradual anos a fio.

Ed se cala e volta a mover a cadeira de balanço cujo rangido dilui o intervalo abstrato e imperceptível entre si e a chuva, ao mesmo tempo reconstruindo-o de outra forma.

— Isto são pensamentos tristes — disse.

Decorreram quinze, talvez vinte minutos, quando sob o jorro de luz, aberta outra vez a pasta dos fragmentos, um novo retrato, não antigo nem amarelado mas um tanto recente e em cores, surgiu em sua mão. Estendeu-o para Raquel.

— Minha avó.

A moça pegou o retrato enquanto ele mantinha erguida a lanterna, levantando um pouco o corpo. No pedaço de cartão, uma casa simples, pequena, à cuja porta uma velhinha de rosto iluminado pusera-se ante à

câmera. O retrato voltou à pasta, apagou-se a lanterna, rangia suave a cadeira. Raquel mantinha-se calada, ouvindo-o.

— Aqui já se vendera a fazenda... tudo o que ela queria, a pobre velha, era livrar-se da casa imensa e antiqüíssima onde a solidão parecia maior; ter sua própria casinha... (uma história tão simples!) mas então já era hora de morrer...

Falando como se estivesse distante de si mesmo,

— A agonia durou muitos dias, a doença acabando com sua já muito enfraquecida estrutura, um morrer lento durante o qual as pessoas sofriam revezando-se-lhe à cabeceira, até o último segundo mantendo o conhecimento, sabendo de tudo,

discorrendo como se apenas pensasse, como se muito mais que sua voz e suas palavras Raquel pudesse, no escuro, ver-lhe o rosto (não relampejava agora, pois a chuva aquietara-se um pouco)

como na hora em que me reclinei sobre a cama, pouco depois do anoitecer, para me despedir dela, não sabendo que era a última vez que lhe tomava a bênção, e em que ela, num sussurro que nem sequer ouvi — soube-o depois por alguém que a ouvira — abençoou-me

e, vendo-o, sentir que expressava o que dizia a língua, que o dizer é vago e longe da plenitude mas a expressão de rosto e olhos e lábios possui a retórica inimitável do coração,

e disse “boa viagem”, sabe o que é isso?, a poucas horas da morte, quando mal movia o maxilar e a língua, murmurar “boa viagem” porque eu era um dos seus netos bem amados e o que mais tempo estava com ela e ela o sabia e sabia também que era noite e que eu estava indo para minha casa em cujo percurso, ainda que não muito longo, algum mal poderia acontecer-me, fosse lá o que fosse...?!

cujo idioma não requer que se traduza mas que se perceba, e nem que se ouça mas apenas se entenda, fazendo-o não os sentidos ordinários conquanto o captem os ouvidos e os olhos e, às vezes mesmo, o tato, mas o próprio coração, o único a falar, a entender, a ser entendido.

Capítulo 27: História de um passeio a cavalo e a melancolia do pôr-do-sol.

Esfregou o couro do cavalo com gestos amplos e vagarosos, e limpou a raspadeira cheia de pêlos batendo nos paus do estábulo. O animal mastigava o milho com a despreocupação do hábito, os movimentos do rabo espantando moscas. Palmadas nas ancas gordas e luzidias, a mão esparramando sal no meio do milho, afastando a bocarra para misturar no cocho ração e água, fazendo uma papa. “Nós vamos dar mais um passeio hoje” disse, como se o animal o entendesse. Sentou-se no capim que forrava o chão (duas vezes por semana trocava o capim do estábulo raspando as bostas, e punha creolina para desinfetar, às vezes queimava erva-de-santa-luzia) e recostou-se num dos paus que sustinham o cocho, acima de sua cabeça a ruidosa mastigação do cavalo. Voltara. Enfim, voltara. Já não se lembraria dele, nem daquele dia tão a fundo gravado em sua memória, não o dia de reconciliação, mas de descobrimento... Passou a mão pelo rosto sentindo nos dedos a barba espessa e dura, viril e agreste como as próprias mãos e a forma emprestada à fisionomia. Sentiu vergonha. Os meninos não existiam mais: era necessário acabar com aquilo. Porque o serviço duro endurecera-lhe os músculos e o sol tostara a pele branca; a convivência com homens rudes tornara-lhe grave o rosto e frio o olhar; com os modos grosseiros daqueles homens aprendera a vencer a timidez, a dizer palavrões, roubar nas cartas (passaram a temê-lo no manuseio do baralho, porque não era possível acusá-lo de roubo sem provas), ser mau às vezes... sim, às vezes, o necessário para provar que não tinha (mais) medo. Pôs um cigarro sem filtro na boca. Detestava filtro, “coisa pra mulher”. Acendeu e olhou distraído os estranhos e abstratos desenhos que a fumaça fazia no ar. De volta. Vira-o de longe, e tão diferente do que ele estava agora. Vira-lhe a pele clara, o rosto com um quê de feminino, a voz lembrando o garoto mas que se não era grave não chegava a ser infantil. Onze anos. Era preciso acabar com aquilo (oh, mas o quê, afinal?). Um sentimento indefinível, pensou, que vinha com a lembrança, ao perguntar-se o que teria sido se ele tivesse voltado nas férias do meio do ano, uma saudade do que não chegou a acontecer, e o desejo de que ainda houvesse tempo... “Os dois meninos podiam” disse para si mesmo, “agora não”. O cigarro queimou até o fim, fez voar a guimba para fora do estábulo. “Aquele sentimento também não

existe mais” reconheceu, “só uma certa curiosidade de saber sobre ele agora, saber por exemplo como ele mudou tanto”. O cavalo lambia o fundo do cocho no qual esparramou mais um punhado de ração seca, depois puxou o pelo cabresto atravessando o terreno em frente a casa até a parte dos fundos junto à bica, onde passou a encher sem pressa latas d’água e dar-lhe um banho, esfregando o pelo com sabão português. O animal submetia-se manso, com prazer. O pai surgiu no oitão da casa. “Vai sair ainda?”. Jogou uma lata d’água no dorso do animal, “vou, é pra isso que estou lavando ele”, a raspadeira correndo o pelo molhado. “Seu Santos está de volta com a família”. Bateu a raspadeira e disse: “Vi de longe”. Ficou espiando a água encher a lata sob a bica. “Faz tempo! Mais de dez anos!” disse o pai, e após um minuto corrigiu: “onze anos, na verdade!... onze anos...”. Jogou mais água, o pêlo brilhando sob o sol. Pôs uma lata cheia à sua frente, que ele cheirou e não bebeu. “Matou a sede no riacho, não é, seu puto?”, deu tapinhas carinhos no pescoço largo e o deixou secar-se. “Não vai lá ver seu colega?”, “que colega?” respondeu evitando olhar o pai, embora ele não tivesse nenhuma suspeita. “Ué, você e o filho do seu Santos não eram amigos?”. Respirou fundo olhando o cavalo. “Isso foi há onze anos”, o pai sacudiu a cabeça e voltou para casa; ele permaneceu ainda algum tempo ali, até o cavalo secar, e o levou de volta ao estábulo.

[Não foi depois de começar a oscilar entre os dois mundos mas muitos anos antes quando ela própria era jovem o bastante para não se preocupar (mesmo que a cercasse uma quase miséria) mas adulta o suficiente para saber: e a mãe contara tudo aquilo que por sua vez — e à guisa de uma epopéia singular na qual as personagens viviam uma estranha guerra e mesmo que não tivessem de enfrentar os perigos de um mar ou de um Hades ou de um redemoinho e ou de um monstro de dez cabeças ou de uma feiticeira que os transformasse em porcos enfrentaria perigos iguais e quem sabe uma nova espécie de mar e um novo tipo de Hades e de redemoinho e de monstro de dez cabeças e de feiticeira que os transformará não em porcos mas em fantoches balançando-se na extremidade de fios mas permanecendo em sua mesma e sempre igual esfera elástica impalpável e invisível que no entanto mantê-los-ia imóveis em sua mobilidade e indecisos em sua aparente decisão e fracos em sua força ilusória e abúlicos em sua orgulhosa postura volitiva e curvados quando se pensam eretos e não no topo dos montes mas na profundidade dos vales e assim por diante — ouvira aos seus pais enquanto estes ainda podiam dizer alguma coisa. Anotara tudo cuidadosamente num caderno, pouco mais de vinte páginas em letra miúda, o bastante, porém, para um belo conto, se bem escrito. Relia vez

por outra essas páginas perguntando-se até que ponto era exata aquela história, em que ponto a mãe deixara escapar algo de importante, ou acrescentara alguma circunstância irreal; onde a avó, a falar entre as horas de trabalho e de briga com o marido e as surras que levava, errava, passando por alto muitos pormenores, e o avô por sua vez, entre as pancadas distribuídas e a fúria imposta e a autoridade arrotada com as vantagens enquanto as podia contar (e o pôde até muito tempo depois que ela se foi), exagerara. Ao fim de toda a epopéia, contudo, este o resultado, e não melancólico como certas tardes à última luz do acaso (os últimos raios de sol que se vêem avermelhados nos picos dos montes mais altos quando a noite se insinua ainda tênue nas regiões baixas, são tristes. Há poucos dias observei um ocaso assim, nos cumes aquele tom melancólico marcando o que seria o verde da vegetação, um verde indefinível que me pareceu difícil transpor à tela, porque eu não deveria fixar somente as cores, mas com elas toda sua tristeza. Sou capaz de perceber todas as nuances e compreender-lhes a linguagem silenciosa, mas inábil para imprimir essas impressões num quadro. Não como um mudo que não pode falar o que sabe, mas como quem fala e não consegue porque há palavras que desconhece. Quisera pintar esse quadro (quantos, os quadros que desejo pintar mas que jamais sairão do meu pensamento!), vejo-o acabado, a tinta ainda fresca e brilhante: uma atmosfera sem luz de após o pôr-do-sol, as massas verdes mais próximas numa tonalidade musgo que prenuncia a noite (só um prenúncio de noite), os detalhes perdendo-se no volume de manchas mais distantes, algo mais escuras, até chegar às montanhas de cumes muito altos onde pousasse a última claridade do dia, onde alguns detalhes maiores tornassem mais visível e real essa claridade, o verde então impregnado não só daquele vermelho, mas de sua dor. Acima, um céu de azul intenso, oposto a essa luz efêmera... no outro extremo, o céu rosado do crepúsculo encimando montes cuja própria sombra escurecia num verde-musgo quase negro. Um jogo de massas verdes apenas, e azuis, no meio de tudo aquela luz feito um esforço desesperado para permanecer ali, mas um esforço vão, arrastada aos poucos com o declinar do dia. “Último esforço”, o título; o esforço quase humano da luz que não quer partir. É num momento como esse que se medita... Tudo que vivi até hoje se resume em poucas coisas: telas, tintas e pincéis, as mesmas coisas em que se resumem todos os meus sonhos. Pintar, eis tudo que quero; não garatujar aquelas borradelas hediondas que me atulham o estúdio, não, produzir grandes obras, algo que não só atraísse os olhares mas que os enchesse de encanto; e principalmente manejar os pincéis de tal forma que no fim se visse na tela o que eu quisera retratar de maneira precisa, segura, perfeita, todo transcendência. No entanto, o que tenho? O dom de perceber, só, sem capacidade de exprimir.), mas cheio de mistério: o ela estar ali,

tênue o passado como a chama de um fósforo mas, como o futuro, fixo, sua única ligação com ele aquela velha que dormia na poltrona e em pouco nem mesmo ela, perguntando-se então se ainda podia acreditar seu esse passado, ou se ele existira de fato e se necessário ter existido para que ela estivesse ali — as letras da Bíblia misturavam-se, escapavam-lhe o sentido, a própria razão se perdendo de repente ao meditar sobre esse ontem vago e esse hoje também vago e misérrimo, conquanto naquelas linhas pudesse encontrar um caminho novo para o qual a voz do pastor, notando-a distraída, atentava: “Distraída? Algo a preocupa?”. Ela o olhou e sorriu, e foi então que falou, e contou tudo sobre si mesma —, pois havia ocasiões em que duvidava de que toda aquela malha estivesse já urdida na preexistência das possibilidades, seus atos e vontades e seu ser meros mecanismos programados desde sempre como um circuito de computador. Tudo que urdira sua presença ali, urdiria também aquele quase nada de quando não mais existisse?, perguntava-se também, confusa, ao imaginar essa força construtiva tão grande e de alguma forma consciente, a espreitar dentro das sombras do não-ser. Então seus pensamentos a envolviam...

Ao falar, porém, fê-lo cruamente. Contou o que sabia dos pais e dos avós, falou de sua juventude e de seus sonhos, depois falou de sua descrença e concluiu explicando que sua mãe estava velha e tinha seus momentos de ausência, que precisava cuidar dela pois a cada dia afundava mais em seu contínuo e oscilatório movimento entre lá e cá... lá... e cá...]

Vira-o afastar-se da casa e tomar o caminho do mato, sem apressar a montaria. Esperou alguns minutos, desceu o outeiro e seguiu na mesma direção, o caminho sinuoso transpondo vales e contornando montanhas quando não as subia, quando não as descia; e à medida que se afastava, penetrando em regiões de mata densa, crescia o silêncio. Quando de uma encruzilhada, nenhuma dificuldade em saber a direção tomada pelo outro por causa do rastro. Mais de uma vez surgiu momento propício para aproximar-se e, interpelando-o, apresentar-se, mas adiava, contente só em vê-lo de longe, sem coragem de fazer o que se propusera. Andaram várias horas, o da frente distraído, afastando-se cada vez mais de casa, indo por caminhos que mesmo em menino não chegara a conhecer, até um lugar deserto; o outro deixando-o tomar a dianteira, certo de saber sempre a direção tomada, sem que resolvesse interpelá-lo e sem esmorecer em segui-lo. Na mata, a sombra do arvoredo tornava fresco e agradável o passeio, ouviam-se cantos de pássaros ao longo do caminho, e a brisa trazia sempre o perfume das flores silvestres em torno das quais elevava-se rumoroso o zumbido de

multidões de abelhas. E o da frente aproximava-se, lento, olhando em volta, esquecido de tudo, passava distanciando-se, sumia e deixava o caminho vazio até que o outro vinha, calmo e alerta, e se distanciava também, outra vez vazio o caminho, e assim por toda a estrada, todas as matas, os montes, as baixadas, e nunca o da frente percebendo que o seguiam e nunca o que seguia tomando firmeza e assim por uma hora, duas, e mais, e mais, toda a tarde, muitos quilômetros afora e longe de casa, até que a noite fez-se presente e o que ia adiante compreendeu não só que estava longe demais para voltar antes que escurecesse de todo como ainda que andara tanto que não saberia voltar e a chuva começava a cair, e o que ia atrás aproximou-se não para dar-se a conhecer mas para conduzi-lo a um abrigo e constatar que não seria reconhecido, outra coisa não tendo a fazer que identificar-se, fosse quando fosse, ainda que só então percebesse o quanto era embaraçoso e difícil fazê-lo.

Capítulo 28: Da conclusão a que chegou o pintor: ainda que igualmente miseráveis suas origens, mesmo assim nada havia de comum entre ele e Beethoven.

Não por ter nascido numa família miserável, a mãe tuberculosa, o pai um bêbado inveterado e os irmãos uns inoportunos que só devem ter servido para lhe encherem o saco; nem porque a ele e só a ele a mãe tentou abortar, vindo ao mundo a despeito de tudo como a dizer estou aqui, porque não dependia de mim ou de vós evitar ou não que eu viesse, nem querer ou não que eu fosse gerado ou imaginar sequer que fosse concebido, quanto mais que acabasse aqui e crescesse provando tudo que pode ser provado com isso; e muito menos porque o obrigaram a estudar piano horas e horas por dia, durante as quais tinha o pai ao seu lado, fedendo a aguardente e a resmungar dó ré mi e como fundo a tosse doentia da mãe e o choro melequento de um irmão e ainda assim ver-se obrigado a continuar, doloridos os dedinhos de menino, com o interminável dó ré mi, ora mais rápido colcheia semicolcheia fusa, ora mais devagar mínima semibreve pausa... e também não por ter ficado surdo como uma pedra, incapaz de ouvir a voz das pessoas, seus aplausos ou a orquestra que regia e também seu próprio e desesperado gemido, e ainda não apenas porque sempre esteve vivo, continuando vivo mesmo depois da morte... não... mas por tê-lo tocado não a mão, que à mão só é dado construir, erguer, obrar, mesmo que essa mão erga o Universo, não o olhar que tem como atributo apenas a contemplação do que se fez e o julgamento, se o que se fez é bom ou não, mas os lábios de alguma divindade através dos quais pode ser manifesto não o amor, não a sabedoria, mas o Dom...

Assim, no quadro de Joseph Stieler não é o mestre que se retrata, belo, os olhos desviados para o alto como a contemplar o que quer que seja além da concretude imediata da matéria, no instante em que sobrevém a idéia, o *insight*, a manifestação divina, esses olhos com seu ar sonhador e grave, todo o rosto expressando não uma beleza viril, tranqüila e carnal, mas a própria ascendência ao ser humano comum, os cabelos em desalinho como símbolo de seu gênio, porque Stieler não pintou de Beethoven o rosto mas o gênio, não o retrato mas a própria inspiração!

Também eu: uma origem vulgar, nosso único ponto comum, pois apesar dos pesares não alcancei a plenitude, não a alcançarei nunca. Lembro-me de como foi. Ela, a crioula, de umbigo pregado o dia todo no tanque, um pano velho em volta da cabeça e o desconforme do “traje” ensabado testemunhando a pobreza. Entre uma esfregada e outra, o choro de um bebê num caixote sob a mesa, e toca a enfiar-lhe a chupeta na boca ou berrar para que eu mesmo o fizesse (e lá ia eu pôr a chupeta suja naquela boca rebelde da qual escorria baba misturada com lágrimas e o catarro amarelo que descia pelo nariz e, por acaso, não ia parar no estômago; punha a chupeta mas limpava antes com um trapo qualquer toda aquela podridão com um nojo imenso, o que muitas vezes fazia com que aquele mamífero minúsculo, repugnante e feroz, esperneando furioso, redobrasse o berreiro); entre uma roupa pendurada no varal e outra a enxaguar, toca a correr ao fogo, se o arroz não havia secado ou o feijão fervido, quando não ouvia sua voz berrando de lá que eu mesmo olhasse o feijão e o arroz, e lá ia eu de novo... pela tardinha as trouxas prontas, porra, uma história vulgaríssima assim como vê-la, à crioula, apanhar do seu crioulo embriagado e, vez por outra, retribuir as pancadas, xingá-lo aos gritos e atirar-lhe coisas em cima, um escarcéu dos diabos! Assim foi minha infância. Ela, minha mãe. Ele, meu pai. Meu *habitat*, uma favela suja, fedorenta, cheia de homens magros e doentios, mulheres esqueléticas (havia as gordas também, ou grávidas — só barriga, como se tivessem engolido uma abóbora inteira —, ou inchadas...) com um “cc” desgraçado emanando dos corpos (imagino o sexo feito entre essa gente suja, os espasmos de gozo meio às exalações de suor e urina nos trapos e a catinga natural do lixo apodrecendo em montes que se avolumavam não muito longe das casas...) e crianças barrigudas e caraquentas que às vezes se escondiam entre o lixo para mostrar umas às outras suas diferenças

Lembro-me de minhas próprias safadezas, que hoje não conto a ninguém por não ter coragem... havia lá uma espécie de depósito de lixo da favela, e depois dele crescia um matagal, de modo que pela tardinha quando os adultos não mais iriam para aqueles lados os moleques aproveitavam. Reuniam-se às vezes em grupos de quatro ou cinco, mas eu sempre preferia estar sozinho, o que era fácil, bastando entrar um pouco pelo mato e contornar o morro. Eu preferia algum garoto menor, sempre mais novo que eu, mais fácil de convencer e, em última instância, sem força para se opor. No fundo até que gostavam, os safadinhos, e se ameaçavam chorar no início, depois queriam mais. Lembro-me especialmente de um branquinho de uns nove anos — eu

tinha doze na época — que levei uma vez para meu ponto preferido. De início não entendeu bem a coisa, chorou um pouco mas não se opôs, e no dia seguinte não quis voltar lá. Mas só no dia seguinte: passado mais um dia, ele mesmo me chamou, e a partir daí íamos lá sempre até um dia em que apareceu lá um cara mais velho e mais forte do que eu, e foi a minha vez... depois cresci, tudo isso hoje não passa de pontos ao longe. Torpes ou não, enfim éramos todos meninos...]

(estender a mão e tocá-lo, seus olhos buscando nos meus não uma resposta, mas um sinal de que desta vez fosse diferente, querendo não uma explicação para as outras vezes, talvez mesmo se esquivasse a ela e interrompesse minha voz com os dedos pousados sobre minha boca shhhhhhhh, mas uma mudança, uma transformação que eu próprio esperava; e ele quieto, a me fitar, contraídos os lábios e uma lágrima pequena, mínima, não a descer pelas faces mas a encher os olhos na expectativa, os braços não susceptíveis de reação, caídos, e o reflexo da luz do sol no cabelo muito negro; e assim os dedos roçando delicados a pele macia do rosto que suavizava, porque meu próprio rosto, não mais crispado e ameaçador, suavizava também numa repentina e recíproca demonstração de carinho, e a lágrima rolando por fim, mas alegre num acento sutil de beleza — é sempre belo um rosto no qual rolam umas lágrimas pequeninas, mais ainda quando amamos não só esse rosto mas todo esse corpo, e amamos com uma paixão incompreensível e irracional que não nos permite tocá-lo a não ser perversa e violentamente, por trás da hostilidade disfarçado o verdadeiro sentimento, o único sentimento —, até os dedos tocarem aqueles lábios que se entreabriam num sorriso, tênue, apenas esboçado... E não isso de bater nele à toa, só por maldade, que se lhe dava um empurrão doía-me por dentro e naquele tapa sentindo arder meu próprio rosto, como se no meu e não no dele surgisse, vermelha, a marca dos dedos espalmados; se quando ele baixava a cabeça e chorava baixinho era como se o pranto viesse de dentro de mim mesmo, em pé á sua frente, ameaçador, até que ele tentasse passar por mim e eu o retivesse pelo ombro por um instante, deixando-o ir depois e vendo-o afastar-se, ainda sem... sem coragem... de me decidir não, não assim... não desse jeito... mas estender a mão, só isso, gesto que começaria tudo e que não chegou a ser feito, ficando apenas no limbo da indecisão, na inoperância do medo...)

, e gatos e cães vadios e famintos às dezenas, mas ratos às centenas e bactérias aos milhares de trilhões.

Graças a Deus consegui escapar a isso! Tive sorte, confesso, mas também lutei feito um condenado no início, e assim que pus as mãos no meu diploma do curso secundário comecei a enfrentar os preconceitos e as discriminações — quem gosta de ter um preto em seu escritório? — até con-

seguir alguma coisa. Viram que eu era preto mas não burro, e me aproveitaram. Fui melhorando, juntei algum dinheiro, fiz um capitalzinho meio magro que engordou após pequenos investimentos... Não enriqueci mas obtive uma situação estável que não me causa maiores preocupações. A pintura, no entanto, é meu grande problema, porque hoje estou certo de que jamais sairá algo bom de minha paleta, meus pincéis se recusarão sempre a trabalhar direito, enfim, não ultrapassarei nunca o estágio de mero borra-telas. Isto é mais do que desanimador!

Assim, de origens prosaicas, surgem o gênio e o homem comum. Não tivemos, cada um na sua época, contato não só com a pobreza e com a tragédia (vi meu pai ser fuzilado pela polícia; não que fosse um pai exemplar do qual viesse a me lembrar com tristeza ou saudade, ainda assim era pai e creio que a seu modo nos quisesse bem) mas com a própria incompreensão desse mistério que se mostrava aos nossos olhos sem que se explicasse ou nos fosse dado compreender? O menino Ludwig não terá visto a nobreza e se perguntado por que seu pai e sua mãe eram tão diferentes dela? E não vi, eu, garotos brancos, bonitos e ricos e não tive cá minhas dúvidas e pesares? Ele, porém, fez de um piano a força que o levaria não à altura dos céus mas à distância dos séculos; eu, faço da minha paleta e dos meus pincéis e telas não uma força, não um degrau, mas calçada plana e curta de uma rua apagada. Essa comparação é cruel, e ridícula, mas às vezes é preciso que nos imponhamos certas conclusões assim duras, encarar de frente nossa própria verdade e partir para alguma coisa de mais sólido, mais concreto, que não requeira Dom, o Dom dos Deuses. Talvez um dia eu me venha a tornar um capitalista, sei que tenho jeito para o negócio, e há algo mais prosaico do que o negócio, o capitalismo? (mesmo os grandes magnatas são, no fundo, reles burgueses) Ora, todos sabemos que nesse ramo não há talento, há fineza, nem o gênio, mas apenas o “esperto”.

O gênio foge a qualquer rótulo. Não se questiona se Beethoven era nobre, pouco importa que tenha sido rico ou não. O homem vulgar vai do paupérrimo ao milionário, e só se pode consolar com o valor que atribui à sua honradez — quando a tem! — ou à sua posição social, ou à sua fortuna. Finge não compreender sua própria verdade. Nada que possua há de torná-lo alguém especial. Esse talvez seja o meu futuro.

Por outro lado penso que não há, no fim das contas, nada de comum entre minha origem e a dele. Há qualquer coisa de heróico e grandioso na infância de Beethoven, no seu nascimento. Uma aura mística e mítica envolvendo-o com tudo que o cercava, épica e trágica e ao mesmo tempo be-

la. Nada de vulgaridade, não! Havia uma corrosão à sua volta, entretanto ele se punha ao piano e nada mais tinha importância. Assim o herói se ergue do meio das ruínas e continua herói porque, roto e ferido, está vivo e todo o resto morto. Assim o gênio se levanta acima do mundo dos simples e está só, pois quem se alçará ao seu lado? O que podia haver de comum entre nós, separe-nos mais de cento e cinquenta anos, já não existe, não por causa desses cento e cinquenta anos, mas devido a diferenças essenciais: pois um se tornou desde o início imune à corrosão, mas não o outro.

Esta, a explicação do mistério.

Capítulo 29: Do menino da cidade que se transforma em menino da roça, e da morte de um filósofo provavelmente enlouquecido por sua indiscutível conquanto irreconhecida grandeza.

— **P**assava as férias no sítio, para onde ia na primeira ou na segunda semana de dezembro, só retornando na reabertura das aulas.

Muito espaçosa, a varanda não oferecia abrigo contra o vento e as rajadas de chuva que sobrevinham, molhando o rosto branco do moço e a cara hirsuta do outro.

No momento em que o moço claro se levantara e após espreguiçar-se fora para a varanda as cartas imobilizaram-se no chão, ao movimento rápido das mãos convertendo-se num maço que, mais rápido ainda, sumiu no bolso do casaco. A vela abandonada no chão, as botas sujas deixando para trás restos de lama não só se afastaram rápidas rumo à varanda mas já soavam contra as tábuas da varanda: e então, no escuro, quando numa rajada abateu-se o vento sobre essas mesmas gastas e carcomidas tábuas e essas paredes que o tempo mais que encardir descascara, e também sobre o rosto alvo do moço e o rosto barbudo do jogador, ambos eram somente dois vultos mal entrevistos e estáticos olhando para a noite.

— O sítio, as plantações, as vacas — continuou o moço claro —, eram do meu pai de sociedade com um viúvo sem filhos que morava lá, homem experimentado na lavoura e em serviços de curral com quem meu pai, burguês meio flácido e gordo, fizera contrato. Meu pai não tinha nenhuma experiência da vida no campo, mas depois tomou gosto, tanto que se tornou para ele mais que um capricho, uma necessidade, visto que após as primeiras temporadas começou a perder em igual proporção suas banhas e sua flacidez, ganhando em cor e saúde. Foi com o tal viúvo que meu pai aprendeu a manejar a enxada numa horta, o machado para derrubar uma árvore ou cortar lenha, aprendendo ainda como se limpa um estábulo ou se ordenha uma vaca, serviços que lhe produziam bolhas nas mãos mas que fazia com gosto e quanta disposição tivesse.

Ouvira os passos que o sucederam e percebera sua presença, por isso falara de si, da época em que o pai tinha um sítio. Então virou-se para ele, o rosto iluminado por um relâmpago à cuja luz parecia mais pálido. E o outro, contemplando essa face bela e sem sexo onde a juventude parecia ter parado e o tempo não exercido sua ação, perguntou:

— Não é a primeira vez que vem a essa região, suponho.

— Não — respondeu, aproximando-se do parapeito.

— Ah...

— Quando menino... — começou o moço claro, continuando após uma pausa: — ... morei aqui, só por temporadas. Meu pai tem um sítio nesta região, mas faz muito tempo que nem eu nem ele viemos.

— Dez anos, onze... — o homem de barba murmurou.

— Como sabe?

Após um momento, como se rememorasse fatos, prosseguiu:

— Em menino passeava e brincava pelos campos convertido em garoto da roça, descalço, sem camisa, só de *short*, sem medo de boi mesmo quando diziam “aquele pega”; e roubava filhotes de passarinho que às vezes sobreviviam. Lembro-me de ter criado tico-ticos, sabiás, canários... ainda hoje tenho um canário, mas embalsamado numa gaiola de vidro na minha estante...

— Eu não sei — retorquiu o outro. — Só arrisquei um palpite porque você disse muito tempo.

— E acertou, faz onze anos que não venho... onze anos parecem muito tempo, mas passam rápido.

Foi então que começou a contar, recuando um passo ante nova rajada de vento e chuva. Falou, ouvindo-o o homem de barba não como quem ouve uma simples história mas como quem regride no tempo com ela, e não só regride mas também renasce e consigo tudo que parecia morto ou abandonado mas jamais esquecido, certo, no entanto, de que esse renascimento ocasional, pleno de conseqüências perduráveis mas que se apagariam em vagarosa sufocação, em certa, lenta e incontrollável agonia, dava-se menos que no espaço de uma noite, menos que na distância física de poucos metros, porém mais, infinitamente mais que no abismo de onze anos, no vão da impossibilidade.

[Passara a noite anterior acordado, olhando-o as duas entre curiosas e assustadas e, mais que isso, como se uma premonitória mudez lhes tolhesse a voz compartilhando no silêncio não só a raiva recíproca mas a mesma aflição e o mesmo medo. E o viam dos cantos não só com os olhos mas com os ouvidos,

também essa uma noite pesada e sombria conquanto não chovesse, e talvez por isso mesmo tanto mais ameaçadora, quando de entre o negrume das nuvens descia um risco quebrado e brilhante seguido de um estrondo, o rosto já não rubro pelo álcool mas lívido recebendo essa luz momentânea e indefectível para a qual olhava não só absorto e contemplativo mas abismado em sua maravilha e grandeza, de cujos lábios saíam não preces, não blasfêmias, não louvores, mas versículos: “Ouvi, ouvi a Sua voz terrível e o somido que sai de Sua boca. Ele considera tudo que há sob os céus, e difunde a Sua luz sobre as extremidades da terra. Após, Ele rugirá somido, trovejará pela voz da Sua grandeza e não se compreenderá quando for ouvida essa voz!”⁶ Dir-se-ia em êxtase em frente da janela escancarada, nenhuma luz acesa na casa pois ordenara fossem apagadas. “Uma blasfêmia esse miserável engenho humano de produzir claridade quando o Mistério nos exhibe Sua luz”, mas ainda assim notando-se os cabelos despenteados e em desordem, as roupas largas e desproporcionais, um odor rançoso de suor; “não toma banho há uma semana, ontem trepou comigo e quase não suportei o fedor; tive que ir pro banho quando acabou”, mas nem a mais leve exalação de bebida, “creio que não bebe há uma semana também” concluiu a mulher; mas não obteve resposta, Raquel apenas se afastando calada em direção ao quarto. Para voltar correndo um minuto mais tarde quando a porta da sala bateu com violência tamanha que supôs houvesse arrebatado a parede, a prostituta mas não ela tendo-o visto abrir a porta daquele jeito e precipitar-se para fora como um louco furioso, ambas correndo pela sala, tropeçando e colidindo contra os móveis para espiá-lo da janela, a ele que se punha de joelhos e estendia os braços para o alto, num bramido: “Responde-me, responde-me não Tu que Tê dizes o Deus dos exércitos, ou até mesmo Tu se fores aquilo por que espero, mas Tu, Solução e Resposta que nem a tríade de Mileto, nem Sócrates, Platão e Aristóteles, nem Leibnitz, Kant e Nietzsche, nem Newton, Darwin e Einstein, e nem o vendilhão das tabernas e nem a puta que pariu conseguiram ou conseguem definir” ao que, curvou-se sobre si mesmo, prostrado até o solo, as mãos crispadas na relva, assim permanecendo longo tempo durante o qual, aturdidas, as duas mulheres o observavam da janela, enquanto acima não de suas cabeças ou dos telhados a abrigarem sonos ou mesmo da copa das mais altas árvores sacudidas pelo vento, mas da própria extensão e aridez da terra rolava o céu impetuoso em sua luz, em seu estridor; em sua fúria. Então o viram reerguer-se com lentidão e caminhar de volta, ambas fugindo logo da sala mas parando no corredor, em vigília. Ouviram-no tropeçar nas garrafas amontoadas e chutá-las com violência,

⁶ Livro de Jó, cap. 37, versículo 2 ao 4.

o ruído de vidro partido abafando um palavrão que não entenderam, e dentro do novo silêncio o impacto de uma garrafa cheia de aguardente a despedaçar-se contra a parede do corredor; a meio metro da cabeça da mulher; “quase me acertou” exclamou ela em voz baixa e apavorada, “você viu? Quase me arre-benta a cabeça!”, até distinguirem-lhe o vulto ao clarão de um raio atirando os livros para o meio do terreiro, enumerando-os à medida que os apanhava, “Crítica da Razão Pura, De Orbium Coelestium Revolutionibus, Assim falou Zaratustra, A Cidade de Deus, O Elogio da Loucura, A Origem das Espécies, A Teoria da Relatividade, Bíblia Sagrada...” e por aí afora por muito tempo, quando empunhando um galão e uma caixa de fósforos rumou para o monte de livros e derramou todo o conteúdo do galão. Antes que riscasse o fósforo, porém, puderam vê-lo pegar do monte um dos volumes, abri-lo em qualquer página e, sem ler não porque estivesse no escuro mas porque bastava elevá-lo naquele gesto amplo e eloqüente, em bramidos não de ira ou revolta mas de insólito e paradoxal horror; declamar um único e incondicional momento: “Vaidade de vaidades, disse o eclesiastes, vaidade de vaidade que tudo é vaidade!”⁷; para num gesto de falsa redenção riscar; consumidor; o fósforo e em meio às chamas que se elevaram atirar o livro e, como um gigante de canelas de barro e merda, quedar-se diante do fogo até que se consumisse tudo, e não restasse sequer uma folha, senão cinzas. Depois voltou e, quieto, sentou-se em sua poltrona, deixando-se ficar aí até o amanhecer. Ambas, vendo-o tranqüilo e disposto a não se levantar mais, recolheram-se à cama sem trocar palavra. Mas o sono foi, se não curto devido ao cansaço, pelo menos turbulento por causa dos sustos e sobressaltos a que ele em sua loucura as submetera, sustos e sobressaltos ainda não terminados porque, despertando e vendo que era dia, primeiro Raquel e em seguida a outra ergueram-se e foram olhá-lo do corredor: estava no mesmo lugar; imóvel, e assim permaneceria ainda por muito tempo até dar com a presença de ambas, num salto estender em sua direção o dedo indicador e, imenso, inflexível, o olhar em brasa, cair em contorções sobre o tapete no qual crisparam-se os dedos convulsos, e enfim parar; inerte. Morto. Foi quando Raquel correu para fora. (“Aqui está, veja”, e a mulher que lia a Bíblia curvou-se sobre o Livro, e leu ‘... para que todo aquele que nEle crer...’, “percebe?”, tornou Aurélio, “todo aquele... não a um homem ou casta de homens, não a um povo, uma nação, nem ao homem virtuoso ou à mulher inatacável ou à criança purificada por sua própria condição de criança, não, mas a **todo aquele** que nEle crer” e a mulher olhou para o texto já sem o ler mas meditando nele, ao que voltou a voz do pastor: “Esta, a grandiosidade; a abrangência da po-

⁷ Livro do Eclesiastes, cap. 1, versículo 2.

sição do Criador perante sua criatura, que a todos tem diante de Si como iguais...”)/

— Tinha doze e ele onze anos quando o conheci, e aqueles três meses foram o inferno para ele. Mas ele não disse nada a ninguém.

O homem de barba afastou-se um pouco e continuou olhando a noite, e ouvindo, com medo de por sua vez fazer-se ouvir também, ainda que desde o começo da tarde ao selar o cavalo e dispor-se a segui-lo fosse essa a sua intenção.

— Por que um menino, às vezes e sem nenhuma razão aparente, é mau com outro menino de quem deveria ser amigo? — disse o moço claro. — Você é um homem nascido e criado nestas paragens — continuou. O homem de barba não respondeu. — Vai lhe parecer estranho o que vou lhe contar... — acrescentou, olhando para o outro.

O homem de barba voltou-se, no escuro, em sua direção.

— Nem sei por que lhe conto isso... talvez seja porque esta noite me faça lembrar uma outra, a última, embora naquela não chovesse.

Via-o, a intervalos, quando dos relâmpagos. Esperou que ele falasse. Mas o moço claro pareceu divagar em nova narrativa:

— Quando voltei em dezembro ele foi umas das primeiras pessoas que revi. Chegáramos noite feita, e de manhã me levantei bem cedinho, quase antes do sol, e saí para o quintal. Preferi ir só, meu irmão menor era muito pequeno ainda e não podia acompanhar-me em minhas incursões pelos morros, pelo meio do mato. Ganhei logo o caminho da cachoeira. Era verão e de manhã, mesmo cedo, fazia calor. Entrei na água, saí, sentei-me numa pedra ao sol para secar-me e voltar para casa. Então o vi aproximar-se, vi-o antes que me visse e me escondi. Quando chegou bem perto atirei-lhe no rosto um punhado de lama e caí na gargalhada. Ele me olhou espantado, pois não esperava encontrar-me ali, e limpou o rosto com a mão. Vestia aquele casaco que, mesmo calor, costumava ver com ele. Salpicara-lhe o cabelo de lama e ele, forçando um sorriso, pedira-me que o limpassem. Ergui a mão como para bater nele e ele se encolheu, uma súplica nos olhos grandes como bolas de gude. Não bati, pelo contrário, limpei-lhe o cabelo. A princípio com movimentos rápidos, depois mais lentos, quase numa carícia, experimentando com isso um prazer difícil de descrever. Mas desta vez ainda infernizei-lhe a vida.

(Não, aquela lama não seria eu quem a atirava, mas areia que lhe caía ao pôr-se sob a queda. Vamos supor: já o encontrava lá, naquela manhã... não, ele vinha depois e eu, chamando-o, dizia que tirasse a roupa que a água

estava ótima, e ele vinha, e em algum momento caía terra em seu cabelo, que ele me pedia para tirar enquanto nos secávamos. Aí eu lhe revolvía as mechas procurando grãos de areia.

— *Não devia ter ido, a água estava suja — ele dizia.*

— *Ora, depois com um pente a terra sai — eu respondia.*

— *Sua cabeça também deve ter areia.*

Meus dedos revolvendo-lhe o cabelo

— *Têm de tirar com um pente.*

e encontrado grãos de areia entre os fios. Era bom tocar-lhe o cabelo molhado. Erguia-lhe o queixo e tirava as mechas que lhe caíam na testa, seus olhos grandes refletindo não apenas a luz da manhã

— *Vem, vamos sentar na pedra para nos secarmos.*

mas ainda os meus olhos, que refletiam não apenas os seus mas ainda a luz da manhã.

Ele sentava-se na pedra e eu, deitando-me, o sol fazendo secar nossa roupa, apoiava a cabeça em seu colo. Podia ter sido assim.)

A chuva persistia, o som dos pingos caindo na folhagem, do beiral do telhado nas poças que se formavam embaixo, de quando em quando soturnos tímpanos rolando no céu.

— Era isso que ia contar? — perguntou o homem de barba.

— Não... eu... só referi um episódio daquele tempo... o que eu ia dizer era outra coisa... agora me pergunto se devo contar...

— Ah...

— Talvez você não entenda.

— Ora...

— Como compreender que aos doze anos eu me apaixonei...

— ?

— ... por um menino de onze...

— ??!

— ... um menino tão adorável quanto imenso o meu medo em admiti-lo, tão doce quanto maior o meu desejo de amá-lo...

— !

— ... e que eu fazia sofrer porque tudo que sonhava entre mim e ele quando longe, em sua presença se transformava naquela indecisão...

O moço claro olhou para o vulto do outro apoiado no parapeito.

— Não diz nada?

— Dizer o quê?

— Não está surpreso com isso? Não lhe parece uma coisa horrível esse amor?

— Horrível?

— Sim, horrível, eu aos doze anos amando um menino, ouviu bem?, um menino, não uma menina mas um menino... de onze... Não lhe parece horrível?

— Por que seria?

— Não é?

— Talvez não seja.

— Não?

— Talvez.

— Disse isso a um padre certa vez. Poucos anos depois que fui embora daqui, aí por volta dos dezenove anos, morei no estrangeiro. Não sei porque entrei um dia numa igreja e contei isso ao padre. Apenas senti uma repentina necessidade de confessar-me, e na minha confissão foi esse amor de infância que contei.

— E ele?

— Ameaçou-me com o fogo do inferno! Em pleno século XX fui ameaçado com o fogo do inferno. Não era amor, disse ele, mas o demônio infiltrando-se em meu coração, que ao demônio agrada perverter, depravar até as crianças. Amor por outro menino! De repente deu de recitar longos trechos em latim do outro lado da grade dos quais não entendi uma única palavra, e falava com um fervor e um arrebatamento que chegou a assustar-me. Por fim disse: “Conjurei os demônios que o rondam, meu filho. mas você tem de fazer a sua parte!”, e mandou-me rezar, rezar, rezar... Saí dali meio tonto, e por várias semanas o que aquele velho de quase oitenta anos resmungara furioso detrás da grade do confessionário ficou a bater-me os ouvidos feito um chiado distante e incômodo. Mas ao fim de algum tempo esqueci aquele incidente, ainda que o amor...

— Era amor?

— Era. Que outro nome posso dar ao que sentia? Para aquele enlevo que, ao vê-lo, me dominava? Que me fazia bater o coração de um outro jeito, como se um gelo surgisse repentino dentro do peito e se espalhasse por todos os membros trêmulos já não como frio mas como uma espécie de calor que atordoa? E aquele impulso de um carinho que jamais havia tido por nada, por ninguém, nem mesmo por meu irmãozinho de quatro anos ou meus pais, aquele carinho apaixonado que só a custo sofreaka, e que — como explicá-lo? — dava lugar a crueldades que... serviam tão só para...

disfarçar?... Que outro nome...? Alguns meninos não se apaixonam pela professora? Outros não se perdem de amores por uma prima mais velha? Outros ainda, mesmo por uma menina de sua idade, uma espécie de amor cuja realização está em contemplar, só em contemplar e adorar a pessoa amada, para o qual mais nada importa a não ser que a tenhamos diante dos nossos olhos, que nem sequer a toquemos, mas que possamos vê-la e vê-la sempre mesmo que dela não recebamos mais que um sorriso, mais que um olhar, ou nem isso? Assim, eu amei um menino, mudou apenas o objeto do amor, porque duvido que algum garoto tenha amado sua professora ou sua prima mais velha ou outra garotinha de sua idade como eu amei aquele menino.

O moço respirou fundo o ar fresco e úmido da madrugada, com cheiro de chuva e terra molhada e folhas verdes.

O outro não disse nada.

— Faz onze anos que o vi pela última vez. Hoje será um homem, por certo viril e endurecido pela vida do campo, os meninos cristalizados naquela última noite em que estivemos juntos, noite para sempre perdida, a não ser na lembrança.

— Ah... você diz que houve um último encontro...

— Naquela mesma cachoeira onde lhe atirei lama nos cabelos, dias antes do fim das férias eu escorrei nas pedras e caí e quebrei uma perna. Eu fora para lá sozinho, e me desesperei quando não consegui ficar em pé, pois estava longe de casa e ninguém poderia escutar meus gritos de socorro. Foi então que o avistei.

— Ah... então ele também estava lá?

— Ele apareceu quando eu gritei, um instante depois de eu ter gritado.

— E o que foi que ele fez? Tinha agora uma boa oportunidade para desferrar-se.

— Oh, não! Se você o conhecesse não pensaria assim. Ele seria incapaz de desferrar-se.

O homem de barba franziu a testa.

— Ele era puro — continuou o moço claro.

— Puro?

— Puro. Era assim que ele era: puro.

entretanto o amor, o mesmo amor continua guardado aqui, não como à espera de que se possa concretizar, mas condenado a permanecer mero

fantasma de uma possibilidade que já não faz sentido porque sua época simplesmente acabou

mas existente e vivo, a alimentar-se não de si mesmo mas da imagem entrevista na lembrança: aquele rostinho doce e tentador, que continuará aqui, mesmo que um dia uma outra paixão — e desta vez por uma mulher — busque lugar no meu peito; persistirá em ocupar seu lugarzinho, estará sempre ali, um fóssil desnecessário e inoportuno, mas resistente ao tempo.

— Um amor muito estranho... — disse o homem de barba.

— Estranho sim, estranho.

— ...mas não porque de um menino por outro menino...

—

— ...nem porque tão duradouro como você diz...

— ?

— ...mas porque o encobria aos próprios olhos do objeto amado por meio de uma crueldade fingida.

— !

— Fingida não porque assim se tornasse menos cruel...

— sim

— ...mas porque servia apenas de disfarce.

— É, você entendeu.

— Não foi difícil.

— O tal padre não entendeu nada do que eu disse, eu pensei na época, ou o terá entendido, mas à sua moda.

— Ora, o padre! Compreendeu do jeito que lhe ditava a religião. E o condenou ao inferno se não conjurasse o demônio — e riu, acompanhando-o em sua risada o moço claro com um breve e esbatido sorriso. — Mas você não conjurou os demônios.

O moço claro baixou a cabeça e fechou os olhos. Em redor de si não havia mais o casarão abandonado, os companheiros de abrigo e a noite envolvendo o mundo, e dentro dela não só o casarão e os companheiros de abrigo e o mundo, mas a insuprimível **chuva**: estava agora na abadia em que entrara a certa hora de uma tarde de verão anos atrás, a contrastar com o sol vivo e tórrido do exterior uma penumbra clerical e fria cheirando a vela, incenso e exalações de rosa, em que se movia, lento, um padre idoso que, ao contemplar aquele rosto jovem e belo, quase feminino e há pouco saído da adolescência, não terá deixado se sentir o doce arrebatamento que a proximidade da carne jovem proporciona, estranha e miraculosa sensação que deixa trêmulo o corpo e suscita o desejo. O octogenário sacerdote,

lembra-se, os olhos com a umidade constante e lacrimal da velhice e mãos ressequidas como fósfil de museu, olhara-o com fixidez chegando a roçar a ponta dos dedos em sua face, procurando ali alguma coisa perdida na desfilada dos anos, com um gesto vagaroso indicando-lhe um canto da nave ao dizer-lhe que viera confessar-se.

— Ele, o padre, era um deles.

Capítulo 30: Não só da incerteza do que fazer com aquele retângulo de papel, mas ainda da que esse mesmo retângulo conferia e simbolizava.

— **P**endurar na parede, unicamente isto. Aurélio passava as páginas distraído, o papel fino crepitando entre os dedos. A mulher que lia a Bíblia com ele, atenta à sua narrativa (*uma história capaz de causar a sensação de uma angústia asfixiante, não como alguém que se afoga num lago e vê a margem — próxima, mas impossível salvar-se, porém não impossível que surja alguém e atire uma corda —, mas de quem se afoga em pleno oceano e em qualquer direção que olhe vê apenas o horizonte, e nele nem o menor sinal de um barco, a menor sombra, nada, nele a total impossibilidade de que surja alguém com uma corda; e não porque todas as coisas se lhe tenham fugido, pelo contrário, ele mesmo de tudo tendo-se afastado e não por seus pés mas sua própria e deliberada volição, essa fuga não de si mesmo mas de sua incerteza, e de suas indagações, essa fuga em que no entanto ou se mergulha à procura da iluminação e se arrisca tudo no mergulho, chegando ao final tão desorientado ou mais que antes, talvez enfim para a definitiva compreensão, ou quem sabe para perceber que onde quer que chegue deverá prosseguir na mesma procura e na mesma incerteza e com a mesma angústia; ou então, evitando-a, volta-se para si mesmo, para a ossificação da crença cega mas livre de dúvidas e indagações e respostas*) já não lia, acompanhando apenas o passar contínuo das páginas.

(*“Por isso eu penso que Ele há de falar comigo hoje, e digo: estou aqui para ouvi-lo, eu, que busco esse momento e apenas por ele espero e anseio.”*)

— Não havia ninguém lá para contemplá-lo comigo. Meu companheiro de quarto trancara a matrícula dois anos antes e eu fizera questão de ficar com o quarto só para mim, de forma que naquela madrugada quando cheguei do baile de formatura eu estava sozinho a olhar aquele retângulo de papel sobre a cama.

Segue-se um longo intervalo em que Aurélio, os olhos fitos na superfície da mesa, como que se ausentou dali, os dedos agora imóveis amassando uma das folhas da Bíblia. O homem barbudo que jogava paciência ainda manuseava suas cartas; o moço claro, quieto em sua cadeira, vez por

outra punha-se de pé sem nada dizer, esticando as pernas num passeio curto pelo salão, pela varanda, para voltar em seguida à cadeira com um muxoxo de aborrecimento, “ou de preocupação”, pensou o negro que, sentado no colchonete, mostrava ter ouvido com atenção a narrativa (a anciã continuava dormindo, ainda um fio de baba a escorrer do beijo mole, pendido; enquanto a prostituta e o velho ainda estavam “lá dentro”).

(“Primeiro uma tentativa de explicação racional a partir dos símbolos que pensava entrever; seguindo-se à descoberta de todos aqueles elementos sem coerência com uma verdade estabelecida, a indiscutível verdade científica. Por fim a descrença total e absoluta, resultado de longos anos de devota entrega à concretude da matéria, durante os quais os mitos que, na boca do meu pai, adquiriam novo significado, uma conotação talvez mais profunda conferida por aquela retórica imponente e por si só peremptória a ponto de não admitir contestação e que, apesar de ter chegado o dia em que até eu, não um mero ouvinte e admirador mas também crítico notasse em suas pregações erros elementares de português e até mesmo contradições (assim como é em muitos pontos contraditório este livro); ainda me encantavam, pois importante ali não era a correção gramatical ou a coerência que se devesse esperar mas o que de mais profundo e inaudito e por isto mesmo inexplicável que se apossava não só do seu corpo, da sua face, da sua voz, mas das próprias palavras emitidas sem titubear; sem pensar nelas como se as trouxesse de cor; esses mitos, portanto, tornaram-se apenas mitos, vazios e sem propósito. Quando teria bastado compreender; apenas isto, compreender.”)

— Sozinho naquela noite, e não apenas no quarto, nem na cidade, mas no mundo, desde que meu pai se afastara de mim por eu ter duvidado na sua presença e tê-lo dito com voz clara e firme, isto uma semana antes de minha mãe morrer de enfarte. Não só por isso, no entanto, mas porque Alguém poderia estar comigo àquela hora em que olhava o retângulo de papel pelo qual tanto me esforçara e ao qual tamanha importância atribuíra e o qual, todavia, já não era o bastante para me satisfazer: também Ele se fora de minha presença

[Olhava-o duvidando de que fosse seu filho quem à sua frente disse aquilo, ou que aquelas palavras fossem o que seu filho dissera, no rosto então não só a surpresa natural mas um sentido novo para esse crispar de cenho e esse meio abrir de boca e ainda esse olhar claro, transparente, direto e agudo, um sentido em sua totalidade de nuances intraduzível, mas que ele — o rapaz à sua frente — era capaz de entender embora não o fosse de um momento antes

ter previsto como quisesa tê-lo feito, refletindo mais tarde quando a solidão — que começara a conhecer nesse dia — já, furtiva, se apresentava, porque se antes não o concebera, agora, comprometido, era-lhe terrível aperceber-se do preço demasiado alto que deveria pagar. Nesse momento em que uma fenda de silêncio e gelo abria-se entre ambos quando os olhares se enfrentavam, de per-meiio essa realidade encarada de forma diferente por um e por outro, mas após o moço perceber que fora temerário, não sendo mais possível desdizer-se, desculpar-se; nesse momento, pois, pensou que no instante seguinte ao choque fosse natural e previsível que ele assim reagisse. Continuou a olhar o pai, que se sentava de cabeça baixa e abria a Bíblia e de cuja boca esperou uma repreensão, e, conquanto esta se viesse seria terrível e plena do mesmo fogo com que arrebatava os fiéis nas suas inspiradas pregações e durante as quais já não era o homem simples, de trato agradável ou o crente humilde de paletó puído, mas um Ministro, um instrumento do Altíssimo; pior ainda e mais cáustico e corrosivo e inspirado foi calar-se e recolher-se eloqüente em seu silêncio abrindo o Livro Sagrado, e percebeu então que ele não diria nada, diante do que num mal-estar embrulhou-se-lhe o estômago, e sentindo o suor frio e uma repentina vertigem pensou desesperar-se. Inútil qualquer justificativa e embora de antemão o soubesse não só inútil mas agravante, só deu por suas palavras quando as ouviu:

— Eu não queria dizer...

Palavras que aquele gesto brando de mão interrompeu, o olhar acompanhado de outro gesto que apontava o relógio de parede e da frase banal que pronunciou com tranqüilidade (e compreenderam: mais que no silêncio evidenciava-se dessa maneira a retórica e o Fogo do Espírito Divino que o dominavam no púlpito, não estando num púlpito agora ainda que, de certa forma, pudesse dizer que estava):

— Filho, seu ônibus não sai às cinco? São quatro horas. Tem de se apressar; se não quer perdê-lo.

E o deixou sozinho na sala, por onde passou mais tarde com a bagagem na mão para uma despedida fria e distante que, no entanto, se repetiria muito mais distante e diluída uma semana depois ao voltarem quietos e reservados do sepultamento da mãe (morrera na noite anterior; um enfarte para o qual não valeram nem seringas nem comprimidos nem massagens nem joelhos dobrados), aquela fenda aberta entre ambos maior agora, não só pela dor disfarçada do velho obrigando-o a uma quietude maior e mais obstinada, mas por iniciativa própria no caminho de sua descrença, fenda que gostaria de fechar, cobrir, obstruir sem deixar vestígio, e que, porém, sabia já impossível.

Nessa outra despedida, reticente e penosa, na qual buscara em vão pelo que dizer; lá ficara ele em seu sofá com o Livro fechado nas mãos, na semi-obscuridade da sala além de cujas vidraças findava o ocaso. Já não lia mas, envelhecido, apequenado, ínfimo sob sua dor (“Como ele vai viver sozinho aqui? Quando poderei regressar e ser de novo seu filho?”) era só uma sombra que, com voz apagada apenas respondera-lhe ao pedido de bênção, nem sequer ouvira os passos que atravessando o jardimzinho ganharam a rua]

, ou melhor, eu fizera questão de afastá-LO todos aqueles anos. Mas nesse instante, ainda que me apercebesse da minha solidão e minha perplexidade, e diante de mim se erguesse aquela incógnita, eu não me dei conta disso. A luz do quarto apagada, depois do banho em que espantara um pouco o sono e o cansaço abri a janela e olhei a cidade, e a cidade como nunca antes me pareceu um grande absurdo. Eu, um cientista estreante com o canudo ainda “quente” nas mãos, não via nenhuma razão de ser naquele vasto curral iluminado em que o gado humano se amontoava, estranho entre si, dormindo, ou velando, ou perpetrando crimes, ou

. De longe vinham-me os ruídos da metrópole, roncões de motores, buzinas, vozerio, e a música maçante de uma boate no fim da rua, com casais passeando e rindo pelas imediações e se escondendo no escuro onde, sei lá, se masturbavam ou coisa assim, talvez sem dinheiro para o motel. E mais longe, as luzes se multiplicando à medida que se distanciavam, e de onde nenhum som, nenhuma voz, nada a não ser essas mesmas luzes, traziam-me a existência da cidade; era só o que via, luzes, e o inferno próprio e peculiar do homem onde quer que ele estivesse... Nessa noite me senti perdido. Mais uma vez olhei o retângulo de papel sobre a cama, e ele não apenas me pareceu estéril como me permitiu ver que, encerrada aquela fase, o futuro se estendia também árido e estéril. Buscar um título de doutorado para com ele chegar a uma conclusão mais profunda pareceu-me de ridículo, o que pude constatar poucos anos depois quando, da mesma forma que naquela noite, olhava no mesmo quarto, sobre a mesma cama, outro retângulo de papel, como o primeiro sem nenhuma transcendência. Eu pensei achar no conhecimento humano e, portanto, na sabedoria, e meu caminho, porque Salomão pediu ao Senhor isso, sabedoria. Custou-me compreender que apesar de tudo, aquilo não era sabedoria, e que eu me fizera um homem instruído, não um homem sábio. Então eu me perguntei qual a próxima etapa, a meta seguinte, e após uma vinda outra, e outra depois e depois de nenhuma delas a satisfação para minhas inquietações, percebi que a vida toda resumindo-se nessa perseguição de um ideal — um

ideal que não conseguia definir — chegaria ao fim... e me vi morrendo sem tê-lo alcançado, e então sentando-me na cama olhei aquele novo pedaço de papel e sorri... lembrei-me de meu pai, e pensei no quanto a distância entre nós aumentava a cada dia...

Aurélio calou-se, e a mulher após esperar que ele continuasse — e como não continuasse —, falou:

— Eu também me faço essas perguntas, e nisso estamos na mesma, ou, antes, estaríamos se não houvesse mudado para você... pois parece-me que mudou, não é?

— Oh, sim... mudou...

— Não somos os únicos, porque é do homem a incerteza, também lhe pertence a dúvida, é-lhe natural essa procura, uma procura obsessiva, tão obsessiva que passando por aquilo que procuramos não somos capazes de reconhecê-lo. E a resposta que procurávamos às nossas indagações nos passam despercebidas...

— Sim... sim, eu tive a resposta, ouvi essa resposta inúmeras vezes, mas afastei-a de mim para buscá-la onde não estava, quando todo o caminho me fora menos penoso se o tivesse percorrido, não direi tendo-a encontrado pois já a encontrara, mas compreendido e reconhecido nela a **resposta**.

— Mas, será a mesma para a minha incerteza?

— Por que não seria?

— Porque talvez o que eu procuro não seja o mesmo.

— Talvez, mas é certo que todos procuram algo, e o que quer que seja que se procure, nunca é pleno sem essa Resposta.

— Então tudo se reduz a uma coisa só...

— Assim eu creio.

— Porque Ele é o caminho...

— Pois é certo que assim é.

A mulher pegou a Bíblia.

— Esta é a palavra, e está dirigida a mim também.

— A todos, está dirigida a todos.

— O que eu penso é que todos que procuram deverão errar aqui e ali em sua jornada até um momento certo, porque todos têm de trilhar um rumo estabelecido, e nunca antes mas só nesse momento compreender. E só então fazê-lo plenamente, e isso porque tudo em que erraram também serviu para ensinar-lhes alguma coisa.

— E então...

— Quero dizer que eu talvez tenha que errar muito ainda.
— Se pensa assim...
— É como se eu, sabendo onde está um objeto muito precioso, ainda assim o procurasse noutro lugar duvidando de que esteja onde eu sei que está. Na verdade eu não sei se está, mas apenas suponho sabê-lo. Por isso a dúvida. E não só por isso mas pelo que vejo...
— ?
— ... até mesmo em você.
— Por quê?
— Na própria segurança que você tenta mostrar, impor, talvez mais a si mesmo que aos outros, está ainda nítida a dúvida.
— Por que o diz?
— Porque precisa de uma prova. Não espera uma prova?
— E não estou tão certo dela?
— Ainda hoje?
— Ainda hoje.
— Nesta noite?...
— Nesta noite.
—
—
— E se não vier?
—
— ?
— Virá!

O vento soprou forte, zunindo no beiral. O silêncio repentino entre as frases plenas de indagação e duvidosa certeza, onde emudeciam as palavras, encheu-se das batidas de uma janela aberta noutro cômodo, e do estalar do madeirame velho da casa.

Capítulo 31: Do que ouviu o moço claro a um muito velho sacerdote no interior de uma igreja.

— **S**etenta anos! Um tempo é incompreensível, não porque seja difícil imaginar o quanto é lento seu transcurso, mas porque não é possível imaginá-lo entre um acontecimento e a vasta cadeia de lembranças que fica depois, sem tê-los vivido... Um tempo tão grande que, no entanto, vivido, torna-se de súbito um piscar de olhos, suficiente porém para reduzir qualquer homem a ruínas, embora alguma coisa sempre permaneça. Foi há quase setenta anos...

Eu estava sentado num dos bancos da abadia, e não havia mais ninguém além de nós. O padre, mirrado como um urubu milenar, movimentava-se penosamente à minha volta falando com uma voz rascante e débil como o limpar de sapatos numa calçada de pedra. Era belo e terrível vê-lo, e ouvi-lo, que de sua imagem não se dissociavam corpo e fala. (Isso foi na época em que eu estudava no estrangeiro. Passava-se pela igreja alterando em duas ruas o caminho para o colégio. Um mês antes havia entrado lá pela primeira vez para confessar uma coisa que me incomodava, e saí meio tonto. Da segunda vez, a exemplo da primeira, o sol queimava as pedras da rua, mas a sombra dentro da igreja tinha uma transparência suave e uma temperatura que lembrava uma gruta, e de onde, mal eu cheguei à porta e ainda antes de ver a figura surdir vagarosa da escuridão, veio a voz como um limpar de pés: “Eu sabia que você voltava, por isso esperei, e aí está você!”, e então, já enxergando melhor na meia obscuridade da igreja, tinha-o ali, o velho e inquieto sacerdote de gestos endurecidos contando uma história perturbadora, não como quem conta mas como quem representa o que conta, uma peça sem palco nem teatro, sem atores nem público, só um protagonista e um interlocutor, e imagens quietas e inaudíveis a velar de seus nichos empoeirados.)

— “Este é seu novo colega”, disse o diretor, paternal e austero, à classe enquanto o lente interrompia a aula, “veio com a família residir em nossa cidade, tendo pertencido antes a um colégio do interior. Espero que sejam amigos”. Retirou-se o diretor mas meu olhar permaneceu no recém-chegado para cujo rosto todos os olhares convergiram mal entrou na sala, rosto esse não apenas belo, não apenas suave, mas sublime e cujos traços

como que não se delineavam mas fossem apenas insinuados, rosto não só indefinível mas inexplicável cujo sorriso dirigido à classe não lhe vinha nesse momento aos lábios, estando, porém, ali muito antes de se formar, a cuja primeira visão e antes que qualquer outra idéia afluísse, pensei: “Deus do céu, quem é este menino?”

O padre parou, pensativo, olhando não à sua frente a porta do templo através da qual via-se o mundo inundado de uma luz que mal ousava entrar essas sombras sagradas, mas atrás de si, as escadas, a porta, o prédio de um colégio antigo. E prosseguiu:

— Uma época muito diferente, aquela. As garotas em sua grande maioria, ingênuas e sérias, eram acompanhadas à chegada e à saída ou pelos pais ou por alguma dessas velhas empregadas que de tão antigas no serviço dos mesmos patrões acabam virando membro da família, e cuja cara, ao acompanharem as jovens, adquiria uma expressão de desanimar qualquer investida mesmo por parte dos mais afoitos, indo e vindo não só intocadas mas intocáveis as jovens donzelas durante todo o ano letivo, dificuldade apesar da qual às vezes encontrava-se alguma menos tola com quem um rapaz podia marcar um encontro para a noite, à hora em que todos dormiam mas que nem todos, de fato, dormiam, conquanto dormissem os mais velhos, as matronas austeras e inocentes e os medrosos e ingênuos, e em que uma janela se abria sem ruídos ao som de um graveto quebrado ou um assóvio leve ou ainda um tossir disfarçado, dando passagem a um vulto em roupas de dormir que ia encontrar-se com outro vulto entre as sebes, entre as árvores, no escuro, longe de qualquer vista para se darem aí às suas safadezas. Encontrei-me com uma mesma garota durante quase um ano, desde que eu tinha treze e ela doze; chamava-se Marie, e o máximo que dela obtive foram beijos apaixonados na nossa pouca experiência em amor, nas fugidas noturnas ao jardim de sua casa. Passei ao mesmo tempo a me encontrar com outras, mais velhas e espertas que me deram mais que beijos. Pobre Marie, não a vi mais desde que me afastei dela, desde que em certa noite não compareci a um dos nossos encontros e ela, no dia seguinte, à saída, perguntou-me por que eu não fora, “não me espere mais, não fique mais acordada por minha causa”, ao que não respondeu senão com um olhar cheio de lágrimas, só na semana seguinte voltando a falar-me: “Não venho mais ao colégio, Marcel. Meu pai transferiu-me. Acho que não nos veremos mais. Adeus.”, e eu disse adeus e ela sumiu da minha vida sem deixar a menor saudade. Mas não rompera só com Marie, afastara-me também das outras, as mais safadinhas, às quais não dei a menor satisfação. E

afastei-me de todas pouco a pouco desde a manhã em que vira na classe aquele menino de rosto inexplicável.

manhã desde a qual transcorreu o tempo imponderável de setenta anos

Jean era dois anos mais novo que eu e me aproximei dele desde o primeiro dia, falando-lhe à saída: “Ei, novato, vem comigo, vou lhe mostrar o resto do colégio”. Então ele me encarou. Sorrii e disse: “Não posso, o carro que vem me apanhar já deve estar aí fora”, e eu disse “o meu também, mas há tempo. E eles que esperem, é cedo ainda”. Então Jean anuiu ao meu convite e eu lhe mostrei o colégio indo a todos os andares, levando-o à biblioteca, à sala de música, ao laboratório, ao jardim.

— Fez-se entre nós uma ligação que não passou despercebida nem dos meninos nem das meninas, mas ainda que dentro de mim refervesse aquele amor, era ele tão assombroso para mim que eu não julgara possível existir, já agora julgando impossível que fosse esquecido ou abandonado, e ao mesmo tempo tão diferente que, ainda que me parecesse às vezes absurdo, insinuava-se cheio de uma insuspeitada delícia, não a mesma que me propiciaram as meninas corrompidas em segredo, e nem a que me dera a pura e doce Marie, mas maior e mais forte que ambas. Sempre que o tinha ao meu lado, ou escutava sua voz ou tinha seus olhos nos meus, afirmava a mim mesmo que ninguém, nem os meninos e as meninas da classe, nem os professores e muito menos nossos pais, iriam suspeitar da verdade, supor que fôssemos mais que amigos ainda que na verdade não o fôssemos, porque eu mesmo não podia saber o que se passava na cabeça de Jean. Para todos os efeitos éramos bons amigos, e com isso os meses de convívio iam-se passando, um... dois... três... três meses, época por volta da qual me afastei da última garota com quem me encontrava ainda, Marie. Tudo eram motivos para estar com ele: estudar em sua companhia em períodos de provas, ir ao parque aos sábados e domingos à tarde porque, sabia, achava-o lá, ou procurá-lo com o simples pretexto de devolver-lhe um livro quando muito bem podia fazê-lo pela manhã no colégio, o que, aos poucos, foi-se tornando insustentável.

— Era cada vez mais difícil estar em sua presença e conter o desejo de tocá-lo, limitando-me a olhar para ele sempre que podia sem ser notado. Instantes aflitivos nos quais absorvia-me em admirar os menores detalhes de sua fisionomia, como o ligeiro entreabrir dos lábios enquanto a mão seguia rápida na escrita, ou o formar-se de uma ruga única entre as sobran-celhas quando parava para analisar um texto, um cálculo, ou a expressão de

enfado ao cometer um erro, parecendo-me não distante mas ainda improvável aquele rosto. Uma vez ocorrera-lhe erguer os olhos e dar com os meus, um estremecimento e uma imobilidade súbita deixando-me sem ação e um pavor contraditório de que ele percebesse tudo gelando-me por dentro. Jean, porém, sorriu, sorriso no qual julguei entrever significados sutis, e voltou indiferente a concentrar-se no que fazia. Nesse dia, ao me despedir, foi pior, pois tive na minha a sua mão pequena e morna que ao apertar queria manter ainda presa por muito tempo e pensando que talvez ele quisesse também deixar presa na minha a sua mão, mas não ousei fitá-lo e me afastei correndo. Foi no parque, numa tarde de sábado, que teve começo... Meninos e meninas — estas submetidas ao controle severo das mães ou vigiadas pelo olho duro e cruel das velhas, familiares e já aparentadas matronas — divertiam-se nas áreas mais espaçosas entre as alamedas, quando eu e Jean nos afastamos em direção de um riacho que corria ao fundo. Uma pontezinha de madeira cruzava o riacho, e na outra margem uma trilha acompanhava o curso d'água até mudar de direção mais abaixo, penetrar no mato ralo e conduzir por uma distância de um quilômetro à encosta do monte de onde se podia observar o lado oeste da cidade. “É bonito aqui” disse Jean, e eu concordei com um movimento de cabeça. Subimos à encosta da montanha e fomo-nos sentar à sombra de uma árvore grande, uma faia, um carvalho, não sei, olhando a paisagem além dos nossos pés. Permanecemos quietos por muito tempo, tanto que o sol principiava a baixar afastando de nós a sombra da árvore e nos envolvendo com sua luz cálida e avermelhada de crepúsculo. O que aconteceu em certo momento foi tão repentino quanto espontâneo, quando voltei-me para ele e o olhei, que também voltava-se para mim, do mesmo jeito... e nossos rostos ficaram muito juntos, entre os quais o olhar e o hálito quente e a respiração num arfar não de cansaço mas de ardor, até minha mão roçar-lhe a face e a distância desfazer-se e uma sensação de irrealdade dominar-me...

Capítulo 32: Da menina diante da janela e a mulher gorda que passa com sua trouxa; e, ainda, sobre um gesto definitivo e o quanto pode significar o simples ato de curvar-se para apanhar uma moedinha entre os bancos da igreja.

“**F**icava sentada diante da janela horas seguidas espiando as crianças que brincavam lá fora”, a mulher já não lia a Bíblia ainda aberta à sua frente, e quase no fim a vela grudada na lata de leite Ninho. “Era bem pequena então, tinha seis ou sete anos (*ela — indicava a mãe — ainda nova e rija, e assim a via chegar com as latas d’água, com as compras da semana, com todo o seu cansaço, “acende o fogo pra esquentar água”, dizia*), lá fora o sol a estender o dia como uma página em branco na qual as pessoas que passavam em frente à janela (passava sempre a figura atarracada e quase esférica de uma mulher gorda e mal vestida, de uma idade indefinível com uma trouxa equilibrada na cabeça) escreviam sua história; somente eu parada e medrosa a espiar da janela, sozinha, ocultando-me depressa se uma das crianças vinha me chamar (*eu obedecia, o fogão aceso e a água nos latões sobre as trempes enquanto ela preparava a comida*). Meus dias sempre iguais e invariáveis, passava-os sozinha, não saía, não brincava, tendo apenas a janela (e lá ia a mulher gorda e lenta com sua trouxa, ora subindo, ora descendo o morro) e as horas esvaindo-se além do quadrado irregular, até que restasse uma claridade escassa que logo seria substituída pela luz elétrica proveniente dos postes à beira do asfalto, ao pé do morro, até restar a noite (*e ela vinha com a bacia que tirava debaixo da cama — não ates de acender duas velas que proviam não de uma luz insuficiente mas de uma escuridão incompleta o interior do barraco — e punha a água, tirando a roupa devagar como se nada a preocupasse, a tudo alheia às vezes como se fosse estabelecido não só que não teríamos mais que aquilo mas que era natural ter apenas aquilo, motivo por que nenhuma preocupação e nenhuma busca para mais que aquilo eram cabíveis*).” O pastor grudou outra vela na lata, que titubeou um pouco até firmar a chama. “Até que um dia comecei a parafusar uma indagação, imperceptível de início mas que

com o passar dos dias sempre iguais fez notar sua presença emergindo confusa e opaca e sem nitidez de sua nebulosidade, tornando-se cada vez mais clara (a mulher esférica e sua trouxa passavam, a cada dia trouxas diferentes de diferentes tamanhos, formatos e cores, “de onde será que vem tanta trouxa?”), uma indagação tão breve e ao mesmo tempo tão vasta que diante de si ficava o silêncio: ‘Por quê?’ (*enxugava o corpo com vagar; depois jogava a água suja fora e punha outra na bacia, dizendo: “Vá tomar seu banho”, e eu, nua, sentava na água morna com pena de ter que sair dela*), e nessa época já estava com doze, treze anos.”

[Não só aquele gesto — o dedo apontando rígido e definitivo a porta — mas alguma coisa mais que o sublinhava, e então pôde compreender. Por que tanto tempo depois, não sabia explicar. Por que não o reconhecimento imediato — ou tudo aquilo, bloqueado no cérebro como açude que aguarda tranqüilo a abertura das comportas ou a força de uma enchente a arreventá-las, rompia só agora suas barragens? — mas tardio, ou se não imediato pelo menos naqueles três meses em que sem se justificar suportou-o com sua brutalidade, sua ranzinze, seu fedor (ainda que o fedor de homens sujos já não a afetasse) e sua interminável arenga; mas não, aconteceu assim, repentino e tardio (e revia o gesto indicativo e peremptório e, seguindo-o, dava com a porta estranhamente aberta porque não uma porta pela qual se entrasse e saísse e se pudesse retornar; não, aquela ao abrir-se daria passagem apenas uma vez para trancar-se depois para sempre, uma porta através da qual o sol desenhava no chão como uma fantasia, um grande ludíbrio, o retângulo de luz de uma tarde clara e alegre) num instante indefinido de certa madrugada chuvosa (e além do gesto aquela coisa reconhecida e redescoberta, densa e bárbara a reforçá-lo) em que, encolhendo-se de frio numa cadeira, apesar do cobertor; e ouvindo a acirrada discussão entre os outros, não só se abrigava da chuva mas refletia no quanto de irônico havia em tudo aquilo, no passeio pelos cômodos vazios da casa abandonada e no que dele resultara (e por que não chamá-lo, a ele, Heitor; e voltar com ele lá embaixo no porão e atravessar as mesmas salas e o mesmo corredor chegando à mesma varandinha com sua mureta semi-demolidada e a pilastra da qual, no contorno irregular; saltava um tijolo (que ele fixara com tanta insistência, do que, no entanto, ela não sabia porque ele não o dissera) e entrar na cozinha velha e aí desta vez não ouvir mas falar; e falar tudo começando talvez por aquele gesto?), sobre essa reflexão irrompendo abrupto e cortante e ainda assim tardio o reconhecimento. Lembrou-se então de duas noites: a primeira, três meses antes, na qual ele apareceu trazendo consigo aquilo, mas sereno e meio aniquilado pelo álcool e também meio oculto

porque no quarto estava acesa só uma lâmpada fraca no quebra-luz, e permaneceu nela um largo espaço de tempo não porque longo mas denso e quase tangível — na verdade quinze ou vinte breves segundos —, a segunda menos de vinte e quatro horas antes quando, por um momento ambas a contemplá-lo em sua loucura junto à fogueira, vislumbrou tão breve e selvagem, tão vívido e fixo nela como a nunca mais deixá-la, diante do fogo e inflamado pelo álcool, ainda “aquilo”(e como se parecia com antes, noutra época e noutro lugar e noutras circunstâncias sublinhando um gesto tão duradouro e imutável quanto pode ser um gesto humano!), não o olhar em si mesmo, ou os olhos vermelhos que, repentinos, enchiam a treva, não, o “que” havia neles, o “que” eles podiam impingir de aniquilador, de terrível sobre quem caíssem. (“Foi um incesto, três meses de incesto, se não de sangue pelo menos de fúria.”) E ao atravessar a porta da casa paterna, no retângulo de luz do chão desenhando-se sua única companhia por toda a vida e receber no rosto aquele sol de plena tarde de verão, voltou-se ainda por um segundo, e lá estava fixo como mármore o gesto, o dedo estendido e aquela coisa que jamais pensou ver de novo. (“Meu pai tinha o mesmo olhar naquele dia, o mesmo olhar...”) E então caiu no mundo.]

“Tudo que conhecia tornava-se nebuloso, esfumado, sem consistência — era a vida (*até que ela dizia é hora de comer e dormir; então comíamos e depois de trancar a porta e a janela nos deitávamos, e enquanto lá fora quase todo ruído ia cessando, ficávamos as duas no escuro a escutar a noite*), aquele constante e ininterrupto desfilar de dias. Lembra-me a história do jovem soldado que parte para o serviço militar num forte distante na fronteira⁸, além da qual se estendia um deserto e acabava todo vestígio de civilização, onde se estava tão só — imagino — que devia parecer impossível sobreviver ali, e partia com o firme propósito de cumprir seu tempo de serviço e retornar à família, à namorada, à vida, não imaginando que pudesse ser diferente, que naquele lugar pudesse existir mais que a simples solidão, pois outros também lá haviam ido com o mesmo propósito e acabaram ficando (*essa noite inóspita e desconhecida que nos chegava com as vozes abafadas dos barracos próximos, algum choro angustiante de criança, o ronco pesado de caminhões passando longe no asfalto, e continuar ouvindo-a mesmo depois que o sono nos fechava os olhos, olhos que eu só ia abrir na manhã seguinte, muito depois de ela ter saído deixando sobre a mesa uma caneca de leite morno e um pedaço de pão. Após beber o leite em três goles, punha-me a mastigar o pedaço de pão diante da janela — e vagarosa como se o tempo não passasse*

⁸ Alusão a “O Deserto dos Tártaros”, de Dino Buzzati.

ou esperasse por ela, lá ia a mulher gorda com a trouxa na cabeça —, enquanto olhando além dos barracos enxergava não apenas os prédios enormes submersos em sua nebulosa distância mas um ponto qualquer indefinido onde a imaginava esfregando o chão, lavando a louça, subindo e descendo escadas compridas que ela me descrevia, “as madames são boas, pagam bem, e dão pra mim as roupas que não usam mais”); e assim estabeleceu um tempo curto de permanência após o qual partiria, partida que passou a protelar sempre com essa ou aquela justificativa, não se permitindo admitir que já não era possível ir embora nem se dar conta de que, como os outros, fixava-se em definitivo naquela solidão. *(até nos acostumarmos ao nosso novo mundo, até eu me habituar à janela e à mulher gorda com sua trouxa — uma trouxa diferente a cada dia — esperando-a, a ela que saía para buscar dinheiro e chegava à hora do almoço para logo sair de novo, apressada, e regressar só à noitinha)* Muitos anos depois ele voltou, mas nada era como antes, o sentimento de sua vida antiga perdera-se dali: os amigos não mais o reconheciam ou nada tinham a lhe dizer, a noiva não se lembrava do amor que haviam tido e até para a mãe seus passos soavam estranhos; a cidade era como se já não tivesse vivido nela, não acolhedora, não hostil, mas impessoal e fria, e percebeu que só lhe cabia voltar ao forte para sempre onde — lá sim — estava toda sua vida, e não só isso, mas a possibilidade da fama, da glória, dos louros se sobreviesse a guerra. E voltou. E esperou pela guerra. *(e bem perto a criança magra descendo e subindo, hordas de sujos e fétidos meninos, mijados e famintos, e as mulheres a se moverem leídas, e os raios em seu nada fazer sonolento e ocioso entre os barracos e o lixo, e eu à janela; fora, o tempo a seguir ininterrupto seu rumo — o quanto havia crescido aqueles meninos sujos com quem nunca brincara e quantos nasceram depois multiplicando-se em algazarra e em sujeira! —, dentro apenas meu corpo a mostrar que o tempo passava também para mim, e ela, um pouco mais gasta, mais cansada, mas ainda rija e forte chegando pelo entardecer como nos primeiros dias, e a impressão momentânea de que nada se havia alterado)* Diante da janela os dias eram sempre iguais como o seriam para o soldado em suas tarefas rotineiras, cumprindo com esmero todas as suas obrigações, trocando a desnecessária guarda de um forte desnecessário sempre a olhar a planície, limpado a fivela do cinto e as botas que engraxava depois como que para um desfile onde fossem vê-lo multidões, e o mais inspecionar a planície à espera do inimigo que, no íntimo, estava certo jamais viria, tudo aquilo a que se dedicava — o forte, a guarda, as armas, a carreira — desnecessário porque era impossível que uma guerra viesse dali, justo daquele deserto tão grande e silencioso. Diante da janela a vida era desnecessária porque

tudo que era feito não tinha razão nenhuma, e mesmo muitos anos depois quando pude levar minha mãe para longe dali, e mesmo hoje quando estou quase só e sem nenhuma esperança, ponho-me diante de uma janela e surge essa indagação e no silêncio que vem com ela, uma sombra: tudo é vão porque se constrói para o futuro, e no futuro para um outro, mais remoto, e nesse outro para um outro ainda mais remoto, e assim por diante: as pessoas têm o dever de empurrar pedras colossais numa planície sem fim, e não percebem isso. Eu menina e a janela e os dias ociosos e sempre iguais e essa indagação tomando forma com a dúvida que sobrevém ao desfile desses dias intermináveis: nada, absolutamente nada a não ser uma interrupção repentina e brutal (a mulher gorda passou um dia mas não levava mais sua trousse: passou carregada por três pares de mãos, atrás de si pequena e murmurante comitiva rumo a algum ponto entre ou além dos prédios em sua nebulosa distância).” Calou-se olhando a chama derreter a cera e os pingos escorrendo, lentos, à medida que a cera derretia. Apertou os lábios e conteve o choro. Prosseguiu: “Quando enfim ele veio, o inimigo, através daquele mesmo e imprevisível deserto, trazendo-as, a guerra e sua esperança e toda a razão de sua vida, ele estava velho, doente e imprestável para a luta. Ainda assim a luta era o que ele queria, mesmo para morrer à primeira investida, mas morrer com glória, a impalpável e ambicionada glória. Mas a ordem, a desumana ordem, era que ele devia partir para a cidade o mais rápido possível dando vaga a quem pudesse de fato lutar. A ele competia tão só obedecer.”

(Numa tarde logo após o sol se pôr; momento em que o fim do dia deixa na parede da sala de luzes apagadas uma fugidia nódoa avermelhada, momento ao qual não se pode chamar dia tampouco sendo noite como um portal rotineiro mas sempre estranho entre dois quartos indissolúveis a resguardarem em si seus segredos exclusivos, instante em que a imagem de um homem velho e triste sentado numa poltrona e muito mais que velho e triste mudo e assustador em seu mutismo e em sua quietude e no modo como deixa inerte a mão delicada sobre o objeto retangular e negro que tem no colo e cerrado e hermético em sua voz ausente até que seja aberto e erguido e como boca fale da certeza e da paz e da persistência e mais que tudo da força que ao diminuir e minguar está ali e pode ali ser achada como água a fluir da fonte bastando que se saiba buscá-la e assim encontrando-a com abundância, em que esse homem, dizia eu, esse velho se assemelha ao mesmo tempo a um ídolo fracassado e a um guerreiro cuja espada jamais vacila — ou a ambos, por certo —, esse ídolo esquecido um mero disfarce temporário para o guerreiro subjacente, e não só se

assemelha ao que quer que seja mas permanece quieto já como um cadáver ou mero boneco de palha quando a mão lhe pousa no ombro, sem palavras, a outra segurando a bagagem e os pés paralelos e tímidos e sempre a mão no ombro a esperar que esse velho ídolo ou esse guerreiro subjacente ou talvez esse boneco de palha digno-se mover seu braço levá-lo ao ombro e encontrá-la ou se não isso que um som ao menos lhe saia da boca, vã espera em que os olhos podem por um momento contemplá-lo emurhecido a barba de três dias escassa e branca e quase a revê-lo ajoelhado entre os bancos da igreja a procurar uma moedinha que caindo de cima da mesa rolara pelo chão aquela mesma e minúscula moeda que um dos fiéis teria posto na sacola e que mal valia que alguém se curvasse para pegá-la mas que ele a despeito de tudo não só se curvava como ainda ia de galinhas buscar por ela, quando vendo-o tantos anos depois ele próprio já esquecido talvez desse dia e vendo-o inflexível e tanto mais convicto quando mais em ruínas estava seu corpo alguma coisa obscura mexeu-se-me por dentro como um réptil que se agita rápido e subitâneo no fundo da lagoa, e este foi meu primeiro abalo ao qual a própria boca mal conseguiu articular algo (“Já vou.”) os ouvidos captando um som subterrâneo em resposta (“Boa viagem, filho.”) e os pés a se voltarem sobre si mesmos levando consigo a mão que deixa o ombro e a mão que segura a bagagem e os olhos e os ouvidos e o sentimento, e detendo-se no fim do corredor voltarem-se os olhos para a janela através da qual se aproximava a noite e entre a qual e o corredor visível apenas uma parte da poltrona e um braço de boneco ou de cadáver o mesmo que não buscando a mão pousada no ombro manteve-se imóvel e inexpressivo, para enfim procurar a porta e atravessá-la e alcançar a frente da casa detendo-me uma segunda vez para rever a janela aberta através da qual não só a noite se acercava mas o som aquele som subterrâneo mais forte e seguro então saía para o espaço fresco do jardim “a ti, só, limitaste a sabedoria? Que ela repousa no coração do prudente, mas o que há no interior dos tolos se conhece”⁹ e olhando a janela vi que a lâmpada se acendera quase podendo vê-lo através da parede com o Livro aberto numa das mãos e da outra o dedo erguido veemente e certo, não o boneco de palha ou o morto ou o ídolo desfeito mas o guerreiro e sua espada e este o meu segundo abalo e já às minhas costas não só a casa e o jardim e o portãozinho de ferro mas também o barulho tenaz do trinco sabia-o em sua solidão entre paredes que falavam em silêncio a dormir seus sonos com o canto da cama sempre vazio e assim o encontrando ao despertar noite alta com a sensação de que talvez não estivesse só e embora mortas ambas, a mulher e a cunhada, buscar o outro quarto e vislumbrar o

⁹ Livro de Jó, cap. 15, versículo 8; e Provérbios, cap. 15, versículo 33.

leito no escuro onde não se via o filho adormecido mas seu espaço vago e assim retornar à cama verificando ser madrugada e hora de buscar ao Alto e viver os seus dias de trabalhador aposentado e aquecer no fogão a gás seu almoço e seu jantar solitário, e ferver a água para o café pondo na mesa só uma xícara deixando-as (as paredes) quando devia ir à igreja e subir ao púlpito ou fazer compras ou sair para algum biscate com que complementasse sua aposentadoria minguada sempre regressando para elas depois — suas paredes, que falavam em silêncio —, seguindo-me essas imagens até meus pés descerem na plataforma entre dezenas de outros pés desconhecidos e ignorá-los e seguir pela plataforma e descer as escadas e sair para a rua e caminhar até em casa (não mais o quartinho de outro tempo mas um apartamento pequeno e árido, tão só e quieto quanto a casa do portãozinho de ferro) quando na sala e — não pelo fato de ter chegado — deter-me pela terceira vez porque na sala cuja única luz provinha da rua podia sentir sua presença não que ouvisse sua voz mas vendo-o a gatinhar pelo chão atrás de uma moedinha qualquer e erguer-se vitorioso e exibi-la sempre em ruínas como a desmoronar-se sobre si mesmo mas com um sorriso que antes não vislumbrara, luminoso como de um menino a incutir-me porém a certeza de que tanta fé não podia ser inútil não devia ser à toa não seria em vão, e esse foi o meu terceiro abalo.

Então cri.)

Capítulo 33: De como se explica o amor
enquanto se passeia entre
sepulturas, e do quanto aquilo
tudo era tênue feito uma cabeça
suspensa por um fio e uma
nódoa móvel sobre o hábito.

— Então eu me pareço com ele, é isso? E por isso esperou tanto que eu voltasse?
De pé à minha frente, o ancião lembrava um urubu velho que contempla tristonho a carniça, já sem força para lanhá-la com o bico, condenado não só à fome mas à humilhação de saber que um dia pôde fartar-se e já não pode mais.

— Certo dia pela manhã ao entrar na classe deram-me a notícia da morte de Jean na noite anterior: uma febre súbita e incontrolável quase lhe cozinhou o cérebro. Tal notícia pareceu-me tão absurda e inverossímil que minha reação imediata foi uma gargalhada. As feições, no entanto, graves dos colegas de classe não denotavam brincadeira ou burla, ao contrário, o silêncio e a consternação geral não deixavam dúvidas...

O padre, não mais que uma cabeça pálida e murcha suspensa por um fio invisível no corpo da escuridão, em êxtase ante a morte, o hábito negro um prolongamento das sombras que se tornavam maiores à medida que, fora, declinava o dia; o octogenário sacerdote a olhar, bêbado, para algum ponto de ontem em que ainda vivia aquilo que, a despeito do nome que pudesse ter, ele afirmava ter sido o seu amor... Meio tonto com o que ouvia, não sei explicar se a impressão causada pela narrativa era apenas surpresa diante do inusitado ou um mal-estar que me deixava sem ação e palavras.

— Não, não foi por isso porque a verdade é que nem ao menos se parece com ele, a não ser quanto a pele clara e ao que há de sutil na fisionomia...

— Não creio ter cara de mulher.

— Eu não disse que tinha, mesmo ele não tinha, ainda que fosse o ser humano mais belo que já vi.

Após uma pausa prolongada em que se manteve imóvel, teatral e mudo e talvez a rever os dias breves de sua paixão, numa nódoa esbranqui-

çada à altura do peito apenas os dedos rígidos e entrecruzados como duas garras imprestáveis e exaustas e num reflexo da luz vespertina a visão clara de um risco úmido e vertical em cada face, ouviu-se outra vez a voz como o limpar de sapatos enlameados:

— Quando aos trinta anos tomei o hábito com o propósito de usá-lo pelo resto da vida, não o fiz arrependido desse tempo de desespero que se seguiu à morte de Jean e no qual me envolvi com prazer e dor em quanto vício e torpeza imagina-se que haja, não, não foi por isso; mas para estar em paz, e esperar por Ela, e assim esperar por cinquenta e cinco anos, até o dia de hoje.

Os olhos, ao contrário de todo o resto do corpo, ainda vivos e ágeis, cruzaram com os meus:

— Já não espero, contudo, a paz mas a condenação, a dupla condenação que, bem sei, está reservada para mim.

Seus dedos agitaram-se, a nódoa em movimento diante do hábito.

— Não, eu o esperei porque vi em você uma paixão que lembrou-me a minha.

— Lembrou a sua!

— Sim, lembrou, essa mesma paixão devido à qual, naquele entardecer invernoso enquanto errava por entre as sepulturas, ouvi de uma colega de classe que se aproximou e com quem me fartara certa época nos nossos encontros noturnos, não uma pergunta mas uma frase afirmativa, que em qualquer outra ocasião ter-me-ia embaraçado mas que nesse dia não produziu qualquer efeito:

— Você o amava, Marcel — que, entretanto, não respondi, continuando a andar. Ela se manteve ao meu lado, tomou minha mão enquanto andávamos e disse:

— Não compreendo o que seja esse amor, mas imagino que sofra tanto quanto... quanto... — interrompeu-se sem saber exprimir aquilo que, todavia, sua reticência deixava explícito. Ainda assim não respondi, continuei a andar entre as sepulturas, ora me detendo diante de um epitáfio *(e os há nos mais variados modelos, uns repetitivos e cheios de lugares comuns, outros de prolixo pedantismo, alguns cômicos e debochados numa tentativa de escarnecer o prosaísmo da morte, outros em tom professoral como uma aula de direito, mas havendo também aqueles que pareciam sinceros e melancólicos, espantando-me entretanto não o que dissessem mas o fato de ter-se algo a dizer para figurar num sepulcro, mais ainda o fato de o mesmo punho talhar na*

pedra uns e outros com calma e indiferença), ora abstraindo-me quase por completo e a ponto de esquecê-la, quando de novo ouvi sua voz:

— Você nos deixou a todas por causa dele, e imagino que agora se sinta como se não tivesse mais nada — mas ainda sem responder e soltando-lhe a mão abotoei o casaco até o pescoço; sobrevinha o vento num silvo impessoal e áspero na ramagem dos ciprestes e nas cruzes, e, denso e impoluto, como a subir do chão por entre as campas ao invés de descer, o nevoeiro aninhava-se quieto e intocável. Não havia mais ninguém ali e começava uma garoa fria, quando desejei voltar à sepultura dele.

— Você vai lá de novo? — ela perguntou, mas refiz calado o caminho sinuoso entre as sepulturas. No mármore, nada a não ser duas datas em baixo-relevo: 1887 — 1901, junto à primeira uma estrela e à segunda uma cruz. E ela, contornando a campa até ficar de frente para mim, disse:

— O que é que ele podia lhe oferecer? Que doçura havia em sua boca? E ao acariciar-lhe o corpo descobrindo nele formas iguais às suas, o que é que você pensava?

— Cale-se! — disse pela primeira vez desde que ela começara a assediá-me.

— Era um garoto como você! — ela insistiu.

— Cale-se! — repeti, mas ela ainda assim insistiu:

— Nossos encontros no jardim, as outras meninas... nunca tivemos ciúme, ouviu? nunca, nem mesmo de Marie, embora soubéssemos que com ela era diferente, porque se vocês não se atreviam a mais que beijos, ainda assim houve amor; e não tínhamos ciúmes porque você era nosso e nós só queríamos nos divertir um pouco, e com isso zombar de toda vigilância exercida sobre nós por nossos pais, nossas governantas, nossas amas, e era bom encontrar-me com você numa noite mesmo sabendo que seu próximo encontro seria com outra, e assim com todas, ao que mantínhamos nosso pacto jamais firmado, tampouco estabelecido, e nossa cumplicidade com satisfação e sem motivos de queixa; mas então ele apareceu.

— Pedi que se calasse — eu disse, mas ela insistiu:

— Não, eu não me calo. Então ele apareceu e nos encantou a todos, alunos e professores, e isto porque era bom, inteligente, doce, porque sabia sorrir não com os lábios mas com todo o seu ser, porque sabia cativar e não apenas porque possuísse aquele rosto e fosse tão belo. Todos então nos aproximamos dele, cercando-o, fazendo-nos amigos, procurando deixá-lo à vontade em nosso meio embora isto fosse inútil porque ele já se sentia bem

conosco desde o instante em que entrou na sala pela primeira vez. Como podíamos, portanto, imaginar que você o buscava de forma diferente?

— Por que insistir nisso?

— É preciso, e você sabe por quê! Ele surgiu então, e ainda que estranhássemos o seu afastamento gradual, não suspeitamos de nada no começo, nem quando você rompeu com Marie desconfiamos. Só compreendemos depois quando, por estranho que pareça, todos já sabiam, como se o tivessem sabido ao mesmo tempo.

— Como poderiam saber?

— Talvez como eu própria, por simples dedução, depois de uma cuidadosa análise dos pormenores que se iam somando, tornando-se concludentes, embora ninguém ousasse a menor alusão ao caso.

— Não poderiam saber.

— Mas soubemos, e não só eu e as outras; talvez não Marie, que mudou de colégio e não pôde acompanhar o caso... não, mas também os professores que se viram de mãos atadas porque, certos da verdade, não dispunham de prova alguma.

— Não podiam saber de nada.

— Mas souberam, como até mesmo seus pais e os dele, desta vez não fazendo nada porque não houve tempo. Soube que planejavam mudar-se e afastar o filho da corrupção de que suspeitavam...

— Como soube?

— Ouvi conversas...

— Conversas nas quais você não seria admitida.

— Mas que se podiam ouvir bastando que se colasse o ouvido às portas.

— E então?

— Então minha desconfiança se converteu em certeza, com as outras meninas podendo ter essas conversas proibidas entre mim e os mais velhos, quando cada grupo já se reunia em seus redutos para falar de uma coisa que, por estranho que possa parecer, era mantida numa espécie de sigilo em que todos conheciam o caso mas não o deixava escapar dos limites de seus círculos mais restritos: grupos de alunas, grupos de alunos, grupo de professores e o grupo dos pais, cada um individualizado que se calava mal percebia a aproximação de um “estranho”, num misterioso e tácito acordo, jamais proposto e nunca desrespeitado, de manter o segredo. Assim os pais dele, ao se certificarem, deliberaram afastar o mal, ou melhor, afastá-lo do

mal, sem alarde, sem escândalo. Estavam para mudar, já dispunham de acomodações em outra cidade para ele...

— Mas não tiveram tempo.

— Não, não tiveram tempo.

— Não diga mais nada.

— Só uma pergunta, uma só.

— Diga.

— O que é que você sentia? — e ao ouvi-la eu sorri, ou talvez não tenha sorrido mas foi como se sorrisse. Olhei a moça à minha frente, o mármore e a névoa de perneio, o vento com seu silvo intervalado e repetido na ramagem e nas cruzes, e disse:

— Foi amor, amor e um prazer maior quando descobri que Jean era a personificação da inocência, em nenhum momento passando-lhe pela cabeça se aquilo era certo ou não, e guardando segredo apenas porque lhe pedi que guardasse.

— Ele?

— Primeiro foi amor.

— E depois?

— Depois descobri o prazer indescritível da perversão...

— ?!!....

— ...o prazer de corromper e macular o objeto desse amor. Tive remorsos ao reconhecer isso, ao reconhecer a satisfação que me causavam essas torpezas, mas só os tive porque, a despeito de tudo, havia amor.

— Posso crer nisto?

— Pode. Mas Jean não se deixava corromper, permanecia puro, e você sabe por quê?

— ...?

— Porque era a inocência em carne e osso, porque no fim tinha sempre aquele sorriso purificador, não a me perdoar, mas a não perceber que havia motivos de sobra para ter-me ódio! — baixei a cabeça, chorei.

— Pobre Marcel! — ela contornou o túmulo e pôs a mão em meu braço. — Vamos agora?

— Vamos — disse, tomando-lhe a mão —, devem estar à nossa procura — e saímos. Percebe por que eu digo que sua paixão lembra a minha?

— Lembra...

— Sim, lembra, e foi por isso que o esperei, de certa forma eu sabia que você ia voltar.

A cabeça suspensa por um fio invisível na abadia escura — lá fora o sol já não rachava a pedras da rua, mas em seu declínio devia iluminar ainda a torre da igreja e algum prédio mais alto — fez que sim, a nódoa móvel sobre o hábito de novo entrecruzada:

— Sim, duas vezes condenado e arrastando essa condenação não como um fardo mas como loucura, não estando todavia louco e sabendo disso. E duas vezes porque não só me condenavam as Escrituras por uma paixão muito mais que pecaminosa, como ainda pelo perjúrio, o sacrilégio de ter envergado um hábito e mantido com ele essa paixão, centenas e centenas de vezes subindo em pecado o altar-mor e dali contemplando o gado fiel que de nada sabia, e centenas e centenas de vezes no confessionário concedendo um perdão sem valor, ministrando o pão e tomando o vinho que em meus lábios impuros convertiam-se não no Corpo nem no Sangue do Cordeiro, mas em verme e urina de porca.

Com a lembrança daquele fim de dia na montanha, nos fundos do parque, o rosto do ancião tornou-se menos duro, seus olhos mais suaves:

— Vendo-o aquela tarde na igreja, lembrei-me dele. Ouvindo-o, lembrei-me de mim mesmo naqueles dias, e ministrei uma penitência sem sentido, e sem sentido por não crer nela, não crendo porque eu próprio não expurgara de mim o mesmo mal... Com isso esperei que voltasse. Por isso quis que voltasse.

O moço claro parou de falar, invisível no escuro o vulto do homem de barba. Um relâmpago mostrou onde ele estava.

— Parece-lhe absurda esta história?

O homem de barba cuspiu, respirou ruidosamente dando alguns passos sem rumo certo na varanda. Aproximou-se então do parapeito e um novo relâmpago mostrou-lhe a figura de cabeça baixa, rústica, apoiada na madeira úmida. Recebeu uma rajada de vento e chuva mas não contraiu o rosto. Por fim disse:

— Parece-me terrível.

O moço claro riu:

— Talvez... mas eu a ouvi de fato, não estou inventando nada, não relatei nada além do que ouvi. Nesse dia saí da igreja muito mais tonto que da primeira vez, mas decidido a não voltar mais lá.

— E não voltou?

— Não, fiquei ainda três anos naquela cidade, e só na véspera do meu regresso... não digo que me lembrei do caso, porque nunca o esqueci,

mas talvez por saber que ia deixar a cidade se não para sempre pelo menos por muito tempo, passei pela porta da igreja...

O moço claro calou-se, recordando. Continuou:

— A porta estava aberta, e subindo os degraus olhei lá para dentro... a nave, muito grande, estava como sempre na penumbra...

O homem de barba continuava ouvindo, atento.

— Pareceu-me ver qualquer coisa a mais nessa penumbra, e uma nódoa pálida como um rosto muito velho e fugidio a espreitar cá fora e que, tenho quase certeza, viu-me de pé nos degraus olhando para lá. Então me afastei dali, creio que para sempre.

O homem de barba não respondeu. O moço aludiu ao frio, levantando a gola do blusão, e disse:

— Vou entrar.

O homem de barba continuou no mesmo lugar, no bolso do casaco o velho e gasto baralho esquecido e sem propósito.

(O rangido da cadeira de balanço e o jorro de luz dentro da maleta, indiferente e sóbrio, e as mãos revirando o maço de fotografias, desfile de imagens paradas não na superfície do papel mas no momento ilusoriamente afixado nela, até dar com uma bem mais recente, na qual um moço com o uniforme branco de soldado da Marinha exprimia num sorriso não contentamento mas despreocupação, não a juventude mas o sonho, não o futuro mas o presente; no telhado, nas poças, na relva, a chuva tamborilando o compasso do Cisne Branco quando Ed estendeu para Raquel a foto:

— *Esta é um pouco mais recente, se comparada às outras: tem cerca de quinze anos, quando servia na Marinha.*

— *Cara de garoto — Raquel disse.*

— *É sim — sorriu ele —, eu estava com vinte e cinco nessa época, pouco depois dei baixa — e ajuntou: — Apesar disso, os fantasmas já me assediavam. Perseguiram-me sempre... quase poderiam ter sido fotografados, como se tivessem substância.*

— *Parece um menino que espera pela vida com alegria — tornou Raquel, e deu-se conta de já não ter receio de falar; embora estremecesse com a lembrança da noite e da manhã anterior. Percebeu enfim quealaria, e talvez até ousasse pedir... pedir sem medo da recusa.*

— *Ainda quer me ouvir? — perguntou, sentindo um frio e um tremor pelo corpo, com que rompeu seu último obstáculo. Respirou para acalmar-se, Ed aproveitando a luz da lanterna para descobrir-lhe no rosto de passarinho que, canhestro e assustado, ensaia seu primeiro vôo, uma sombra, um sinal,*

*um rastro esbatido de doçura e cansaço. Fechou a maleta após guardar a fotografia e desligou a lanterna, sua voz vibrando como veludo ao toque de dedos:
— Sente-se, Raquel, ao meu lado, e fale.)*

Capítulo 34: Sobre quatro mulheres e um quadrilátero em que dois lados já se desmancharam, e ainda a história de uma hipocrisia.

Olhando o retrato enquanto, por trás da lanterna erguida e seu jorro de luz, não Ed, mas sua voz: — Estes os extremos, os limites, a extensão de um tempo cuja compreensão não está em imaginá-lo mas só em vivê-lo (*as grades da varanda, em madeira pintada de verde; a velha escada — três blocos compactos de pedra que formavam os degraus — na qual centenas de pés ao longo de um século pisaram, onde o rumo ignorado das velhas gerações entrelaçavam-se com os passos exatos e concretos daqueles que ainda hoje pisam ali, sem suspeitar não de sua perenidade, que não a possuem mas sobre a qual também não pensam, mas de sua perecibilidade a conduzi-los — tão sutil — rumo ao universo próximo e vago das lembranças e logo a outro, mais vago, mais distante, do esquecimento; as paredes muitas vezes caídas a mostrar, no entanto, as marcas e nódoas do abandono, esses espaços brancos, irregulares e poucos num retrato tirado de perto sobrepondo-se à calçadinha de pedra entre cujas fendas e junções crescia um matinho miúdo que ela, a velha, em suas tardes ou manhãs de uma velhice ainda não tão aguda nem tão intensa e muito menos tão esmagadora, ocupava-se em arrancar; estendendo seus esforços vãos e transitórios ao terreiro em frente — que mal aparecia no retrato — com a ajuda da enxadinha gasta, da vassoura e do balde; mas a destacar-se diante de tudo, não menor ou maior que tudo, tampouco menos ou mais importante porém apenas mais visível que tudo, não essa extensão mas os esteios concretos a delimitarem e sustentarem seus extremos), mas o que surpreende é essa coincidência, uma coincidência crível porque preservada numa fotografia,*

{quatro mulheres dispostas num quadrilátero escaleno em perspectiva, nos dois vértices de trás as duas não apenas mais velhas como também velhíssimas — (“A mais baixa, dizia Ed, de roupa azul-claro, era minha tia, a outra minha avó, ambas sustentadas não do alto de sua idade mas da margem do precipício — e poderei dizer sustentadas? — por tudo aquilo que não só viveram mas que se solidificou em sua existência, ameaçado agora de ruir não à força do tempo diante da qual toda e qualquer outra força

falha, mas à reviravolta que trás consigo novas certezas e palavras e gestos e idéias com as quais transforma o velho cenário, a surpresa, o susto, a reprovação e o reconhecimento de estarem não só ficando para trás como impossibilitadas de seguir o célere caminhar dessa nova força e desses novos pés que a trazem consigo arrastando e destruindo e reconstruindo diante de cujo ímpeto se vêem perdidas e sem equilíbrio a se agarrarem cegas e resolutas e imutáveis em suas certezas caducas e atitudes vacilantes, nada disso revelando-se em seus serenos rostos matriarcais onde está apenas um sorriso velado ou uma indiferença formal. As duas crianças carregando em sua inconsciência de si mesmas esse mundo novo diante do qual não só desmorrone o antigo mas o faz não como o herói que morre em combate certo de que seus golpes não foram dados em vão e de que sua morte mais que útil estará coberta de glória, não, mas o faz apenas consciente de ser obsoleto e inútil, que sua existência foi vã e sua morte terá como finalidade remover o próprio entulho liberando o espaço ao seu sucessor, o qual por sua vez implantará um reinado absolutista e passageiro, conquanto o tempo o engane dizendo setenta ou oitenta anos são longos demais para que se cogite sobre eles, até que, como o antecessor, abismado, reprovativo, reconhecerá sob a pele fina e enrugada a própria caveira e sua queda, como a outra, também uma queda silenciosa no debater de suas exatidões protestadas mas discutíveis, até que novos sucessores venham remover em definitivo os entulhos e preparar o cenário para uma nova queda!") —, *à frente das quais as não só mais jovens como ainda oscilando em sua primeira infância, uma tão pequena ainda que há bem pouco ter-se-ia posto de pé* — (“Quase tangíveis, às vezes”, e depois da voz não o silêncio e não apenas a continuidade da chuva descendo pelo beiral e caindo nas poças que formavam um pequeno e artificial mas ao mesmo tempo distante e — invisível no escuro — quase abstrato riacho, (“É inexistente o que não se vê e cuja possibilidade mal suspeitada povoa a fantasia e quase só a fantasia, ainda assim um quadro-negro quase limpo diante da indagação que nada escreve a não ser a hipótese do sonho, no mais das vezes apenas um sinal recurvo e similar a um anzol ao contrário — esse mesmo sinal que se estende sempre para diante como único e viável caminho, esse mesmo sinal que ele trouxe ao chegar e me ensinou, e deixou comigo ao partir, caindo em contorções no tapete da sala.”) mas o leve e contínuo rangido da cadeira de balanço que, ao contrário do som impessoal da chuva e do vento, parecia participar da conversa, repetindo a mesma e monótona frase como se necessário fazê-lo um milhão de vezes para ser compreendido. “Vejo-os, porque isto é ver, eles estão aqui, os velhos fantasmas, não mais nas fotografias, mas na mente.”), [Deter-me onde quer que esteja, e observar, em volta essa variedade enorme de coisas tristes, ou estranhas, como estarmos aqui, dez pessoas refugiando-se de uma chuva hostil e quase viva cujos rumores parecem

dizer-nos algo e, em sua persistência, uma intenção e vontade, num mesmo e antigo casarão, semelhante a um filme de horror no qual faltam, porém, os vampiros que o assombram ou talvez até existam, dentro de cada um desses peitos e olhando através desses olhos, ou mesmo dos meus próprios olhos diante dos quais esse quadro fantástico em que duas massas de luz ictérica se opõem ao peso e à pressão desses volumes de sombra, os rostos entre uns e outros quase como a flutuarem no espaço, os corpos apenas insinuados por linhas sutis onde réstias de luz incidem, entrevistas as dobras das roupas, a linha curva dos ombros, fluidas e esbatidas como num quadro impressionista, que sugeriram não a inexistência do movimento mas a imprecisão mesma da luz. Poderei pintar esse quadro? (Ali estava o bêbado — “Num tem pousada pra mim lá hoje não?” — na porta do bar da rodoviária cercado pelo ir e vir das pessoas, o olho cego na reserva de sua inutilidade, o bom talvez a discernir duas imagens onde houvesse só uma. Ao me aproximar percebi que não estava embriagado, mantinha-se de pé com facilidade e a voz era pouco pastosa. Conhecia-o desde garoto, ele não era velho ainda, beirava os quarenta, mas à minha frente estava apenas um arremedo de homem, alto, a pele brilhando talvez pelo inchaço incipiente do alcoolismo, o bigodinho fino e os dentes podres, envilecido não por seu mau hábito de cometer pequenos furtos, não talvez pelo álcool que lhe acompanhava as noites solitárias de madrugadas intermináveis, cuja angústia podia disfarçar-se num sono pesado, porre de cachaça barata, não, mas por esse conjunto impiedoso de eventos que se chama vida, “vida... vida...”, a sua uma série de fracassos não percebidos e uma autodestruição nem ao menos considerada — penso se era capaz de refletir sobre seu próprio estado, se media não sua pobreza mas sua inerente miséria com o que via crescer para os outros à sua volta, se, enfim, dava-se conta de não ser mais que uma criatura desnecessária e sem peso no complexo e vasto contexto de que fazia parte, um parafuso dispensável no mecanismo que ajudava (?) a compor, apesar de tudo com a carga intangível mas pesada dos próprios sentimentos — “Não vou para casa hoje.” —, cuja mão estendida apertei e cujo sorriso respondi, sem pejo de que reparassem no homem de boas roupas e ar distinto que falava com um cachaceiro à toa, um gesto de simplicidade, humano e puro — grande gesto! Bela piada, agi como um filho da puta, se não por que teria mentido pouco depois? Por que evitei levá-lo — “Ahh...” — para dormir em minha casa senão por ser inconveniente acomodá-lo, a ele, bêbado e sujo? —; eu, que me detinha a observar os outros, estudá-los, mas não a mim mesmo como agora, e que mais uma vez presenciei uma cena curiosa: encontrá-lo e pôr-me a pensar nestas coisas, até mesmo imaginando aquele rosto a nascer de pinceladas seguras e precisas que desenhavam sua dor na superfície da tela, fora tão repentino quando desagradável, deprimiam-me essas considerações mas ao mesmo tempo sentia-me atraído; assim, pus-me um pouco atrás dele, ora olhando o aparelho de TV do bar sintonizado num programa de variedades, ora circulando a vista pelo ambiente; as pessoas iam e vinham, um ou outro ônibus chegava ou saía, meu olhar de novo naquele rosto que via agora de perfil encontrando não o olho bom, mas o

cego; foi quando um grupo de pessoas entrou no bar passando rente a ele, das quais duas mocinhas que conhecia de vista, uma loira e outra morena de cabelos muito compridos e lisos, rosto redondo e o ar quase de criança apesar dos dezesseis ou dezessete anos; por ser exíguo o espaço, esse pequeno grupo ficou de costas bem junto dele; então o vi baixar ligeiramente a cabeça voltada para o televisor e dar com a menina junto a si, o único olho percorrendo-lhe a elegância do talhe e os cabelos abundantes, e pude ler naquele rosto congestionado muito mais que o simples desejo, acaso a cobiça daquele corpo tão próximo e que nunca seria seu, que jamais teria nos braços, pois como numa carta muito minuciosa saltam-se trechos ou parágrafos inteiros para ir-se direto ao fim, ao que mais nos interessa, saltei por cima disso tudo, passei por alto os impulsos e os pensamentos porcos a se formarem em sua cabeça, ou mesmo nem dei por eles, para cair diante do que ali estava: a consciência disso, a dor de sabê-lo, momento de um possível reconhecimento de si mesmo; passado um minuto estremei ao vê-lo erguer o braço e tocar-lhe o cabelo, e... não sei o que aconteceu porque me virei, não para não ver o gesto de repúdio que acaso tivesse como resposta mas para evitar que a mocinha me olhasse percebendo que eu testemunhava aquilo, embaraçado e desejando não estar ali; pouco mais tarde esse grupo de pessoas saiu do bar e ele ousou tocar o ombro da loira e de novo me virei, depois o de uma das senhoras dizendo algo, como uma despedida — as pessoas do grupo despediam-se entre si, algumas embarcando a seguir, a mocinha loira e uma outra senhora permanecendo na rodoviária —, mas desta vez não me virei, vislumbrando naquele gesto atrevido e na voz breve e incompreensível o desejo de participar do grupo, de obter daquelas pessoas um pouco de atenção.)] —, *enquanto a maior, no seu vestidinho azul-escuro e branco, sequer pensasse no que poderia significar o gesto de suas mãos erguidas* (“Veja essa garotinha meio de perfil à direita, que gesto foi esse? As duas mão quase juntas diante e um pouco acima do rosto... como se aplaudisse a chegada da vida ou tivesse acabado de soltar um pássaro que levasse consigo num vôo inevitável as idades, entretanto não o pássaro mas o vôo figurando um sinal, um ponto, uma placa à beira da estrada com um aviso, ou o aplauso se preferi-lo ao vôo, a saudar a vida com alegria, mas a qualquer significado que se lhe atribua, a mesma e inflexível transformação.”), *e como que estranho a tudo isso um telefonzinho vermelho de brinquedo caído na calçada, tornando-se de repente imenso esse brinquedinho à toa, porque tão estranho ali como aquele próprio quadrilátero num contexto mais amplo, a lembrar que tudo é estranho e dissonante e nada possui valor absoluto mas relativo, “como nessas ponderações em que esse brinquedinho é um intruso, mas possuindo com elas uma relação quase impercep-*

tível, que por mais intruso ainda assim pertence às meninas que ajudam a formar o quadrilátero e por isto está ali”}

não por se reunirem quatro mulheres na mesma fotografia, mas por formarem os vértices de um quadrado no qual os dois de trás estão numa e os da frente na outra extremidade do tempo. Os de trás, hoje tênues como poeira, já não existem; os da frente, contudo, existindo não só transformados, mas em contínua transformação.

Capítulo 35: Em que se fala de uma janela e de um acidente.

Havia sempre uma janela e qualquer coisa depois, qualquer coisa que me obrigava a olhar sempre, e, como antes eram as crianças, a mulher gorda ou os barracos em volta, agora os terraços e outras janelas pareciam por sua vez espiar para mim. Diante delas eu era tomada por uma tristeza própria daqueles olhos meio escuros, meio quietos, imóveis não como olhos mas com bocas no instante de um grito, não um grito de surpresa ou medo, nem mesmo dor, mas resquício de uma velada agonia (Olhos ou bocas, afinal? E a minha janela? O que era a minha janela se não um olho — o meu —, mas também uma boca, não a minha, no mais das vezes calada, mas do meu pensamento num silencioso monólogo?), um grito interrompido antes que soasse, nenhum vestígio dele além desse escancarar idiota da boca num grito assim (alguém entrava e dizia alguma coisa, “o Dr. Soares hoje está uma pilha! Não aceitou os relatórios porque faltavam umas vírgulas aqui...” que eu ouvia sem entender, voltando a cabeça distraída, e então me lembrava de que o papel na máquina continuava em branco, “o que ia mesmo escrever?”). Eu, dentro da cidade, próxima de uma janela, via essa arquitetura que com seu aspecto meio cômico, meio ridículo, arcaico e gasto, dava à tarde aquele ar inexprimível de vagarosa ruína... E se havia alguém dentro dessas outras janelas, alguém como eu diante de uma mesa batendo uma máquina de escrever, alguém que talvez só estivesse preocupado com seu trabalho, incapaz de sentir a mesma coisa porque ao sair dali, no fim do expediente, teria seu norte e nele um móvel a conduzi-lo, alguém que fecharia a janela apagando a luz e passando a chave na porta para retornar na manhã seguinte, à frente estendendo-se outro dia de encarceramento habitual, rotineiro e, quem sabe, alegre, se havia alguém nessas janelas eu era capaz de afirmar “é uma pessoa feliz”, e então concluía que só esse norte e esse móvel, que eu não conhecia, podiam trazer a felicidade; mas de repente pensava que aquilo seria toda uma vida — e não seria pouco? —, “será mesmo uma pessoa feliz ou só alguém que não se dá conta da própria infelicidade?”, e mais uma vez esse ciclo de perguntas e respostas duvidosas ensejavam outras e outras dúvidas e perguntas...

As janelas me perseguiram porque através de seu contorno o mundo limitado a um retângulo parecia menor, menor talvez que antes porque

maior o meu desânimo e mais consciente “é isso, isso apenas...”, nessas tardes sonolentas em que o sol pousava com força sobre aquelas caixotes tristes de cimento armado e o calor amolecia o corpo, os dedos pela necessidade e pelo hábito voltando a martelar a máquina de escrever “ofício, memorando, relatório...” até entrar alguém que falava (comigo) “se esse velho safado pensa que todas são como a Dadá do Departamento Pessoal está muito enganado!” mas que eu logo esquecia perguntando-me se o que me restava pelos anos afora eram só essa janela e essa máquina e esse mundo de papéis e papéis...

(O que o fizera surgir ali, naquela hora, para me ver daquele jeito, ele, que deveria rir de mim, sentar-se a pouca distância e dizer “e então? E agora?”, que poderia com uma vara desforrar-se de tudo, chutar-me o estômago e a cara, pisar em minha mão e ativar lama em meus olhos como eu havia atirado em seus cabelos, ele, que não fez nada disso mas se aproximou vindo-me caído, impossibilitado de andar; um braço preso sob o corpo e numa posição tal que mesmo arrastar-me dali e pedir ajuda seria impossível porque estava longe de casa, já era quase noite, e até que dessem pela minha falta, procurassem por mim e por fim me achassem, coisas terríveis como ser mordido por uma cobra ou levado por uma enchente poderiam me acontecer; e ajoelhando-se ao meu lado perguntou aflito, “o que houve?” e eu, os olhos úmidos, respondi “escoreguei naquela pedra” e aponte para um rochedo próximo, “tem limo e me desequilibrei, acho que quebrei a perna”, ele, que se assustou com meu estado e cujos olhos se encheram de lágrimas disse “vou tentar tirar você”, passou-me primeiro a mão sob a cabeça apoiando-a, e com a outra virou-me o corpo livrando com cuidado o braço preso para não esfolá-lo mais, “tente firmar-se enquanto seguro a perna machucada”, eu obedecendo-o e firmando ambos os braços no chão enquanto ele segurava a perna trazendo-a outra vez à posição normal, não sem que eu soltasse um grito de dor; “é preciso, é preciso” dizia chorando como se fosse ele a sentir a dor; ele, que limpou com a própria camisa as esfoladuras do meu braço umedecendo o tecido com saliva, não só o braço mas o rosto, na face esquerda um arranhão produzido por uma quina da pedra ao despencar; tirando-me a camisa para ver se havia outros ferimentos (havia um hematoma no lado direito, que batera embaixo nas rochas), pegando enfim minha perna direita e articulando-a, ao que fiz uma careta e novas lágrimas saltaram-me dos olhos, “pode não está quebrada” disse para encorajar-me acariciando o local da dor; embora soubesse que era só isso, para encorajar-me, pois a perna estava mesmo quebrada, “não chora, vai passar, não demora e vai ficar logo bom” procurava animar-me, ele, que não escondia sua

própria aflição nem escondia as próprias lágrimas mas secava-as com as costas da mão, e então “você não pode andar; vou chamar alguém que leve você para casa, tá bem?” disse numa tentativa de sorrir para mim, que tinha no rosto não só a dor dos ferimentos e do osso quebrado mas uma espécie de peso que me impedia não só de erguê-lo mas também de olhá-lo nos olhos a não ser furtivamente, e que percebendo o que se passava comigo disse “eu não estou zangado como você não”, deu de ombros e encarou-me: “só que você... você nunca soube...” seguindo-se uma mudez expressiva em que o seu e o meu olhar se interpenetraram, um instante quieto e pleno de reconhecimento, de descoberta, em que secou num gesto de carinho uma lágrima que persistia em rolar pela minha face, e aproximando a boca apenas tocou-me a face e afastou-se em seguida; o quê, portanto, fizera-o surgir ali?)

À minha volta paredes nuas e encardidas, alguns arquivos de metal, a mesa da colega de trabalho e a própria colega de trabalho “você fala pouco, não?” estranhando minha falta de assunto “não há o que dizer”, mas não insistindo, mesmo porque sempre atarefada (pegava serviço extra e dava-se ao trabalho com afinco, dias e dias ficando até tarde para conseguir uns trocados a mais e no fim das contas nada de definitivo e compensador por tanto esforço) atacava a máquina com decisão calando-se também por muito tempo, e mais nada, mais nada a olhar e não ser a janela através da qual falava comigo longínquo o caráter vago e indefinido da vida. Às vezes debruçava-me ali, olhando para fora. O mundo crescia em tamanho mas não em importância, as pessoas transitando, carros indo e vindo, as lojas cheias, os bares cheios, os cinemas cheios, os cadáveres do futuro a construir seu amanhã em alicerces de areia, “pra que tudo isso?”, nenhuma memória, nada a ficar daquilo a não ser a certeza de que algo assim existiu. Nos jornais e revistas antigas podiam ver-se fotos desses bairros, dessas ruas, dessa gente anônima povoando seu momento ilusório (“hoje esta sala e esta janela, mas... e depois?”), e passava tardes inteiras de morosa atividade intercalada com esse folhear de jornais e revistas de ontem “onde estão todas essas pernas?” que apanhava no arquivo, ora para consulta, ora para ter com que me distrair, edições de dez, vinte anos atrás, “pra que tanta perna, meu Deus?”¹⁰ algumas muito curiosas e engraçadas em cujas páginas encontravam-se às vezes esses retalhos dos dias antigos da cidade, notícias velhas que em seu anacronismo costumavam ter qualquer coisa de melancólico, e essas caras com um nome pouco elucidativo por baixo (“pra que esses nomes e essas caras?”)... Ouvia distraída o que

¹⁰ Verso do Poema de Sete Faces, de Carlos Drummond de Andrade.

a colega de serviço dizia e o ruído contínuo de sua máquina “não faz nada?” (perguntava sem esperar resposta e eu não respondia), meus dedos voltando ao teclado para finalizarem uma carta, uma circular, qualquer coisa “para onde terão ido todas elas?”. Por fim o sol se punha e eu olhava o relógio de pulso: cinco horas, então ia embora. Na rua, as outras pessoas também deixavam o trabalho indo para casa (as que trabalhavam à noite estavam chegando...), em busca de seu absurdo refúgio. Lá ia eu no meio delas, procurando o meu.

Minha mãe me esperava com a janta pronta e uma toalha limpa no banheiro, “vai tomar logo seu banho e vem jantar”; a água morna relaxando o corpo, sob o jato eu me distraía por dez ou quinze minutos respirando fundo até me sentir melhor, a sensação de limpeza e o perfume do sabonete trazendo o bem-estar de um começo de noite que se completava à mesa diante de um prato fumegante. A comida, leve e gostosa, pouco variada mas que não se tornava enjoativa não sei se pela fome ou porque já não reparava nisso, talvez porque fosse a única coisa que tivéssemos; e minha mãe punha-se a falar dos acontecimentos do dia, banalidades, bobagens que eu ouvia distraída com nenhum interesse mas sem interrompê-la por saber-lhe agradável conversar comigo (quase não tinha quem lhe fizesse companhia, coitada, sempre só a cuidar da casa e pouco indo à dos vizinhos), sendo agradável até mesmo para mim, que a ouvia feliz naquele momento, e por isso escutando não o que era dito mas sua voz caseira e familiar, suave e carinhosa. Depois imaginava se não era feliz por chegar em casa após um dia cheio e ter minha mãe para me fazer companhia, podendo tomar meu banho certa de que o jantar estava pronto, depois estirada no sofá ver alguma coisa na TV e, por fim, dormir. Quando vinha o silêncio, já tarde, punha-me a pensar enquanto minha mãe ressonava na cama ao lado. No dia seguinte tudo aquilo voltaria a acontecer, com poucas variações “outro dia”, e a incerteza voltava, a incerteza deixada de lado ao chegar em casa, nessas horas de quietude no escuro e, deitada, o murmúrio longínquo da noite como uma concha gigantesca posta no ouvido, voltava a perturbar-me e a vida ressurgia-me como algo supérfluo “por que estar viva?”. E dormia com essa pergunta flutuando acima do leito como um balão de borracha que inflava, inflava, inflava, cada vez mais tênue porém, esfumado, impalpável...

E entrava na minha sala na manhã seguinte abrindo a janela, punha-me à mesa e descobria a máquina, quinze minutos depois a colega chegava (com atraso) esbaforida, “fiquei até tarde preparando a relação de funcionários novos pra Zezé do Departamento, deu um trabalhão mas ela me

pagou uma graninha boa”. Eu a cumprimentava com um sorriso e o dia se arrastava rotineiro e modorrento: diante de mim não o futuro, mas a janela.

Interlúdio

A CASA

E o som da chuva chega até eu ser; e é escuro.
(Fernando Pessoa)

Antigamente, muito antes não só de terem chegado os negros com enxadas e foices e serras, e machados e plainas e pregos, e escadas e cordas e martelos, e um capataz em seus calcanhares a vigiá-los como a uma matilha de lobos cativos e jagunços armados e quietos na sua pouca e exata quantidade de palavras sabendo qual o seu dever, este não o falar muito nem o discutir uma determinação ou ponderar uma ordem mas tão somente atirar com pontaria tal que não deixasse reerguer-se qualquer fugitivo (nem mesmo para o serviço, quanto mais para nova fuga), que asseguravam ao capataz o bom êxito do seu trabalho, êxito da mesma forma assegurado pelo hábil chicote de um negro imenso que aplicava o castigo com maestria e com delícia pouco importando-lhe que a carne a sofrê-lo fosse igual à sua, até na cor; e um engenheiro que ali estava para determinar a madeira, o espaço, o ponto escolhido, a posição certa e o melhor projeto; antes ainda de ter-se feito por aquela região uma estrada, sequer uma trilha de burros, ou mesmo cogitando-se em fazê-lo ou guiar por ali uma tropa, dilacerando a mata e pondo a nu tudo que o pode pôr a mão do homem onde quer que o levem os pés; e então uma terra selvagem e brava, com suas pestes e suas feras, inóspita, no zumbir dos mosquitos e no rugido da onça, assustadora, os olhos sempre incertos no ver, as mãos no tocar e os pés no seguir uma direção — e assim tendo sido muito tempo depois —; e por isso mesmo perigosa, bela e guardadora de remotos mistérios.

Até que algum dia um par de olhos (e que olhos foram esses impossível dizer, conquanto certo foram olhos antigos, talvez na sede do metal ou da aventura, na busca de uma riqueza ou apenas de uma descoberta, em todo caso na tomada de novos e desconhecidos rumos) ter-se-ia voltado para aqueles montes verdes, há tanto tempo isto que não restaria ao menos o vestígio de um nome, de um registro, de um testemunho, um nome talvez confundido entre numerosos outros nomes, um registro incinerado com pacotes e pacotes de papel velho, um testemunho perdido não só na incerteza do fato mas da própria memória a preservá-lo; e com esse volver de olhos formando-se a equipe, carregando-se os cavalos e burros com mochilas de alimento, remédio, roupa, armas, munição, ferramentas, e toda matalotagem indispensável, até uma aurora de qualquer primavera em que um grupo de homens dispostos e rudes e fortes, alguns pensando na colonização, outros nas pedras, outros na aventura, teria não apenas partido mas, com efeito, desbravado o mato, rompido a floresta, aberto picadas, investindo contra a distância e em alguns pontos do novo caminho uns tombando à febre, outros à picada das cobras e outros às flechas envenenadas, mas nem por isso esmorecendo, pelo contrário, plantando aqui um povoado para o qual acorria mais gente vinda de fora, ali uma vila a cujos pioneiros somavam-se outros, e nessa

jornada não pela região desconhecida mas pelo tempo rumo ao futuro, culminando não aqueles desbravadores primevos nos tempos primevos mas seus seguidores futuros em tempos futuros numa estrada larga, comprida, esticando-se entre montes e através de planícies a ligar pontos diversos, lugares opostos, espaços antes não só incomunicáveis mas inexistentes uns em relação aos outros; as vilas plantadas não tendo algumas sequer florescido, mas outras não só povoando-se e crescendo como surgindo em seus lugares grandes cidades pelos anos afora.

Então, havia aquele lugar;

no alto de uma serra, fendida para baixo e para o fundo pelo desenho sinuoso de um estrada;

e nesse lugar, a estrada deserta por tantos e tantos quilômetros entre as montanhas, pela qual um carro poderia correr durante muito tempo sem que se avistasse uma casa, uma pessoa;

aquele lugar mais exato:

no qual um dia chegaram os negros com seus apetrechos, o capataz com sua autoridade, os jagunços com sua pontaria, o carrasco com seu chicote e o engenheiro com suas atribuições, e onde foi aberto um caminho até um tope no qual, depois de limpo, aplainado e aprovado, ergueu-se uma casa grande, arejada, em bom estilo europeu;

nesse lugar,

nessa região um dia selvagem e agora apenas bucólica em sua quietude, e deserta; inóspita e perigosa uma época, e então acolhedora e tranqüila; uma paisagem não mais sombria e inacessivelmente virgem, apenas agreste, talvez exótica.

Aquela era a casa:

e numa época em que houve por ali muitos pés que não só correram e andaram e transitaram por todos os seus recantos mas que também cresceram e se multiplicaram; a diversidade de vozes e de ordens, a azáfama de muitos braços e o suor dos corpos sob os fardos ou ao peso da enxada e do machado; o estalar do chicote nas carnes negras rebeldes, o tronco, os tiros certos; longos serões pelas noites claras, o som do violão, a mocinha ao piano e o público de parentes e amigos a aplaudi-la no fim, o contar de casos e o batuque surdo provindo da senzala, até um dia em que não houve mais senzala, nem negro, nem escravo; as gerações se sucedendo assim, entre o roçar de longos vestidos na relva e o riso maroto das jovens donzelas e futuras matronas; o tempo voando no raio de olhos sapecas, dos namoros fortuitos, fortuitas paixões e o tempo atropelando os risos e as vozes e a alegria, o tempo rompendo com a ordem e com a

prosperidade e com a vida, no seu rastro alguma inevitável tristeza, a certa desilusão, um dentre os inumeráveis fins;

e quem ali testemunhasse sua passagem até que
(por que e como, quem a afirmá-lo?)

o mato voltasse a crescer em torno, na rua que conduzia da estrada até o amplo terreiro em frente, no próprio terreiro em frente e nos diversos caminhos que saíam pelos fundos em direções diversas;

as janelas e portas mantidas fechadas dia e noite, a poeira a se acumular na calçada de pedra, nas espaçosas varandas e, entrando pelas frestas que o tempo se incumbia de abrir, também pelo interior em todos os cômodos;

e algumas vidraças aparecessem partidas e uma ou outra janela arrombada e as paredes se descascassem adquirindo não só aquele ar de doença mas ainda de uma quase concreta tristeza;

quando se pôde constatar que ninguém mais habitava ali, e tudo estava abandonado.

Tudo quieto.

Tudo só.

E então veio um novo tempo, e com ele
aquela **Noite!**

Não só num tempo de abandono, mas num dia de sombras em que depois de um crepúsculo abafado choveu, e fez-se aquela Noite. E eles vieram e trouxeram a exaustão de suas vidas esgotadas. Eles que estavam ali apenas para se abrigarem do mau tempo e falar, ainda que só para si mesmos.

E assim,

a casa era aquela; e a noite era aquela; e todos eles estavam ali...

O resto era apenas treva
e **chuva.**

2ª Parte

O AMANHECER

*— o homem cai a tremer em qualquer parte, diante
do Mistério que o Céu — trágico abismo — encerra...
(O Céu, Baudelaire)*

Capítulo 1: Em que se discute a existência de Deus, culminando com uma atitude perversa mas sensual.

E aconteceu naquele momento, único e assombroso, não apenas para surpresa de todos mas para mostrar que não poderia ser de outra forma, momento após o qual todos ficaram mais imóveis que o silêncio repentino que se fez e mais espantados que intolerável esse silêncio; antes do qual, porém, haviam discutido sobre o Imponderável...

— Porque o que Deus é a não ser uma noção muito vaga que se possa ter de tudo que seja grandioso e sublime e indefinível, e, acrescente-se, vedado à compreensão, mas que a tudo isso somam-se uma consciência universal e a atribuição de ter criado tudo?

— Então Deus não é mais do que uma noção? — disse o pastor.

— Deus é a explicação das coisas que não explicamos. Dizemos que Ele criou tudo... mas quem O terá criado? — disse ainda Heitor.

— Deus é incriado — respondeu Aurélio.

— Como pode ser incriado — tornou Heitor — se antes de tudo existir não existia nada? Sua existência é contraditória, uma vez que para criar tudo deveria anteceder a tudo...

— Assim é — disse o pastor.

— ... mas antecedendo a tudo, Ele, que é tudo, anteceder-se-ia a Si mesmo? Sua consciência existiria antes de existir?

— O Sr. fala de uma divindade panteísta, e por isso limitada por tempo e espaço — ponderou o pastor.

— E é diferente da divindade bíblica?

— Em Deus está implícita a existência potencial de tudo, mas Ele não se confunde com “tudo”. Deus **criou** o universo: Deus **não é** o universo. — E ergueu a Bíblia: — “No princípio Deus criou os céus e a Terra.” É assim que se inicia este livro.

Heitor não desanimou. Disse:

— Mas antes de criar, o que fazia? Como pode ser incriado e ter existido desde sempre, desde um tempo infinito?

— Não vou responder que antes ele preparava o inferno para quem fizesse tal pergunta — sorriu Aurélio —, não, prefiro crer que o tempo seja finito e tenha surgido no momento da criação. O que havia antes não é

compreensível, nem faz sentido. Ele não necessita do tempo nem do espaço como nós, Sua existência é dita eterna porque não há uma palavra melhor que a defina.

— O tempo existe então desde que tudo se fez. Isso faz lembrar certas teorias...

— O senhor se refere...

— Às teorias cosmológicas.

— O senhor se esquece que eu estudei muito bem todas essas teorias. Como cientista, aprofundei-me nelas e as levo a sério, mas como cristão...

— Descrê delas?

— Não, mas não partilho da opinião de muitos de meus colegas que pensam que a auto-suficiência do universo torne desnecessária a presença divina. Ora, esses tais nem mesmo possuem melhores explicações, teorias mais claras.

— Mas por que tudo que não se compreende tem de ser acessível só a Deus — interveio Mariel —, e mais, só a Ele atribuível? Não que eu descreia, mas não é muito cômodo dizermos diante de uma dificuldade: “Isto é um mistério do Senhor”?

— Há muitas coisas para as quais não se tem explicação alguma — disse o pastor. — Não é só aquilo que nos é aparentemente vedado, não, mas tudo diante do que as bocas se calam e as inteligências se esquivam. O senhor — disse para Heitor — se referiu às teorias cosmológicas, ora, eu sei que não se discute o criacionismo hoje em dia tendo em vista o rigor científico, senão através de uma dialética bíblica. Conheço a existência das leis naturais que explicam muitos fenômenos, no entanto que princípios há que expliquem essas leis?

— Prefiro achar — interveio o moço claro — que a idéia de um Deus justo surgiu como freio à maldade. — Heitor, Aurélio e Mariel olharam para ele. A mulher que lia a Bíblia mantinha-se calada, atenta à discussão mas não participava, enquanto a prostituta, encolhida numa cadeira em um canto, sob o cobertor, nem mesmo ouvia o que falavam. O homem de barba seguia imperturbável seu jogo de paciência.

O moço claro pôs-se de pé:

— O que quero dizer é que o homem precisa de um Deus bom e justo, assim como O afirmam os religiosos. Mas Deus poderia muito bem ser perverso e injusto. Afinal, o que deve ter para ser Deus senão um poder

absoluto? A bondade não é, obrigatoriamente, um atributo divino, nem a justiça...

— O Deus em que creio possui tais atributos — respondeu o pastor.

— Porque para o senhor há coisas boas e más, e o senhor prefere as boas, atribuindo-as a um Deus bom. Há o bem e o mal, pensam os homens, e se Deus for bom, quem O servir induzirá o próximo a fazer o bem. A Igreja, e por conseguinte, os mandamentos divinos não são parâmetros de uma conduta digna e justa para a sociedade?... Mas o deus dos astecas era cruel e sanguinário, e mesmo na Índia há deuses assim...

— E quem os cultua — replicou Aurélio — não será porventura infeliz, não estará cego pela mentira? Neste livro — indicou a Bíblia — está escrito que há dois caminhos ... O Deus único e verdadeiro deve ser bom porque aquilo que Ele criou, criou-o para seu contentamento. Aqui diz ainda: “porque Deus amou o mundo de tal maneira...”, compreende?

— Não prova nada! — exalta-se o moço claro.

— Não creio que discutir a bondade e a justiça divinas seja cabível aqui — intervém Heitor —, e meu prezado jovem exalta-se com muita facilidade. O que se discute são questões metafísicas e não dogmáticas. O dogma prevê o caráter de Deus, a metafísica, sua essência como divindade.

— É o que o senhor discute — o moço claro espetou o dedo na direção de Heitor —, mas eu ainda não terminei.

— Oh, menino, termine, termine — disse com irônica suavidade o escritor.

— Pergunto, pastor: Deus é justo ou é bom?

— O Deus em que creio é bom e é justo — respondeu Aurélio.

— No entanto, o que é ser justo? E o que é ser bom? — diz o moço claro, prosseguindo ante os olhares que exigiam de si uma conclusão: — Posso dizer que ser justo é aplicar com igualdade regras preestabelecidas, mesmo que sejam tirânicas, e assim, mesmo sendo-se cruel pode-se ser justo.

— Absurdo! — exclamou Heitor com acentuado ar de sarcasmo, diante do qual o moço claro sentiu-se corar e ao mesmo tempo ferver-lhe o sangue.

— É com o pastor que estou falando — disse o moço claro lançando ao velho um olhar carregado. Voltou-se para Aurélio, prosseguindo: — Porém, ser bom é perdoar.

— Mas Ele está sempre pronto a perdoar — diz Aurélio.

— Não, pastor, não creio nisso. Não, porque há um inferno a ameaçar Seus fiéis. Acima de tudo Ele deveria compreender o quanto é falível Sua criatura, o quanto é capaz de todos os erros e pecados, até mesmo o de duvidar de seu Criador e, diante disso, de não evitar todo e qualquer ato mesquinho e cruel, porque assim sendo não tem a quem prestar contas deles, não haverá juiz ou júzo Universal para julgá-los. Se Deus for justo, pastor, deverá ser inflexível quanto aos preceitos que impôs, mas se for bom, perdoará todo pecador ainda que não se arrependa do pecado, porque compreenderá que aquele que é passível de todos os erros, é passível também do erro de não arrepender-se. E assim, não será justo e bom ao mesmo tempo, o que faz do Deus bíblico um mito.

Ninguém respondeu, e o moço claro concluiu, sentencioso:

— Um paraíso como prêmio para os bons, um inferno para os maus, como castigo. Não é ser bom, é talvez ser justo... ou apenas um ludíbrio. Pois o homem se deu conta de que sem Deus tudo é permissível.

— Que estupidez! — exclama Heitor.

— Eu, pastor, não creio nele, e penso desta maneira.

— É uma doutrina perigosa — disse Aurélio.

— Mas é assim que é.

— Não, meu tolo rapaz — corta Heitor —, não é assim que é: é assim que você pensa, o que não significa que você tenha razão.

— O Deus bíblico está ligado à idéia do medo — o moço claro eleva a voz, irritado com o escritor, dirigindo contudo sua raiva contra a crença do pastor.

— Antes à idéia do amor — retruca Aurélio.

— Todos são ameaçados com o inferno — diz o moço.

— Todos são ensinados a não estarem em falta com Ele, e então Sua bondade se dissemina entre Seu povo.

— E o que é estar em falta? — o moço claro se irrita cada vez mais. — Será não seguir as bobagens que a Igreja determina que se sigam?

— Não é a Igreja quem determina — diz o pastor —, mas a Palavra, e não são bobagens.

— E por que não? — continua o rapaz no mesmo tom. — Vocês a lêem e a seguem e propalam como se tivesse sido escrita ou ditada por Deus, falam em inspiração divina, como se coisas escritas há milênios se pudessem ter como verdades autênticas e não apócrifas invencionices!

— Você se exalta à toa, meu jovem — diz Aurélio com brandura — e não analisa nada a fundo.

— Não há nada “fundo” a analisar-se — diz —, não há verdade alguma sob o misticismo. Não há Deus, e...

— ... e tudo, portanto, é permissível — conclui Aurélio.

— Sim, tudo — o moço claro, o rosto coberto por um vivo rubor, estava transtornado e num gesto repentino arremeteu para mesa e pegou o frasco de remédio —, TUDO! Até mesmo — destampou-o — derramar o único remédio de que se dispõe para tratar de um moribundo — e fez menção de derramar o remédio. Todos o olhavam, trêmulo, com o frasco aberto e meio inclinado na mão. Por fim tampou-o e, numa risada, repô-lo na mesa.

— Todo ato mesquinho, todo pensamento cruel, tudo é permissível, porque não há Deus para frear ou julgar nossas ações — e voltou para a cadeira.

— Você, no entanto, não derramou o remédio — observou Aurélio.

— Tive pena do doente.

— Talvez Deus tenha contido seu gesto — disse o pastor, e acrescentou: — No entanto, se descrendo dEle julga tudo permissível, como se sentiria derramando o remédio?

— Tive pena, já disse. O que ganharia com isso?

— Se fosse para ganhar alguma coisa...?

— Por certo, não se justifica uma ação sem propósito. Derramá-lo só por derramar, seria estupidez.

— Não o fez por considerar tolo um ato sem motivo que o justifique ou por ter tido pena dele, afinal? — perguntou o pastor com um sorriso, e o moço claro se viu desarmado, o que pareceu irritá-lo bastante; conteve-se, porém. O pastor prosseguiu: — Poderia, contudo, tê-lo feito para sustentar sua doutrina e não seria um ato sem propósito...

— O senhor me provoca! — gritou o moço claro pondo-se de pé, pálido, irado. — O senhor duvida de mim!

— Não — e sorriu com benevolência —, você é só um jovem querendo expor uma opinião arrojada para chocar quem o ouve...

— E nada original — espicaça Heitor.

— Ora...

— ... e no entanto não percebe que o que diz é muito pernicioso... É uma doutrina antiga. A história nos fala de um herege, ou um louco, talvez alguém com os dois atributos juntos, que a expôs e para sustentá-la levou o irmão a assassinar o próprio pai...¹¹ Uma tragédia que mostra o que

¹¹ No romance “Os Irmãos Karamazov”, de Dostoiévski, um dos irmãos, Ivã, expõe essa doutrina, o que leva seu

podem certas idéias arrojadas numa mente desequilibrada ou, no seu caso, sequiosa de impor-se, de destacar-se. — O pastor fitou o moço claro. — Não, não creio que você fosse capaz desse ato.

— E por quê?

— Porque... talvez porque Ele também o criou.

— Deus não criou o homem, pastor — interveio Heitor —, o homem O criou para sentir-se maior do que é. Para não sentir-se um mero acidente biológico.

— Deus pode ter criado o homem — replica Mariel —, não o quero negar, mas não tê-lo criado segundo um plano específico para isso. Teria, portanto, disposto para o universo um conjunto de leis básicas de onde tudo ter-se-ia desenvolvido sem Sua interferência. Como por exemplo eu acender uma lâmpada e depois não precisar interferir para que ela permaneça acesa.

— Mas isso implica em casualidade — disse o pastor —, embora o exemplo da lâmpada seja imperfeito, ou incompleto.

— Sim.

— Se Deus não interfere, as coisas surgem (ou acontecem) por acaso.

— Exato — afirma o negro. — Uma vez estabelecido os princípios básicos, tudo mais acontece por acaso.

— Deus então não tem planos? Joga dados, e não importa a face que caia para cima?¹² — pergunta o pastor.

— A casualidade é um conceito humano. A idéia de Deus surgiu (e não por acaso, mas derivada desses princípios) no pensamento humano, e depois o homem tentou impor condições para Sua existência, como se Ele dependesse dessas condições para existir...

— É uma linha de raciocínio interessante — comentou o escritor.

— ... e tentou ainda imaginar como Ele teria realizado a criação, e o mais fácil foi dizer “haja luz”, e “houve luz e Deus viu que a luz era boa.” Mas por que Ele fez tudo como nós achamos ou os antigos pensaram e descreveram? Por que a luz teria surgido desses princípios que eu mencionei? Daí, o conceito de casualidade se desfaz.

— Como? — perguntou Aurélio, interessado.

irmão bastardo Smerdiakov, desequilibrado e epilético, a matar o velho e libertino Fiódor Karamazov, seu pai. Aqui, o pastor alude ao fato, transpondo-o para o plano da realidade.

¹² Einstein, referindo-se à física quântica e ao princípio da incerteza, que afirma não ser possível estabelecer com exatidão os atributos correlatos das partículas subatômicas, disse: “Deus não joga dados com o universo.”

— O homem, por exemplo. O que é mais lógico, Ele fazer um boneco de barro, ou nalgum lamaçal primitivo sob a ação da luz ou da eletricidade certos aminoácidos se formarem a partir de uma disposição molecular favorável, e daí surgirem as primeiras células vivas? Aparente casualidade: foi a eletricidade, foi o fato de haver ali, naquele momento, essas moléculas numa disposição favorável... uma série de circunstâncias... casuais? Não, a célula surgiu não porque houve uma coincidência, mas porque num universo tão amplo havia a probabilidade de que surgisse. Deus, antes de arquiteto, foi matemático e profundo conhecedor da teoria das probabilidades. Assim, as coisas não se deram por acaso, mas por ser improvável que não se dessem. Nós então criamos o conceito de “por acaso”, mas... existirá para Deus tal conceito? Num universo onde há tudo, caberá para Ele essa idéia? Como pode ser casual um acontecimento que faz parte do Todo?

— Deus, assim, é impessoal e distante?

— Em certo sentido...

— Não interfere, é isso que quer dizer, não interfere nem mesmo quando pedimos, e assim a fé é uma coisa inútil...?

— Ora, o que se entende afinal por fé? — intervém o escritor.

— A fé é um mistério — diz o pastor —, pois não é só uma convicção de que aquilo em que cremos é verdadeiro, não é só isso, é alguma coisa sobre a qual não cabe qualquer discussão. Se estamos convictos, ainda assim podemos questionar, debater, especular sobre. Mas a fé suprime tudo isso, com ela nenhuma especulação é cabível, porque sugere dúvidas.

— Percebo o que quer dizer — diz Mariel. — “Aquilo que pedires ao Pai em Meu nome...”, a questão do milagre...

— Você não crê no milagre, mas como crer em Deus sem considerá-lo capaz de...? Sem aceitar a promessa...?

— O Deus bíblico é capaz de milagres, mas onde estão eles? Nos relatos duvidosos do Novo Testamento? Nos templos e igrejas de hoje? — O negro baixa os olhos e se concentra um minuto antes de prosseguir: — Pode ser que ocorram fenômenos, que essa fé produza alguma coisa, mas não será isso mais uma disposição... “aleatória”, dEle?

— Que disposição? — indaga o pastor, curioso por ver até onde Mariel chegaria com sua crença singular.

— A do grão de mostarda — diz Mariel —, “se, no entanto, tiverdes a fé do tamanho de um grão de mostarda...”. Posso estender as possibilidades do universo ao ser humano. Uma vez que temos na face da terra con-

cretizada a possibilidade do homem, temos também no homem infinitas possibilidades. A fé, uma delas, nada teria de mística ou metafísica, mas só uma questão de poder mental, que uns teriam mais e outros menos desenvolvido, uns num sentido, outros noutro... induzem em quem a eles se submeta o efeito de um milagre, mas alguns tão pequeno o teriam que nem mesmo para si seriam capazes de obter o que quer que fosse. E ainda assim não se poderia negar uma interferência divina, é certo que a distância, mas sempre uma ação de Deus.

— No entanto — retruca Aurélio, compenetrado —, há uma falha no raciocínio — e fita o negro: — Uma contradição.

Heitor olhou ora para Aurélio, ora para Mariel, e este perguntou:

— Qual?

— Tal argumento sugere uma deficiência na mente humana impedindo-a de apreender a plenitude da Verdade. Entendemos a nossa verdade particular, mas há uma absoluta que não alcançamos. No entanto, e eis aí o ponto, se o homem é um resultado de possibilidades encerrando-as em si mesmo, nenhum há ou houve ou haverá, um pelo menos, que nasça livre dessa deficiência, até porque no universo cabem todas as possibilidades, e assim possa alcançar a plenitude da Verdade?

Mariel apercebeu-se de sua contradição e sentiu o olhar irônico de Heitor esperando de si uma saída.

— Talvez tenha havido — disse ele por fim —, e o tenham crucificado...

Mas o moço claro precipitou-se:

— Esses argumentos não passam de um jogo de raciocínios que não levam a nada. Creio ter apresentado boas razões ao afirmar ainda há pouco...

— Cada um pode ter a posição que queira, no entanto é preciso saber do que está falando — corta Heitor.

— E eu sei do que estou falando!

— Sabe coisa nenhuma — ironiza o velho, gracejando. — Soube é expor uma doutrina perniciosa e nada original.

— Com a qual concordei, ora essa! Com a qual...

— O necessário é discutir os pontos duvidosos — cortou o velho —, e é isso que pretendo ao demonstrar por que não creio.

Heitor tornara-se de irônico, ríspido, sua entonação de voz denotando segurança e ao mesmo tempo uma autoridade severa. O moço claro, tomado de surpresa com essa súbita mudança, calou-se e ficou olhando-o

que, por sua vez, passeava os olhos pelos circunstantes; “a maldição do tempo” pensou ao deter o olhar na velha adormecida, “não é necessário um Deus para nos punir de quanto pecado tenhamos”. Em sua cadeira o moço claro remoía, impotente, sua raiva, controlava a fúria que queria despejar sobre o escritor. E ouviu — todos ouviram — o que ele disse a seguir.

— Em primeiro lugar, sobre o quê se sustenta a crença na existência de Deus? Um dia o homem apercebeu-se de si mesmo e de suas limitações. No mundo à sua volta os fenômenos proporcionavam benefícios e desgraças, o mesmo sol que aquecia podia destruir durante uma seca prolongada, a mesma chuva que dava vida e frescor à mata podia matar ao transformar-se em torrenciais tempestades... E em suas limitações para entender esses fenômenos esboçou-se a idéia de uma causa maior, uma divindade por assim dizer, ou mais de uma, e o dualismo formado pelo bem e o mal surgiu porque havia deuses bons e deuses maus, isto é, que lhe proporcionavam coisas boas e coisas más. Tudo se passava de forma confusa em suas mentes primitivas, os medos, as surpresas, a incompreensão... Muito tempo deve ter-se passado até que o homem se perguntou de onde ele próprio teria surgido. Já se havia dado conta de sua supremacia entre os animais, e por certo aquela causa maior de tudo — as divindades, ou melhor, já que é sobre Ele que falamos, o Deus hebreu — também o teria criado, e como Divindade suprema e sábia fez o melhor, e então pensou que, como o melhor, deveria parecer-se com Ele...

O pastor sorri:

— Então o homem fez-se à Sua semelhança...

Heitor também sorri:

— ...ou o homem O criou à sua.

— Será possível que pense assim?

— É de fato assim que penso, pastor. Os antigos puseram a Terra no centro do Universo em suas cosmologias incipientes, tudo girava à sua volta, à volta do homem, o sol, os planetas, as estrelas e, além delas, o Empíreo onde deveria estar Deus. Até mesmo no Gênesis vemos isso, note bem pastor, não só os gregos, mas também no Gênesis encontramos sua prevalência. O que nos diz o primeiro versículo da Bíblia?

— “No princípio Deus criou os céus e a Terra.”

— Aí está, a primeira coisa que Ele fez foi os céus e a Terra, **a Terra**, note bem. E se lermos todo o primeiro capítulo veremos que toda a obra divina girava em torno da Terra e sua obra máxima, o homem. Hoje em dia, discutirmos a origem do universo em termos criacionistas é, no míni-

mo, infantil, mas na antigüidade era a única maneira que tinham de entender o mundo. O homem, pois, imaginou-O parecido consigo — não que fosse sacrílego, mas por certo seria estranho imaginar um Deus com nove braços e cinco cabeças, não é mesmo? — o escritor sorri, mas logo retoma o ar sério e compenetrado de antes: — Então, para a pergunta “de onde surgiu tudo isso?” a única resposta foi “Deus fez”. Deus fez, porque não podiam explicar melhor. E aí está no que se fundamenta a crença na existência de Deus: na necessidade de explicação do inexplicável, na... incompreensão e na ignorância.

— Lamento que pense assim — disse Aurélio —, mas há convicções que só adquirimos com o tempo. Pode ser que este seja o seu caso, é também o meu... de uma outra maneira.

— Admitamos, porém, a crença nEle. Como provar Sua existência?

— Por certo tudo que foi feito não serve como prova, não?

— Por certo que não, senhor Aurélio. O que ontem só se explicava através da intervenção divina, hoje a ciência conhece.

— Não há nenhuma prova, no entanto, de que não exista — e Aurélio fixa o olhar seguro e tranqüilo no seu oponente. Sabia tudo aquilo só um jogo de palavras e, por isso, insuficiente não para convencê-lo da fé, mas da razão em possuí-la.

— Concordo, nada prova Sua existência, nada prova Sua não existência, mas sempre discutiu-se isso...

— Como se Ele necessitasse disso, da nossa opinião — replica Aurélio num leve tom de ironia.

— Caso exista, não necessita, é óbvio, e caso não exista também não necessita — diz o moço claro, escarnecendo —, portanto é inútil todo esse palavrório.

— Ora, mocinho — diz o escritor aborrecido com a observação do rapaz —, cale-se e não nos interrompa!

E, voltando-se para o pastor:

— Mas há um segundo aspecto, além de saber só em que se fundamenta a crença nEle. Existe o dualismo Bem & Mal, dualismo bíblico, porque para opor-se a Deus foi necessário criar-se o diabo. — Como o pastor não respondesse, Heitor prosseguiu: — O conceito de Bem e Mal também nasceu da observação da natureza. Por alguma razão o homem é um bicho místico, e podemos até considerar que a tendência para o misticismo seja uma tendência animal, e assim sendo intuíram o Deus que era responsável pelo bem, mas havia na natureza manifestações maléficas, pelas

quais respondiam deuses perversos. Na Bíblia encontramos a figura do demônio como o responsável pelo Mal. Mas, e se eu demonstrar a contradição da existência não do Mal mas do demônio?

— Estou ouvindo — disse Aurélio.

— Primeiro a questão dos conceitos. O que é o Bem e o que é o Mal? O que são os valores humanos comparados aos valores divinos? Se há uma mente divina por trás de tudo, entenderá ela da mesma maneira que nós entendemos? Parece-me, pastor, que nossos conceitos se limitam à esfera humana. Vejamos. Por que a Bíblia fala que a Nova Jerusalém possui ruas de ouro? Porque o ouro é um metal precioso, e não só por sua beleza mas por sua raridade. Houvesse tanto ouro quanto há ferro, e o autor daquele trecho bíblico teria de achar outra coisa melhor para calçar as ruas do Paraíso. — Heitor sorri da própria ironia, e após uma pausa prossegue: — Assim, todo conceito depende de um ponto de vista, o ouro é belo porque agrada a alguém, mas merda nos causa nojo porque aprendemos a ter nojo dela. Da mesma forma, tudo que é tido como bom e como mau depende de um ponto de vista, de uma opinião formada. Sobre quase tudo as opiniões convergem, mas os esquimós comem carne deteriorada e não lhes parece má como a nós. Independente de qualquer ponto de vista, merda ou carne podre é química, não mais que isso, assim como uma fruta fresca que nos pareça saborosa. Independente de conceitos, o ouro, o ferro, o alumínio são apenas elementos químicos, para Deus nenhum vale mais que o outro, cada um é natural e necessário, mais nada. É aí que os conceitos se desfazem. Logo, se uma doença é incurável nós lamentamos e achamos isso uma coisa ruim, mas na verdade não é ruim se não há conceitos. Se se encontra a cura desse mal, isso nos parece uma coisa boa, mas se não há conceitos, não o é. Tudo passa a ser decorrência de possibilidades naturais e/ou necessárias no contexto do universo...

— Mas o senhor — observa Aurélio — mantém os conceitos de natural e necessário.

— Não são conceitos, mas recursos para expressar uma ordem no universo baseada na idéia de que ele só existe como “natural” (de natureza) e tudo nele é necessário para ser como é. Dessa maneira, tudo o que ocorre não é nem bom nem mau, não havendo por isso necessidade de haver um diabo que do Mal se ocupe, porque ele estaria restrito à esfera humana, o que parece contrário tanto à idéia de um diabo quando a de um Deus. — O escritor esperou uma resposta, não a obtendo prosseguiu: — No entanto,

há um argumento mais forte, e mais forte porque extraído da própria Bíblia.

— Gostaria de ouvi-lo — disse Aurélio. — Será que a Bíblia nega a existência do diabo?

— Não, mas mostra-o contraditório em sua própria essência. Eu também já fiz minhas leituras da Bíblia, pastor, e cheguei a meditar um pouco sobre o que li. Por isso peço que nos diga o que está escrito no livro de Judas, sexto versículo.

— Vejamos então — sorri Aurélio, abrindo a Bíblia e lendo: — “E os anjos que não guardaram o seu principado, mas deixarem sua própria habitação, reservou na escuridão, e em prisões eternas até o juízo daquele grande dia.” — O pastor olhou o outro acrescentando: — Poderia ler também na Segunda Epístola Universal de São Pedro, se lhe convém, no capítulo II e versículo quarto, que diz assim: “Porque se Deus não perdoou aos anjos que pecaram, mas, havendo-os lançado no inferno, os entregou às cadeias da escuridão ficando reservados para o juízo.”

— Aí está, pastor. Anjos não guardaram seu principado, anjos pecaram, rebelaram-se contra seu Deus. Essa rebelião dos anjos cria um paradoxo: se ao se rebelarem e, como consequência, serem expulsos do céu, deram origem às falanges satânicas, enfim ao diabo, que no Gênesis induz Eva ao pecado, se foi pois assim, o Mal não é de responsabilidade do anjo caído, Lúcifer ou que nome tenha, mas já existia antes de Lúcifer corromper-se, pois só o Mal explica essa corrupção. Estaria, então, o Mal implícito na essência divina, estando já na ordem geral das coisas antes da existência do demônio? Assim, Ele — e aponta para cima — é responsável também pelo Mal, e não o demônio que serviu e vem servindo só de bode expiatório. Se o demônio, que é a “encarnação” do Mal, de fato não o é, por que existir como opositor de Deus, a “encarnação” do Bem que, enfim, nesse caso, não é responsável só pelo Bem? Dessa maneira o dualismo se desfaz, Deus é o autor do Bem e do Mal e como consequência esses conceitos para Ele também não existem.

O escritor calou-se, esperando de Aurélio uma resposta, mas ele não respondeu. Heitor perguntou:

— O que diz, pastor?

— Nada.

— Bem... bem, e se eu agora demonstrar que também Deus, não só o diabo, note bem, mas também Deus é contraditório em si mesmo?

— Peço que prossiga.

— O terceiro aspecto que desejo enfocar, pastor — recomeçou Heitor —, é o dos atributos divinos da onisciência e onipotência, porque estes são atributos divinos, não são?

— São, de fato.

— No entanto, responda-me: há o destino, ou não?

— A que vem isso?

— Antes me diga, pastor, se Deus não possuísse, acaso, um desses atributos, por certo não seria... Deus..., não é?

— Penso que sim.

— Falei do destino para demonstrar o quanto é contraditória a noção bíblica de Deus. O destino pode existir, ou pode não existir, de qualquer forma surge uma incontornável... dificuldade, por assim dizer.

Aurélio move a cabeça devagar, atento. Heitor continua:

— Vamos imaginar que haja o destino, que tudo e todos possuam uma rota traçada na existência. Assim um homem nasce, digamos, para crescer, formar-se em medicina, e aos quarenta anos cometer um erro que levará um paciente a morrer em sua mãos, e um ano mais tarde, roído de remorsos suicidar-se com uma dose de arsênico. Tudo traçadinho, tudo previsto, tudo imutável. Nesse caso Deus é onisciente, sabe o futuro desse homem mesmo antes de ele nascer, mas o destino é imutável, logo Deus está subjugado a ele e não é onipotente. Imaginemos, ao contrário, que não haja o destino, que esse homem nasça com um futuro imprevisível. Tudo pode acontecer... ou não, em sua vida. Assim Deus pode manipulá-lo à vontade ou deixar que a vida dele corra à sua inteira revelia, Deus decide e é onipotente, mas não pode prever qual de suas infinitas possibilidades de futuro acontecerá, mesmo que as conhecesse todas, logo Deus não é onisciente. Mas se voltarmos ao acaso do homem que nasça predestinado, e supusermos que Deus, que tudo pode, possa também alterar seu destino, por exemplo, que aos quarenta anos esse médico não cometa nenhum erro e não se suicide, vindo a morrer tranqüilo em sua cama aos 90 anos, lúcido. Concluímos que ainda assim Deus não possui sua decantada onisciência, porque se resolve de repente mudar o destino do homem, antes ignorava que o fosse fazer, mas se desde sempre o soubesse é o mesmo que esse homem estivesse predestinado, e se o Todo-Poderoso o soubesse mas não como o faria, ou não se houvesse decidido como, voltamos ao caso de sua não onisciência. Daí vemos que a idéia de um Deus supremo é em si mesma contraditória. Bem, o que o senhor diz a isso, pastor?

Aurélio sentiu que os outros o olhavam esperando um bom contra-argumento. mas sua resposta, curta e definitiva, foi como a afirmação de uma derrota:

— Nada.

— Ora, ora — diz o moço claro, levantando-se —, toda essa conversa não levou a lugar nenhum. Eu tenho uma idéia melhor. Vamos tentar provar se Deus existe ou não de uma outra maneira.

Todos olharam para ele, que arrebatava da mão do barbudo o baralho, apanhando as cartas que estavam no chão.

— Vamos jogar, para provar isso — ergueu o maço de cartas e continuou: — *Vinte e um*, conhecem? É um joguinho simples que eu via meu pai jogar com os vizinhos quando garoto e vínhamos passar férias no sítio. Pra quem não sabe, eis as regras: cada figura vale dez pontos e o Ás um. As demais cartas, valem o número que indicam. Distribuem-se duas cartas para cada jogador e põe-se o maço aberto na mesa, deixando visível a carta de cima. O objetivo é formar vinte e um pontos ou aproximar-se o máximo possível desse valor. Cada jogador na sua vez compra uma ou mais cartas, e só pára quando a carta seguinte somada com as que estão em sua mão ultrapassar os vinte e um pontos ou, se a carta de cima do baralho somar com as que estão em sua mão os vinte e um. Pois bem, vou propor uma partida solitária que eu próprio vou jogar — embaralha as cartas. — Se eu completar os vinte e um, Deus existe. Se não... — ajoelhou, pôs o baralho fechado no chão, pediu ao barbudo que cortasse. Apanhou para si duas cartas.

— Você não devia brincar assim, rapaz — disse o pastor.

— Por favor, Sr. Aurélio — diz o escritor —, deixe-o, é só um tolo.

O moço claro olhou com ódio o escritor, mas não respondeu. Disse:

— No entanto, vou mudar um pouco as regras do jogo. Como estou só, não vou jogar com o baralho aberto, mas fechado — depôs o maço de cartas fechado no chão. — Assim, se eu completar vinte e um pontos, eu ganho, **Ele** ganha... se passar de vinte e um, Ele perde, certo? Vamos começar?

O barbudo, o escritor e o negro olhavam para o moço claro entre divertidos e irônicos. O rosto do pastor exprimia tristeza, e a mulher que lia a Bíblia mostrava-se embaraçada e confusa. Todos, entretanto (exceto a prostituta, que, enrolada em seu cobertor na cadeira, parecia distante, alheia a tudo; e a velha, que adormecera), esperavam curiosos o que ia acontecer no inusitado jogo de cartas.

— Vejamos que cartas eu tenho — tornou o moço claro, e abriu as duas cartas que havia comprado, pondo-as no chão à sua frente. Eram um sete e um quatro.

— Temos aí onze pontos. Esse número é bastante favorável, pastor, porque em todo o maço há doze possibilidades em trinta e oito de bater vinte e um pontos no próximo lance, isto é, há doze figuras que podem aparecer — e comprou a primeira carta, abrindo-a ao lado das outras duas: — Um ás! Veja que curioso, pastor, como a coisa muda! Temos agora doze pontos, e todas as cartas antes favoráveis agora se tornam desfavoráveis! Continuemos!

E comprou a segunda carta.

Foi quando ouviram o primeiro e forte trovão, o relâmpago que o precedera iluminando através das frestas a escuridão da sala. O moço claro estremeceu com o estrondo e a luz fulgurante, e a carta caiu-lhe da mão revelando seu valor.

— Vejam — disse o escritor, rindo do moço claro —, é um sete. Vamos para dezenove pontos, e temos algumas combinações ótimas agora, não é mesmo mocinho? E então — incitou Heitor com ar de deboche — não vai prosseguir?

O moço claro, pálido, olhou os demais sentindo-se ridículo por ter-se assustado, e irado com o escárnio do escritor.

— É claro que sim — reagiu impulsivo —, é claro que sim — e entendeu a mão para comprar outra carta.

Então aconteceu (“Meu Deus” pensou o homem de barba — o dono do baralho —, “incrível!...”). O segundo relâmpago “*Porque o nosso Deus é um fogo consumidor*”¹³ a iluminar não só o ermo e a noite estendida sobre ele, não só o salão e a noite contida entre suas paredes, mas também uma outra noite, guardada nos corações, e ainda não só no deserto ou entre essas paredes, mas ainda nesses mesmos corações ecoando o segundo trovão “*O Altíssimo levantou a sua voz*”¹⁴ (“A carta” pensou o barbudo, “a carga que faltava comprar...”), não só vindo do alto mas como que brotando do chão e ao mesmo tempo explodindo entre eles e de todas as direções até que num instante brevíssimo tudo (“...uma carta pequena, muito pequena, não um ás...”), trovão e relâmpago e ainda a ventania que de um lado escancarou a porta baten-

¹³ Epístola aos Hebreus, cap. 12, versículo 29.

¹⁴ Salmo 18, versículo 22.

do-a com força para trás, e do outro arrancou a janela de seu caixilho, espalhando todas as cartas pelo salão e apagando as velas (“...porque não há nenhuma com aquela marca, aquela pequenina marca escura no canto que eu conheço tão bem, não, mas assim mesmo uma carta muito pequena... Santo Deus, que coisa!...”), formaram um amálgama de som, luz e movimento para, depois, recair na mais densa treva e quietude e momentânea imobilidade.

Reacenderam-se as velas.

O moço claro, pálido, olhava a todos desconcertado, quando a gargalhada de Heitor em sua cara o arrancou de sua inação [Foi quando o negro viu-se de repente a sacudir o moço claro, “Você é doido? Ficou doido?”, quase a espancá-lo], e deu-se aquele momento único e insólito em que ele correu para a mesa

“não, pastor, o teu Deus não me impediu de fazer nada ainda há pouco”

pegando o frasco de remédio — o único frasco que havia —

“e a prova disso é que o faço agora”

e, transtornado, atirou-o com força no chão [, o rosto em pânico, olhando os cacos, as cartas espalhadas, a cara negra e furiosa quase colada à sua, mas o negro (“afinal, o que é isso!” pensou) diante da beleza daquele rosto de sexo indefinível (“porque essa face...”) desfez aos poucos a pressão dos dedos com que o agarrara pelos ombros (“...como um daqueles meninos lindos pintados por Caravaggio...”)], partindo-se em centenas de minúsculos estilhaços, derramando o remédio.

Capítulo 2: Quando sobrevém a ironia diante da morte, e ainda assim permanece inabalável a fé.

Foram breves, brevíssimos, os minutos de lucidez. O enfermo sentou-se de repente, desvencilhando-se dos cobertores, e secou a testa com o dorso da mão. Todos se voltaram espantados para ele, e ele, não menos espantado, olhou detidamente cada um dos presentes sem dizer palavra.

Então tossiu, um forte acesso que porém não lhe trouxe nenhum rubor às faces. Cuspiu para um canto e, só aí, disse:

— Vou morrer, sei que vou, é assim que se sente alguém que está perto da morte.

O pastor acudiu, segurando-lhe as mãos:

— Creia em Deus! Acima de tudo, pense nEle, nEle que, oh!, eu o sabia, haveria de falar comigo esta noite!

A mulher que lia a Bíblia ajoelhou-se do outro lado, amparando-o, enquanto os demais se acercavam curiosos.

— Quem é você? O que lhe aconteceu? — perguntou Aurélio temeroso de que o doente voltasse a cair em delírio, vendo porém ao mesmo tempo seus olhos ficarem imóveis outra vez, ausentes, enquanto ele voltava a deitar-se, murmurando:

— Só quero... dormir... dormir... — a voz tornou-se pastosa, as palavras incompreensíveis. Delirava, a febre voltou a queimar-lhe o rosto, e todos, consternados, se acercaram mais dele, em silêncio.

Para vê-lo morrer tranqüilo pouco depois, as palavras apagando-se e seus olhos perdendo-se em um ponto qualquer além da existência. Lágrimas corriam nas faces de Aurélio, e a voz do moço claro soou, escarninha:

— É assim que o teu Deus fala contigo?

Ninguém fez comentário algum, com seu silêncio respeitoso diante da morte e da derrocada da fé, e mesmo o moço claro não disse mais nada. Perplexo e abatido, porém, Aurélio fez-se ouvir, e sua voz ainda era segura:

— Ainda não foi desta vez. Por que Ele deveria ouvir-me quando eu quero, e não quando **Ele** mesmo vir que é hora?

Mas não falava para nenhum dos que estavam ali, senão para si mesmo.

Capítulo 3: Das vozes, das sombras, do silêncio e do amanhecer.

A noite, tão grande que parece não ter fim, e tão densa como se nela a chuva caísse com dificuldade, em que tudo eram esboços contra um fundo escuro, coisas agitando-se na lentidão das horas, vozes inexatas abismadas diante da servidão; e essa casa — abandonada por mortos de ontem e de sempre e não ao tempo mas por sua causa e irrefutável ditame — só o resultado que mãos de um dia determinaram, não sem compreenderem mas sem se darem a refletir sobre os limites impostos, velados mas empíricos, impostos não pelo tempo mas pela razão única e simples de que não poderia ser de outra forma; e a chuva, a única coisa viva e também a responsável, não pelo horror, que a despeito de tudo ele se esconde dentro do coração do homem e não como herança mas como estigma, e não um bem ou um mal mas uma coisa comum, e na iminência de sua explosão podendo derramar-se em palavra gesto e furor, incontido e inesperado como lava e cinza ardente, porque ele e só ele, guardado e trágico, já nasce com o homem; não, não pelo horror, mas por esse breve intervalo de tempo durante o qual deu-se o encontro; a chuva, portanto, a única responsável, não ignorando o drama mas a ele indiferente, nessa indiferença austera e profunda, nessa pontualidade persistente e indomável noite adentro, porém de ingênua simplicidade...

que lábios tocaram minhas mãos — ou não tocaram — deixando-as assim?
não, aqueles olhos, não vê-los mais, no entanto
e ela ficou, e como ficou, afinal, que não sei? que eu vim, e vim para escapar de tudo. e para escapar não dela, mas de mim, embora não saiba até quando suportarei isso,
como se fosse vê-los sempre ali no canto, como se a cada vez que olhasse para ali não visse o canto vazio e arrumado e sim a desordem das garrafas, dos livros,
a casa grande, e ela sozinha na casa, e em volta aquela quietude, e ela ouvindo seu mais assíduo companheiro, um rádio de pilhas
essa por conseguinte a arma, o recurso, a força obtida, porque é preciso impor-se diante daquilo que se teme, que faz nos sentirmos fracos, insignificantes, porque um menino é um menino e não importa que apanhe de outro mais velho e mais forte, mas não um homem
um rádio de pilhas a falar sozinho na casa imensa e velha, cuja velhice tornara-se mais que visível, palpável, cuja velhice tinha cor e cheiro e textura e peso, e ela a ouvir, e só, a menos que eu aparecesse por lá
e os cabelos arrepiados, o fedor de suor e álcool, mas os olhos de fogo, ameaçadores, “estúpidas” ele gritava
até quando e até que ponto embora eu já esteja velho o suficiente para tais escrúpulos e já descreia de tudo para evitar qualquer gesto

e então teria pelo menos alguém que a ouvisse e com quem poderia falar e ouvir a resposta (um rádio de pilhas não responde)

e berrava aquelas coisas exalando seu hálito de álcool (só tomava bebidas fortes), e assim não vejo o que mais posso ser a não ser isso, mas os olhos, o hálito, não mais

não é vergonha para um menino apanhar de outro menino, mas para um homem é, e se um homem se sentir ínfimo e impotente diante de alguma coisa, que lhe resta

salvo no tempo em que todos iam para lá, e a casa ficava cheia, e tudo era a turbulência da alegria festiva, da família reunida (e então o rádio ficava no canto da cama, ou em cima de um móvel...); salvo nesse tempo, porque no resto só eu e minha mãe ou alguma rara visita

uma janela, e tendo só essa janela, do lado de lá o mundo era o que se podia ver através dela, e do lado de cá... do lado de cá não se podendo ser mais do que era, do que o nada que se conhecia e tinha por diretriz

a não ser fingir uma força que não tem, mesmo que tenha de ser cruel? ainda que não seja capaz de...? o que importa não é o que se faz, mas o que os outros pensam que sejamos capazes de fazer

todos possuem seus fantasmas, e todo mundo se refere ao que deixou para trás como fantasmas, que arrastam correntes pelas meias-noites de seus sótãos interiores; ou como fragmentos, também são fragmentos que ficaram, tudo o que de fato sobrou

antes dele éramos felizes, mas ele estava certo, esteve sempre certo, porque se não fôssemos estúpidas, mínimas, sem compreensão alguma e nenhum valor, teríamos suportado tudo? teríamos? ora, nós nem ao menos

não, eu não queria lembrar-me disso, faz muito tempo; no entanto, consegui pensar em outra coisa? voltar a esse lugar depois de onze anos trouxe-me tudo outra vez, porque eu vim não querendo pensar ou admiti-lo, mas em todo tempo esperava encontrá-lo, a ele que já não era o mesmo menino mas que, menino, amei, de forma estranha e perversa, eu, outro menino

e os meus sentidos frustrados me impilam a qualquer gesto face ao desejo, os meus sentidos... que Deus não me há de castigar, porque não creio n'Ele, que os homens podem odiar-me por isso, mas nunca mais do que eu desprezo suas instituições, seus limites estreitos, suas existências patéticas e vazias, logo havendo diante de mim eu mesmo

se Ele existe, não, porque Ele existe, e mesmo que eu tenha de me manter calado, a convicção é mais forte que quanto argumento se possa urdir contra

eu mesmo, e eu por certo não me temo; entretanto o que sentiria depois? não haveria nada a olhar para mim lá fora, no infinito, a me condenar... mas aqui dentro, aqui, eu me condenaria? e se posso dizer que não, por que fugi? e se posso dizer que sim, como afirmar que não temo nem a Deus, que não existe, nem a mim, que existo... e tudo isso porque ela é minha filha...

porque calei-me e não soube o que dizer, perdi porque na discussão contava apenas a lógica, mas no fim resta a convicção

que essa noite e a chuva nela e essas sombras e a luz das velas a revelar massas e volumes inusitados e, muito mais que isso, esses rostos e essas expressões e toda angústia velada, como numa pintura gótica, que não chegarei a pintar

e ter o quê como diretriz quando vemos improvável qualquer que seja ela, não porque não exista, que existe e todos a perseguem e a alcançam muitas vezes, mesmo aqueles que têm uma janela de permeio entre si e o mundo; não, mas porque nenhuma parece conduzir a qualquer coisa que satisfaça, e assim a vida

destruí-la, uma crueldade, um crime, e o meu ódio a levar-me a isso... porque um dia fui como ela, e depois... e se o deixei de ser, que culpa ela tem? que culpa, se eu era um intrusa ali, ainda que não por minha vontade

não é mais do que uma avenida que começa em um lugar indefinido mas na qual cada um entra num ponto diferente, e que pode ter muitas e muitas curvas ladeiras e buracos, mas que ao fim há de parecer sempre reta e plana, durante cujo percurso nada há que se encontre e se diga é isso, essa é a razão, a verdadeira Razão

buscá-lo toda noite e não encontrá-lo, e esperar por Ele e só ter como caminho continuar esperando, porque Ele

nem ao menos éramos capazes de compreendê-lo, nem isso, ele sabia muito e jamais poderíamos imaginar que houvesse tanta coisa nesse mundo por saber, mas todos os seus livros não o satisfizeram

ali, onde ela viveu sua infância e adolescência de sofrimento, onde morreu o pai e onde ele assassinou-lhe a mãe, onde ela se fez adulta sem sabê-lo, eu, a intrusa, devia mesmo ser odiada, mesmo que não fosse culpada de nada do que lhes aconteceu

tudo que dizíamos era errado, ou simplório, ou tolo, no fundo percebíamos isso, não precisava ele gritar, afinal, o que nos fora ensinado, a ela em sua infância, e a mim, que não saíra ainda da minha? o quê, perto de tudo que ele conhecera na leitura de todas aquelas páginas repletas de palavras que eu não sabia... e no entanto, o que ele me ensinou foi que eu não era nada, nem eu nem ela e assim odiá-la por vingança é injusto, sem propósito, irracional

e então eu pergunto: onde está aquele menino que eu, outro menino, amei? será que vou

: roubar no jogo de cartas e devolver o dinheiro, às vezes, porque não se é mau porque se quer ser mau, e se queremos mas não somos, podemos tentar mas não conseguiremos

encontrá-lo por aí? e não foi só isso que não admiti, o querer reencontrá-lo, não foi só isso, mas a forma como o queria então, percorrer sua pele branca com minha boca ávida, morder-lhe as nádegas e por seu sexo dentro da minha boca e que por não admiti-lo infernizei, a ele, tão dócil, tão doce, e que só admiti e descobri quando não dava mais tempo,

só tenho, portanto, observar, sentir, que minha sensibilidade é a única tela que recebe nítidas e precisas e incontestáveis todas as cores que conheço

quando era imperioso afastar-me... e deixá-lo...

porque talvez não haja Razão

e nunca sobra muito, mas tudo que fica retido nas malhas desta rede, ou nesses sótãos escuros dos quais se abre de hora para outra a janela, é sempre o mais forte, o mais cruel de qualquer forma, tudo que se destruiu a não ser na lembrança

não o cruel e o desumano, mas o escandaloso, aquilo que pode levar os falsos puritanos a exclamarem “Oh!” abrindo suas bocas imundas na indignação e no estupor e no pasmo; não é o bárbaro, o desumano, o horrível que se torna lícito, não

e tudo que temos então é a lembrança, e as pequenas coisas que ajudam a preservá-la, tudo impalpável como névoa, mas visível como testemunha, e a prova de sua existência ali

e diante da outra janela apenas retângulos cortados de uns prédios mais altos e outros mais baixos até um dia em que diante da outra janela os prédios mais altos — ou os mais baixos, ou todos eles — não estarão mais, nem mesmo a janela talvez há de estar ali, nem eu por detrás dela, e tudo ter-se-á convertido em nada

mas não se pode construir a vida sobre fragmentos e nem preservá-la como névoa, embora tudo venha a dar nisso

uma janela de permeio... lembro-me da janela diante da qual passava uma mulher gorda com sua trouxa, pra baixo e pra cima, todos os dias, até um dia em que a mulher gorda passa pela última vez, não carregando uma trouxa, mas sendo carregada

e por isso deixar-se matar, enquanto eu... sempre impotente, e por quê? por que nunca fiz nada e tive de deixar que ele nos anulasse e

o que ela viveu e sabe da vida para que pudesse entender o que eu era... e sou?... e no que viveu, o quanto foi feliz...? porque não o foi... pobre menina, cujo ódio por mim já não me molesta mas me faz amá-la, embora

mas agora que tudo passou e me lembro dela junto com minhas recordações dos dias felizes, percebo que tudo aquilo iria acabar de uma forma ou de outra, fragmentando-se, porque tudo se fragmenta por mais que queiramos reter e guardar e preservar, até um dia

eu própria não o tenha sido, desde que

e cujo juízo de mim mesmo temo possa vir a pesar, e muito? ficar lá... se eu ficasse lá... mas por que não voltar? por que não fazer o que deixei incompleto? tomá-la nos meus braços, a minha própria filha... não que ela se submetesse, nunca se submeteria, antes escarraria na minha cara... mas ainda assim eu poderia voltar e ter o que quero, pois não é a carne minha e o sangue meu e o meu sopro de vida ali instilado, não

desde que comecei... sem nem ao menos querer começar

a razão, o motivo, o porquê, embora o mundo inteiro viva como se isso existisse... ela, o que soube da vida? agora está aí, como se sua decrepitude fosse a única conquista a que tivesse direito, porque tudo que teve foi uma vida longa, e tudo que me deu foi uma história incerta, de antepassados duvidosos, que ouviu de seu pai e eu costurei mal e mal nessas minhas memórias obscuras que ninguém vai ler... e a mim, o que hei de ter ainda, que certeza, que esperança, que motivo

mesmo que essa única coisa que possuo falhe às vezes; porque me enganei em meu julgamento: a observação, por mais profunda que seja pode às vezes levar a equívocos, equívocos como esse, que por certo esse homem mau e rústico pode ser rústico mas não possui a Maldade, enquanto

e revê-lo agora, onze anos depois, quanto nada subsiste e não só isso, quando já não há como voltar a ser como antes, porque antes éramos meninos e poderíamos, mas agora não, pois para um menino apanhar de outro menino não é vergonha, e para um menino amar a outro menino também não

não age segundo nosso juízo mas segundo Seu próprio juízo, o mais certo, ou não o mais certo, o único certo, e assim esperá-lo, que em Sua sabedoria conhece o tempo exato, e se minha espera foi vã esta noite, terá sido realmente vã ou terei aprendido a perseverar? (nada é em vão, e mesmo o que se nos opõe não nos deve servir de obstáculo, apenas, mas de cimento e pedra e aço com que forcemos nosso alicerce, e assim) ter-Se-á Ele ausentado, ou em Sua ausência tornado mais presente Seu Ser em mim, de modo que eu possa afirmar

de que adianta revê-lo agora, se tudo começou numa época irrecuperável, numa noite qualquer, naquela noite, de que adianta

quando tudo que me ensinaram foi a dúvida e tudo que aprendi foi não ver sentido nenhum em existir?... porque, para quê tudo que se constrói, se nada permanece?... no entanto li o Livro esta noite, li este Livro

que Ele em momento algum deixou de ouvir-me, ou esteve ausente, ou desviou de mim Seu olhar, mas esteve comigo ensinando-me a Fé, que o momento certo é um só, e Ele sabe qual

em que nos olhamos no espelho e não nos reconhecemos mais, e concluímos que as coisas estão acabando, e em muito breve só umas fotos antigas, memórias nalgum diário ignorado, esquecido, um nome num arquivo qualquer, em certidões sem valia alguma, constituirão o que já não somos... o que já nem sabemos que não somos

enquanto esse rapazinho claro, de ar assustado no início, mostrou o que era na verdade, o que eu não poderia suspeitar apenas olhando seu rosto bonito e feminino e sua boca desenhada em vermelho no rosto branco

mas tão só a carne vibrante e o sangue que ferve nas veias e o sopro de vida aflito e sôfrego e desesperado de prazer e desejo em movimento calor e gemido, como de qualquer outra; pois já não me detém a crença que ele professa, e sua fé inabalável, que creu até o último instante e ainda depois continuou crendo... e que no entanto calou-se ante meus argumentos, sem resposta

boca que eu mesmo tive ímpetos de beijar quando tive de contê-lo em seu acesso de fúria, tendo seu rosto junto do meu... e sem sentir nojo de tê-lo desejado, sem ter arrependimento disso

e ter começado e continuado para vir encontrá-lo depois de trinta anos e não reconhecê-lo a não ser quando tal coisa se torna absurda, descabida, ridículamente triste, mas não há como evitar quando ouço sua voz no escuro relatando um fato antigo que pensei: nunca aconteceu comigo, me soa estranho isso, e no entanto é de mim que ele fala... do que um dia eu fui... e o ouvi falar com emoção e carinho

não basta que queiramos ser maus, se não somos, se fingimos, porque houve uma época em que fomos impotentes quando isso era pouco ou nada, e ainda assim, ainda assim

esse livro que muitos lêem de muitas maneiras e cada um encontra uma verdade sua e apenas sua com uma explicação nova não importando se certa ou errada ou coerente ou não mas que a mim ensinou que existe alguma coisa que desconheço além da ausência de sentido em ser, esse Livro que a mim, uma mulher de 40 anos e que vive por obrigação, mostrou que eu talvez deva procurar, conquanto não saiba bem o quê, ou que talvez tenha antes de aprender a procurar, e antes disso tenha de lê-lo um pouco mais

e nunca saberemos que, em momento algum, fomos de fato o que pensávamos ser, ainda que toda evidência nos mostrasse isso e tudo concorresse para que víssemos, mas que teimávamos em não ver, que a única coisa que chegáramos a ser foi a mera ilusão do que queríamos, e assim nada tem sentido

ainda assim aquilo nos cansou... aquilo me cansou, e hoje quando vejo que sou homem, com barba na cara e força nos braços, e posso dar uma porrada ou uma facada ou um tiro, hoje... represento, como um ator de novela de televisão... e carrego um revólver ou uma faca embora no fundo de mim mesmo anseio para que a oportunidade de usá-los jamais chegue, porque talvez se chegar...

e assim vejo que nada tem sentido, e no entanto ainda não envelheci o suficiente

e ainda não vacilou em sua fé, e mesmo sem resposta, abatido e exausto e de olhos caídos manteve-se firme e achou uma saída

sim, emoção e carinho, e ternura, essa ternura que não tive depois e não conheci, não soube sequer que existia, e assim calar-me, porque não há motivo para que ele saiba, nenhum motivo para que veja destruída a boca que despertara nele sentimento tão puro, e que a avidez daqueles braços a envolver-lhe o pescoço é outra, e que o beijo, tão breve e tão eterno, que teve um dia, não é mais possível... mas como ia imaginar que fosse reencontrá-lo um dia, a ele que não existia mais para mim nem na minha memória, e numa situação destas, tão estranha

não na ausência dEle, mas no porquê dela, que na verdade não seria uma ausência, um abandono, ou mero cochilo, porque o Senhor dos Exércitos não dorme, não, mas uma prova, só uma prova, e então me pergunto se toda essa fé é em vão, e se meus argumentos de fato o embarçaram ou se ele não quis responder e se eu enfim estou mesmo certo

e quando o vir depois de 11 anos talvez não o reconheça, nem ele a mim, e sejamos estranhos um para o outro, mas me pergunto se não nos lembraremos daquela última vez e diante do que somos hoje essa lembrança há de se tornar tão irreal que deixará de ter qualquer valor, ou mesmo se não causará algum pejo... sei lá... ou se estaremos tão diferentes que não teria havido razão alguma para que nos déssemos a conhecer

não só isso, que a destruísse e continuasse embriagando-se e me destruísse também se a morte não acabasse com ele de repente, entretanto, o que poderia eu fazer? eu, que não era nada, e que nada sabia e só aprendera isso

mas acabou, ele está morto e eu livre, ainda que sozinha

apesar disso vou procurá-lo

e assim que amanhecer, apresentar-me, dizer-lhe não sou mais o que era, ambos estamos diferentes, mas ainda me lembro, ainda me lembro

meu Deus, já está amanhecendo, eis o novo dia

[— Examinei-lhe a perna e está mesmo quebrada — chegava da sala a voz do médico apesar da precaução em falar baixo — um pouco abaixo da articulação, sendo que o joelho quase foi afetado. Isso requer internamento num bom hospital. — A sopa, que deixara pela metade, esfriava no prato sobre a mesinha de cabeceira, e eu me enfadava de ficar deitado. — Mas não aconselho viajarem agora, é noite e as estradas são ruins. Mas não é só por isso, é que é bom que ele descanse bem toda a noite, e amanhã, por certo, en-

frentará a viagem com outro ânimo. — A perna imobilizada não doía, apenas ardia-me um pouco o braço esfolado. O médico do arraial fizera um bom trabalho. Estava, no entanto, inquieto; nada me preocupava, nem mesmo a perna quebrada, a não ser ele... — Quanto aos arranhões... — e então a cabeça de minha mãe apareceu no retângulo semi-aberto da porta:

— Querido, visita para você.

Alargou-se o retângulo da porta e ele apareceu (— Vou deixar vocês dois sozinhos para conversarem.), um pequeno objeto negro na mão que, aproximando-se, estendeu-me:

— Voltei lá depois que o trouxeram, achei isto.

Meu relógio de pulso. Apanhei-o.

— Obrigado — eu disse —, a correia está com defeito, por isso caiu — e o pus na mesinha.

Ele sorriu. Eu sorri em resposta, mas logo baixamos os olhos, encabulados.

— Senta — eu disse.

Ele sentou-se (— Doutor, mas ele caiu de lado, tem um hematoma — minha mãe na sala.) na cama.

— E a perna? — ele perguntou, esboçando um movimento com a mão.
— Está mesmo quebrada?

— Está sim.

— O doutor disse?

— Ouvi ele falar com meus pais.

— Ele enfaixou?

— Enfaixou, e pôs uma talas para imobilizar.

(— Não tem importância, porque ministrei uma dose)

Quietos, eu e ele.

(de arnica, como a senhora sabe, a arnica é própria para acidentes dessa natureza. Além do mais, o analgésico, que deverá ser repetido de quatro em quatro horas, é suficiente para que ele não sinta dor.)

— E agora? — ele perguntou de repente.

— Amanhã vão me levar para um hospital.

— Na cidade?

— É...

(— E não há perigo de haver alguma lesão interna? — meu pai, preocupado. E o doutor)

— Longe...

— É, é longe.

(: — É uma possibilidade que sempre existe, embora eu não creia em nada de grave pois o acidente não foi tão sério. Mas exames mais acurados num hospital hão de revelar, se houver.)

Calamo-nos um momento, mas acrescente para não deixar o silêncio tomar conta:

— Dentro de duas semanas começam minhas aulas e eu não vou poder ir.

— Aqui já começaram

— Só depois que puder andar de novo.

Calamo-nos outra vez, e agora já não sabíamos o que dizer: Eu o olhava às escondidas, e ele retorcia os dedos, cabeça baixa. Olhei o teto, a parede à minha frente, o prato de sopa pela metade.

Na sala o médico se despedira dos meus pais e partira.

— Está triste? — perguntei.

— Porque você vai embora.

— Das outras vezes eu ia embora sempre duas semanas mais tarde.

— Eu sempre ficava triste.

— Ainda que eu...?

(— O menino está lá com ele? — a voz de meu pai ao longe, na cozinha.

— Estão conversando, deixa-os — minha mãe, também longe.)

— Ainda que...?

Ele fez que sim com a cabeça, continuou a remexer os dedos como se não tivesse outra coisa a fazer.

(— Estão se despedindo, afinal não vão se ver por uma temporada — minha mãe, na cozinha.)

Havia o reflexo da lâmpada no cabelo negro, muito negro, dele, e em seu rostinho redondo, que eu via de perfil, notava tristeza na ausência de seu sorriso.

(— É bom ser puro como as crianças — dizia meu pai —, os dois estão lá e nem se preocupam, nós é que nos preocupamos...)

De repente não o olhei furtiva mas abertamente, e ele me olhava do mesmo modo. Baixamos os olhos, mas nos encaramos de novo. Então houve um movimento de sua mão até meu rosto

— Você não tem raiva de mim?

e agora seus dedos percorriam-me a face, e então

— Não.

(— A pureza das crianças... — minha mãe longe, na cozinha, repetindo num tom mecânico e sem pensar muito no que dizia — ...sim, é bom.)

aquele gesto de minha mão em seu rosto, que meus dedos trêmulos tocaram, e houve aquele sorriso doce mas fugidio e triste e um movimento de minha mão puxando-o sobre mim, quando ele cedeu e veio, e fez-me sentir o hálito quente em minha face

(— É — meu pai na cozinha, encerrando a conversa —)

e o meu hálito e a minha respiração acelerada na dele e houve primeiro um roçar de faces febris e depois um procurar de bocas

(os meninos vão ficar uma temporada sem se verem.)

e enfim um encontro de lábios, e de línguas...]

...até o término de tudo: da noite, pois raiava a aurora; da chuva, já o sol a insinuar-se no nascente com a força de um sol de verão conquanto não houvesse chegado ainda a primavera, nuvens brancas e rosadas e rubras destacando-se contra o fundo de um azul alegre e festivo como costuma ser esse azul que pinta as manhãs tropicais; e até mesmo da casa, que mantendo-se firme em sua antigüidade, a noite de tormenta mais uma em sua história e muito pouco abalando-a, já não servia como abrigo, pois todos a abandonavam agora buscando a luz, o ar livre de fora, a brisa matinal, o novo dia.

Epílogo

— **V**eja — disse a mulher que lia a Bíblia saindo para a varanda e debruçando-se no parapeito —, o único vestígio da chuva é a terra molhada. Olha como o céu está limpo, olha o sol...

— É verdade! — o pastor, chegando ao seu lado, com a vista a desdobrar-se para longe. — Esse céu... esse grandioso céu azul...

E ficou em silêncio diante do céu (*o homem de barba passou no terreiro em frente puxando os cavalos para o outro lado*), imóvel e contemplativo, esse céu a estender-se sobre a imensa face da terra guardando no azul tranqüilo “tudo que pode esmagar a compreensão humana, fazer-me cair de joelhos e, num grito, clamar para o Deus que está além do entendimento, clamar que Ele venha e traga a Luz, muito mais que essa luz necessária e comum que revela o mundo aos meus olhos, a Luz que envolve a revelação da Verdade, não que a contém mas que é ela própria, clamar a tal ponto que o eco de minha voz torna-se uma outra voz também a clamar, e ainda assim... ainda assim, nenhum rumor como resposta, o menor estremecimento nesse azul que de tão fluido e intangível, tão leve e opaco, chega a ser um peso que oprime, e tudo nele e além dele permanece quietude e ausência!... e, no entanto, sabendo que em algum lugar ali, ou em todos os lugares e não só ali, Ele está... e ouviu a minha voz...”

A velha chegou por sua vez à porta, coçando a cabeça e tentando ajeitar o cabelo emaranhado e branco.

— Quem diria — disse, a voz rouca e desagradável —, com o tempo que fez essa noite! (*o homem de barba passou em frente carregando dois arreios*). A filha voltou-se, abraçou-a e a conduziu para fora, descendo com cuidado os três degraus de pedra (— *Amanheceu, é melhor irmos lá pra fora — disse Ed na varandinha, fechando a mala 007 depois de colocá-la em ordem e guardar a lanterna. Raquel espreguiçou-se, “sinto-me cansada”, e encaminhou-se para a porta.*). Era reconfortante ver de novo a luz do dia, uma espécie de renascimento, e mais, como que a garantia de ser sempre assim porque “depois da tempestade sempre vem a bonança”, e a velha encostando-se no carro do pastor, o sol a aquecer-lhe a carne pouca sob o vestido surrado e o casaco de lã — porque a despeito de tudo essa carne ainda estava viva —, pendeu a cabeça branca nesse momento intenso em que na manhã edênica o canto festivo e alegre dos pássaros harmonizava-se com a transparente claridade do dia e o verde da vegetação exuberante,

como que ouvindo o testemunho da vida sobre seus prazeres simples e plenos, tudo isso que involuntariamente ia abandonando, “tudo isso que me arranca pouco a pouco a vida, não a morte mas a própria vida...” (*do outro lado do terreiro o homem de barba arreava os cavalos*).

O pastor meditava ainda na manhã luminosa e alegre (— *Todos já saíram — disse Raquel ao passarem pelo salão.*), quando sentiu um toque no ombro. Virando-se deu com Heitor e Mariel, que lhe disseram:

— Achemos uma enxada no meio dos trastes no salão.

— Ah, sim, vamos.

— Eu os ajudo a cavar — disse Ed aparecendo à porta, e, para Raquel — não vá embora, espere-me que eu vou com você, acompanho-a até sua casa.

Raquel sorriu, o reconhecimento e a gratidão nesse sorriso. À luz da manhã Ed percebia na delicadeza de seus traços um encanto que se mantivera oculto toda a noite e mostrava-se agora, apesar do cansaço que neles se revelava. Pousou a mão no ombro da moça pressionando-o de leve:

— Volto já — e saiu com os outros, enquanto ela apoiava-se no parapeito da varanda, olhando para fora.

A prostituta surgiu então no terreiro. Saíra pelos fundos contornando a casa, e vendo a moça na varanda subiu os três degraus de pedra e aproximou-se. Manteve-se calada ao seu lado por algum tempo; queria falar, tinha uma noção do que dizer, não sabia como começar.

— As coisas se precipitam de repente — disse enfim, e aguardou uma resposta que não veio, refletindo que suas palavras não poderiam mesmo ter resposta alguma. — Quem diria... tudo que aconteceu ontem... e hoje, no entanto... hoje... — deu de ombros e respirou fundo, “cansada, cansada até da vida”; olhou a outra com o canto do olho, e após hesitar prosseguiu: — ...hoje parece que faz muito tempo... e que só estamos nos lembrando...

Raquel ouviu sem responder.

— Mas ele ainda está lá, no tapete da sala... se é que não o encontraram.

Do outro lado do terreiro o homem de barba terminava de arrear os cavalos. O moço claro ia em sua direção.

— Sei que você me detesta — disse a prostituta mudando o rumo da conversa — e confesso que no começo também não gostei de você... percebia seu ódio por mim, todo o tempo... também a odiei por isso, mas... e

ontem eu tinha o firme propósito... — e olhou Raquel direto nos olhos, que permaneceu quieta, ouvindo sem responder.

— Isto não é o certo — disse o pastor, sujo de lama dentro da cova —, mas é o mais prático.

— Sem dúvida — reforçou Heitor —, se fôssemos seguir os trâmites, meu Deus!...

— Nem pensar — disse Mariel —, nem pensar.

— Querem uma ajuda? — disse o homem de barba, aproximando-se.

— Toda ajuda é bem-vinda — disse o pastor saindo do buraco —, está quase pronta — e passou a enxada para o barbudo.

— Ontem — repetiu — eu tinha o firme propósito de destruir você. Raquel a olhou espantada.

— Sim, porque você não tinha ninguém, estava apavorada e mesmo me detestando iria comigo para onde eu fosse... eu ia voltar para a cidade... e levá-la pra pensão onde moro... e jogar você na vida!

Encararam-se.

A prostituta desviou os olhos ao reconhecer na outra o mesmo rancor e o mesmo medo que lhe eram familiares.

— Mas uma noite pode ser mais que uma simples noite...

Raquel baixou a cabeça. No chão, do lado de fora, as poças ondulavam com a brisa.

— Só queria que soubesse que agora pela manhã já não pensava da mesma maneira... e que reconhecesse que eu não fui tão culpada assim... e não me odiasse mais...

Fez menção de afastar-se mas parou, voltando-se para Raquel, e concluiu:

— Principalmente agora, que já não está sozinha — e desceu para o terreiro.

Raquel a viu afastando-se mas não se deu conta de que o sentimento indefinível que experimentou nesse instante era quase uma espécie de piedade, quase o impulso de chamar por ela e abraçá-la. Reteve-a a aversão antiga pela mulher que deitara na cama onde sua mãe fora feliz com seu pai, onde também ele morrera e, catorze anos depois, ela; na mesma por certo onde ela, Raquel, nascera; na mesma... e ali se deitara com aquele que veio um dia carregado de malas, trazendo consigo não apenas malas mas também o inferno; a mesma mulher que ali espojara-se com ele no seu gozo profano. Conteve-a não ter-se dado conta de que aquele foi o momen-

to em que estivera mais perto de perdoá-la. Poderia tê-lo feito. Em vez disso, deixou apenas que ela se fosse.

— Os cavalos estão prontos — disse o homem de barba ao moço claro, no outro lado do terreiro.

— Você vai para lá também? — perguntou ele.

— Vou ajudá-los a cavar.

— Depois? É que não sei se saberia voltar...

— Vou sim, espere-me aqui — e seguiu para os fundos da casa, onde cavavam. Deteve-se e olhou para trás, mas seguiu adiante, “depois, mais tarde...”

E agora estavam todos ali, em volta da cova.

Viram depor o corpo embrulhado num cobertor (— *É o caminho de todos nós — disse a velha em sua filosofia trivial, comovida e compenetrada, a cabeça branca símbolo do fim com os cabelos emaranhados sacudidos pela brisa.*), e olharam uma vez mais o rosto onde o cansaço, a doença e a morte pintaram uma singular expressão de ausência, como o rosto de alguém que morreu porque era a única coisa que lhe restava fazer, seu gesto não apenas último, mas também único e não só definitivo mas incontestável (“Se eu fosse pintar isso, teria no fim pintado a cara de um boneco de pau, nunca a de um homem que morreu de doença e miséria numa casa abandonada, em uma noite de chuva.”), rosto sobre o qual, rolando da beira da cova, um terrão caiu e esfarinhou-se, o pastor com cuidado ajoelhando-se para limpá-lo e cobri-lo com a ponta do cobertor (“Inútil cuidado... tão inútil quanto estarmos nós do lado de fora... tão inútil quanto termos um dia estado do lado de fora quando estivermos do lado de dentro”, *no bolso do vestido, a mulher apalpava uma pequena Bíblia com que o pastor a presenteara.*).

Em seguida apanhou a Bíblia, que deixara a um canto junto com o casaco, voltando para junto da cova aberta.

— Creio que algumas palavras sejam oportunas — disse, e acrescentou: — Ainda que isso para alguns de vocês não tenha significado nenhum. — Abriu a Bíblia, passando com um ruído macio as folhas de papel fino, agitadas pela brisa que fazia. Leu, com voz segura, na qual serenidade e firmeza eram o mais convicto testemunho de Fé: — “Eia agora vós, que dizeis: hoje iremos a tal cidade, e lá passaremos um ano, e contrataremos, e ganharemos; digo-vos que não sabeis o que acontecerá amanhã. Porque, o que é a vossa vida? É um vapor que aparece por um pouco, e depois se desvanece.”¹⁵ — e o pastor repetiu, compenetrado (“... *o que é a vossa vi-*

¹⁵ (Epístola Universal de S. Thiago, cap. IV, vers. 13 e 14.)

da?”), as últimas frases do trecho lido (“*É um vapor...*”), fechando os olhos ao fim, e murmurando uma breve oração, ao término da qual fez-se um silêncio breve e cerimonioso.

Agora o pastor curva-se e apanha um punhado de terra, atirando-o sobre o corpo. Os demais o imitam, e então começam a trabalhar com a pá: jogaram a primeira pá de terra (“Será que ele ainda está estendido no tapete da sala?... Será que ainda não o encontraram?... Terei de vê-lo ser sepultado também...”), e a segunda, procurando cobrir primeiro os pés, as pernas, depois os quadris, o peito, como numa espécie de aversão a ter de jogar terra sobre o rosto escondido sob o cobertor, imaginando que a lama entraria em seus olhos e em suas narinas e em sua boca e terra nos olhos nas narinas e na boca produz uma sensação medonha, sufocamento, ardor e pânico (“Uma garota bonita, doce e triste a carinha de quem sofreu muito e agora pede um pouco de alegria — *pensou Ed.* — Poderei dar a ela essa alegria? É certo que vou tentar... é certo também que há de ser mais um fragmento, mais um, mas que tentarei reter comigo e conservar o mais que possa... eu vou com ela... não é só ela que precisa, eu também preciso...”), até a primeira pá de terra cair sobre o rosto afastando o cobertor e eles pararem, hesitando: recompô-lo? limpar outra vez as faces cheias de terra? continuar assim mesmo? O negro jogou outra pá sobre a primeira, e outra, e outra, e a terra continuou (“Preciso pegar uma carona pra cidade” — *pensou a prostituta*) a cair até encher toda a cova. Então o pastor foi até um monte de pedras nos fundos da casa, os outros o imitaram e cada um levou pedras para cobrir a cova, à maneira de uma campa rústica, arrumando-as de forma a ocupar todo o espaço cavado (“Penso que se ele fosse esse doente que morreu... não, eu o teria reconhecido, mas se fosse...” — *o moço claro arrumou suas pedras com cuidado, indo pegar outras.*), sobre elas formando uma segunda camada (“Poderei escrever um romance sobre esta noite, sobre este sepultamento singular...”) e uma terceira, até adquirir o aspecto de um túmulo (— *Acabou-se — disse o barbudo —, creio que daí ele não sai.*).

A prostituta chegou à frente da casa a tempo de ver o pastor dando partida no carro e saindo, com ele a velha e a filha, a mulher que durante toda a noite lera a Bíblia (*dois cavaleiros haviam passado por ela momentos antes, em direção à trilha dos fundos*). Heitor, vendo-a, acenou para ela, já de dentro do carro:

— Quer uma carona para a cidade?

Ela correu.

— Claro que quero. Cadê os outros?
— Mariel já foi, o pastor e as duas mulheres acabam de sair.
— A moça, Raquel...
— Vi quando se afastou com o rapaz em direção da estrada. Começo de namoro, não?

Ela entrou no carro, que arrancou devagar.

— Tomara que sim — disse —, tudo que quero é que ela seja feliz.

— Quem é a menina?

Chegaram à estrada, e a prostituta olhou para o outro lado com esperança de vê-los, Raquel e o rapaz, mas já haviam sumido. “Para onde foram? Ela não está voltando pelo mesmo caminho de ontem...”

— Sofreu muito — disse ela —, e eu não soube entender isso... nem ela, que não me perdoou... vou lhe contar tudo como foi — e começou a falar.

— Nós vamos andar muito — disse Raquel. Haviam tomado um caminho vicinal, diferente do que ela percorrera no dia anterior. — Ainda que por aqui seja mais perto.

— Eu gosto de andar.

— Tenho medo de chegar.

A sombra de ambos ia à frente. Caminhavam devagar, e nessa manhã em que, sob esse céu silencioso e cuja leveza de um azul etéreo e distante chegava a ter peso, sob esse céu impenetrável e como que ausente na quietude de seu mistério, o sol e a brisa eram tão agradáveis e amenos, a natureza estendendo-se plena de vitalidade multicolorida aos seus olhos, em verdes claros médios e escuros nas folhagens e vermelhos brancos e amarelos nas pétalas e o ocre variegado e úmido da estrada cuja lama cedia sob seus pés que afundavam, a lama entrando e saltando por entre seus dedos, nessa manhã, portanto, parecia absurdo que fossem ao encontro de um morto.

— Não há porque ter medo — disse Ed —, eu estou aqui, não estou?

— Olhá-lo de novo...

— Não olhe, se não quiser.

— O que vou fazer quando chegar?... eu não sei...

— Se não o encontraram ainda, eu cuido de tudo, não se preocupe.

— Você está sendo tão amigo!...

— Ora...

E a sombra de Ed imobilizou-se na estrada.

— Afinal, sou uma estranha.

A sombra de Raquel também imobilizou-se.

— Não a vejo como uma estranha — diz ele aproximando-se e encarrando-a.

Ed estende a mão e toca-lhe o rosto. Os olhos grandes e negros da moça revelam ansiedade, surpresa.

— Eu gostei de você — disse ele.

Ela sorriu, um sorriso tímido mas desde muito tempo o primeiro sorriso de plena alegria, e suas sombras, vagarinho, se aproximaram no chão ...

— Só então era possível, não agora que pouco ou nada ficou dessa época, que parece tão remota que é como se não tivesse existido, mas que não foi há tanto tempo assim — disse o barbudo, e voltou o rosto olhando o moço claro, ali, naquele ponto de estrada de onde podia avistar-se sua casa ao longe e onde ele, o barbudo, tomaria outro rumo, onde enfim se decidira a falar e, parando o cavalo dissera “ainda me recordo de tudo com clareza, lembro-me de que ficava aqui naqueles dias a espreitar quando vocês vinham, a vê-lo de longe e esperar o momento de nos encontrarmos após todos os meses de separação” e o moço claro, incrédulo porque o homem que tinha diante de si não podia ser o mesmo, mas certo por aquelas palavras de que era o mesmo, o mesmo, e que não podia ser outro mas ele e só ele, olhou-o no olhos parando por sua vez o cavalo. E resolvera falar ali, onde a estrada se bifurcava por saber que não apenas a estrada ali se bifurcava, mas suas próprias vidas, onze anos distantes para se juntarem numa noite e se afastarem em definitivo pela manhã, porque se não o dissesse agora não o faria mais já que estariam para sempre afastados e sem nenhuma razão ou motivo ou possibilidade de ser outro jeito, mas fazendo-o assinalava também o afastamento inevitável, não só por já não ser o tempo deles, impossível e desperdiçado, mas ainda por não haver razão ou motivo ou possibilidade alguma de ser de outro jeito.

— Então você...!

— Sim, eu. Mas é como se não fosse, porque o que foi já não existe. É como se não tivesse existido, sinto que se tivesse sido diferente e não como eu me lembro, não me surpreenderia, não me pareceria absurdo, pelo contrário, parece-me absurdo que tenha sido como eu me lembro porque nada deveria mudar tanto em tão pouco tempo. Os tempos são outros, mas não só os tempos. Você talvez tenha conseguido preservar alguma coisa, até mesmo... até mesmo...

— O quê?

— Bem, você sabe... não apenas o seu jeito ainda de menino, só que com vinte anos e não catorze como então...

— Mas eu tenho cinco mais que vinte.

— ... mas não só isso, e você sabe...

— Bem...

— Ao quebrar o frasco de remédio hoje, pude percebê-lo.

— É uma coisa... que está em mim... sempre esteve.

— Não o estou recriminando, não é esse o motivo que me levou a falar. No entanto, as razões com relação a mim eram umas...

— Talvez fossem.

— ... e as de hoje, outras.

— É possível.

— Mas também não quero saber por quê, quais eram, quais não eram, que não é por isso...

O homem de barba olhou para longe sem prender-se a nada que não fosse o som do que dizia. Na verdade não olhava, falava apenas.

— Eu mudei, por isso me parece absurdo que tenha sido mesmo daquele jeito. Tive uma doença no rosto, ficaram-me marcas profundas que procurei encobrir com a barba. Minhas unhas hoje estão sujas devido ao trabalho com o gado, com a terra, a lavoura, e o machado, a enxada e a foice deixaram minhas mãos fortes, rudes e calosas. Saí da escola um ano depois e nunca mais peguei num caderno ou num lápis, nos domingos e feriados meto-me com prostitutas ou em casas de jogo; botequins, tavernas e prostíbulos, roubo nas cartas e um baralho novo basta passar duas vezes pela minha mão para tornar-se íntimo e familiar para mim, e os tolos já não terão chance nenhuma. Faço também minhas maldades, sou violento às vezes, e o dinheiro que ganho roubando nas cartas, gasto-o com a bebida e as putas. Olhe bem para mim, pense no que eu sou agora e reflita se de fato houve um tempo em que eu não era assim.

— Parece que você nasceu assim — disse o moço claro sem pensar.

— Às vezes estou convencido disso, mas sei que houve uma época em que eu era diferente.

E o homem de barba tirou do bolso interno de seu casaco uma carteira de couro e, desta, uma fotografia postal em branco-e-preto de um menino de doze anos. O menino, com calção de banho, possuía um rostinho redondo e bonito, sorria, e na pele branca as gotas de água indicavam que acabava de sair de sob a cachoeira que se via ao fundo. Estendeu-a ao moço claro, que a olhou por muito tempo, ainda mais espantado e sentin-

do pulsar, excitado, o coração. Seus dedos tremiam um pouco, e custava-lhe parar de olhar a fotografia.

— Isso aí é uma prova da existência dessa época. Sempre que me quero lembrar dela, olho esse retrato que tirei aos doze anos.

Fez uma pausa, olhando para o chão com a testa contraída.

— Guardei essa foto — acrescentou olhando o moço claro —, a única que tenho, para mostrá-la a você, se um dia o reencontrasse.

— Por que isso?

— Não sei bem, talvez porque daqui para frente já não tenha um bom motivo para continuar guardando-a e possa jogá-la fora sem remorsos.

— E antes havia algum motivo para guardá-la, a não ser lembrar daquele tempo vez por outra?

— Talvez... mesmo não sabendo se o veria novamente, caso isso acontecesse queria estar diante de você com um testemunho de ontem, e a fotografia era esse testemunho. Queria que visse com seus olhos... e não só os da lembrança... e pudesse comparar, e... e eu pudesse mostrar que estou me livrando disso.

— Vou guardá-la comigo.

— Faça o que quiser. Sinto que me livrei de um estorvo, o meu passado era isso, um estorvo. Agora poderei ser o que sou, aquilo no que me tornei, e o resto é sonho...

— E se eu guardo esse retrato, eu é que levarei o estorvo comigo.

— Você nunca se livrou dele. O que me contou sobre aquele padre que conheceu no estrangeiro... de como a história dele... e a sua...

— Sim, porque ele... ainda que de um jeito diferente...

— Como disse, faça o que quiser com esse retrato...

— Vou levá-lo comigo, só não sei se ao chegar em casa eu o guardo dentro do meu livro de cabeceira...

— ... que não apenas não o quero mais...

— ... ou se o jogo no fogão a lenha,

— ... como também não possui mais nenhum valor ou significado para mim,

— se diante dele ainda tento lembrar aquela época com mais detalhes...

— ou pelo menos... não deveria ter.

— ... ou se nem sequer volto a olhar para ele.

— E agora é melhor partimos, eu por aqui, que é o caminho da minha casa, você por aí, o caminho da sua. E irmos sem despedida, nem a-

deus nem até logo, porque, vermo-nos outra vez para quê? e se nos virmos, para que nos reconhecemos e falarmos um com o outro de novo?... Como se tudo, desse momento para trás, não houvesse de fato existido e, de agora por diante, não haja por que existir.

E o homem de barba tocou seu cavalo pelo caminho de casa, enquanto o moço claro, vendo-o afastar-se, permanecia parado na encruzilhada, ambos sob o céu imenso e imponderável como aquele momento de espanto e ruína que experimentaram, por certo a preservar-se em suas memórias como resíduo pegajoso e indesejável, perene e por vezes pela vida afora opressivo; sob esse céu, portanto, e submerso nesse resíduo, o moço claro via o homem de barba ir-se num trote vagaroso sem que se voltasse uma só vez, até sumir.

— FIM —

Paty do Alferes, 1987-1990

SUMÁRIO

1ª Parte 1

Capítulo 1: Em que se fala dos rangidos de uma cadeira de balanço, de uns olhos vermelhos e de um passeio por um castelo da Idade Média. 3

Capítulo 2: No qual o recém-chegado prepara sua cama e, ao mesmo tempo, analisa cada um dos rostos que estão no salão. 9

Capítulo 3: Em que o rapaz da cadeira de balanço fala do trovão e a moça que o ouve hesita em sentar-se ao seu lado e falar de si mesma. 16

Capítulo 4: Quando entre um primeiro momento e um segundo, e entre esse segundo e um terceiro, ocorrem coisas dignas de nota. 21

Capítulo 5: Quando o escritor, após verificar a solidez de uma escada que conduzia ao porão, declara-se um ladrão de histórias. 24

Capítulo 6: No qual se reconhece a corrosão do Tempo, a mediocridade dos afazeres domésticos, a pequenez diante da sabedoria e o reviver de fantasmas na mente, que culmina com um susto. 28

Capítulo 7: Da súbita confissão em que se esboça um debate sobre a existência de Deus e se fala não só de decepções mas de recordações da infância. 31

Capítulo 8: Onde a confissão e as recordações continuam (sem que ninguém responda), nas quais certas preces causam estranhas surpresas. 37

Capítulo 9: Do que acontece quando se descobre um fio de cabelo na sopa e do quanto pode pesar um cobertor durante a febre. 42

Capítulo 10: Quando a cuidadosa observação dos traços psicológicos impressos na face, tão mínimos quanto fundamentais, leva a um amargo reconhecimento de si mesmo; e ainda, a história de uma covardia. 46

Capítulo 11: Em que se fala de uma porta que cai com um ruído singular e uma pequena nuvem de pó, depois do que se ouve da boca do velho a expressão máxima do pessimismo e da inutilidade da vida. 50

Capítulo 12: Em que se diz que as coisas não teriam começado desta ou daquela maneira, junto a memórias de um estábulo, umas surras, uma fuga, os vagões de um trem e um crime. 55

Capítulo 13: Que conta sobre o vômito repentino de uma menina à mesa e as reflexões sobre o “Ide” intercaladas à dor de um menino que vê o pai desprezado e às considerações sobre o fervor da fé. 62

Capítulo 14: Do homem que regressando da guerra não reencontra seu mundo. Do primeiro encontro entre dois meninos, e da atitude surpreendente de quem só se poderia esperar o contrário. 66

Capítulo 15: Que trata de uma paixão absurda e do contorno irregular de uma pilastra onde se nota a quina de um tijolo; que se conclui com novas reflexões sobre a inutilidade da vida, e a primeira insinuação de incesto (na verdade, não a primeira, senão a segunda). 73

Capítulo 16: Em que foge à compreensão o porquê daquele caixote oblongo, e escapa a noção exata do Paraíso. 79

Capítulo 17: Em que se encolhe o mundo ao redor do velho patriarca, amarga consideração sobre a velhice e o terror que infunde em alguns associados à fascinação de seu mistério; e se reflete sobre a reação da carne velha ante a carne nova. 82

Capítulo 18: Que fala de uma monera pré-histórica e de uma epopéia que o próprio destino escreveu. 86

Capítulo 19: De como chegaram ao casarão e uma frase colhida ao acaso se fixa a tal ponto na memória que a velha não mais se esqueceu dela. 90

Capítulo 20: Do aspecto do doente e sua cantilena monótona enquanto uma sombra assusta a prostituta e o escritor na cozinha velha, e um menino sonha que outro menino poderia estar ali, mas não está... 95

Capítulo 21: Não só da singular história d'O Homem e a Escada, mas em que se fala de uma maldade e da chance inopinada de realizar-se um antigo amor, e ainda sobre o afundamento de um degrau que se quebra. 99

Capítulo 22: Que fala de um reencontro e de como se imagina uma tela sem que, no entanto, se possa realizá-la, e da história de uma trapaça. 110

Capítulo 23: Da fera lendária que surge na parede, e de um passeio noturno que culmina com um cadeirão de alumínio caindo no chão. 115

Capítulo 24: No qual o rapaz da cadeira de balanço fala de um passeio numa tarde de sol em que imagina como seria aquilo há um milhão de anos, com sua respectiva conclusão sobre o assunto. 123

Capítulo 25: Sobre o desvario de uma caminhada sem rumo certo e a premeditação de um crime com seu conseqüente arrependimento, somando-se a conclusão de que se a mesa podia ser escalada por uma formiguinha, não seria infinita. 129

Capítulo 26: Entre imaginar coisas tristes e o que é triste, onde está o intervalo? (Aqui se fala também sobre o surgimento da dúvida.) 136

Capítulo 27: História de um passeio a cavalo e a melancolia do pôr-do-sol. 144

Capítulo 28: Da conclusão a que chegou o pintor: ainda que igualmente miseráveis suas origens, mesmo assim nada havia de comum entre ele e Beethoven. 149

Capítulo 29: Do menino da cidade que se transforma em menino da roça, e da morte de um filósofo provavelmente enlouquecido por sua indiscutível conquanto irreconhecida grandeza. 154

Capítulo 30: Não só da incerteza do que fazer com aquele retângulo de papel, mas ainda da que esse mesmo retângulo conferia e simbolizava. 164

Capítulo 31: Do que ouviu o moço claro a um muito velho sacerdote no interior de uma igreja. 170

Capítulo 32: Da menina diante da janela e a mulher gorda que passa com sua trouxa; e, ainda, sobre um gesto definitivo e o quanto pode significar o simples ato de curvar-se para apanhar uma moedinha entre os bancos da igreja. 174

Capítulo 33: De como se explica o amor enquanto se passeia entre sepulturas, e do quanto aquilo tudo era tênue feito uma cabeça suspensa por um fio e uma nódoa móvel sobre o hábito. 181

Capítulo 34: Sobre quatro mulheres e um quadrilátero em que dois lados já se desmancharam, e ainda a história de uma hipocrisia. 189

Capítulo 35: Em que se fala de uma janela e de um acidente. 194

Interlúdio 199

2ª Parte 205

Capítulo 1: Em que se discute a existência de Deus, culminando com uma atitude perversa mas sensual. 207

Capítulo 2: Quando sobrevém a ironia diante da morte, e ainda assim perma-nece inabalável a fé. 223

Capítulo 3: Das vozes, das sombras, do silêncio e do amanhecer. 225

Epílogo 233

E então veio um novo tempo, e com ele aquela
Noite!

Não só num tempo de abandono, mas num dia de sombras em
que depois de um crepúsculo abafado choveu, e fez-se aquela
Noite. E eles vieram e trouxeram a exaustão de suas vidas
esgotadas. Eles que estavam ali apenas para se abrigarem do
mau tempo e falar, ainda que só para si mesmos.

E assim,
a casa era aquela; e a noite era aquela; e todos eles estavam
ali...

O resto era apenas treva
e chuva.